Descendo o Amazonas

HIRAM REIS E SILVA

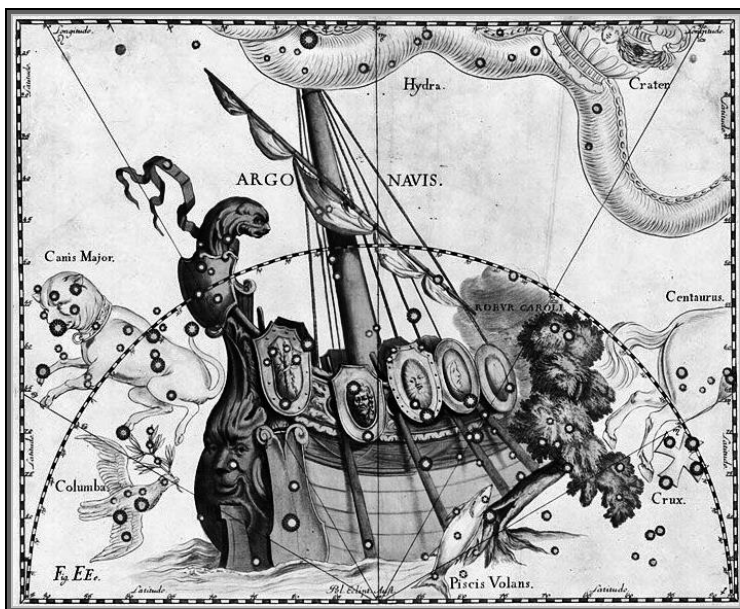
A têmpera de um herói, paisagens amazônicas e reportagens empolgantes. Heróis são homens de coragem, homens capazes de se sacrificar por uma causa; não são homens comuns. Pouquíssimos homens ousariam, por mais que desejassem, realizar por dias e dias tal esforço físico e enfrentar as tensões e os perigos que lhe exigiriam atenção total.

Sem dúvida isto é tarefa para alguém com tempera de herói, mas por que Hiram o teria realizado? Por que descrever tudo num livro? O que será que queria com isto? Hiram conhecia o passado. Sabia que as nações não surgiram em um passe de mágica. Sem exceções, todas conquistaram seu território em guerras, tenha sido de conquista ou de independência.

Com frequência também necessitaram de novos heróis para manter, seja seu território, seja sua posição no mundo. Mas um País há muito sem guerras e sem ambições imperialistas ainda necessita de heróis? – Haverá quem pense que não, mas além da segurança, heróis são indispensáveis para outras missões às vezes onde o perigo é idêntico ao dos combates e o sacrifício exigido chega a ser maior.

(Coronel Gélio Augusto Barbosa Fregapani)

Apresentação

Os Argonautas
(Apolônio de Rodes)

Começarei, ó Febo, contando as famosas ações dos homens do passado que, a mando do Rei Pélias, atravessaram a Boca do Ponto, entre as rochas ***Simplégades****, na veloz Argo em busca do Tosão de Ouro. (RODES)*

É uma grata satisfação voltar à calha principal do **Rio Máximo** depois de percorrer o tumultuário Solimões e um dos mais belos e misteriosos afluentes do Amazonas – o Rio Negro. O volume d’água do Negro empresta ao **Mar Dulce** uma potência adicional e a correnteza ganha um considerável acréscimo de energia. Novas águas, novas gentes, antigas histórias, antigas lendas e velhas e recorrentes questões nos encantaram, emocionaram e afligiram neste deslocamento de Manaus a Santarém.

Simplégades: rochedos do estreito de Bósforo que se entrechocavam provocando o naufrágio das embarcações e que foram fixadas pelos Deuses durante a passagem da nau Argo.

Rio Máximo: É sem dúvida o Amazonas o Máximo dos Rios, sem injúria dos Nilos, Núbias e Zaires da África, dos Eufrates, Ganges e Indos de Ásia, dos Danúbios e Ródanos da Europa, dos Pratas, Orenocos e Mississipis da mesma América, em cujo meio ou centro o Amazonas se sobressai gigante, chamado com razão, pelos naturais, Mar Branco, Paraná Petinga. E se Júlio César prometia ceder o império a quem lhe mostrasse a fonte do grande Nilo, qual seria o prêmio a quem lhe apontasse a fonte do Máximo Amazonas, em cuja comparação aquele se avaliaria pigmeu, ou pequeno regato [...] (DANIEL)

Mar Dulce: Vicente Yáñez Pinzón, navegante espanhol, um dos marinheiros mais experientes de seu tempo, nasceu na localidade andaluza de Palos de la Frontera [Huelva] em 1461. Em Expedição pela costa brasileira, antes mesmo de Pedro Álvares Cabral, julgou ter encontrado, em fevereiro de 1500, um grande braço de mar que batizou de "*Santa Maria de la Mar Dulce*". Pinzón descobrira, na realidade, a Foz do Rio Amazonas e, preocupado com a fúria da "*pororoca*", permaneceu ancorado apenas o tempo necessário para abastecer a frota de água potável e de víveres e, em seguida, içou velas rumo Norte. O descobrimento do Brasil não foi considerado oficial em consequência do Tratado de Tordesilhas, que proibia a incursão de espanhóis naquela área. Caso esta descoberta fosse divulgada, teria provocado um sério incidente diplomático entre as duas grandes potências ibéricas.

A pujança da Foz do Madeira, relatos da ignota Batalha Naval de Itacoatiara, o encanto da Ilha da Fantasia (Parintins) e de seus folguedos populares, o Nhamundá e o Trombetas, mananciais em cujas mar-

gens os espanhóis liderados por Orellana teriam encontrado as lendárias Icamiabas (Amazonas), as riquezas minerais de Juruti e Porto Trombetas, o Rio Cuminá palco de três jornadas épicas praticamente desconhecidas pela maioria dos brasileiros (que reportaremos no livro Amazonas II), a angustura de Óbidos, os belos petróglifos da Serra da Escama e das pinturas rupestres da Morada dos Deuses, a fantástica cerâmica santarena – cuja riqueza de detalhes procuramos interpretar à luz de fundamentos antropológicos (no livro "*Navegando o Tapajós*"), o majestoso e lendário Tapajós de Fordlândia, Belterra, o Rio Cupari e o seu "*Berço da Humanidade*" nos encantaram, surpreenderam, impregnaram de belas imagens nossas retinas e moldaram perenes lembranças em nossos Corações e Mentes.

Algumas parceiras e parceiros que auxiliaram na revisão da presente obra estranharam o fato de os Rios, Lagoas, Lagos, e Lagunas estarem grafados com a primeira letra maiúscula. Os nautas, porém, entenderam meu recado. Os navegadores consideram os mananciais mais do que simples acidentes geográficos, e mais, mas muito mais que enormes, amorfas e inertes massas líquidas.

Esses fluidos colossais são as artérias que tonificam a mãe Terra, carregando no seu meio líquido o húmus e as sementes capazes de gerar o milagre da vida. Capazes de transformar minúsculas sementes em gigantes portentosos da floresta.

A reverência que os navegadores devotam às águas só pode ser compreendido por aqueles que as respeitando como amigas e Mestras são capazes de interpretar as sutis mensagens levadas pela torrente.

No murmúrio das ondas, ressoam os sons de inúmeras vozes do Rio e, no seu reflexo, surgem imagens pretéritas e presentes que se mesclam num jorro resplandecente de luz. Algumas ondas escuras, tristes e carregadas de sofrimento volvem-se sobre si mesmas em espumante e fulgente júbilo e a repentina metamorfose exibe uma contagiante alegria de outros tantos clamores.

No seu vai e vem contínuo, as águas abrem, aos iniciados, o registro ancestral. O navegador mergulha seu remo, então, no "*Inconsciente Coletivo*", colhendo preciosos ensinamentos trazidos pelas infindas vozes do Rio. Imerso na memória pretérita da humanidade, o navegante se transforma no verdadeiro "*Argonauta*", ousando, vencendo temores e ultrapassando os limites terrenos.

Convidamos o leitor a se juntar a nós nesta magnífica descida pelas águas do mais exuberante dos Rios criados pelo Grande Arquiteto do Universo e nos acompanhe, remada a remada, pelas águas do Rio Máximo.

Que se encante com nossa narrativa e os relatos, amarelecidos pelo tempo, de desbravadores, muito mais audazes, que tanto lutaram para estender nossas fronteiras tão cobiçadas ontem e que, hoje, graças aos desmandos e inércia dos últimos governos, estão se tornando cada vez mais frágeis.

Este tomo além de apresentar um diário de bordo de nossa jornada de Manaus até Oriximiná carrega o leitor na garupa da história fazendo-o rememorar os fatos mais relevantes que ocorreram, ao longo da história, nestas plagas.

Prefácio

Pelo Coronel Gélio Augusto Barbosa Fregapani (*)

A têmpera de um herói, paisagens amazônicas e reportagens empolgantes. Heróis são homens de coragem, homens capazes de se sacrificar por uma causa; não são homens comuns. Pouquíssimos homens ousariam, por mais que desejassem, realizar por dias e dias tal esforço físico e enfrentar as tensões e os perigos que lhe exigiriam atenção total.

Sem dúvida isto é tarefa para alguém com tempera de herói, mas por que Hiram o teria realizado? Por que descrever tudo num livro? O que será que queria com isto?

Hiram conhecia o passado. Sabia que as nações não surgiram em um passe de mágica. Sem exceções, todas conquistaram seu território em guerras, tenha sido de conquista ou de independência. Com frequência também necessitaram de novos heróis para manter, seja seu território, seja sua posição no mundo.

Mas um País há muito sem guerras e sem ambições imperialistas ainda necessita de heróis? – Haverá quem pense que não, mas além da segurança, heróis são indispensáveis para outras missões às vezes onde o perigo é idêntico ao dos combates e o sacrifício exigido chega a ser maior.

Vejamos o caso da nossa Amazônia; certamente ainda teremos que lutar para mantê-la, mas no momento trava-se uma guerra surda, onde o Governo paralisado por injunções enfrenta em desvantagem elementos não governamentais a serviço de governos estrangeiros.

Hiram sabia que a Amazônia está tão disputada hoje quanto o fora no século XVII, que então a disputáramos com os ingleses e holandeses. Que hoje temos os mesmos inimigos, acrescidos dos poderosos Estados Unidos da América do Norte. Sabia também que, seguindo Machiavel e Sun Tzu, os adversários tentavam a conquista sem luta, segundo um sistema que se convencionou chamar de "*Guerra de Quarta Geração*", que se disputa palmo a palmo o domínio da Amazônia no terreno "*opinião pública*", ou seja, dos "*Corações e Mentes*". Que os temas "*direitos humanos*", "*proteção ambiental*", "*questões indigenistas e fundiárias*" e "*igualdade racial*", têm sido manipulados pelos centros anglo-americanos como parte de sua agenda de enfraquecimento dos Estados nacionais, com papel crescente das ONGs, as quais, supostamente, representariam melhor as demandas das sociedades.

Que a maioria dessas ONGs são elementos de guerra irregular, influenciando a formulação de políticas públicas e ações governamentais segundo o interesse dos governos e fundações privadas estrangeiras, de uma forma muito mais eficiente do que seria possível com ações militares clássicas – o que se enquadra no conceito de "*Guerra de Quarta Geração*", no qual à um Estado se opõem elementos não estatais [mesmo que estes estejam a serviço de outro Estado nacional].

Por causa dessa influência, estrangeiros já podem explorar o que encontrarem nas terras indígenas, onde brasileiros são proibidos de entrar. Dá para compreender porque existem tantas ONGs internacionais na Amazônia, e para entender porque gastam dinheiro, tempo e espaço na mídia defendendo, lá de fora, mais terra para os índios brasileiros.

As ONGs, os ingênuos e os maus brasileiros aliados dessa gente ainda estão dominantes em suas posições, mas iniciam a perder terreno, pois muitos compatriotas nossos começam a perceber o perigo embutido no disfarce de servir à humanidade e à "*mãe-terra*".

Já se disse que a posse da Amazônia será decidida pelo saber. Não há como negar uma parcela de razão; no embate pelos "*Corações e Mentes*", só se ama aquilo que se conhece. Testemunho que, durante meus três quartos de século de vida, ninguém fez mais pelo conhecimento da Amazônia do que o Coronel Hiram. Suas anotações, únicas pela amplitude, ainda não foram cientificamente avaliadas, mas não me surpreenderei se um dia forem consideradas mais amplas e profundas do que as de Bates, Martius e Spitz.

Ainda no campo da conquista de "*Corações e Mentes*", devemos lembrar que só as aventuras podem atrair o interesse da juventude. As aventuras descritas pelo nosso herói com frequência ultrapassam as estórias de ficção; a descida do correntoso Amazonas, o encanto dos Lagos e Paranás, o povo amistoso das margens, os índios sedentos do conforto da civilização, os Rios e as margens são descritos de uma forma em que o leitor se sinta parte integrante do contexto.

Aos poucos se envolve ao ponto de sentir no rosto a umidade do ar, perceber como se estivesse vendo a coloração das águas dos Rios e os diferentes matizes do verde da floresta. Sentirá o efeito do Sol abrasador na própria pele enfrentará os ventos e as ondas dos banzeiros e sentirá os arrepios da solidão na desconhecida escuridão da noite num mundo ainda em formação.

Amigo leitor, envolva-se com este livro. Conheça essa parte da Amazônia, como só se pode conhecer mostrada por quem a palmilhou, e a sabe descrever. Os feitos descritos neste livro seguem em aventura, dedicação e patriotismo as trilhas dos anteriores heróis amazônicos: Orellana e Pedro Teixeira, até então somente igualados por Plácido de Castro; e como reportagem compara-se a um Frei Gaspar de Carvajal.

Um dia teremos que defender a Amazônia pelas armas. O saber e a sorte das armas serão importantes, mas o fator decisivo será a ocupação por nossos patrícios. O perigo principal está na desnacionalização dos "*Corações e Mentes*", processo que temos de interromper. Para isto é necessário mostrar a nossa Amazônia a todos os brasileiros.

Isto faz este livro. Não é o primeiro livro do Coronel Hiram. Ele prossegue em sua missão, e muito ainda espera dele o nosso Brasil.

Não hesito em chamá-lo HERÓI!

(*) Coronel de Infantaria da Reserva Gélio Fregapani (GF): sem dúvida, o maior expert e estrategista brasileiro em Amazônia e um militar de escol. Escritor, Comandante do Centro de Instrução de Guerra na Selva (1980/1981), mentor da Doutrina Brasileira de Guerra na Selva, assessor de assuntos estratégicos da Universidade Pan-amazônica, ex-coordenador do Grupo de Trabalho da Amazônia (GTAM) e ex-chefe da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), em Roraima. Foi exonerado de suas funções na ABIN por discordar da política de Demarcação de Terras Indígenas entreguista do famigerado ex-presidente Lula.

Agradecimentos

À Vanessa, Danielle e João Paulo, meus filhos queridos que, mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais estamos passando com o problema de saúde de minha esposa inválida e consequentes dificuldades financeiras, sempre me apoiaram e incentivaram;

Ao Exército Brasileiro, na pessoa do Exm° Gen Ex Edson Leal Pujol, Comandante do Comando Militar do Sul (CMS) e aos Comandantes do 4° Grupamento de Engenharia cujo apoio irrestrito tornou possível a edição desta antologia.

Ao General-de-Divisão *Lauro* Luís Pires da Silva, com quem tivemos o privilégio de ombrear no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre (CPOR/PA) nos idos de 1984, hoje Comandante do 2° Grupamento de Engenharia, e ao meu ex-Cadete 44 *Aguinaldo* da Silva Ribeiro, companheiro de trabalho no 9° Batalhão de Engenharia de Combate (9° BECmb), Aquidauana, MS, atualmente Comandante do 8° Batalhão de Engenharia de Construção (8° BEC) cujos fundamentais apoios permitiram-nos cumprir mais esta etapa do Projeto, na sua integralidade, com muita tranquilidade e segurança;

A meus amigos, irmãos e mestres Cristian *Mairesse* Cavalheiro e Daniel Luís Costa *Scherer* nossos primeiros e mais fieis colaboradores que continuam apoiando nossas jornadas;

Ao Grupo Fluvial do 8° BECnst comandado pelo Sargento Aroldo Sérgio *Barroso*, prático do Piquiatuba, e sua zelosa tripulação formada pelos soldados *Mário*

Elder Guimarães Marinho, Walter *Vieira Lopes*, Edielson *Rebelo* Figueiredo e *Marçal* Washington Barbosa Santos. Foram cinco grandes amigos e irmãos que deixamos na Pérola do Tapajós;

Ao meu caro irmão caçula, engenheiro Carlos Henrique Reis e Silva, amigo de todas as horas, o apoio irrestrito e oportuno à minha família;

Ao querido amigo e Ir∴ Coronel Leonardo Roberto Carvalho de *Araújo*, esteio fundamental na divulgação do Projeto e conselheiro, criterioso, nas minhas entrevistas e artigos;

Aos Professores *Sérgio* Pedrinho Minúscoli e Major R/1 *Eneida* Aparecida Mader, do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), que realizaram uma criteriosa revisão deste livro.

À minha querida companheira *Rosângela* Maria de Vargas Schardosim, de Bagé, artífice do Blog "*desafiandooriomar*", que incansavelmente contribuiu nas pesquisas, sugestões, divulgação de artigos relativos ao Projeto-Aventura e a questões amazônicas em diversos periódicos nacionais, e assessoria no planejamento e coordenação da captação de recursos;

À Polícia Militar do Estado do Amazonas e em especial ao Major PM Túlio Sávio Pinto Freitas, Comandante em Parintins;

Ao Cmt da Polícia Militar do Estado do Pará, Cel PM Mário Alfredo Souza Solano e em especial ao Ten PM Helder da Silva Brandão Esquerdo, Cmt em Juruti, Cap PM Marcelo Ribeiro Costa, Cmt em Oriximiná e ao Cap PM Flávio Antônio Pires Maciel, Cmt em Óbidos;

Ao amigo Marcelo Fichtner, proprietário do "*Parque Fazenda Itaponã*", Guaíba, RS, e seu fiel escudeiro Juarez Boneberg da Silva que permitiram que eu usasse sua belíssima propriedade como ponto parada nas minhas infindas remadas;

Aos professores, alunos e demais integrantes do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) pelo incentivo e apoio integral ao nosso Projeto;

E a todos os que, de uma forma ou de outra me apoiaram antes, durante ou mesmo depois da execução do empreendimento. Estejam certos de que vossa contribuição foi um patriótico investimento.

Ode Marítima
(Fernando Pessoa)

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de verão,
Olho pró lado da Barra, olho pró indefinido,
Olho e contenta-me ver,
Pequeno, negro e claro, um paquete entrando.

Vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira.

Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo.

Vem entrando, e a manhã entra com ele, e no Rio,
Aqui, acolá, acorda a vida marítima,
Erguem-se velas, avançam rebocadores,
Surgem barcos pequenos detrás dos navios
que estão no porto.

Há uma vaga brisa.
Mas a minha alma está com o que vejo menos. [...]

Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!

E quando o navio larga do cais
E se repara de repente que se abriu um espaço
Entre o cais e o navio,
Vem-me, não sei por que, uma angústia recente,
Uma névoa de sentimentos de tristeza
Que brilha ao Sol das minhas angústias relvadas
Como a primeira janela onde a madrugada bate,
E me envolve com uma recordação duma outra pessoa
Que fosse misteriosamente minha.

Amigos Investidores

Velhas Árvores
(Olavo Bilac)

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres da fome e de fadigas:
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo. Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,
Na glória de alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Quero, aqui, deixar gravado o nome de cada um dos amigos de longa data (Velhas Árvores) que, ao contribuir com recursos financeiros, passagens e equipamentos, permitiram-nos cumprir mais esta etapa do Projeto Aventura Desafiando o Rio-Mar – Descendo o Rio Amazonas I e Rio Amazonas II (Manaus, AM a Santarém, PA). Não fosse a colaboração voluntária de cada uma das senhoras e de cada um dos senhores, jamais teríamos conseguido levar adiante o nosso Projeto de Soberania.

Investidores: Adão Maciel, A.D.T., Ademir Bisotto, Aderbal Domingos Tortato, Adriano Pires Ribas, AHIMTB, Alberto Moreira Costa, Alberto Mota Porto Alegre, Alfredo José Coelho dos Santos, Altino Berthier Brasil, Álvaro Nereu Klaus Calazans, Álvaro Pereira,

Aman – Tu 75, Amarcy de Castro e Araújo, Américo Adnauer Heckert, Ana Elizabeth Noll Prudente, André Luiz Oliveira Conceição, André Tiago S., Antônio de Pádua Sousa Lopes, Antônio Fernando Rosa Dini, Antônio Loureiro, Arnalberto Jacques Nunes Seixas, Batalhão de Engenheiros – Província de São Pedro, Cacinaldo Gomes Kobayashi, Carlos Alberto Da Cás, Carlos Henrique Reis e Silva, Carlos Humberto Furlan, Carlos Vilmar da Silva, Centro de Estudos Themas, Cesar Eduardo Pintos Trindade, Cícero Novo Fornari, Círculo Militar de Campinas, Clayton Barroso Colvello, Cristian Mairesse Cavalheiro, Daniel Luís Costa Scherer, David Daniel Carmem Prado, David Waisman, Décio José Dias, Deoclécio José de Souza, Edison Bittencourt, Edmir Mármora Jr., Edson M. Areias, Eduardo de Moura Gomes, Eduíno Carlos Barboza, Elias dos Santos Cavalcante, Elieser Girão Monteiro Filho, Eneida Aparecida Mader, Enzo PI, Ernesto Jorge Alvorcem Neto, Everton Marc, Félix Maier, Floriano Gonçalves Filho, Francisco B. C., Gelio Augusto Barbosa Fregapani, Geraldo de Souza Romano, Gerson Luís Batistella (Rotary Barril), Getúlio de Souza Neiva, Gilberto Machado da Rosa, Gisele Pandolfo Braga, Glaucir Lopes, Hélio M. Mello, Hiram de Freitas Câmara, Humberto R. Sodré, Jacinto Rodrigues, João Batista Carneiro Borges, Johnson Bertolucci, Jorge Alberto Barreto, Jorge Alberto Forrer Garcia, Jorge Luiz Ribeiro Morales, Jorge Mello, Jorge Vieira Freire, José Augusto Mariz de Mendonça, José de Araújo Madeiro, José Gobbo Ferreira, José Luiz Dalla Vechia, José Luiz Poncio Tristão, José Reinaldo Grierson Carivali, José Santiago Magalhães, Joviano Alfredo Lopes, Leandro Enor Danelus, Leonardo Roberto Carvalho de Araújo, Levy Paulo da Silva Falcão, Linelson de Souza Gonçalves, Luciano Martins Tavares, Luciano S. Campos, Lúcio Batista Guaraldi Ebling, Luís

Andreoli, Luiz A. Oliveira, Luiz Caramurú Xavier, Luiz Carlos Bado Bittencourt, Luiz Carlos Nunes Bueno, Luiz Ernani Caminha Giorgis, Luiz Roberto Dias Nunes, Luiz Roberto J., Mães da AACV (CMPA), Magnus Bertoglio, Manoel Soriano Neto, Marcelo Augusto S. Barros, Marco A. Dias P., Marco Antônio Andrés Pascual, Marcos Coimbra, Marcus Antônio Balbi, Marcus Balbi, Maria de Vargas Schardosim, Maria Helena Gravina, Mario Monteiro Campos, Milton B. Viana, Moacir Barbosa, Olavo Montauri Silva Severo Jr., Osmarino Borges, Patrícia Buche, Paulo Augusto Lacaz, Paulo Emílio Silva, Paulo Ricardo Chies, Paulo Roberto Viana Rabelo, Pedro Arnóbio de Medeiros, Pedro da Veiga, Pedro Eduardo Paes de Almeida, Pedro Fernando Malta, Pedro Meyers (Irmão Dr. Marc André Meyers), Pedro Paulo Cantalice Estigarríbia, Pedro Santana, Petrônio Maia Vieira do Nascimento e Sá, R.S.F., Renato Dias da Costa Aita, Renato Dutra de Oliveira, Renato Pozolo, Rogério Amaro, Rogério João Baggio, Rogério Oliveira da Cunha, Roner Guerra Fabris, Rosângela Maria de Vargas Schardosim, Sérgio Tavares Carneiro, Sidney Charles Day, Stelson Santos Ponce de Azevedo, Tibério Kimmel de Macedo, Tullio Enzo Pinto Perozzi, Turma 82 (Eng-AMAN), Turma C Infor Nr 3 (atual 1ª CTA), Uirassú Litwinski Gonçalves, Valmir Fonseca Azevedo Pereira, Valmor Nazareno, Venesiano de Brito Almeida, Virgílio Ribeiro Muxfeldt, Vitor Mário Scipioni Chiesa e Wanrley dos Anjos Perazzo.

Meu muito obrigado a cada um de vocês, amigas e amigos investidores e que o Grande Arquiteto do Universo vos abençoe, ilumine e guarde.

Pescador
(Celso Braga)

Liberto das margens,
O Rio bebe a mata,
Desenha restingas,
Se faz Igapó.

Alaga terreiros,
Erige marombas,
Afoga esperanças
De um dia melhor.

Envolto nas águas,
Ilhados de si,
O homem e a sina
Do seu tapiri.

Na ronda da fome,
Prepara a canoa
Que em busca da vida
Parece que voa.

Silêncio de fogo.

O toque do tempo,
Rangendo na rede,
Embala a espera

Do peixe arredio.
De longe a canoa
Acena voltando,
A rede rangendo,
As águas passando.

Mensagens

Mano Luiz Carlos Reis e Silva

Meu irmão Hiram,

Tenho acompanhado a tua aventura humana na Terra, e muito me orgulho de tudo o que tens feito. A forma como descreveste a jornada pelo Amazonas e pelo Rio da Vida, tem sido, para todos os que recebem teus e-mails, um bálsamo para a alma. Tenho a honra de assinar o mesmo sobrenome. Meu duplo irmão, muitas coisas poderia dizer, mas não tenho a capacidade de escrever com a mesma facilidade que tens, digo apenas que o amor fraternal, na sua mais pura essência, é grande como o Universo.

Caro irmão, por certo na jornada desta vida, da saída do Porto Nascimento até o Porto do Poente, escreveste a tua estória e a perpetuaste. Tenho a convicção de que, no infinito Rio da Existência, a jornada atual há de ter sido uma das mais belas, sofrida por certo, cicatrizes no corpo e na alma, mas como um antigo alquimista, transmutaste tudo isso no ouro da busca perene da sabedoria e da superação. Que o Supremo Arquiteto te ilumine.

Com muito orgulho e um T∴ F∴ A∴

Gen Bda Eliéser Girão Monteiro Filho (Cos A/99)

Meu nobre Ir∴

Não imagina a maravilha de leitura que tive nesse momento. Mais ainda, ao longo dos outros e-mails que recebi durante sua mais recente aventura. Foram companheiros de viagem que você teve, à distância. No mais, afirmo que o ato de conhecer-se é algo que não pode ser praticado na plenitude, pois por mais que o tentemos.

Ele estará sempre nos mostrando que ainda falta algo mais. Assim é a natureza humana. Um forte abraço e que o G∴A∴D∴U∴ permita-lhe prosseguir nas aventuras e sonhos.

T∴F∴A∴

Cel Eng Aguinaldo da Silva Ribeiro

Caro Comandante,

Satisfação é minha em falar com o Senhor e conte com apoio deste seu Cadete nessa nova jornada. O B/M Piquiatuba do Batalhão está a sua disposição desde já, bem como de toda a sua equipe de apoio. Mandarei fotos da embarcação para fins de planejamento pessoal. O Senhor continua nos ensinando muito. O Tenente Hiram, nosso Comandante, será sempre a nossa referência positiva de determinação, coragem, exemplo de homem e militar, vontade e perseverança firme para atingir seus objetivos. Comandante, estaremos juntos.

SELVA!

Cel Eng Lúcio Batista Guaraldi Ebling

Prezado amigo Hiram

Não sabemos e nem podemos julgar os desígnios de DEUS, por isso nos resta rezar para que Ele faça a vontade D'Ele e não a nossa vontade! Deus também nos conhece profundamente e sabe até onde podemos suportar o sofrimento, por isso não podemos jamais perder a FÉ no Criador, pois quando estamos à beira "*de jogar a toalha*", Ele nos dá esperanças e motivos para continuar na luta! Continuamos rezando pela saúde de sua esposa. Parabenizo pelo sucesso da Noite de Autógrafos!

Deus retribui o sacrifício de seus filhos, e você é merecedor desse sucesso não só por sua dedicação e esforço na preparação física, mas principalmente pela dedicação à família, aos seus alunos e aos amigos! Vamos à luta, pois a terceira etapa está próxima!

Um grande abraço do amigo

Cel Cav Raul Fernando Meneghetti Regadas

Ao partires para mais um "*desafio*", peço ao Senhor dos senhores, ao Deus de todos os deuses, que te acompanhe. Que através de seus tentáculos invisíveis permita que tenhas águas serenas e tranquilas, durante tua travessia. Tenha a certeza de que eu e todos teus amigos estão torcendo por mais um sucesso, que possas aportar em Portos Seguros, onde amigos estarão para te receber, se não pessoalmente, em pensamento. Grandes e boas remadas.

Um grande abraço do teu "*triamigo*" Raul Regadas.

Amigo Kleber Hebling Minitti

Impressionante o trabalho desenvolvido por este homem em sua busca da paz. Muitas vezes o caminho para se chegar a algo que se encontra dentro de cada um de nós, tem diferentes dimensões e distâncias a serem percorridas. Que o Coronel Hiram encontre a seu tempo sua paz tão necessária.

____

Caro Amigo Hiram,

Parabéns pela conclusão de mais esta maravilhosa etapa em sua vida, e pela construção de uma brilhante e raríssima trajetória pessoal, um verdadeiro legado à humanidade.

Não poderia deixar de agradecer muito os relatos diários recebidos durante esta etapa, os quais certamente brindaram-nos com uma imensa quantidade, e altíssima qualidade de informações, inerentes a pouquíssimas pessoas qualificadas com tal aptidão.

A união de uma cultura impressionante, espírito desbravador, amor incondicional aos valores basilares e o dom da escrita, lhe fizeram certamente alguém muito especial e necessário à obra do Grande Arquiteto do Universo. Que a Luz se faça presente, a harmonia aos cenários traçados pelo destino se torne constante e serena, e que a certeza faça morada até onde então, restavam dúvidas.

Grande Abraço

Homenagem Especial

A Descida do Amazonas, de caiaque, planejada para o período de 23 de dezembro do corrente até 28.01.2011, faz parte da 3ª Fase do "*Projeto Desafiando o Rio-Mar – Descendo o Amazonas I*". A etapa estava com a largada prevista nas praias do 2° Grupamento de Engenharia (2° Gpt E), sediado em Manaus (AM), e sua conclusão em Santarém, Pará, sede do 8° Batalhão de Engenharia de Construção (8° BEC) – Batalhão Rondon.

O 2° Gpt E é, atualmente, comandado por um grande amigo e companheiro de jornada no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre (CPOR/PA), em 1984, General-de-Brigada Lauro Luís Pires da Silva. A chegada em Santarém (PA) término da 3ª Fase, terá um significado igualmente especial, pois o 8° BECnst é comandado pelo meu ex-Cadete e parceiro de trabalho no 9° Batalhão de Engenharia de Combate, Aquidauana, MS, Coronel de Engenharia Aguinaldo da Silva Ribeiro.

A descida pelo Amazônico caudal, desta feita, será em homenagem ao patrono do 2° Gpt E, que comemora, em 2011, os 40 anos de sua fundação. A Amazônia e o Brasil devem ao General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, e à Engenharia Militar Brasileira, sem sombra de dúvida, uma parcela considerável de seu desenvolvimento e pujança atual.

Pescador Poema
(Celso Braga)

Canto o sussurro do vento,
O vento me faz lembrar
O frágil sopro da vida
No ato de respirar.

Canto o murmúrio das águas
Porque de água me sei.
Se não cuidá-la, em deserto
Meus sonhos transformarei.

Canto a beleza do fogo
No ardor da transformação.
Na essência dos elementos,
Fogo é luz e nosso irmão.

Eu canto o canto da terra
Porque um dia fui pó.
E quando eu voltar pra terra,
Meu canto será maior.

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

Barcos de Papel
(Celso Braga)

Quando menino, nas águas barrentas do
Meu Rio, amalgamei sonhos e viajei muitas vezes
Em barquinhos de papel.

Foi então que descobri que cada remanso
É o lugar de descanso das cobras-grandes.

Quantas vezes ouvi, das bocas dos Igarapés
A cantiga encantadora das iraras tentando
Os pescadores e, nos seus meandros o percutir
Dos bate-bates, anunciando vazante.

Brincalhões e vadios, os botos tucuxis saltando
Pro nascente, indicando ao caboclo que já vem enchente.

Vi momentos fúnebres em que o fio da correnteza
Carregava de bubuia uma vela acesa
Na cuia pra sondar um defunto.

Ouvindo a conversa de tantos tapiris,
Descobri que é verdade [...]

Paladino da Integração da Amazônia

O grande Chefe "R.O." foi um homem que, visionário, alcançava adiante de seu tempo. Embora homem de seu tempo, desassombrado e realista, via o futuro, sopesava-o e adotava medidas para tornar a Engenharia Militar e o Exército, mais aparelhados, melhor postados e posicionados para enfrentar os embates que, ele sabia, haveriam de vir...
(General Tibério Kimmel de Macedo)

Para que possamos entender o contexto histórico e sermos capazes de reconhecer a importância fundamental da atuação do General-de-Exército Rodrigo Octávio Jordão Ramos e das tropas de Engenharia do Exército na integração da Amazônia Brasileira, vamos reproduzir o pronunciamento que o preclaro Presidente Emílio Garrastazu Médici proferiu no Teatro Amazonas, em Manaus, na "*Reunião Extraordinária da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM)*", no dia 08 de outubro de 1970:

Ato de Fé na Amazônia

Brasileiros da Amazônia, homens de todo o Brasil.

Venho à Amazônia sob o signo da fé. Venho para estar com o povo na romaria do Círio e confluir com ele na mesma corrente das ruas de Belém. Venho para trazer à gente desta terra a crença de meu Governo e o entusiasmo do Brasil inteiro nos destinos da Amazônia. E, por isso mesmo, quero ser, aqui, mais do que nunca, realista e verdadeiro, para não ser, um instante sequer, messiânico, fantasista ou prometedor, na terra em que tudo sempre se permitiu à imaginação.

A Amazônia ainda não encontrou sua vocação econômica. O café e o cacau, a madeira e a borracha, o boi, a juta e a castanha têm sido momentos passageiros de riqueza; momentos que não trouxeram mais duradouras mudanças na infraestrutura socioeconômica. Não encontrou a Amazônia a sua vocação porque, sendo mais da metade do Brasil, não se fez ainda de todo conhecida. O pouco que dela se sabe foi visto ao longo dos Rios. Depois, o avião, sobretudo o avião da FAB, encurtou as distâncias, no apoio aos postos fronteiriços, onde hoje o pracinha do Exército é o herdeiro do Bandeirante, mas o coração da terra continuou escondido.

Somente depois da Revolução é que vieram os tratores e o idealismo da Engenharia Militar, desvendando e aproximando a Amazônia.

Vez por outra, quase sempre vindas do estrangeiro, debatem-se as ideias de planos milagrosos para o despertar da Amazônia que, se nem sempre se mostram válidos, viáveis e coerentes, ao menos dizem do interesse estrangeiro sobre a terra prometida e nos acendem o brio nacional.

Cumpre, pois, conhecê-la mais a fundo, visto que, sem possuir dados concretos que se situem além da lenda, da ficção e do imediatismo, ninguém pode garantir agora qual seja a sua vocação nem oferecer-lhe o milagre de romper, em curto prazo, o seu isolamento geoeconômico, desencadeando o processo de seu desenvolvimento em bases equilibradas e permanentes, rentáveis e autossustentáveis.

Seria insensato realizar, aqui e nesta hora, um grande projeto de desenvolvimento puramente regional, que desviasse poupanças e créditos capazes de gerar riquezas maiores e mais rápidas noutras regiões.

Muito mais insensato seria, no entanto, ignorar a Amazônia, usando rígidos critérios de prioridade econômica e deixá-la ficar no passado e ainda envolta no mistério, sempre vulnerável à infiltração, à cobiça e à corrosão de um processo desnacionalizante, que se alimenta e se fermenta em nossa incúria.

O coração da Amazônia é o cenário para que se diga ao povo que a Revolução e este Governo são essencialmente nacionalistas, entendido o nacionalismo como a afirmação do interesse nacional sobre quaisquer interesses e a prevalência das soluções brasileiras para os problemas do Brasil.

Manaus é lugar para que o meu Governo apresente as linhas gerais da primeira fase de sua política para a Amazônia e diga a sua decisão de assegurar, com energia e vontade, a soberania brasileira nesta outra metade do Brasil e de fazer andar o relógio amazônico, que muito se atrasou ou ficou parado no passado.

Quero dizer que o problema inicial da Amazônia é conhecê-la de verdade. E que para conhecê-la, como é preciso, impõe-se torná-la mais próxima e mais aberta, para se poder povoá-la. Assim, a política de meu Governo na Amazônia está voltada prioritariamente para a realização de um gigantesco esforço de integração, no duplo objetivo da descoberta e da humanização.

Somente quem testemunhou no Nordeste a caminhada de milhões de brasileiros sem terra e, agora, vem à Amazônia contemplar essa paisagem de milhões de hectares ainda desaproveitados, pode sentir, em toda a sua crueza, o quadro vivo de nossa luta pelo desenvolvimento.

Há poucos exemplos de países assim tão providos de recursos naturais e humanos e tão lentos em aproveitá-los. É esse tempo perdido que nos dispomos a ultrapassar, cumprindo compromisso fundamental da Revolução.

Não posso falar à Amazônia sem pensar no Brasil integrado. Tenho bem presente o espetáculo de 30 milhões de nordestinos, que vivem em torno de núcleos esparsos de produção agrícola e industrial, produzindo e consumindo menos de 15 por cento da renda interna. Sei que essa pequena produção está nas mãos de um décimo da população daquela área.

Constato que, por falta de uma infraestrutura econômica e social adequada, esses brasileiros não se encaminham para as áreas desocupadas do País, que estão à espera de braços para constituírem novos polos de prosperidade e riqueza. Conheço todo o drama de sua migração para o Centro-Sul, agravando as aglomerações marginalizadas das favelas.

E, no entanto, a Amazônia, mais da metade do território nacional, poderia absorver muito mais do que toda a população atual do Brasil. E sei que a participação da Amazônia e do Centro-Oeste na renda interna equivale a menos de cinco por cento, enquanto apenas uma região, o Centro-Sul, fornece quase a totalidade dos meios de que dispõe a União para atender às necessidades de investimento e de custeio da atuação governamental em todo o País.

No confronto desses dados, compreende-se afinal que, para eliminar essas disparidades econômicas e injustiças sociais, teremos de desenvolver a Amazônia solidária ao Nordeste, em consonância com o desenvolvimento de todo o Brasil. O atraso e a pobreza da Amazônia e do Nordeste, além de social e politicamente inaceitáveis, têm repercussões

negativas que chegam a prejudicar fortemente a produção e a economia do Centro-Sul. Por não constituírem um mercado consumidor com efetivo poder de compra, essas duas regiões não participam substancialmente do mercado interno brasileiro, não contribuem para a diluição dos custos da produção industrial e, por sua baixa produtividade, deixam de fornecer matérias-primas necessárias à indústria do Centro-Sul.

Nessas condições, é legítimo afirmar que a pobreza do Nordeste e a escassez do homem na Amazônia exercem uma pressão estrutural na alta dos preços no Brasil e que só o equilíbrio de regiões e estruturas permitirá a eliminação das forças inflacionárias do País.

O Governo não pretende limitar-se a minorar os sintomas das dificuldades da economia, por isso que visa ao objetivo mais profundo de rearticular a própria estrutura econômica do País. Seria criminoso supor que se possa retardar a solução dos problemas amazônicos e nordestinos até que o País atinja um nível de prosperidade de que deles possa cuidar. Estamos convencidos do contrário, temos de combater agora esses desequilíbrios, pois o destino nacional é indivisível.

Em síntese: ou cresceremos juntos todos os brasileiros, ou nos retardaremos indefinidamente para crescer. E, como a segunda alternativa não é admissível, o Programa de Integração Nacional terá de ser, como decidimos que será, um instrumento a serviço do progresso de todo o Brasil. Impõe-se oferecer um novo horizonte ao nordestino carente de terra e de capital, e mostrar-lhe os caminhos de ser formador da riqueza, valorizador da terra, fator de poupança e acelerador do crescimento econômico nacional.

Aquilo que não se pode fazer devido à escassez de capital pode ser feito com um programa integrado de colonização e de desenvolvimento, com um mínimo de recursos econômicos, capaz de gerar rapidamente a riqueza, para complementar, sem inflação, o esforço necessário à solução dos dois problemas: o do homem sem terras no Nordeste e o da terra sem homens na Amazônia.

Reconhecemos o trabalho realizado pela SUDAM e pela SUDENE, que conseguiram, nos últimos anos, lançar as bases de uma infraestrutura de trabalho e promover o desenvolvimento inicial de algumas atividades econômicas. Impõe-se agora a introdução de adaptações essenciais nesses dois órgãos, com a finalidade de fazê-los instrumentos ainda mais atuantes a serviço da redução dos desníveis inter-regionais e da integração nacional.

Há muito nos demos conta de que a industrialização em curso na área da SUDENE não pode resolver os problemas do desemprego e da falta de uma infraestrutura agrícola onde cerca de 60 por cento da população dependem desse setor. Embora disponha de trechos favoráveis à agropecuária e de prometedoras reservas minerais, o Nordeste não permite, sem um dispendioso esforço de irrigação, níveis de renda adequados à sua grande massa populacional.

Nessas condições, se impõem a expansão do setor agropecuário nas regiões favoráveis, o aproveitamento dos jazimentos minerais e a industrialização na medida necessária, bem como, ao mesmo tempo, a redistribuição dos seus excedentes demográficos, ocupando espaços internos vazios, mas potencialmente poderosos, sobretudo no território de atuação da SUDAM.

As possibilidades mais promissoras de pronto atendimento desses objetivos encontram-se em áreas amazônicas de Goiás, Mato Grosso e Acre, na fértil faixa entre Itaituba e Altamira, no Sul do Maranhão e do Piauí, e no vale do Rio São Francisco.

Nosso esforço inicial será concentrado na Transamazônica, começando em Picos, no Piauí, onde se interliga com a Rede Rodoviária Nordestina, vai atingir Itaituba, depois de passar por Porto Franco, Marabá e Altamira, obra essa entregue ao dinamismo do Ministro dos Transportes, Mário Andreazza, para servir àquelas regiões cuja ocupação deverá processar-se de pronto e com absoluta prioridade.

Prolongando a estrada até as fronteiras com o Peru e a Bolívia, cortando as Rodovias Cuiabá-Santarém e Porto Velho-Manaus, e complementando todo o sistema fluvial amazônico, ao interceptar os terminais navegáveis dos principais afluentes, estaremos facilitando a exploração de reservas de ferro, manganês, estanho, chumbo, ouro, cobre e fecundando terras virgens e solos férteis, que vão deixar de ser bens geográficos para se transformarem em verdadeiros bens econômicos. Estaremos, assim, facilitando o esforço de ocupação e desenvolvimento da Amazônia – imperativo do progresso e compromisso do Brasil com a sua própria História.

Quero, agora, dizer ao povo amazônico a minha total identificação com os seus problemas e os seus anseios. O meu Governo considera a Amazônia prioritária para a ação dos Ministérios dos setores econômico, social e de segurança. Sabendo o que representam os incentivos fiscais e a Zona Franca de Manaus para o surto de progresso da região, cuida o Governo de aperfeiçoá-los.

Empenha-se em dinamizar os programas de colonização e de construção de casas, em atender à demanda de energia, de intensificar a pesquisa dos recursos do subsolo, assim como de melhorar as vias navegáveis, estimular a criação de sistemas de transporte fluvial de maior rendimento na região, de aparelhar os portos e de abrir novas estradas, que haverão de funcionar como verdadeiros tributários dos grandes Rios.

Estuda o Governo todo um sistema de apoio e proteção ao comércio regional, igualmente atento à valorização da livre empresa e à garantia de justa retribuição ao suor do trabalhador. Em breve, o Norte haverá, também, de integrar-se ao Sistema Brasileiro de Telecomunicações e de sentir-se mais em contato com outras regiões do País, pela presença mais atuante da nossa radiodifusão. Atenções ainda mais especiais dedico aos campos da educação e do trabalho, mesmo porque aí disponho, atestando até a presença da Amazônia na vida nacional, de dois homens amazônicos.

Papel de extraordinário relevo está reservado ao Ministério da Saúde nesta hora de conquista e povoamento nas terras altas da Amazônia. Aos participantes da epopeia da construção e colonização desta Transamazônica e de outras vias de desbravamento, que Deus haverá de me conceder a coragem de iniciar ao Sul e ao Norte do Rio-Mar, confio em que não haverá de faltar todo um sistema de proteção da vida humana.

A soberania brasileira na Amazônia, meta essencial de todo o esforço que aqui começamos a realizar, compreende também a presença e a participação das Forças Armadas, no propósito de assegurar ainda maior capacitação e eficiência a Bases e Aeroportos, aos órgãos logísticos e operacionais, ao sistema de

proteção ao voo, às flotilhas, às Unidades e colônias de fronteira, assim como aos beneméritos Batalhões de Engenharia.

Quero dizer ao povo amazônico o meu testemunho, que venho recolhendo ao longo de minhas viagens, do entusiasmo que se levanta na alma de todos os brasileiros com a iniciação do Programa de Integração Nacional.

Não sei de tema que hoje mais exulte a imaginação dos moços que o tema de desenvolver a Amazônia, nem sei o que mais possa unir, nesta hora, os brasileiros de todas as idades. Trago à Amazônia a confiança do Governo e a confiança do povo em que a Transamazônica possa ser, afinal, o caminho para o encontro de sua verdadeira vocação econômica e para fazer-se mais próxima e mais aberta ao trabalho dos brasileiros de todas as partes.

E se aqui estou testemunhando aos amazônidas o entusiasmo e a solidariedade da Nação inteira, quisera que os Círios, da sempre renovada romaria em louvor da milagrosa imagem de Nossa Senhora de Nazaré, não se acendessem, neste ano, tão somente na promessa de cada um, mas que se acendam todos os círios em ato de fé pelo Brasil de todos nós. (MÉDICI)

O General-de-Exército Rodrigo Octávio Jordão Ramos era "*The Right Man in The Right Place*" (O Homen Certo, no Lugar Certo), os desafios propostos pelo "*Programa de Integração Nacional*" eram ciclópicos, e só um grande Chefe Militar dotado de inigualável visão estratégica, extremada dedicação profissional e estatura moral irretocável seria capaz de cumprir as grandiosas e desafiadoras metas propostas pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici.

Gen Ex Rodrigo Octávio Jordão Ramos

O General-de-Exército Rodrigo Octávio, filho de Henrique Ramos e Philomena Jordão Ramos, nasceu em 08.07.1910, na Cidade do Rio de Janeiro, RJ. Faleceu a 06.07.1980, no Hospital Beneficência Portuguesa em São Paulo e foi sepultado, no dia 07.07.1980, no Cemitério Campo da Esperança em Brasília.

Rodrigo Octávio assentou praça na Escola Militar do Realengo em 01.04.1927, tendo sido declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Engenharia, em 21.01.1930, em primeiro lugar de sua turma.

Promoções e Conclusão de Cursos

01.04.1927 – Iniciou do Curso na Escola Militar do Realengo;

21.01.1930 – Concluiu o Curso da Escola Militar do Realengo;

21.01.1930 – Promovido a 2° Tenente [como 1° da turma foi promovido a Aspirante e 2° Ten no mesmo dia];

19.02.1931 – Promovido a 1° Tenente;

18.03.1931 – Iniciou do Curso de Transmissões no Centro de Instrução de Transmissões do Exército;

16.12.1931 – Concluiu o Curso de Transmissões;

09.12.1933 – Concluiu o Curso de Engenheiro Civil pela Escola Politécnica Nacional do Rio de Janeiro;

22.07.1934 – Iniciou o Curso de Especialização em Transmissões do Exército nos EUA;

02.10.1934 – Promovido a Capitão;

01.06.1935 – Concluiu o Curso de Especialização em Transmissões do Exército nos EUA;

01.02.1939 – Início do Curso das Armas [Engenharia];

21.10.1939 – Concluiu o Curso das Armas;

18.03.1941 – Iniciou do Curso da Escola de Estado Maior [ECEME];

25.12.1942 – Promovido a Major [Merecimento];

06.08.1943 – Concluiu a ECEME;

25.03.1947 – Promovido a Tenente-Coronel [Merecimento];

28.11.1952 – Concluiu o Curso da Escola Superior de Guerra;

25.04.1953 – Promovido a Coronel [Merecimento];

25.07.1964 – Promovido a General-de-Brigada;

25.03.1966 – Promovido a General-de-Divisão;

25.11.1969 – Promovido a General-de-Exército.

Comandos e Chefias – Elogios e Mídia

Sua carreira esteve quase sempre ligada à área da Engenharia Militar. Os elogios reproduzidos, a seguir, retratam o reconhecimento de cada um de seus ex-chefes não só à sua capacidade invulgar de traba-

lho, mas, sobretudo, graças à sua proverbial inteligência aliada a uma corajosa determinação de implementar mudanças radicais, reorganizando e aperfeiçoando as tarefas em todos os setores da administração nos quais teve oportunidade de atuar, sejam civis ou militares.

Repercutiremos, também, algumas notícias publicadas pelos jornais e revistas da época.

1° Batalhão de Engenharia

(08.02.1930 – 13.05.1931)

A 27.10.1930, ao ser dissolvido o "*Destacamento João Gomes*", o seu Comandante assim se expressou: "*Ao dissolver o Destacamento acima, sinto-me feliz em realçar o inestimável valor militar, a compreensão exata do dever, a lealdade comprovada, a disciplina e a competência com que se houve o Senhor 2° Tenente Rodrigo Octávio Jordão Ramos, cuja atuação eficiente e denodada no cumprimento das ordens emanadas dos nossos dirigentes, cumprisse a contento a difícil tarefa que lhe foi reservada, guardando, com fraco efetivo, as vias de acesso de uma frente de mais de 250 quilômetros de extensão*". [Major João Gomes Carneiro Júnior]

Diretoria de Engenharia

(14.05.1931 – 01.10.1932)

A 30.11.1932, foi público o Sr. Ministro da Guerra, em aviso n° 13 de 26, mandado elogiá-lo pelo exemplo que deu durante o triste período da Revolução de São Paulo, de que se contava com o seu decisivo apoio, em momento oportuno, se tanto fosse preciso. O Comando da Escola, por sua vez, fez consignar a satisfação com que recordava a linha do dever mantida inflexivelmente, louvando-lhe a corre-

ção, o critério e o elevado espírito de patriotismo com que se conduziu e elogiando-o pelo comportamento digno, coadjuvando o mesmo Comando com toda lealdade e devotamento nos dias difíceis então atravessados. [General Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso]

Serviço Telegráfico do Exército
(13.05.1933 – 26.11.1935)

A 30.12.1933, foi público ter o Diretor do Serviço Telegráfico do Exército em cumprimento à ordem do Sr. General Francisco Jorge Pinheiro, ao deixar as funções de Diretor de Engenharia, tê-lo louvado pela atividade escrupulosa, competência técnica, dedicação ao trabalho e zelo profissional, manifestados no exercício de suas funções. [Major Arthur Joaquim Pamphiro]

1° Batalhão de Transmissões
(27.11.1935 – 06.01.1937)

A 09.01.1937, o Sr. Tenente Coronel João Gomes Carneiro Júnior, Comandante do Batalhão, assim se referiu: "*Ao desligar deste Batalhão o Sr. Capitão Rodrigo Octávio Jordão Ramos, este Comando sente-se profundamente ver-se privado do concurso eficaz que o referido Oficial prestara a este Batalhão no decurso de um ano, como Comandante da 2ª Companhia. O Capitão Rodrigo Octávio fora incansável em pugnar pelo bem-estar de sua Subunidade, pois sempre olhara com muito carinho para sua instrução, concorrendo assim para que este Comando muito apreciasse sua atuação, que não ficara simplesmente adstrita a instrução e sim muito cooperando com grande zelo e cuidado na parte administrativa e disciplinar. Nestas condições este Comando tem Grande satisfação em louvar o Sr. Capitão Rodrigo Octávio Jordão Ramos pelas provas*

inequívocas que dera de capacidade para o comando de sua Subunidade pelo que fora sempre muito zeloso, ativo, dedicado, além de muita capacidade de trabalho e inteligência lúcida". [Coronel João Gomes Carneiro Júnior]

C. Técnica de Rádio do Ministério de Viação

(06.01.1937 – 30.01.1939)

A 26.08.1937, foi público tê-lo, o Ministro da Guerra, louvado pela maneira como desempenhou uma Missão Militar no estrangeiro, em companhia de outro oficial, sobre a qual assim externou o Estado Maior do Exército: "*Dois oficiais brasileiros foram aos Estados Unidos para estudarem a possibilidade de instalação de uma fábrica de material rádio no Brasil. Brilhante é o relatório por eles apresentado a este Ministério. Com dez meses de estada naquele país, venceram os nossos companheiros sérias dificuldades para, como simples observadores e estudantes, colherem as informações necessárias à elaboração do anteprojeto. É completo e denota sacrifício de seus autores, no cumprimento de sua missão*". [Coronel Graciliano Negreiros]

2° Batalhão Ferroviário

(22.11.1939 – 05.03.1941)

A 25.03.1940, o Major Benjamim Rodrigues Galhardo assim se expressou: "*Atendendo a um imperativo de elementar justiça e pela cooperação sadia e amiga que me prestou durante o lapso de tempo em que tive a ventura de partilhar dos árduos trabalhos a que o 2° Batalhão Ferroviário, se dedica com ufania como Subcomandante, Fiscal Administrativo e 1° Engenheiro da Estrada de Ferro Rio Negro-Caxias, louvo o Capitão Rodrigo Octávio Jordão Ramos pelo espírito de cooperação e modo proficiente, capaz e dedicado com que exerce suas funções de Chefe de*

Seção de Construção e Comandante de Companhia". [Major Benjamim Rodrigues Galhardo]

A 11.03.1941, ao ser desligado do Batalhão, o Sr. Coronel Luís Silvestre Gomes Coelho, Comandante do Batalhão assim se expressou a seu respeito: "*Oficial de Escol, distinguiu-se sobremaneira em todas as missões que lhe foram afetas. A sua tarefa foi das mais pesadas e das mais complexas. Passou por três escalões de Comando, Companhia, Subcomandante e Comandante do Batalhão, tendo deixado em todos esses Postos traços acentuados de sua forte individualidade moldada para o Bem e para o trabalho. Como militar, foi notória sua disciplina, sua energia e sua extraordinária capacidade de ação aliadas a um coração generoso e nobre, qualidades só encontradas nos verdadeiros Chefes. Como técnico, sempre orientou os seus trabalhos com grande espírito prático sem nunca deixar de apoiar suas soluções em princípios lógicos e científicos. Na Chefia da 1ª Seção de Construção, ideou e executou reparações e construções de toda espécie. No Escritório Técnico, como auxiliar do 1° Engenheiro, prestou a sua colaboração inteligente em quase todos os projetos do Batalhão. É fruto de sua operosidade o nosso Laboratório de Ensaios de Materiais. Entre seus trabalhos, convém distinguir o do Viaduto sobre o Ribeirão do Bugre, obra de 2.500 contos. Seguindo orientação de um projeto original elaborado pelo Capitão Juracy Campele, concebeu todos os detalhes em colaboração com seu autor. Cabem-lhe entretanto os louros de ter sido o executor e, nesta tarefa, foi dedicado e zeloso, incansável a qualquer hora do dia ou da noite, enérgico e justo. Por todos esses motivos, louvo-o e agradeço sua colaboração leal, sincera e eficiente. Deixa saudades e deixa, principalmente, um exemplo digno de ser seguido e de ser imitado*". [Coronel Luís Silvestre Gomes Coelho]

4ª Região Militar

(23.09.1943 – 02.02.1944)

A 02.02.1944, ao ser desligado deste QGR, em consequência de sua nomeação para auxiliar os trabalhos da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, foram-lhe feitas, pelo Comando da Região, as seguintes referências elogiosas: "*Ao Major Rodrigo Octávio Jordão Ramos, hoje desligado deste QG, em consequência de sua nomeação para auxiliar os trabalhos da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, agradeço a prestimosa e eficiente colaboração que prestou ao Estado Maior desta Região Militar, onde revelou capacidade de instrutor e técnico, amor ao trabalho e confiança em si. Como estagiário, que foi durante a sua permanência neste QG, colaborou eficientemente na organização dos exercícios de combinação das armas realizados em diversas guarnições, produzindo com seu esforço e preparo técnico a documentação básica relativa a esses exercícios, motivo porque é merecedor dos meus louvores. Ao Major Rodrigo Octávio faço os melhores votos de pleno êxito na Comissão para que foi designado, mantendo assim o bom conceito em que é tido*".

C. Militar Mista Brasil-Estados Unidos

(12.02.1944 – 01.06.1945)

A 23.12.1944, nesta data foi público ter recebido do General Inspetor deste Grupo de Regiões o seguinte elogio individual: "*Major Rodrigo Octávio Jordão Ramos – Durante sua permanência na Inspetoria, prestou ótima colaboração como elemento componente da Secretaria da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos. Em tais funções, foi incansável na atividade e dedicadíssimo em todos os problemas apresentados, revelando a cada instante, bem formada cultura geral e profissional. Graças à*

sua capacidade de trabalho, à inteligente atuação naquela Comissão, todos os encargos tiveram ritmo normal e rendimento produtivo". [General-de-Divisão Christovam de Castro Barcelos]

Estado Maior do Exército

(04.11.1947 – 19.10.1949)

A 31.05.1948, foi público ter sido enviado pelo Sr. Presidente do Instituto Nacional do Pinho, o seguinte elogio: "*tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que a colaboração trazida à Delegação Brasileira, à Conferência Latino-americana de Florestas e Produtos Florestais e ao Instituto Nacional do Pinho, pelo representante desse Ministério, Tenente-Coronel Rodrigo Octávio Jordão Ramos, marcou-se de extraordinária eficiência, por isso que pôs os Delegados a par de conceitos imprescindíveis e exatos no que toca a importância da madeira, como material estratégico. Contando a delegação com técnicos especializados nos diferentes ramos da aplicação da madeira, faltava-nos, entretanto, elemento autorizado que nos pudesse assessorar, a respeito daquele importante aspecto, que não poderia ser esquecido, no encaminhamento dos debates e adoção das recomendações da Conferência. Oficial brilhante e de invulgar cultura, servido, além disso, por uma discrição e um senso de medida à altura da responsabilidade que lhe foi atribuída por V. Ex.ª, prestou o Tenente-Coronel Rodrigo Octávio Jordão Ramos serviços de relevo, dignos de serem assinalados. Aproveito o ensejo para encarecer de V. Ex.ª a maior boa vontade para que essa colaboração entre o Estado-Maior do Exército e o Instituto Nacional do Pinho, tão auspiciosamente iniciada por intermédio do Tenente-Coronel Rodrigo Octávio Jordão Ramos seja mantida em benefício mútuo de ambos os órgãos. Apresento os meus agradecimentos pela distinção recebida,*

reitero a V. Ex.ª meus protestos de alta estima e distinta consideração". [Presidente do Instituto Nacional do Pinho Virgílio Gualberto]

2° Batalhão Ferroviário

(18.01.1950 – 03.04.1952)

A 29.09.1951, foi público o seguinte: "*Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1951. Sr. Tenente-Coronel Rodrigo Octávio Jordão Ramos – Comandante do 2° Batalhão Ferroviário – Rio Negro, Paraná. Meu caro Coronel Rodrigo Octávio. Cada nação, como cada indivíduo, tem um caráter herdado das qualidades de seus ancestrais. Entre outros imponderáveis, existe nesse caráter nacional, uma força manifesta que impulsiona o progresso da nação como um todo. Durante os poucos dias que tive o privilégio de permanecer no 2° Batalhão Ferroviário, estive em contato direto com este espírito decisivo que inspirou Bandeirantes nos primórdios da história de vossa Pátria. E ainda agora senti que estava plenamente evidenciado em todos os oficiais e nos elementos civis e militares por eles dirigidos, no magnífico esforço que estão desenvolvendo para tornar realidade o projeto Santa Cecília-Bento Gonçalves. Jamais vi em qualquer parte do mundo grupo de oficiais mais idealistas, confiantes e corajosos. Externo, por isso, minha sincera impressão ao Comandante, seus oficiais e senhoras, soldados e civis, componentes de uma das mais perfeitas Unidades que a sorte me permitiu encontrar. Com minha mais elevada consideração*". [Major-General USA Nullis Jr.]

Gabinete Mil. da Presidência da República

(25.08.1954 – 31.01.1955)

A 29.10.1954, o Boletim n° 24, desta Secretaria Geral, fez público a seguinte transcrição: Cópia

autêntica – Presidência da República – Estado Maior das Forças Armadas – Escola Superior de Guerra – Rio de Janeiro, 19.10.1954. Para conhecimento desta Escola e devida execução, publica-se o seguinte: III – Alterações de Oficiais: Elogio: Transcreve-se para os devidos fins, o elogio feito ao Coronel Rodrigo Octávio Jordão Ramos, pelo Exm° Sr. Vice Almirante Ernesto Araújo, Comandante da Escola Superior de Guerra: Coronel Rodrigo Octávio Jordão Ramos. "*Por ter sido designado Subchefe do Gabinete Militar da Presidência da República, deixou as funções da Divisão Executiva do Departamento de Estudos o Coronel Rodrigo Octávio Jordão Ramos. Pelo espaço de três anos, esse distinto oficial prestou assinalados serviços a esta Escola, à qual deu a prestimosa colaboração de inúmeros trabalhos e conferências, sempre versadas com grande precisão e erudição. Quer no setor especializado de transportes, quer na difusão da Doutrina de Segurança Nacional e seu planejamento, a contribuição do Coronel Rodrigo Octávio foi constante e sempre oportuna, evidenciando sua inteligência cultivada e uma soma apreciável de sólidos conhecimentos. Participou, ainda, o Coronel Rodrigo Octávio, intensamente, da árdua tarefa de elaboração dos currículos para 1953 e 1954, à qual emprestou o dedicado auxílio de sua larga visão, permitindo desse modo, que aqueles documentos preenchessem suas integrais finalidades. Ainda orientando os trabalhos da seleção bibliográfica a imprimir, revelou o Coronel Rodrigo Octávio grande capacidade de discernimento, elegendo bibliografia adequada e dotando a biblioteca da Escola Superior de Guerra e seus Estagiários, dos mais indicados subsídios o que muito vem contribuindo para o melhor desenvolvimento do currículo. Possuidor de elevada educação e de desenvolvido espírito de sociedade, contribuiu esse oficial para estabelecer nesta Escola um ambiente de sadio entendimento e compreensão, indispensável à*

boa consecução de todos os trabalhos. Por tudo isso, este Comando consigna aqui os mais calorosos elogios a esse oficial de elite, ao qual o Exército já deve assinalados serviços. Em suas elevadas funções no Gabinete Militar, terá o Coronel Rodrigo Octávio novas e mais amplas oportunidades de pôr em destaque suas inestimáveis possibilidades intelectuais e culturais no trato de elevados problemas ligados a sua classe". [Vice-Almirante Ernesto Araújo]

Diretoria de Vias de Transporte

(10.10.1956 – 22.04.1958)

A 10.10.1957, foi público ter sido elogiado pelo Exm° Sr. General-de-Brigada Octacílio Terra Uruuahy, Diretor de Vias de Transporte, ao ensejo da passagem do 1° aniversário da DVT, pela marcante e destacada colaboração que prestou àquela administração, fator da maior expressão nos resultados alcançados: "*Coronel Rodrigo Octávio Jordão Ramos – Elemento de escol de nosso Exército, confirmou na Chefia da 2ª Divisão as suas excepcionais qualidades de Chefe e Administrador. Se muito realizou no setor administrativo, reorganizando arquivos técnicos e mapotecas bem como a melhor distribuição dos serviços pelas instalações de que dispõe a Divisão, mais executou no setor dos estudos para a organização e o funcionamento dos transportes militares. Profundo conhecedor do problema dos transportes do nosso país, soube dar aos trabalhos da Divisão uma orientação segura e prática, objetiva e atualizada, para a definição dos elementos necessários ao planejamento dos transportes militares. Acompanhando esta Direção nas viagens de inspeção às Comissões de Rede 1, 2, 4, 6, e 7 teve ocasião de demonstrar a sua elevada cultura especializada, manejando com firmeza, dados e elementos para*

melhor análise e solução dos problemas dos transportes que servem às regiões percorridas. Estou certo e afirmo convicto que o Exército tem, no Coronel Rodrigo Octávio, uma das mais brilhantes e eficientes figuras que não tardará a alcançar os mais elevados postos de Comando onde sua personalidade inconfundível e operosidade ímpar, serão melhor realçadas. Louvando e agradecendo ao companheiro pela colaboração leal e prestimosa que nos prestou, auguro-lhe, em futuro próximo, seja alçado a postos de Chefia". [Gen Bda Octacílio Terra Uruuahy]

1° Batalhão Ferroviário

(03.08.1959 – 18.02.1961)

A 18.11.1961, foi publicada por transcrição do BI n° 151, de 31.01.1960, da DVT-Adit, a seguinte referência elogiosa feita pelo Exm° Sr. General-de-Brigada Alberto Ribeiro Salaberry, Diretor de Vias de Transporte pelo término de mais um ano de trabalho: "*Coronel Rodrigo Octávio Jordão Ramos – No Comando do 1° Batalhão Ferroviário, imprimiu alto grau de eficiência e controle das atividades técnicas de sua Unidade, de forma a conduzir-lhe as atividades com precisão, objetividade e firmeza, mesmo nos núcleos mais distantes de sua supervisão pessoal. Durante a inspeção realizada em novembro último, esta Diretoria colheu excelente impressão do andamento dos trabalhos de construção do TPS e da ligação Cerro Largo-Santo Ângelo, a cargo do 1° BFv, tendo apreciado a atividade entusiástica e incansável do Coronel Rodrigo Octávio, que em tudo revela o administrador experimentado que tem demonstrado ser, em mais de uma oportunidade. É, pois, com justiça e prazer, que o louvo ao término de mais um ano de trabalho em prol das nossas vias de transportes*". [General-de-Brigada Alberto Ribeiro Salaberry]

Estado Maior das Forças Armadas

(06.03.1961 – 21.03.1965)

A 10.08.1964, foi elogiado pelo Marechal R/1 Juarez do Nascimento Fernandes Távora, Ministro da Viação e Obras Públicas [MVOP], nos seguintes termos: "*Ao referenciar o ato de exoneração das funções do EMFA, no Conselho Ferroviário Nacional, concedido pelo Senhor Presidente da República, ao General-de-Brigada Rodrigo Octávio Jordão Ramos, cumpre-me, como dever de justiça, elogiá-lo pelo inexcedível espírito público, extraordinária capacidade de trabalho, probidade, competência e eficiência profissionais, com que exerceu aquelas funções, acumulando-as, ademais nestes três últimos meses, com a de representantes do mesmo Estado Maior, no Conselho Nacional de Transportes e no Conselho de Coordenação e Planejamento do MVOP – onde, sem prejuízo de suas funções militares, tem dedicado árdua e profícua atividade de organização e de planejamento, pela qual lhe manifesto, aqui, profundo reconhecimento*". [Marechal R/1 Juarez do Nascimento Fernandes Távora]

Comando Militar da Amazônia/12ª RM

(05.07.1969 – 31.03.1970)

A 12.11.1969, foi público o seguinte elogio do Exm° Sr. Ministro do Exército, General Lyra Tavares: "*General-de-Divisão Rodrigo Octávio Jordão Ramos – No Comando da Amazônia, o General Rodrigo Octávio reafirmou a invejável reputação que desfruta no seio da classe, por sua privilegiada inteligência, invejável bagagem de conhecimentos gerais e profissionais, devotamento ao dever militar e inexcedível patriotismo. Graças à sua capacidade de comando e perseverança, conseguiu superar as dificuldades e obstáculos resultantes das condições adversas da extensa área geográfica de sua*

jurisdição, imprimindo um sentido operativo e dinâmico às unidades sob seu comando, empenhando-as em exercícios e manobras em estreita combinação com as Forças da Marinha e da Aeronáutica ali estacionadas. Através de visitas e inspeções permanentes às diversas guarnições de fronteira situadas nos pontos mais longínquos da vasta região, adquiriu uma visão clara e objetiva de seus problemas militares sugerindo providências de longo alcance, que se adicionaram aos estudos em curso nos altos órgãos da administração do Exército, transformando-se em adequadas medidas relacionadas com a nova articulação de comandos, criação de uniformes, reequipamentos e melhoria das condições de infraestrutura da área. É, pois, com justificado júbilo que louvo o General Rodrigo Octávio por seus inestimáveis serviços ao Exército e decidida colaboração à minha administração, formulando votos para que este ilustre Chefe Militar possa continuar ainda por muitos anos, a contribuir com o brilho de sua inteligência e o calor de seu entusiasmo patriótico, para o engrandecimento do Brasil". [General-de-Exército Aurélio de Lyra Tavares]

Escola Superior de Guerra

(28.05.1971 – 27.09.1971)

A 08.06.1971, foi público o seguinte: O Ministro do Exército, ao ensejo do afastamento do Exm° Sr. General-de-Exército Rodrigo Octávio Jordão Ramos da Chefia do Departamento de Engenharia e Comunicações, resolve elogiá-lo nos seguintes termos: "*Após profícua atividade de 13 meses à frente do Departamento de Produção e Obras, recentemente transformado em Departamento de Engenharia e Comunicações, conclui o Senhor General Rodrigo Octávio outra etapa de sua brilhante carreira de soldado, em face da nova Comissão que*

vem de confiar-lhe o Governo. Vindo do difícil cargo de Comandante Militar da Amazônia, onde se houve com excepcional destaque, assumiu a Chefia do DPO trazendo a invejável experiência haurida no exercício daquele Comando, onde seu reconhecido dinamismo, sua vasta cultura e inexcedível dedicação permitiram-lhe realizar obra que se recomenda como exemplo, hoje e no futuro, a todos os administradores que tiveram a ventura de servir no CMA ou exercer seu Comando. Como Chefe do DPO, não desmereceu o dignificante prestígio alicerçado durante toda uma vida de dedicação, e teve a oportunidade de prosseguir na memorável jornada iniciada na Amazônia; nesse Órgão, armado com a força da sua inteligência, aliada ao seu proverbial entusiasmo criador, atingiu o término de sua gestão com uma significativa bagagem de realizações; sua operosidade não se restringiu à solução de problemas peculiares a determinada área geográfico-militar, mas se fez sentir com maior amplitude, influindo em todos os setores do Exército. Na pluralidade de encargos afetos ao Departamento, sua personalidade encontrou campo fértil ao planejamento e à execução, pôde, assim, contribuir com proposições objetivas que vingaram nas salutares medidas para a reorganização e rearticulação de Unidades e Comandos da Engenharia Militar, tanto na Amazônia como em outras áreas do País. Nesse particular sobreleva a criação do 2° Grupamento de Engenharia de Construção, com sede em Manaus, AM, e a transformação de outras Unidades da mesma Arma para atender ao desafio rodoviário da região amazônica; essas providências vieram somar-se aos esforços do Governo em dinamizar aquela área-problema, gerando resultados satisfatórios, que já se fazem sentir pelo desenvolvimento e elevação do padrão de vida das populações que ali vivem. No setor da produção, sua influência não foi menos

fecunda, uma vez que soube adotar sábias medidas, que permitiram, em curto prazo, o rigoroso cumprimento dos cronogramas estabelecidos para a fabricação e recuperação dos mais variados artigos para o suprimento do Exército, como armamentos, munições, material de direção de tiro, Engenharia e Comunicações e de Guerra Química. Igualmente feliz foi sua atividade no setor de obras a cargo do Departamento, onde sobressai o rigoroso impulso às construções de residências e de aquartelamentos, levadas a efeito nas mais afastadas guarnições, com salutar reflexo na disciplina, na afirmação da assistência social do Exército e também nas condições de conforto da família militar; nas obras de construção de estradas, a aplicação de vultosos recursos, provenientes de outros Ministérios ou de convênios com organismos regionais de desenvolvimento, permitiram apresentar um rol bastante alvissareiro de empreendimentos realizados. Finalmente, acorde com o espírito renovador da administração do Exército, teve decidida influência nas providências para reorganizar o seu Departamento e transformá-lo em Departamento de Engenharia e Comunicações. Agora, por Decreto do Governo, foi o Exm° Senhor General Rodrigo Octávio nomeado para exercer o relevante cargo da Escola Superior de Guerra. As credenciais do seu passado, que orientaram, sem dúvida, o Excelentíssimo Senhor Presidente da República em conceder-lhe tão honrosa distinção, permitem antever a operosidade e o espírito patriótico com que desempenhará suas funções da Escola Superior de Guerra, estabelecimento onde se cultua o mais acendrado civismo, na preparação das elites civis e militares para o desempenho das funções na Alta Administração. Abrem-se, assim, à frente do ilustre soldado, largos horizontes para o exercício de sua lúcida inteligência, para gáudio do Exército, das Forças Armadas e do Brasil. Nesta

oportunidade, cumpro o grato dever de deixar consignadas ao eminente Chefe Militar as expressões do maior reconhecimento, pela inestimável colaboração que prestou ainda à Administração do Exército, no âmbito do Alto Comando e no Conselho Superior de Economia e Finanças, onde a sua participação se revestiu sempre de marcante objetividade, alto sentido profissional e inexcedível espírito cívico". [Ministro Orlando Geisel]

Como Comandante da Escola Superior de Guerra [ESG], no Governo Médici, o General Rodrigo Octávio, não aceitou a orientação do Palácio do Planalto de cancelar a conferência do Cardeal Primaz do Brasil, D. Avelar Brandão, no dia 23.09.1971, naquela instituição.

O General Rodrigo Octávio manteve a palestra, fez a apresentação do conferencista no auditório da ESG e assistiu à sua exposição.

O título da conferência de D. Avelar foi "*A Igreja e o Estado no Brasil*". Nela, o Arcebispo perguntava aos militares: "*Por que temer o diálogo? Não seria esta a hora indicada para que se abrisse amplo e criterioso diálogo de âmbito nacional?*" D. Avelar tocou em pontos mais críticos ao Regime e afirmava que "*a necessidade de Segurança Nacional pode [...] criar um clima de medo perigoso*". Avisava que, com a censura à Imprensa poderia perder o seu direito de criticar "*honestamente*" e que a juventude poderia "*explodir em acesso de violência ou, então, acomodar-se excessivamente*". O Cardeal salientava então:

> Deve-se registrar que, tanto na parte ligada aos poderes de repressão, como nos setores inconformados com o Regime brasileiro, há comportamentos que excedem a própria orientação das instituições.

Alguns dias depois de D. Avelar Brandão ter ministrado essa conferência, o General Rodrigo Octávio seria destituído do cargo de Comandante da Escola Superior de Guerra. Esta atitude surpreendeu o próprio prelado, pois ele não via nada de ofensivo na sua fala. Porém, o problema não foi o que ele disse, mas, sim, o fato de ele ter distribuído uma cópia de sua conferência aos jornalistas e o impacto que ela teve na imprensa, como ele ficaria sabendo por uma carta reservada da ESG endereçada a ele. Nesse documento, assinalava-se que, apesar de os militares presentes não terem concordado com as posições defendidas pelo Arcebispo, eles entendiam que ele havia apresentado com "*honestidade e patriotismo*" o seu ponto de vista. Porém, como o tema era "*sujeito a interpretações emocionais*", deveria ter sido tratado em "*caráter reservado*". O autor da carta se disse surpreso ao ter lido nos jornais trechos da conferência cuja cópia havia sido distribuída pelo próprio arcebispo aos jornalistas, e afirmava que D. Avelar tinha deixado o comando da ESG "*em situação bastante embaraçosa*" pela repercussão que tivera a publicação nos jornais e que foi tratada com "*evidente sobrecarga da emocionalidade*". Nessa carta, o autor lembrava ao arcebispo que o "*livre debate*" era para ter ficado "*restrito à Escola Superior de Guerra*". D. Avelar Brandão Vilela respondeu ao General Rodrigo Octávio no mesmo dia, revelando estar surpreso pela repercussão que estava tendo o caso, já que para ele era "*uma honra falar na Escola Superior de Guerra*". Sobre a publicidade da Conferência, ele explicou que "*se soubesse que se tratava de documento estritamente reservado não teria permitido que os repórteres o levassem*". E finalizava: "*sinto profundamente ter sido causa de desgostos e de decepção*". D. Avelar ficou tão preocupado com a repercussão do caso que enviou também, no mesmo dia, uma carta para o Presidente Médici, com uma cópia da conferência, dizendo não ter pretendido

ofender o Exército e que estava "*profundamente angustiado*", pois não sabia que a conferência era reservada, já que não tratava "*de nenhum assunto proibido*". (ZACHARIADHES)

Departamento Geral de Serviços

(1970 – 1973)

Revista VEJA n° 264
São Paulo, SP – Quarta-feira, 26.09.1973

Homenagem no Sul

No começo da semana passada, o General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, Chefe do Departamento Geral de Serviços do Exército, fez sua última inspeção às unidades militares do Rio Grande do Sul, pois deixará a ativa em outubro para assumir a vaga aberta no Superior Tribunal Militar com a indicação do General Adalberto Pereira dos Santos à Vice-Presidência da República. Contudo, apesar do sentido de despedida da visita, os oficiais que o homenagearam no Quartel-General do III Exército, perfilados sobre o piso de desenhos geométricos do Salão Nobre, voltaram a reconhecer algumas de suas características: os indefectíveis óculos escuros e os discursos incisivos mesmo em simples reuniões de confraternização. Confiante, Ramos reafirmou o compromisso de que "*no momento em que os objetivos revolucionários forem atingidos na totalidade, retornaremos à plenitude democrática*". E, otimista, anunciou: "*Breve o Brasil será o país de nossos sonhos juvenis*". Para alguns dos oficiais presentes, inclusive oito Generais, o chefe do DGE falava uma linguagem bastante familiar pois, no começo da sua carreira de 47 anos, passou seis na área do III Exército, como oficial do 1° Batalhão Ferroviário, agora sediado em Santa Catarina.

Na sua reminiscência, o General Rodrigo Octávio lembrou os movimentos revolucionários brasileiros, de 1922 a 1964, e concluiu satisfeito: "*A nossa geração, com orgulho natural e sem vaidades, cumpriu o seu dever*". Sem lembrar nomes, recordou que os três Presidentes da Revolução "*enfrentaram problemas difíceis*" e fez um pedido: "*O quarto Presidente do movimento de 1964 deverá ser apoiado incondicionalmente*".

Mas, foi com a Amazônia, seu assunto predileto, que o General encerrou seu discurso e sua despedida do Rio Grande do Sul. Advertiu sobre as "*pressões externas e a cobiça internacional sobre os nossos espaços vazios, notadamente a Amazônia*", e previu: "*A luta será árdua, mas venceremos*". Com um leve sorriso e talvez um pouco surpreso, Ramos recebeu um cartão de prata homenageando-o pela indicação ao STM, entregue em nome do III Exército pelo seu Comandante, General Oscar Luiz da Silva, seu colega DE TURMA. (REVISTA VEJA N° 264)

Superior Tribunal Militar (STM)

(18.10.1973)

Só unificado, integrado, socialmente justo: economicamente equilibrado e politicamente democratizado poderá o Brasil enfrentar os novos tempos. (Rodrigo Octávio – Posse no STM, 1973)

A 17.10.1973, o BI n° 194 publica ter-lhe sido conferido pelo Exm° Senhor Ministro do Exército as referências elogiosas que seguem: Distinguido pela escolha do Exm° Senhor Presidente da República e consagrado na apreciação do Senado Federal, ascende à alta dignidade de Ministro do Superior Tribunal Militar o Exm° Sr. General-de-Exército Rodrigo Octávio Jordão Ramos, que ingressa do Quadro Especial, a que se destinam os Oficiais Generais integrantes daquela venerável corte.

No egrégio ([1]) plenário, em que o soldado se converte em magistrado, associando as virtudes militares aos atributos característicos dos autênticos juízes, a figura do General Rodrigo Octávio irá impor-se à estima e ao respeito de seus eminentes pares mercê de sua esclarecida inteligência, elevado critério de julgamento, vasta cultura e larga experiência, adquirida em quase meio século de fecunda e devotada vida profissional, ao longo da qual deixou um magnífico legado de obras e serviços, de que se beneficiarão por muito tempo as atuais e futuras gerações do Exército. Desde os primórdios de sua mocidade, podia-se antever a brilhante carreira que estava reservada ao jovem aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, que conquistara a rara distinção de figurar no "*Pantheon*" daquele tradicional e modelar educandário. Com o mesmo brilhantismo e entusiasmo pelos estudos, concluiu, em 1930, o Curso da Escola Militar do Realengo, granjeando em poucos anos excepcional reputação como Oficial Subalterno e Capitão da Arma de Engenharia, por sua competência técnica, dedicação ao trabalho e à instrução, zelo profissional e senso de responsabilidade. Tais atributos, aliados a seus abalizados conhecimentos em matéria de comunicações, credenciaram-no ao desempenho de destacadas e relevantes comissões, duas das quais no exterior: a primeira nos Estados Unidos da América, com a missão de organizar o projeto completo para instalação de uma fábrica de material de comunicações no Brasil; a segunda, como Chefe da Delegação Brasileira na Conferência Internacional de Telecomunicações, no Cairo, onde se conduziu com extraordinário discernimento e eficiência. Após concluir o Curso de Aperfeiçoamento com excepcional destaque, foi designado para uma Unidade de Engenharia de Construção – o 2° Batalhão Ferroviário, onde

[1] Egrégio: insigne, admirável.

demonstrou invulgares qualidades para o comando e chefia, no desempenho de variadas funções, inclusive como Comandante interino do Batalhão. Dessa operosa Unidade ferroviária entre o Sul e o Centro do País e na qual revelou especial pendor para os trabalhos de estradas, o então Major Rodrigo Octávio afastou-se para cursar a Escola de Estado Maior, onde logrou obter o mesmo invejável conceito alcançado nas Escolas precedentes. A partir de então, conquistou renome como Oficial de Estado-Maior no cumprimento das mais relevantes e difíceis Comissões, na 4ª Região Militar, na Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, e na Diretoria de Engenharia. Em fins de 1949, já no posto de Tenente Coronel, retornou à sua antiga Unidade, o 2° Batalhão Ferroviário, cujo Comando exerceu por mais de dois anos, com extraordinária dedicação e proficiência, impulsionando seus comandados na realização da meritória obra de inestimável valor estratégico, de que tanto nos orgulhamos hoje em dia.

A seguir, emprestou sua valiosa colaboração à nascente Escola Superior de Guerra, cujos fundamentos doutrinários foram lançados por uma selecionada equipe de oficiais, entre os quais se encontrava o Tenente-Coronel Rodrigo Octávio que, durante dois anos consecutivos, de 1952 a 1954, contribuiu com sua inteligência e sólida cultura para que se firmassem as bases do Departamento de Estudos da Divisão de Assuntos Militares e da Divisão de assuntos Internacionais daquele Instituto de altos estudos da Segurança Nacional. Em 1954, o Coronel Rodrigo Octávio, graças ao excelente conceito alcançado no seio da classe, foi chamado a prestar serviços no Gabinete Militar da Presidência da República, nas funções de Chefe, de onde ascendeu, poucos meses depois, ao cargo de Ministro de Estado de Viação e Obras Públicas.

Estava assim, consagrado o Chefe Militar, que se credenciava a tão alta investidura num período de grave dificuldade da vida nacional. Passada a fase aguda e após ter prestado sua esclarecida colaboração ao Governo Federal, reverteu o Coronel Rodrigo Octávio à atividade militar desempenhando, sucessivamente, os comandos do 1° Grupamento de Engenharia, no Nordeste, do 1° Batalhão Ferroviário, no Sul do país, e a Chefia da Seção do Estado Maior das Forças Armadas, nos quais reafirmou as características de liderança militar, no cumprimento de missões de alta relevância para a segurança e desenvolvimento do país. Em 25.07.1964, o Governo da República, em reconhecimento ao seu valor profissional e inestimáveis serviços prestados ao Exército, alçou-o ao Generalato.

Como Oficial General, exerceu com inexcedível zelo, dedicação e eficiência, os mais relevantes cargos, dentre os quais cumpre destacar os de Diretor de Material de Comunicações, Comandante da 7ª RM, Cmt CMA e 8ª RM, Chefe do DPO, Chefe do Departamento de Engenharia e Comunicações e Cmt da ESG. Sua atuação à frente do CMA tornou-se conhecida de todo o Exército, por seu grande entusiasmo pelo estudo da problemática militar da Amazônia e equacionamento das questões econômicas e sociais daquela imensa área do território nacional.

As viagens, inspeções e visitas que o General Rodrigo Octávio realizou em toda a imensa área amazônica e a todas as Organizações Militares atestam tenacidade, o valor e a têmpera desse eminente Oficial General. Finalmente, cumpre-se destacar o magnífico desempenho do General Rodrigo Octávio em sua mais recente Comissão, a Chefia do DGS. Durante os 18 meses em que esteve à frente desse importante Órgão de direção Setorial,

teve o devotado Chefe ensejo de pôr a prova sua extraordinária capacidade de trabalho, dinamismo, operosidade, realizando visitas, inspeções técnicas e administrativas a todos os estabelecimentos militares sob sua jurisdição. Em curto prazo, assenhoreou-se dos problemas gerais e dos pontos de estrangulamento de sua área, propondo ao Ministro nova organização para o Departamento e executando, ele próprio, a implantação do novo sistema, à base da integração funcional. Sem perda de tempo, atacou judiciosamente os diversos setores específicos, segundo critérios de urgência e prioridade.

No setor de Transportes, implantou o sistema de controle através da Diretoria respectiva, como órgão direcional com capacidade de coordenar os três ramos de transporte de interesse do Exército: administrativo, operacional e de mobilização.

No Setor de Material de Intendência, aperfeiçoou o sistema de provimento, qualitativa e quantitativamente, em particular no que se refere ao armamento e equipamento. Na parte referente à Subsistência, extinguiu os Órgãos antieconômicos e promoveu a melhoria funcional dos Órgãos de provimento de víveres e forragens, com a adoção de um novo sistema de arraçoamento. No Setor de Saúde, ampliou a capacidade das instalações hospitalares, com a criação de três Centros de Tratamento Intensivo – Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre. Promoveu o recompletamento dos efetivos dos estabelecimentos de saúde, com a convocação de médicos militares e a contratação de médicos civis. Realizou no HCE um trabalho de Assessoria Técnica para levantamento das necessidades, a fim de assegurar mais adequada dinâmica funcional ao nosocômio. Estabeleceu convênio para a produção de medicamentos em colaboração com a Central de Medicamentos.

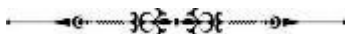
No campo da Remonta e Veterinária, realizou a aquisição de animais reprodutores e equipamentos agropecuários para o cultivo de pastagens em coudelarias e postos de remonta. Pôs em execução o Plano de Remonta para a produção do cavalo militar. Quanto à Assistência Social, concedeu auxílios sociais a pessoal militar e estabeleceu convênios com instituições especializadas para a assistência a dependentes excepcionais e psicopatas. No Setor do Processamento de Dados, realizou estudos para a implantação de Sistema de Processamento de Dados em áreas fundamentais do Exército em Convênio com a Fundação Getúlio Vargas, para análise da posição dos Órgãos de Processamento de Dados, no âmbito da Força Terrestre.

É, pois, com satisfação e no cumprimento de um indeclinável dever de justiça que louvo o General Rodrigo Octávio pela grande obra que vem de realizar no DGS, agradecendo ao digno camarada e prezado amigo a inestimável colaboração prestada à minha administração, especialmente no âmbito do Alto Comando e do Conselho Superior de Economia e Finanças, onde seus pronunciamentos foram sempre vazados no maior patriotismo e mais acendrado civismo.

No momento em que o preclaro Chefe Militar se aparta do convívio da caserna para sentar-se na insigne curul ([2]) dos magistrados, expresso-lhe a convicção que vai no espírito de todos os seus camaradas, de que suas sentenças haverão de inspirar-se na inteireza do caráter, no brilho da inteligência e no espírito imparcial do velho soldado, que há de dignificar a magistratura, como dignificou o Exército. [Ministro Orlando Beckmann Geisel]

---

[2] Curul: cadeira de marfim reservada outrora a certos magistrados romanos.

Revista VEJA n° 268
São Paulo, SP – Quarta-feira, 24.10.1973

Rodrigo Octávio no STM

Na semana passada, desfez-se definitivamente um dos velhos sonhos do General Rodrigo Octávio Jordão Ramos: deixar o serviço ativo do Exército e ir morar na Amazônia. Na terça-feira, ele deixou o Alto Comando e passou a Diretoria Geral de Serviços ao General Reynaldo Mello de Almeida. No dia seguinte, recebeu das mãos do Ministro Jurandyr de Bizarria Mamede a faixa de membro do Superior Tribunal Militar, onde a aposentadoria só haverá de atingi-lo daqui a 7 anos, quando chegar à idade limite dos 70.

Até lá, ficará em Brasília. Mesmo não tendo deixado o Exército, o General, que na tropa ficou conhecido como "*R.O.*", despediu-se demoradamente de seus colegas. Há algumas semanas percorreu pela enésima vez a Amazônia e, de volta, só no dia 12 teve de pronunciar 12 discursos de agradecimento.

"*A casa dele parece um bazar, de tantas lembranças que chegaram nos últimos dias*", informa um colaborador. E, de despedida em despedida, o General percorreu todos os escalões de sua atividade no Exército. Na Cidade de Bonfim, na floresta, foi saudado por dois Pelotões de índios. Finalmente, ao passar o comando da DGS, teve ao seu lado o Ministro do Exército Orlando Geisel e dezenas de Generais lotados em Brasília.

Democracia pragmática – Ao entregar a Diretoria ao General Mello de Almeida, que tem três estrelas, mas será possivelmente o primeiro da lista de promoções de novembro, o Ministro disse-lhe:

É difícil substituir Rodrigo Octávio, mas tenho confiança em sua capacidade. Eu lhe peço, General, que trabalhe como se sua permanência na DGS fosse por muito tempo.

Na cerimônia, “*R.O.*” fez um longo discurso – treze laudas em trinta minutos – cujos originais foram revistos inúmeras vezes, a ponto de quase não estarem prontos à hora da leitura devido a uma última frase retardatária. Mantendo seu estilo bilaqueano ([3]), o General deixou para fazer sua principal afirmação política no plenário do STM, no dia seguinte, onde informou:

> A democracia que viermos a adotar, em definitivo, deverá ser não a ideal, dos filósofos e sociólogos, mas uma democracia pragmática que assegure as franquias ao povo, mas sem o deixar vítima inerme dos subversivos e terroristas, ou constitua impasse às ações centralizadas de planejamento, visando ao desenvolvimento em toda a sua extensão e à justiça social.

À noite, em trajes civis, foi homenageado por 120 amigos numa churrascaria, e lá, pela terceira vez, deixou escapar algumas lágrimas, enquanto sua neta percorria as mesas distribuindo rosas às esposas dos convidados. Agora, como Ministro do STM, o General não poderá continuar a participar ativamente da luta à qual dedicou sua carreira: a ocupação da Amazônia, uma região que conheceu quando as fronteiras estavam povoadas apenas pelos marcos do Barão do Rio Branco. (REVISTA VEJA N° 264)

No STM, os princípios democráticos e a conduta moral do General Rodrigo Octávio foram por diversas vezes colocados à prova.

---

[3] Bilaqueano: de Olavo Bilac.

O Estado de São Paulo
São Paulo, SP – Sábado, 21.05.1977

Rodrigo Octávio faz libelo contra tortura

O General Rodrigo Octávio, Ministro do Superior Tribunal Militar, qualificou ontem de "*fanáticos, ignorantes e irresponsáveis*" os que usam de torturas e sevícias para obter provas contra acusados, "*no afã de servir à estrutura político-jurídica vigente*". Sua afirmação ocorreu no julgamento de revisão criminal de interesse do jovem Mário Miranda de Albuquerque, que foi condenado juntamente com outras pessoas por tentar reorganizar o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, em Pernambuco. Mário perdeu a revisão, porque o Tribunal não aceitou a tese de que ele respondera a dois processos pelo mesmo crime. Voto divergente, o Ministro Rodrigo Otávio acolheu os argumentos da defesa e, diante da revelação de torturas e sevícias contra os presos, propôs o encaminhamento de peças do processo para o Ministério Público Militar, a fim de que fosse instaurado inquérito a respeito.

Segundo consta do processo, um dos presos, de nome Odijas Carvalho de Souza, acabou morrendo por não resistir às torturas que lhe foram aplicadas por agentes do DOPS no Recife. O inquérito arrolará dois policiais – Edmundo de Brito Lima e Fausto Venâncio da Silva.

As Torturas.

O General Rodrigo Octávio particularizou, em seu voto, que os depoimentos dos réus eram unânimes em afirmar "*a continuada ação de sevícias e torturas por eles sofrida*".

Esse procedimento doloso dos policiais "*teria motivado a morte de Odijas Carvalho de Souza no dia 8 de fevereiro, isto é, dez dias depois da sua prisão*". Acrescentou que os dois policiais estariam então incursos em vários dispositivos da legislação penal, com o agravante "*por falta de comunicação à família*" e por "*não ter sido realizada a indispensável autópsia do corpo*". Segundo o Ministro, somente a autópsia poderia confirmar ou não a morte violenta. Estranhou, ainda, o Ministro Rodrigo Octávio não ter sido instaurado inquérito policial, a despeito das denúncias dos presos, de repetidas solicitações da família do morto e das "*duvidosas circunstâncias*" em que morreu o acusado. "*Fato mais grave – disse o General, depois de analisar as peças de acusação a Mário Miranda de Albuquerque – suscita o exame da apelação número 39.155, oriundo das acusações feitas aos policiais Edmundo de Brito Lima, Fausto Venâncio da Silva e outros, na auditoria da CJM, por Maria Barros dos Santos, Maria Yvone de Souza Loureiro, Lylia da Silva Guedes e Carlos Alberto Soares [Fis, 733VN 734, 735, 744 e 749/750], por sevícias e torturas feitas, aos mesmos e a Odijas Carvalho de Souza, podendo ser causa de sua morte.*

Na defesa de salvaguarda dos direitos e garantias individuais, expressos no Artigo 153 [caput], Parágrafo 14, como consequência não só de nossa formação humanística, espírito democrático e tradição liberal, como do compromisso assumido na Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada em resolução da III Sessão Ordinária da Assembleia Geral das Nações Unidas, em que pese o atestado de óbito afirmar que a "causa mortis" tenha sido embolia pulmonar; tal crime, se houve, deverá ser devidamente apurado, tanto mais que nem sequer houve autópsia e o corpo foi enterrado com completo desconhecimento da esposa e família [preso a 28 de janeiro e morte a 8 de fevereiro],

Requerimento da esposa para abertura à IPM e consequente autópsia a 22.03.1971; parecer da Procuradoria a 07.04.1971 e denegação do CJ a 15.07.1971)".

Censura

"*É preciso que se evidencie, continuou o General de maneira clara e insofismável, que o Governo e as Forças Armadas não podem responder pelo abuso e a ignorância de meia dúzia de fanáticos ou irresponsáveis que usam de torturas e sevícias, para obtenção de provas comprometedoras, no afã de servir à estrutura político-jurídica vigente*". "*É lamentável*" – prosseguiu – "*que o Conselho de Justiça da 7ª CJM, por maioria, contra os votos dos Capitães Dirceu Soares e Dinarte Francisco Pereira Nunes de Andrade, na oportunidade, podendo verificar com mais profundidade as acusações relativas aos espancamentos de Odijas Carvalho de Souza e de sua esposa Maria Yvone de Souza Loureiro, pelos policiais Edmundo de Brito Lima e Fausto Venâncio da Silva tenha deixado de fazê-lo, manifestando-se nos seguintes termos:*

> O Conselho Permanente de Justiça do Exército resolveu, por maioria de votos, não determinar a abertura de Inquérito Policial Militar, solicitada através da petição das fls. 22 e 23 do anexo III, uma vez que às fls. 27, do mesmo apenso, encontramos Certidão de Óbito, referente a Odijas Carvalho de Souza, que teria falecido em 08 de fevereiro do corrente ano, às cinco horas e 30 minutos no Hospital da Polícia Militar, com embolia pulmonar.

Tal fato, ocorrido 10 dias após a prisão de Odijas Carvalho de Souza [29 de janeiro a 8 de fevereiro], traz no seu bojo grave suspeição, pois tratava-se de um jovem de 25 anos, em gozo de perfeita saúde, quando detido pela polícia". (SÃO PAULO, 21.05.1977)

Revista VEJA n° 484

São Paulo, SP – Quarta-feira, 14.12.1977

Arbítrio

A recomendação é desnecessária. Disposto exatamente a controlar a situação, o Governo planeja em total sigilo as salvaguardas que tomarão o lugar do AI-5. Por exemplo, a adoção do estado de emergência para substituir o tradicional estado de sítio, considerado ineficiente para proteger o regime. Essa ideia foi defendida em caráter pessoal, na última quarta-feira, pelo General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, Ministro do Superior Tribunal Militar. Animado pelas promessas do Presidente Geisel, ele retomou sua persistente pregação em favor da institucionalização política – "*a medida mais difícil de ser consagrada pela Revolução*" – e disse ser hora "*de retornarmos sem maior protelação ao leito da corrente democrática*".

O General Rodrigo Octávio advoga para isso, como já o fizera o Senador gaúcho Daniel Krieger, em 1974, a retomada da Constituição de 1967, acrescida do instituto do estado de emergência para os momentos de grave crise. Um Conselho de Estado com onze membros, representando os três poderes da República, decidiria quando decretar e como executar as medidas de emergência. Nos projetos de Krieger, ao Superior Tribunal Militar, como única instância, caberia examinar, cessado o período excepcional, os recursos dos que tiverem sido punidos durante sua vigência. Com ou sem o Conselho de Estado, a instituição do Estado de Emergência era tida na semana passada como a fórmula mais provável das salvaguardas.

> A hipótese do colegiado tem a seu favor a preocupação – gerada pelo AI-5 – de eliminar-se o arbítrio exclusivo do Presidente da República. (REVISTA VEJA N° 484)

Na despedida do Ministro General Augusto Fragoso, do STM, em 25.10.1978, estavam presentes diversos oficiais Generais e dentre eles o Ministro do Exército, General Bethlem e o futuro Ministro, General Walter Pires. O General Rodrigo Octávio, visivelmente emocionado, se despediu do amigo num longo discurso em que reiterou que o País deveria ter retornado à democracia plena, em 1972, com a devolução do poder aos civis.

Pregou a reforma da Constituição e o fim dos Atos Institucionais e Complementares; uma reforma total das leis de Segurança e de Imprensa, bem como de toda legislação política.

O jornalista Hélio Contreiras, no seu livro "*AI-5 – A Opressão no Brasil*", relata que o General Rodrigo Octávio fez um acalorado discurso de despedida ao General Augusto Fragoso, que deixava as funções de Ministro do Superior Tribunal Militar. No discurso, Rodrigo Octávio, fez considerações veementes e corajosas ao AI-5:

> Jamais, como magistrado, no aplicar judiciosa e humanamente a lei, V. Ex.ª se deixou atemorizar pelo autoritarismo que um regime discricionário instalara no país, a partir de dezembro de 1968, e que, desde 1972, poderia ter cessado, superadas as causas determinantes de sua implantação, de maneira que os poderes constitucionais vigessem desde essa época em toda sua plenitude e com suas prerrogativas tradicionais restabelecidas. [...]

O General Rodrigo Octávio ressaltou, ainda, que:

> A presença da defesa, desde o início da detenção, estava amparada em disposições constitucionais e legais, que não podiam deixar de ser respeitadas pela autoridade policial. [...] É inadmissível, na normalização democrática que buscamos, se possam admitir restrições à liberdade de manifestação do pensamento por ação de autoridade executiva, em face do cerceamento previsto, inclusive a censura prévia, aos meios de comunicação social, muitas estritamente da competência da esfera judiciária. Desde que a liberdade, como conquista dos povos civilizados, não é uma outorga do Poder Público, nem a imprensa um favor concedido, o caminho para promover a responsabilidade de seus abusos, em detrimento da soberania ou da preservação das instituições, só pode ser o da Justiça. (CONTREIRAS)

Rodrigo Octávio criticava também a ênfase exagerada dos radicais à "*subversão*".

> É preciso que cesse, de vez, a psicose deletéria da existência de uma subversão permanente, pois tal visão radicalizante, exprimindo a realidade de um país dividido, somente poderá dificultar a distensão em curso, em uma inoportuna e injustificada demonstração de que ainda há quem sustente a necessidade da vigência, sem prazo, do autoritarismo escorado nas leis de exceção ou em salvaguardas inconsequentes e ineficazes, uma vez que a segurança do Estado não pode ser alicerçada na insegurança dos cidadãos. É preciso não esquecermos, ainda, que todas as crises institucionais do país foram – nos tempos imperiais e republicanos –, sempre solucionadas pela conciliação, constante positiva em nossa evolução política, resultante da fraternidade e do espírito de tolerância que tem congregado a família brasileira, na conquista dos nossos grandes

> propósitos, como os ora em perspectiva – reconstrução nacional e retorno ao estado de direito democrático. Preliminar, se me afigura, atendendo aos reclamos generalizados do nosso grupo social, para a objetivação de tal tarefa comum, a concessão da anistia, por medida legal adequada, e a revisão das punições decorrentes da excepcionalidade revolucionária, por via administrativa, de todos aqueles que foram punidos por crimes políticos, sem conotação ética, moral ou terrorista. (CONTREIRAS)

O STM tinha eleições marcadas para março de 1979, e o General Rodrigo Octávio era o candidato natural para ocupar a Presidência da instituição.

O biênio pertencia ao Exército e Rodrigo Octávio era o mais antigo em exercício no STM. O seu inflamado e democrático discurso, porém, encontrou muita resistência entre os Ministros do STM.

Dever cumprido. Missão finda. Consciência tranquila.
(Rodrigo Octávio – Discurso de despedida do STM, 1979)

O Brigadeiro Délio Jardim de Mattos, na época Ministro do STM, fez campanha para o General Reinaldo Mello de Almeida que foi eleito Presidente da Suprema Corte por maioria absoluta. Rodrigo Octávio nunca mais poria os pés no plenário do STM. Como se pode observar por esta pequena amostra de recortes de jornais e dos elogios que copiei de suas alterações no Memorial General Rodrigo Octávio, construído na sede do 2° Grupamento, *"R.O."*, como era, respeitosa e carinhosamente, conhecido no círculo de seus pares e subordinados, participou ativamente de todos os grandes acontecimentos nacionais, e atingiu o generalato, em julho de 1964, mercê de suas inegáveis qualificações morais e profissionais.

"*R.O.*" destacou-se de forma singular em todas as funções que exerceu nos seus cinquenta anos, onze meses e cinco dias de dedicação integral ao Exército e à Pátria.

Amazônia Brasileira

Mas foi na Região Amazônica que o General "*R.O.*" deixou, gravada sua passagem para a posteridade. Assumiu o Comando Militar da Amazônia/12ª Região Militar (CMA/12ª RM), em 26.07.1968, quando este comando ainda estava sediado em Belém, Pará e, divisando a necessidade estratégica premente de uma maior integração, desenvolvimento e defesa da Amazônia Brasileira, transferiu a sede do CMA/12ª RM para Manaus, Amazonas. O General-de-Brigada Tibério Kimmel de Macedo, no seu livro "*Eles não viveram em vão*", às páginas 47 e 48, faz a seguinte referência ao General Rodrigo Octávio, quando este era Comandante do CMA/12ª RM, e decidiu transferir o Comando Militar da Amazônia para Manaus:

> Sabia e sentia que um Comando de tal importância e envergadura, naquelas Latitudes onde as distâncias se mediam pelo grau Meridiano, devia estar mais para o interior, mais próximo dos seus elementos subordinados. (MACEDO)

E o Gen Tibério prossegue:

> MACEDO: Quando da criação do 2° Grupamento de Engenharia [2° Gpt E], este incansável "*Paladino da Integração da Amazônia*" não estava mais no Comando da Amazônia, que comandou de 26.07.1968 até 31.03.1970, nas suas sedes de Belém e Manaus. Em julho de 1970, estava na Chefia do Departamento de Produção e Obras [DPO], Departamento que representava o órgão máximo da

Engenharia Militar. No fecho do boletim Especial n° 12 do DPO, do ano de 1970, o Gen Rodrigo Octávio fez publicar as seguintes palavras, suas:

> O Exército e a Engenharia em particular, estão prontos a cumprir a sua parte nesta grande obra, malgrado os obstáculos a vencer, os sacrifícios a enfrentar, os embates a superar, honrando a bravura e o estoicismo de nossos antepassados, representados pelos Missionários, Soldados e Sertanistas, que conquistaram e mantiveram para o Brasil esta grande Amazônia que não é nem um Inferno Verde, nem um Paraíso Perdido, mas que é a Amazônia Brasileira, onde uma geração ansiosa e confiante espera o esplendente alvorecer de um amanhã fecundo, diferente e promissor. (MACEDO)

E acrescentava:

> Só assim, a Amazônia se preservará e o Brasil se engrandecerá. Árdua é a missão de desenvolver e defender a Amazônia. Muito mais difícil, porém, foi a de nossos antepassados em conquistá-la e mantê-la.

Na Cruzada Santa, antes aludida, o Velho Chefe haveria de criar não só o 5° Batalhão de Engenharia de Construção [5° BECnst], mas, também, os 6°, 7°, 8° e 9° BECnst e, por último o 2° Gpt E Cnst. Havia combatido o bom combate e, por isso, considerava a Engenharia pronta para a grande obra que ele havia imaginado: Integrar a Amazônia ao ecúmeno nacional.

O grande Chefe *"R.O."* foi um homem que, visionário, alcançava adiante de seu tempo. Embora homem de seu tempo, desassombrado e realista, via o futuro, sopesava-o e adotava medidas para tornar a Engenharia Militar e o Exército, mais aparelhados, melhor postados e posicionados para enfrentar os embates que, ele sabia, haveriam de vir, no futuro.

A propósito da Amazônia e as cobiças do Mundo, costumava citar George Washington: "*Não pode haver erro maior, para uma nação, do que esperar ou contar com favores desinteressados de outra*". Sobre o Gen "*R.O.*", o General-de-Exército Aurélio de Lyra Tavares, Ministro da Guerra, afirmou:

> O Exército do meu tempo e o Brasil de todos os tempos, muito ficaram devendo ao General Rodrigo Octávio Jordão Ramos no vigoroso e seguro equacionamento da problemática da dinamização da Amazônia e pelo grande impulso da programação projetada, graças ao qual <u>a região ganhou aspecto de uma civilização em marcha</u>, encontrando-se em franca evolução para uma nova realização, agora já irreversível. (MACEDO)

Ao despedir-se do cargo de Ministro do STM, R.O. assim se definiria:

> MACEDO: Na história de minha existência, o tempo passado a serviço do Brasil, se inscreve em um capítulo de mais de meio século. Na disciplina intransigente, no respeito hierárquico, na firmeza de convicções democráticas, na lealdade inconteste aos camaradas, no companheirismo permanente, no estímulo à juventude, na obsessão da justiça, ele foi vivido com ética, coerência, obstinação e, sobretudo, fé missionária no desejo de, como integrante de um grupo de soldados que, guiados pelo mesmo ardor patriótico e comungando das mesmas aspirações e ideias, têm procurado construir um novo Brasil, pleno de humanização, democracia, eternidade e grandeza. (MACEDO)

Graças ao General "*R.O.*" a Amazônia Brasileira, na década de "*70*", teve um período de desenvolvimento sem precedentes na região. O Brasil como um todo experimentou na ciência, educação, saúde, segu-

rança uma fase jamais experimentada em toda a sua história e que servia de inspiração às demais nações soberanas do planeta. Certamente o Gen "*R.O.*" foi um dos elementos propulsores deste ciclo formidável que ficou conhecido, na História das Nações, como "*Milagre Brasileiro*". Como reconhecimento pelos seus dotes intelectuais, morais e relevantes serviços prestados à Nação Brasileira, recebeu 17 condecorações em vida, e "*post mortem*" a Medalha do Serviço Amazônico e o Diploma de Pioneiro da Engenharia Militar da Amazônia.

Sua viúva, Celeste Jordão Ramos, afirmou que:

> Ele foi alijado da vida pública nacional pelos setores do regime que não aceitavam sua pregação em favor dos direitos humanos.

Rodrigo Octávio morreu, aos 70 anos, em São Paulo, em consequência de complicações de uma cirurgia destinada a eliminar uma antiga insuficiência coronária.

2° Grupamento de Engenharia – 2° Gpt E

> O 2° Gpt Eng, com sede em Manaus, AM, foi criado pelo Decreto 66.976, de 28.07.1970 e está subordinado ao Comando Militar da Amazônia [CMA], para fins de administração, emprego militar e disciplina, e à Diretoria de Obras de Cooperação [DOC], para efeito da execução dos trabalhos de Engenharia delegados ao Exército, por convênios com órgãos civis. É um Grande Comando da Arma de Engenharia e a ele estão subordinadas, seis Organizações Militares [OM], cujas atividades coordena, assim articuladas:
>
> ✧ 21ª Companhia de Engenharia de Construção [21ª Cia E Cnst], SGC, AM;

- ✧ 5° Batalhão de Engenharia de Construção [5° BE Cnst], Porto Velho, RO;
- ✧ 6° Batalhão de Engenharia de Construção [6° BE Cnst], Boa vista, RR;
- ✧ 7° Batalhão de Engenharia de Construção [7° BE Cnst], Rio Branco, AC;
- ✧ 8° Batalhão de Engenharia de Construção [8° BE Cnst], Santarém, PA.

A Portaria Ministerial n° 101 de 04.03.1993 concedeu ao 2° Gpt E Cnst a denominação histórica de "*Grupamento Rodrigo Octávio*", em homenagem ao idealizador e criador do 2° Gpt E Cnst, marco fundamental do desenvolvimento e integração da região amazônica. (www.exercito.gov.br)

Narrar a história da Engenharia Militar na Amazônia é falar do 2° Grupamento, com sede em Manaus/AM e suas Unidades de Engenharia de Construção, pois as duas histórias estão amalgamadas pelos objetivos de seu idealizador, o General-de-Exército Rodrigo Octávio Jordão Ramos, que já nos idos de 1970, vislumbrava a importância fundamental de uma infraestrutura viária para o desenvolvimento da Amazônia. A Engenharia Militar tem como missão de promover meios para a defesa da região e, ao mesmo tempo, sua integração estratégica à vida brasileira. Desta forma, a Engenharia Militar aplica, diuturna e permanentemente, a sua peculiar dualidade: adestrar sua tropa operacional e tecnicamente, e, simultaneamente, cooperar com os programas de desenvolvimento regional.

As grandes distâncias, as dificuldades do apoio logístico, a impenetrabilidade da floresta, as características fisiográficas do terreno e o vulto das operações são desafios vencidos ombro-a-ombro, com a determinação e a perseverança peculiares do

soldado-engenheiro. Desde que iniciou suas atividades até os dias atuais, um grande acervo de obras e realizações se alinha entre as missões cumpridas pela Engenharia Verde-Oliva, destacando-se a construção de 90% das estradas federais existentes na Amazônia, a implantação de aeródromos, portos fluviais e construção de aquartelamentos. Além da execução de tão importantes trabalhos, a Engenharia Militar busca soluções tecnológicas para ultrapassar as dificuldades impostas pelas condições locais, participa ativamente da qualificação de jovens que prestam o Serviço Militar, facilitando sua reinserção no mercado de trabalho e coopera com o desenvolvimento das comunidades, visando o uso sustentável dos recursos locais e o fortalecimento da região onde atua, o que resulta em maior benefício social e segurança para a população. (Seção de Comunicação Social do 2° Gpt E)

Diabo Malandro
(Keilah Diniz)

Comigo ninguém pode
Eu pulo, eu grito, eu mostro
A minha cara de mau.

Nasci no Inferno Verde
A virgem mata me criou
Sou mestre em artimanhas
Minha arma é o pavor.

Eu tenho vários nomes
Depende de quem me vê
Pra uns sou o diabo
Ou o saci-pererê.

Diabo malandro, safado, danado
Tinhoso, manhoso, pode me xingar
Eu sou mesmo um chato, capeta, perneta
Mas na minha terra ninguém vi mandar. [...]

Rei dos Rios
(Marcos Lima e Inaldo Medeiros)

Lágrima que brota dos Andes
Cordilheira cristalina de esperança

Eldorado do povo amazônida
Labirinto nativo de águas barrentas

Gigante de encantos e lendas
Santuário de peixes e mananciais
Fertilizador de Igarapés, Lagos, Furos e Paranás

Amazonas, das Amazonas
Do repiquete, da piracema
Do pasto novo da vazante
E vida nova na enchente ...

Rio das Amazonas

O Amazonas é um extraordinário manancial que vem desafiando, através dos últimos cinco séculos, não apenas a capacidade dos cientistas de determinar suas características fisiogeográficas e a pródiga imaginação dos românticos poetas mas, sobretudo, a capacidade de sobrevivência sustentável dos povos da floresta cujas vidas dependem diretamente de suas águas.

Águas alegres e generosas que fertilizam a várzea e estimulam os ribeirinhos a acorrerem em mutirões lançando, na vazante, suas sementes às praias fecundas, para colher mais tarde os frutos de seu esforço e da munificência do pródigo caudal. Águas por vezes procelosas, soturnas, fúnebres mesmo, arrancando enormes barrancos das margens arrastando árvores, casas e levando o terror às almas destemidas dos povos das águas.

O Rio, que no passado corria para o Pacífico, que mais tarde foi transformado em um imenso Lago (Pebas) continua moldando, trabalhando as margens a seu bel-prazer. Arrancando um barranco aqui, iniciando uma Ilha mais adiante, assoreando e abandonando um Canal acolá, transformando um pequeno Furo em braço principal e levando por diante uma Ilha mais além, é a "*Inconstância Tumultuária*" a que se refere o inigualável Euclides da Cunha, no seu "*Paraíso Perdido*".

Amazônia, a Pátria da Água

O artífice das letras Thiago de Mello faz um belo relato poético-geográfico do grande Rio sob o título "*Nasce o Amazonas*". O texto do grande mestre nos faz sonhar! Vagamos juntos desde a cordilheira majestosa,

onde o pequeno filete d’água brota das perenes geleiras moldando seu curso, ainda infantil, na parede das rochas, e ganha, pouco a pouco, energia de outras fontes andinas até penetrar na luxuriante vereda tropical cujo traçado instável e indeciso segue a cavaleiro da linha do Equador até alcançar o mar através de seu formidável estuário.

> Da altura extrema da cordilheira, onde as neves são eternas, a água se desprende e traça um risco trêmulo na pele antiga da pedra: o Amazonas acaba de nascer. A cada instante ele nasce. Descende devagar, sinuosa luz, para crescer no chão. Varando verdes, inventa seu caminho e se acrescenta. Águas subterrâneas afloram para abraçar-se com a água que desceu dos Andes. Do bojo das nuvens alvíssimas, tangidas pelo vento, desce a água celeste. Reunidas, elas avançam, multiplicadas em infinitos caminhos, banhando a imensa planície cortada pela linha do Equador. Planície que ocupa a vigésima parte da superfície deste lugar chamado Terra, onde moramos. Verde Universo equatorial, que abrange nove países da América Latina e ocupa quase a metade do chão brasileiro. Aqui está a maior reserva mundial de água doce, ramificado em milhares de caminhos de água, mágico labirinto que de si mesmo se recria incessante, atravessando milhões de quilômetros quadrados de território verde... É a Amazônia, a pátria da água. (MELLO)

À Margem do Amazonas

O escritor Aurélio Pinheiro, o maior romancista do Rio Grande do Norte, lançou seu primeiro romance, “*O Desterro de Umberto Saraiva*”, em 1926, editado na livraria Clássica, de Manaus e, em 1937, pela Companhia Editora Nacional, o “*A Margem do Amazonas*”.

Reproduziremos um trecho desta histórica obra:

Ao chegar ao Haiti, Colombo quer ver o lugar das minas, porém os indígenas informam ao navegador que essa terra ficava ao Oriente. Colombo arriba, inquieto, desistindo da aventura.
(Joachim Heinrich Campe)

Havia um país atravessado por um Mar Branco, cujas vagas arrastavam areias de ouro e pedras diamantinas. A capital desse país, Manôa, [nome semelhante ao da tribo Manao ou Manôa, que vivia no solo onde foi fundada Manaus, capital do Estado do Amazonas] era uma grande Cidade, com muitos palácios, alguns construídos com pedras marchetadas de prata; outros possuíam telhados de ouro. No solo viam-se metais preciosos. Manôa continha todas as riquezas da terra; e lá reinava um homem que se chamava El Dorado, porque tinha no corpo reflexos de ouro, tal como o céu pontilhado de estrelas. (Barão de Santa-Anna Nery)

Nesse tom de fantasia, de deslumbramento, de miragens alucinantes, se vai desdobrando toda a história do descobrimento da América, e pouco a pouco a lenda do El Dorado cresce desordenadamente na imaginação dos conquistadores.

O primeiro homem que percorreu todo esse Mar Branco [à parte a viagem pela sua Foz contada por Vincente Pinzón, em janeiro de 1500, e a imprecisa digressão de Diogo de Leppe por todo o litoral do Brasil] Francisco de Orellana, Lugar-Tenente de Gonçalo Pizarro, depois valido ([4]) de Carlos V, afinal Governador Geral dessa região que se chamou Nova Andaluzia, por pertencer ao Reino da Espanha – muito sofreu antes de alcançar o País da Canela e o El Dorado, que pretendia desvendar ao mundo.

---

[4] Valido: protegido.

Dois anos e oito meses durou a infeliz aventura. E desde o vale de Zamaco, quando se reuniu a Gonçalo Pizarro, até onde o Amazonas se despeja no Atlântico, a sua caravana padeceu, como talvez nenhuma outra na terra, os revezes mais rudes, atormentada pelas moléstias, assaltada pelos silvícolas, esfomeada, destroçada, em farrapos, varando florestas e Rios.

E só quatro séculos depois, a História começou a fazer justiça a esse desgraçado aventureiro, que não foi um traidor, que sacrificou toda a fortuna nessa jornada célebre, e que veio, afinal, a morrer miseravelmente perdido entre as Ilhas do Amazonas.

Sobre esse temerário empreendimento os anos passam silenciosos; e só mais tarde, Lopo de Aguirre, a mais sinistra revelação da maldade humana, penetrou no Mar Branco em busca do país dos Omáguas, do El Dorado, depois de ter deixado nos barrancos do Solimões os cadáveres de Pedro Ursúa e seus companheiros, assassinados por ordem sua na noite trágica de 01.01.1561.

Perdem-se, desde essa época, os traços de novos exploradores do grande Rio.

Talvez porque os sacrifícios dessas explorações fossem além de toda expectativa; talvez por causa do desencantamento dos primeiros navegadores, que não chegaram a ver a famosa Manôa dos palácios de ouro e dos monumentos incrustados de pedras preciosas; talvez porque a Espanha se desinteressasse – apesar do Tratado de Tordesilhas – dessa Nova Andaluzia absurdamente grandiosa, que devorava tantas vidas – verdade é que não há notícias de outras expedições durante o domínio espanhol na Amazônia.

E ficou ao abandono, por muito tempo, a região feiticeira, notável até então apenas pelo furor guerreiro das Icamiabas que atacaram Francisco de Orellana na Foz histórica do Nhamundá, espalhando o terror e criando uma lenda maravilhosa.

Mas se os aventureiros espanhóis, fracassados em duas tentativas, desistiram de procurar o El Dorado, e nunca mais desceram das terras dos Incas às terras de Manôa, outras gentes vindas da França, da Inglaterra, da Holanda, se iam instalando nas Ilhas próximas à Embocadura, com o desplante e a audácia de senhores que nada temiam, fazendo de cada residência uma pequena Fortaleza, tal como na era recuada do feudalismo.

Datam daí, dessa imprudente infiltração estrangeira, as cenas épicas do povoamento do Amazonas. Os portugueses, embora ameaçados pelos franceses no Maranhão e pelos flamengos no Meio-Norte, defenderam corajosamente a nova terra, que a imprecisão e a caducidade do Tratado de Tordesilhas [desaparecido em 1640, quando Portugal se libertou do domínio espanhol] lhes entregavam como a mais assombrosa das dádivas.

E começaram as explorações metódicas, sistemáticas, práticas, sem a crendice nefasta das lendas.

Pedro Teixeira, partindo de Cametá, pequena Vila paraense, em 1637, subindo todo o Amazonas, todo o Solimões, todo o Napo, até Quito, comandando uma considerável flotilha de mais de quarenta grandes canoas e duas mil criaturas entre brancos e indígenas, – observou todo o baixo Amazonas, desde o seu extraordinário arquipélago até a confluência do Negro e Solimões. Firmava-se em toda a região a conquista portuguesa.

Caldeira Castello Branco, Maciel Parente, Aranha de Vasconcellos e muitos outros, foram incansáveis destroçadores dos ádvenas ([5]), e verdadeiramente os primeiros que levaram através da planície, até os altos Rios, a ideia da soberania e da posse.

Depois dessas entradas memoráveis se foram povoando as margens do Rio-Gigante. E os seus maiores afluentes, como o Xingu, o Tapajós, o Nhamundá, o Madeira, receberam os primeiros habitantes que procuravam a baunilha, o cacau, a canela, as ervas aromáticas: e caçavam desenfreadamente os indígenas, não para trazê-los à civilização, mas para acorrentá-los às senzalas.

Esgotada, enfim, após dezenas de anos de infatigável colheita, essa flora riquíssima, e diminuída a ânsia da caçada ao silvícola, porque este se tornara menos acessível recuando para as florestas centrais, organizando grandes núcleos de resistência, cheio de ódio ao Caríua ([6]) falso e perverso – sobreveio, afinal, um largo período de repouso. Sossegaram as desordenadas ambições dos exploradores. Firmaramse, aqui e ali, desde as várzeas magníficas de Marajó, aonde iam chegando as primeiras manadas de gado de Cabo Verde, às terras fecundíssimas do Madeira, os primitivos centros coloniais, os incipientes povoados, os rústicos estabelecimentos agrários, formando lentamente uma nova existência no desmedido deserto verde.

Seria, porém, enfadonho registrar etapa a etapa todo o processo evolutivo do Baixo-Amazonas, isto é, – do trecho onde o Amazonas toma geograficamente o seu verdadeiro nome – até a imponência e a riqueza de Belém do Pará e o encanto de Manaus.

---

[5] Ádvenas: estrangeiros.
[6] Caríua: Branco.

Entre as duas grandes capitais, a primeira na linda Baía do Guajará, a segunda à margem do Rio Negro, todo o Amazonas se foi povoando. Curralinho, Monte Alegre, Alenquer, Óbidos, Parintins, Itacoatiara, tornaram-se prósperas; apareceram os rebanhos, surdiram as roças, as terras de aluvião demasiadamente férteis acolheram as sementes do cacau – que deixava de ser silvestre, – do fumo das frutas.

Nasceram as pequenas indústrias; vieram os pomares; ergueram-se os engenhos de açúcar e aguardente – e a vida correu sempre quieta e farta nessa abençoada região da Hylea.

O seu progresso tem sido lento, quase imperceptível, com estranhas alternativas, porque as grandes cheias do Rio têm perturbado de vez em quando o ritmo da sua prosperidade, e também porque nesses transes jamais os seus habitantes foram amparados pelos poderes públicos.

Nos tempos agitados da borracha, grande parte da sua população partiu para os seringais; porém, ainda assim, resistiu à catástrofe da desvalorização.

Os que o deixaram num momento de perturbação, voltaram arrependidos e continuaram nas humildes profissões de vaqueiros, agricultores, pescadores.

O seu destino prosseguiu seguro e sereno entre os campos de gado, as roças de mandioca, milho e feijão, nos cacauais das várzeas e das terras firmes, nos guaranazais de Maués, nos tabacoais de Santarém e Itacoatiara, nos portos de lenha, nos castanhais do Trombetas e do Madeira, nos grandes centros de pecuária de Monte Alegre, do Nhamundá, do Autaz, nos copaíbais de toda parte, nos Lagos cheios de peixes, nas várzeas cheias de frutas.

Os viajantes que viram o Amazonas de bordo dos transatlânticos ou dos gaiolas, nas viagens de Belém a Manaus, voltam desencantados, decepcionados, descontentes, como se tivessem caído numa indigna cilada – porque não há nada mais insípido, mais desagradável, mais secante, do que esses quatro ou cinco dias de águas e florestas, sem perspectivas, sem horizonte, sem mutações, dando a ideia de que se atravessa um corredor asfixiante, sombrio, interminável, com a sensação de vesicatórios ([7]) pelo corpo. Um velho político da terra dos Barés dizia que esse era o Amazonas para uso externo – um Amazonas inexorável, que põe logo à prova a paciência e a boa vontade dos turistas. O outro, o Amazonas feiticeiro, empolgante, misterioso, surpreendente, fica por trás dessa infinita muralha verde.

É o Amazonas ameno e pingue ([8]) dos campos bucólicos, das roças alegres, dos sítios poéticos, das caboclas bonitas, dos cacauais em colheitas, das procissões fluviais do Divino, do trabalho e das festas. E mais do que tudo isso, o Amazonas dos Lagos imensos onde os caboclos nas montarias arpoam o pirarucu e o peixe-boi; o Amazonas dos recantos sombreados onde flutuam as grandes folhas circulares e fulguram as soberbas Vitórias-Régias; o Amazonas das praias de tartarugas, cujos cascos se entrechocam nas noites de postura; o Amazonas grandioso, claro, cintilante, que desperta nos corações amor e bondade. Esse é o Amazonas de incomparável beleza e de perene abundância, fascinante e hospitaleiro, como o último lugar na terra onde a vida oferece ainda, em proporções paradisíacas, o esplendor dos dias suaves, o imprevisto das paisagens deslumbrantes e a paz religiosa das águas e das florestas. (PINHEIRO)

---

[7] Vesicatórios: que produz vesículas.
[8] Pingue: fértil.

Rio das Amazonas

Rápido exame dos relevos da terra, no mapa físico da América do Sul, desperta imediatamente a atenção para a colossal baixada, onde, com o aspecto ordenado das nervuras no limbo de uma folha, se apresenta o Rio Amazonas e sua rede adjacente e radiciforme de afluentes: a mais abundante das bacias fluviais do mundo. (RANGEL)

O INPE, depois de analisadas as imagens de satélite e modelos de elevação digital do terreno gerados com radar orbital (SAR interferométrico), chegou à conclusão que a nascente do Rio Amazonas se origina em um dos córregos que alimentam o Rio Lloqueta, sendo os principais Caruhasanta e Apacheta, alimentados pelas águas do pico nevado Mismi, a 5.597 metros de altitude. Estes estudos foram validados pelo trabalho de campo executado pela "*Expedição Científica Binacional Peruano-Brasileira às Nascentes do Rio Amazonas*". Para os pesquisadores do INPE, o principal formador do Amazonas é a vertente da quebrada Apacheta.

Apacheta é, sem dúvida, a nascente original do Amazonas e o principal Córrego que alimenta o Rio Lloqueta, principal formador do Apurimac que corre no sentido Noroeste, passando por Cuzco, a mais de 3.000 m de altitude. Depois de percorrer pouco mais de 730 km, o Apurimac encontra com o Rio Mantaro para formar o Rio Ene, a uma altitude de 440 m e, mais adiante encontra com o Rio Perené a 330 m acima do nível do mar, passando a formar o Rio Tambo. Após sua confluência com o Rio Urubamba a 280 m de altitude, forma o Rio Ucayali. O Ucayali corre por um declive suave para o Norte até juntar-se com o Marañón, onde recebe o nome de Amazonas, até a fronteira do Brasil.

Na altura da Cidade de Tabatinga muda o nome para Solimões que toma o rumo geral Oeste-Leste, envolvido pela Hileia Amazônica e, em Manaus, após a junção com o Rio Negro, recebe, novamente, o nome de Amazonas e, como tal, segue até encontrar as águas do Oceano Atlântico.

É o maior Rio do planeta, tanto em volume d'água quanto em comprimento (6.992 km de extensão) e seu declive é mínimo, avançando lentamente pela maior várzea do planeta. De Tabatinga até a Ilha de Marajó, o desnível é de apenas 65 m em 3.200 km (uma média de 2 cm por quilômetro).

O curso Médio do Amazonas inicia em Contamana, pequena Cidade do Peru e se estende até Óbidos, a mil quilômetros da Foz, onde já se notam efeitos das marés. São aspectos igualmente curiosos os registros de velocidade, largura e navegabilidade.

A velocidade média, no médio e baixo cursos, é de 9 km/h, mas em Óbidos, onde o Rio tem sua passagem mais estreita em território brasileiro (2.600 m), a velocidade chega a 12 km/h. A largura é outra das medidas difíceis de calcular, em virtude das diversas Ilhas existentes no seu leito, dando origem à formação de vários braços ou "*Paranás*".

Um dos trechos mais largos, frontal à Foz do Tapajós e à cidade de Santarém, mede 35 km. É uma enorme área lacustre em que as águas predominam altaneiras. Nas épocas de cheia, alguns trechos ultrapassam os 50 km de largura. A diferença entre o nível máximo das enchentes (junho) e mais baixo da vazante (outubro-novembro) é, em média, é de 10,5 m.

Grande parte do Amazonas permite a navegação. Nos 3.700 km que vão da Foz à Cidade de Iquitos, sua profundidade (às vezes mais de 50 m) lhe permite receber navios de alto calado. Grande parte de seus afluentes são igualmente navegáveis, viabilizando o transporte hidroviário como o meio mais adequado e utilizado na região.

Infelizmente a maioria das embarcações ainda não faz uso de recursos tecnológicos modernos comprometendo a segurança das pessoas e cargas.

Entre os afluentes do Amazonas existem mananciais colossais. O Madeira é um dos vinte maiores do mundo; o Purus, o Tocantins e o Juruá estão entre os trinta principais. Em toda a rede desses afluentes, no Brasil, sobressaem, pela margem direita, o Javari, Juruá, Purus, Madeira, Tapajós e Xingu; pela margem esquerda, Içá, Japurá, Negro, Trombetas, Paru e Jari.

Pororoca

Bernardino José de Souza nasceu a 08.02.1884, no Engenho Murta, Vila Cristina, hoje Cristinápolis, SE. Foi Professor de Geografia, Historiador, Etnógrafo e autor de diversas obras sobre a terra e o povo brasileiro. No seu "*Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*" (editado em 1939) assim descreve o fenômeno:

> **Pororoca**: nome onomatopaico de curiosíssimo fenômeno, peculiar a alguns Rios da Amazônia, caracterizado por ondas de volume majestoso que, dotadas de vertiginosa velocidade ao lado de ruído trovejante e assustador, se enovelam em direção à montante do Rio, devastando tudo que encontram deixando nas margens os sinais patentes de seu poder destrutivo.

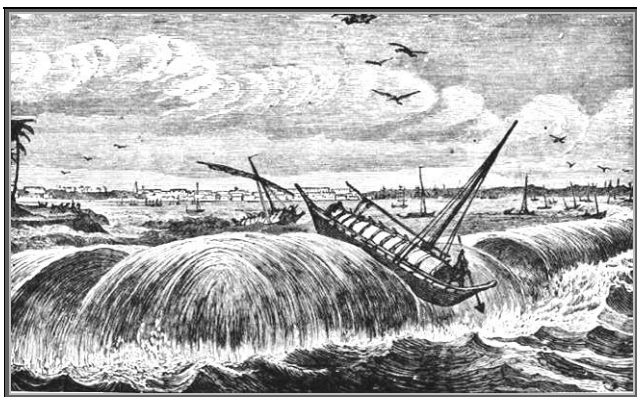



Imagem 01 – "Bore" – Rio Hughly, Foz do Ganges

Barbosa Rodrigues definiu a pororoca nestas simples palavras: "*encontro das altas marés com a corrente dos Rios que, ao passar por baixios, produz arrebentação com estrondo*". A pororoca manifesta-se nos Rios – Amazonas, Araguari, Maiacaré, Guamá, Capim, Moju; também no Mearim do Maranhão.

Fenômeno idêntico observa-se em muitos Rios do mundo com designações peculiares: os franceses, que o têm no Gironde, Charente, Sena, denominam "*mascaret*" e "*barre*"; os ingleses registram-no no Tâmisa, Severn e Trent com o nome de "*bore*" e também no Hughly, uma das Fozes do Ganges, na Índia; os portugueses o observaram no Hughly e no Megma, Braço do Bramaputra, chamando-lhe "*macaréu*"; os chineses admiram-no no Yang-tse-Kiang, com o apelido retumbante de "*trovão*" e aí mesmo os ingleses chamam-lhe "*eager*". Produz-se ainda em Rios de Bornéu e Sumatra; na América do Norte, nos Rios Colúmbia e Colorado. (SOUZA)

O abade Edouard Durand (1832-1881) foi Missionário na África e no Brasil onde residiu em Minas Gerais e teve a oportunidade de explorar o Vale do Rio Doce e a Serra do Caraça. Antes de retornar à França, em 1867, Durand morou também na região amazônica.

Imagem 02 – Rio Gironde – o Mascaret

Na Europa, o clérigo tornou-se membro da Sociedade Geográfica de Paris, em 1874, desempenhando as funções de arquivista e bibliotecário. Durand escreveu diversos artigos sobre o Brasil e, em especial, sobre a Bacia Amazônica. Transcrevemos um de seus textos sobre a pororoca reproduzido por Souza:

> Então o mar, quebrando a linha que lhe opõem as águas do Rio, se empina subitamente e as repele para suas fontes; em seguida invade em cinco minutos toda a Embocadura, em vez de subi-la em seis horas. Enfim, uma crista de espuma aparece, ao longe, na direção do Cabo Norte. Adianta-se com a rapidez de uma tromba e cresce, desenrolando-se, até as ribanceiras de Marajó. Barulho surdo parece sair do fundo do oceano; dir-se-ia o troar longínquo do trovão misturado ao ronco descontínuo do furacão.
>
> A pororoca está apenas a dezena de quilômetros. Chega, e este imenso vagalhão de seis metros de altura cai, quebra-se sobre a Ponta Grossa, pinoteia na planície e ressalta nos ares em mil girândolas de espuma. O Araguari enche-se e transborda. A pororoca continua sua corrida desenfreada por entre as Ilhas; apertada, comprimida pelos estreitos,

parece redobrar de violência; salta sobre os baixios, sacode a longa e alva crina que a brisa leva qual nuvem de neve, abate-se e ergue-se com máximo furor sobre os rochedos que parece pulverizar, sobre as Ilhas que parece fazer desaparecer. Nada lhe resiste: árvores seculares são cortadas, torcidas e roladas pelas ondas, entre os rochedos, com pedaços de terras arrancados dos flancos das Ilhas e vestidos de forte vegetação. Três vagalhões, ou melhor, três muros ou diques gigantescos de água se sucedem deste modo em 15 minutos! São sucessivamente menos fortes e vão se perder atrás das Ilhas, além de Macapá...

Compreende-se então a justeza da expressão indígena pororoca, magnífica onomatopeia, daquelas que só se encontram nas línguas primitivas. As três primeiras sílabas imitam, com efeito, o estrondo do caminhar do fenômeno, e a última exprime o embate violento das grandes vagas quebrando-se nas ribanceiras que devasta. (SOUZA)

Pororoca ou mupororoca (do tupi "*poro'roka*" – estrondar) é como são denominados os macaréus que ocorrem na região amazônica. Pororoca é grande onda que sobe os Rios que desembocam no estuário do Amazonas, com grande estrondo e ímpeto devastador, provocando o desmoronamento das margens e carregando consigo árvores, embarcações e outros objetos que se interponham à sua violenta passagem.

A onda é causada pela elevação súbita da maré no oceano, em épocas de sizígia ([9]). A elevação da maré represa os Rios no estuário, fazendo com que suas águas recuem, formando uma grande corrente em sentido contrário ao seu curso normal.

---

[9] Sizígia: nas grandes marés de "*Lua Nova*" e "*Lua Cheia*".

Imagem 03 – Rio Araguari – a Pororoca

Quando esta formidável torrente encontra um estreitamento no Rio, o nível da água se eleva repentinamente e, se houver alguma saliência no leito (baixios), esse obstáculo faz a água amontoar-se bruscamente, originando uma onda que se eleva de 3 a 6 m de altura e velocidade de 16 a 24 km/h até rebentar fragosamente, depois de correrem Rio a dentro.

No Estado do Amapá, o fenômeno ocorre na Ilha do Bailique, na "*boca*" do Araguari, no Canal do inferno da Ilha de Maracá, em diversos outros lugares e com maior intensidade nos meses de janeiro e maio. É, sem dúvida, um dos mais importantes atrativos turísticos do Rio-Mar, embora possa trazer consequências catastróficas aos ribeirinhos.

É uma formidável manifestação da força das águas influenciadas pela energia lunar. Antes de se manifestar, a pororoca prenuncia a enchente. Minutos antes de chegar, se estabelece uma calmaria, um momento de silêncio, a selva se cala, as aves se aquietam e nem a mais leve brisa se revela, é o aviso da natureza e o ribeirinho atento procura, imediatamente, um abrigo seguro para sua embarcação.

Lenda da Pororoca (Raymundo Moraes)

Diz a lenda que, antigamente, a água do rio era serena e corria de mansinho. As canoas podiam navegar sem perigo. Nessa época, a Mãe d'Água, mulher do boto Tucuxi, morava com a filha mais velha na ilha de Marajó. Certa noite, elas ouviram gritos: os cães latiam, as galinhas e os galos cocorocavam. O que é? O que não é? Tinham roubado Jacy, a canoa de estimação da família...

Remexeram, procuraram e, nada encontrando, a Mãe d'Água resolveu convocar todos os seus filhos: Repiquete, Correnteza, Rebujo, Remanso, Vazante, Enchente, Preamar, Reponta, Maré Morta e Maré Viva. Ela queria que eles achassem a embarcação desaparecida.

Mas passaram-se vários anos sem notícia de Jacy. Ninguém jamais a viu entrando em algum igarapé, algum furo ou mesmo amarrada em algum lugar. Certamente estava escondida, mas, aonde? Então, resolveram chamar os parentes mais distantes - Lagos, Lagoas, Igarapés, Rios, Baías, Sangradouros, Enseadas, Angras,

Fontes, Golfos, Canais, Estreitos, Córregos e Peraus - para discutir o caso. Na reunião, resolveram criar a Pororoca, umas três ou quatro ondas fortes que entrassem em todos os buracos dos arrebaldes, quebrassem, derrubassem, escangalhassem, destruíssem tudo e apanhassem Jacy e o ladrão.

Ficou determinado que a caçula da Mãe D´Água, Maré da Lua, moça danada, namoradeira, dançadeira e briguenta avisaria sobre qualquer coisa que acontecesse de anormal.

E foi assim que pela primeira vez surgiu em alguns lugares o fenômeno, empurrado pela jovem moça, naufragando barcos, repartindo ilhas, ameaçando palhoças, derrubando árvores, abrindo furos, amedrontando pescadores...

Até hoje, sempre que Maré da Lua vai ver a família é um deus nos acuda! Ninguém sabe de Jacy e a Pororoca segue em frente destruindo quem ousa ficar na frente, cumprindo ordens do boto Tucuxi que, resmungando danado, diz:

Pois então continue arrasando tudo.

Terras Caídas

O desmoronamento ocorrido em Manacapuru foi um caso clássico de "terra caída" do tipo deslizamento de material inconsolidado que, no caso, é a lama. Já em São Paulo de Olivença é um caso de "terra caída" associada à erosão fluvial. Ocorrem escorregamentos associados à atividade humana, com a ocupação desordenada e obras sem o devido acompanhamento técnico.
(Geólogo Renê Luzardo da CPRM)

Antonio Teixeira Guerra comenta:

> As margens solapadas continuamente pelas águas acabam ruindo e o Rio arrasta e traga grandes blocos de terra, da terra firme, muitas vezes com casas, vegetação, animais ou moradores. O fenômeno é observado, com maior frequência, no Rio Madeira, em decorrência da velocidade de sua correnteza, embora ocorra também nas calhas dos Rios Solimões e Amazonas. Muito mais vulneráveis, ainda, são os depósitos de areia, lama e resíduos vegetais, carreados e acumulados pelo próprio Rio nos períodos de cheias que formam grandes bancos de areia e, com o passar dos anos, verdadeiras Ilhas. Estes locais formados por sedimentos extremamente instáveis são mais vulneráveis às ações das águas e ao fenômeno das "*Terras Caídas*". (GUERRA)

Na vazante o Rio escava e solapa pacientemente a nova Ilha e, em uma de suas cheias formidáveis, ele é capaz de dissolver o trabalho de anos a fio em poucas horas arrasando tudo e arrastando consigo os imprevidentes que teimam em desconhecer sua fluída dinâmica. Em março de 2007, um fenômeno de "*Terras Caídas*" de grandes proporções ocorreu na "*Enseada da Saracura*", margem direita do Rio Amazonas a 35 quilômetros de Parintins, provocando ondas de aproximadamente seis metros de altura, atingindo 130 pessoas e provocando a morte de um agricultor. Vamos tratar novamente, em outros capítulos, deste fenômeno em que a ocupação desordenada, por parte da população, na Cidade de Juruti teve consequências catastróficas e em Santarém onde certamente o mesmo ocorrerá futuramente.

O Argonauta
(Roberto Mutuca)

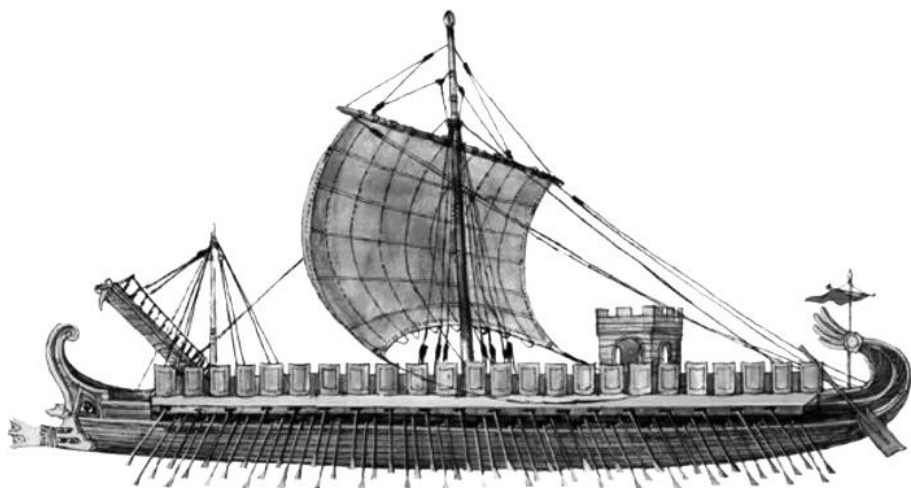
O homem é um navegador.

À noite, às escuras, busca as estrelas
Para manter-se em direção ao desconhecido.

A vida é um mistério,
Um insólito e insondável navegar,
Por entre furiosas tempestades,
Em meio a tufões e ondas gigantescas,
Ou em meio ao marolar das ondas calmas do mar.

Por um instante penso melhor,
E vejo que o homem não é um navegador,
Ele é argonauta.

Intrépido,
Lança suas velas em direção à Eternidade,
Seu leme e sua bússola apontam para o infinito.

O homem, então, navega,
E feliz conduz a barca de milhões de anos
Pelo misterioso mar do cosmos,
Rumo ao sagrado que há em nós.

O Sonho dos Sonhos
(Múcio Teixeira)

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais sinto ter passado distraído
Por tanto bem – tão mal compreendido,
Por tanto mal – tão bem recompensado!

Em vão relanço o meu olhar cansado
Pelo sombrio espaço percorrido:
Andei tanto – em tão pouco... e já perdido
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado!

E assim prossigo sempre para diante,
Vendo, o que mais procuro, mais distante,
Sem ter nada – de tudo o que já tive...

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais julgo a vida – o sonho mal sonhado
De quem nem sonha que a sonhar se vive!

Treinamento e Lançamento do Livro

Os Argonautas
(Apolônio de Rodes)

Agora, eu gostaria de narrar a origem e os nomes dos heróis, seus longos trajetos pelo mar e tudo o que realizaram em suas errâncias. Que as Musas inspirem meu canto! [...] A própria Tritônida, Atena, enviou-o ao grupo dos heróis, e ele chegou entre os que aspiravam a isso; ela mesma projetou a rápida nau, que Argos, o Arestórida, com sua ajuda executou, seguindo suas ordens. Assim, tornou-se a mais excelente de todas as naus que, sob o movimento dos remos, experimentaram o mar. (RODES)

O Projeto Desafiando o Rio-Mar continua de vento em popa. Embora seu protagonista esteja entrando na "*melhor idade*", a energia irradiada por mais de uma centena de amigas e amigos investidores que colaboraram com passagens, equipamentos e capital necessário para as despesas de viagem, e a amável acolhida por parte dos povos ribeirinhos e autoridades dos Estados do Amazonas e Pará em cada Acampamento, Comunidade, Vila ou Cidade visitada fazem-me crer que atingirei meu objetivo maior que é de navegar, de caiaque, pelos principais afluentes do Amazonas, colher as informações "*in loco*" e reportá-las aos amantes da natureza e patriotas em geral.

O General-de-Exército Luiz Gonzaga Shroeder Lessa conseguiu convencer alguns empresários, que preferiram manter o anonimato, a patrocinar o 1° Livro – "*Descendo o Solimões*". A "*Opium Fiberglass*", do amigo Fábio Paiva, doou um caiaque para o Projeto, meu filho João Paulo doou uma roupa de neoprene para podermos enfrentar com mais conforto os rigores do inverno sulino.

As experiências colhidas no Solimões e no Negro foram cuidadosamente analisadas e processadas e determinaram que eu além de dedicar a uma exaustiva preparação física, me preocupasse, mais ainda, em conhecer, antes da descida, a história, as lendas, a geografia de cada local ou trecho a ser percorrido através de uma metódica e sistemática busca em bibliografia especializada presente e pretérita.

Alguns artigos reportados na mídia nacional, em 2010, sobre Santarém e Itacoatiara, são fruto desse labor. O relato de cada treinamento seria enfadonho e redundante, por isso, vamos reproduzir apenas dois deles realizados em raias distintas, a das Lagoas Litorâneas e o do Rio Guaíba.

Lagoas Litorâneas (dezembro de 2010)

Aproveitando uma das altas de minha esposa do hospital e o bom tempo, me preparei para dar continuidade à preparação do corpo e do espírito para a nova jornada no Rio Amazonas, de Manaus a Santarém.

Hospedado na casa de praia de meu irmão caçula, em Cidreira, decidi, mais uma vez, empreender o percurso de pouco mais de 30 km saindo da Lagoa da Fortaleza, Cidreira, até a Barra do Rio Tramandaí.

Embora já tenha percorrido este trecho, várias vezes, nos últimos três anos em cada oportunidade novas experiências, distintas imagens, transformam inevitavelmente cada percurso em um trajeto singular. Iniciei a jornada na Lagoa da Fortaleza, Cidreira, rumo à Barra do Rio Tramandaí, apontando a proa diretamente para a Boca do Canal que a une à Lagoa Manoel Nunes (30°06’53,2” S / 50°13’39,6” O).

Neste Canal a CORSAN construiu uma represa sem prever um Sistema de Transposição, impedindo o acesso dos peixes que demandam do Rio Tramandaí – um verdadeiro crime ambiental.

No inverno, chuvoso, o Canal quase que nivela com a Lagoa da Fortaleza, a navegação se torna mais rápida e permite que se observe melhor o campo, as inúmeras espécies de pássaros e as tímidas capivaras e ratões do banhado que povoam a região. Agora, porém, águas do Canal tinham baixado mais de um metro e setenta centímetros desde minha última travessia, no inverno. Diferente de minhas invernais navegações, eu navegava agora sem poder avistar os campos ao derredor, as altas margens laterais limitavam meu campo de visão ao estreito Canal.

As pequenas Ilhas de juncos e os estreitos braços de outrora foram agora, na seca, incorporados às margens. Fui seguido, até a Foz, por um João Grande (Ciconia maguari) que sobrevoava em círculos e por três vezes passou a uns dez metros do caiaque. Considerada como cegonha brasileira, a ave possui plumagem branca, com a ponta das asas e cauda pretas, o grande bico é amarelo e as pernas avermelhadas. Na Foz do Canal da Lagoa Manoel Nunes (30°06'28,9" S / 50°13'15,1" O), normalmente se avistam grandes bandos de colhereiros de cor-de-rosa.

A Foz, na Laguna Manoel Nunes, antes ampla e rasa, fora transformada em um Canal de menos de quatro metros de largura e as águas pouco profundas de antes deram lugar a um enorme banco de límpidas areias brancas, a cerca de arame que eu no inverno cruzara por cima, com o caiaque, estava, agora, plantada em terreno firme e seco.

A pequena e bela Lagoa Manoel Nunes está, quase que totalmente, tomada pelas algas o que certamente dificulta o uso barcos a motor e o emprego de redes de pesca e espinhéis pelos adeptos da pesca predatória. Para não perder muito tempo para achar o acesso à entrada do Canal do Gentil (30°05’08,4” S / 50°12’53,5” O), totalmente camuflado pelos juncos, fiz uso do GPS. A entrada do Canal que une a Lagoa Manoel Nunes à Lagoa do Gentil teve sua entrada alterada para Este, exigindo muita atenção para ser identificado seu acesso, quase que totalmente bloqueado pelos juncos.

As águas do estreito Canal, no inverno, invadem as terras baixas e fica difícil reconhecer seu traçado original, é importante, então, se guiar pelos juncos que, na época da seca, definem as margens do pequeno braço. É sem dúvida o mais belo Canal de todo o trajeto, o traçado sinuoso, as árvores moldadas pelo vento Nordeste, as raízes retorcidas da vegetação agreste, as plantas aquáticas e as areias brancas dão um toque especial à idílica paisagem.

Logo depois de ultrapassar a sua entrada, avistei um bando de belos cavalos crioulos e diversos potrilhos, parei de remar, estabilizei o caiaque e fotografei-os. Os animais me acompanharam, curiosos, durante algum tempo, pela margem esquerda. Mais adiante, enquanto eu observava vestígios de capivaras, numa pequena praia avistei uma grande fêmea com a cabeça totalmente fora d’água e o dorso parcialmente exposto; antes que pudesse fotografá-la, mergulhou furtivamente e não apareceu mais. Mais à frente um jovem João Grande perseguia outro. As manobras radicais eram interrompidas aqui e ali com bicadas e patadas, em pleno ar, seguidas de estridentes gritos.

Ao sair do Canal (30°04'04,4" S / 50°12'19,5" O) e entrar na Lagoa do Gentil, também parcialmente tomada por algas, a civilização se apresenta mostrando, ao longe raras edificações, na sua margem direita. O majestoso Parque Eólico de Tramandaí, com capacidade, prevista, de 70 Megawatts (MW), energia suficiente para abastecer uma cidade com mais de 200.000 habitantes, está sendo construído pelo grupo EDP Renováveis Brasil, que tem como principal acionista a EDP, de Portugal – 4° maior operador mundial no setor eólico.

Depois de concluído o Parque, contará com 31 aerogeradores de 138 m de altura cada um (equivalente a um prédio de 50 andares) a um custo de R$ 250 milhões, uma linha de transmissão está sendo construída até a subestação de energia da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) em Osório.

Usei o GPS para achar a entrada exata do Canal sinalizada, ao longe por uma grande antena. A entrada do largo Canal (30°03'03,5" S / 50°11'31,7" O) é igualmente camuflada pelos juncos. Normalmente se encontram pescadores em ambas as margens e na alta ponte de madeira, que na cheia, ficava com o piso de uso quase ao alcance de minhas mãos. Os cruéis vestígios da civilização se faziam presentes, garrafas PET e plásticos davam uma mostra de que os pescadores ali presentes não eram amantes da natureza, mas vis predadores do meio-ambiente.

Na Boca do Canal (30°02'27" S / 50°10'51" O), as águas haviam coberto as praias de areias brancas da Foz do Canal. A Lagoa da Custódia está totalmente tomada de construções nas suas margens Este e Nordeste.

Calibrei o GPS e identifiquei meu último ponto de ataque, o Canal Tramandaí (30°00’08” S / 50°11’11,6” O). O Canal estava tomado por construções, a visão, antes agradável e bucólica, fora substituída pela poluição, mau cheiro, e descaso daqueles que moram às suas margens. Curiosas “*garagens*” de barcos dão um toque bastante pitoresco à paisagem. Na Foz (29°59’24,2” S / 50°10’41,5” O), avistei a Cidade de Tramandaí. Remei rápido na direção de uma antena de alta tensão encravada no meio da Lagoa do Armazém, bem próxima à entrada do Rio Tramandaí (29°59’16,1” S / 50°09’08,7” O). A região é bastante assoreada, principalmente na saída do Canal e por diversas vezes cravei o remo no leito da Lagoa. É importante estudar a tábua das marés e regular a chegada de acordo com ela para evitar a vazante. Aportei satisfeito na Margem esquerda da Barra do Rio Tramandaí à montante da ponte. Foram quatro horas e 40 minutos de navegação, a maior parte dela por belos e agradáveis recantos.

Amigo Guaíba (setembro de 2010)

Voltei ao Guaíba depois de um mês de recesso. Meu fiel companheiro me recebeu carinhosamente e demonstrava isso acariciando o convés do caiaque com suas ternas águas enquanto uma suave brisa afagava meus cabelos. Resolvi arriscar uma jornada mais longa até a Ilha do Chico Manuel, a 20 km da Raia 1. A cena de uma bela Garça-branca-grande (Ardea alba), na altura da Ponta Grossa, pescando um descuidado lambari que vagava pela superfície d’água foi impressionante. A ave hábil e rapidamente esticou o pescoço ao mesmo tempo em que distendendo as pernas, equilibrava o voo, capturando o pequeno lambari.

A garça pousou elegantemente em um rochedo mais adiante, ajeitou a presa de maneira a engolir primeiro a cabeça e engoliu satisfeita o seu almoço.

Os ventos do quadrante Norte facilitavam minha progressão e aportei, depois de remar os 20 km em 02h45, na Ilha do Chico Manoel para visitar meu amigo "*Toco*" e presenteá-lo com meu livro "*Desafiando o Rio-Mar, Descendo o Solimões*".

Estava retornando quando vislumbrei uma formação de tempestade, não prevista pelo serviço de meteorologia, na altura de Barra do Ribeiro. Deduzi que os ventos vindos de Noroeste me fariam enfrentar a tormenta em plena travessia e resolvi aportar na Ilha do "*Arado Velho*" e aguardar. Arrastei o caiaque para fora d'água e o protegi dos ventos atrás de grandes pedras, em seguida, busquei abrigo próximo a um acampamento abandonado pelos pescadores. A quantidade de lixo mostrava o descuido dos mesmos com a Ilha que tão generosamente os abriga.

Do alto de um dos rochedos avistei, próximo à linha d'água, um enorme teiú (Tupinambis merianae), considerado o maior lagarto do continente americano e que, quando adulto, mede, normalmente, até um metro e vinte centímetros de comprimento. Aquele exemplar tinha, no mínimo, um metro e meio e certamente sofria de obesidade mórbida tendo em vista as enormes bochechas e as "*dobrinhas*" das suas coxas. Seguramente as sobras de alimentos e restos de peixes deixados pelos pescadores contribuíram para sua condição física invulgar. Estava admirando o enorme espécime quando a temperatura caiu abruptamente e simultaneamente começou a ventar fortemente.

Imediatamente o granizo começou a golpear meu corpo e procurei abrigo debaixo de uma mesa, usada pelos pescadores para limpar os peixes. Esperei a tempestade diminuir para continuar minha navegação, e parti.

Ultrapassei a Ponta Grossa e, faltando apenas 7 km para meu destino, os ventos passaram a soprar do quadrante Sul. Continuei despreocupado até avistar uma névoa que célere progredia, rumo Norte, pela margem direita na altura do Parque Itaponã. Não tardou que a tempestade alcançasse a popa de meu caiaque e limitasse a visibilidade para algo em torno dos cem metros.

Sem saber para onde ia, resolvi me entregar por inteiro às forças da natureza, alinhando a embarcação de maneira a tirar o maior proveito possível das ondas que se formavam. Surfei, às escuras, até que a névoa dissipou e pude avistar a Raia 1, meu Porto Seguro.

Livro "Descendo o Solimões"

Este fantástico documento é uma verdadeira joia histórica, pois riquíssimo em valiosos ensinamentos. Ao perlustrarmos as suas páginas, somos conduzidos para a fruição de uma empolgante travessia, não em águas procelosas como as singradas a remo pelo autor, mas em um Rio sereno, de encantadoras narrativas acerca de aspectos fisiográficos, sociais e humanos, referentes a "brasis ainda sem Brasil".
(Coronel Manoel Soriano Neto – Historiador Militar)

Desde que iniciei, em 2007, o Projeto-Aventura Desafiando o Rio-Mar, eu tinha um ambicioso sonho de considerar uma fase concluída somente depois da edição de um livro relativo a cada uma delas.

Havia projetado, inicialmente, cinco descidas: 1ª Fase – Rio Solimões; 2ª Fase – Rio Negro; 3ª Fase – Rio Amazonas I (Manaus-Santarém); 4ª Fase – Rio Madeira (Porto Velho-Santarém) e 5ª Fase – Rio Amazonas II (Santarém-Belém).

Embora estejamos partindo para a 3ª Fase, em 23 de dezembro deste ano (2010), somente agora estamos considerando concluída a 1ª Fase. Graças ao apoio do General-de-Exército Luiz Gonzaga Shroeder Lessa, no dia 11.11.2010, às 19h30, no Pavilhão Central de Autógrafos, Praça da Alfândega, autografamos o livro "*Desafiando o Rio-Mar – Descendo o Solimões*", na 56° Feira do Livro de Porto Alegre.

Navegar é Preciso; Viver não é Preciso

Navegar é Preciso
(Fernando Pessoa)

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso".
Quero para mim o espírito desta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:
Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser
o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo.

Esta frase tem sua raiz na antiga Grécia. Lucius Mestrius Plutarchus (Plutarco) escreveu mais de 200 livros, dos quais destacamos a obra "*Bioi Paraleloi*" (Vidas Paralelas) uma coletânea de 64 biografias de personalidades gregas e romanas, algumas delas lendárias. A frase título deste tópico foi citada, por Plutarco na obra "*Vitae illustrium virorum – Pompey*".

Plutarco relata que Pompeu tinha sido enviado à Sicília para escoltar uma esquadra que levaria provisões para Roma e, que na hora de partir, uma forte tempestade se abateu sobre o mar, deixando receosos os capitães das naus. O comandante da armada sugeriu, então, que Pompeu adiasse a partida, mas este subindo a bordo da nau capitânia, determinou que levantassem âncora e pronunciou a célebre frase: "*Navegar é preciso; viver não é preciso*". Seu exemplo encorajador foi, imediatamente, seguido pelos então temerosos capitães. Os amantes das águas e os antigos argonautas têm consciência da profunda significação destas palavras. Seu verdadeiro sentido transcende o cotidiano dos mortais comuns, navegar, mais do que viver, é participar da construção da história da humanidade seja pelos feitos, descobertas ou simplesmente pela capacidade de sobrepujar desafios. A alusão atribuída a Pompeu reporta que é necessário que cada um de nós, na esfera de suas atribuições, procure ser um protagonista e não coadjuvante na história da humanidade.

Partida para Manaus

As atividades do Colégio estão se encerrando progressivamente e hoje à noite se forma mais uma turma de alunos. Felizmente, após diversas marchas e contramarchas, o bom-senso triunfou e os alunos Leonardo Branco Duro e Yago Dias Silveira vão se formar com a turma como era o desejo da totalidade de seus colegas e da grande maioria dos educadores. Parabéns *Turma Bicentenário do Brigadeiro Sampaio!* Mudo meu foco para as atividades que precedem minha partida para a nova jornada, neste domingo, dia dezenove de dezembro. Em Manaus, ficarei hospedado no 2° Grupamento de Engenharia.

Imagem 04 – Canal Manoel Nunes – Cidreira, RS

Imagem 05 – Canal Manoel Nunes (Maguari)

Imagem 06 – Canal do Gentil – Cidreira, RS

Imagem 07 – Canal do Gentil – Cidreira, RS

Imagem 08 – Lagoa do Gentil – Cidreira, RS

Imagem 09 – Lagoa da Custódia – Tramandaí, RS

Imagem 10 – Canal do Armazém – Tramandaí, RS

Imagem 11 – Lagoa do Armazém – Tramandaí, RS

Manaus

Encontro das Águas
(José Quintino da Cunha)

Vê bem, Maria, aqui se cruzam: este
É o Rio Negro, aquele é o Solimões.
Vê bem como este contra aquele investe,
Como as saudades com as recordações.

Vê com se separam duas águas.
Que, se querem reunir, mas visualmente;
É um coração que quer reunir as mágoas
De um passado, às venturas de um presente.

Partida para Manaus

Surpreendentemente, a saída de Porto Alegre, pela Gol, saiu dentro do horário previsto, o mesmo não ocorrendo na conexão em Brasília onde o caos havia se instalado e parecia não querer arredar o pé. A todo o momento, os passageiros eram orientados a buscar outros portões de embarque e, não raras vezes, em andares diferentes, num desrespeito flagrante ao usuário, e uma patente mostra da desorganização que reina no sistema aeroviário brasileiro, país que se propõe a sediar a Copa, em 2014, e a Olimpíada, em 2016.

Manaus

Cheguei à tarde em Manaus com um atraso de quase uma hora, e o amigo gaúcho e Ir∴ 1° Sargento Rogério Vaz de Oliveira, encarregou-se de me conduzir ao 2° Grupamento de Engenharia (2° Gpt E) onde fiquei hospedado. O Vaz, gentilmente, convidou-me para tomar um chimarrão em sua residência e saborear, no jantar, uma pizza preparada por sua querida e prendada esposa.

Contratempos

No dia seguinte, fiz questão de verificar as condições de meu caiaque, modelo Cabo Horn, fabricado pela Opium Fiberglass; fiquei surpreso e preocupado ao constatar, por estes amazônicos imponderáveis, que haviam extraviado os tampões dos compartimentos de proa e de popa, leme, pás do remo de reserva, e outros itens. Os tampões, eu os poderia improvisar com um plástico grosso e extensores, mas o leme, o qual possui tamanho, peso e formato muito específicos, faria muita falta ao enfrentar os famosos banzeiros e ventos de través. Tentei, sem sucesso, rastrear o caiaque do mesmo modelo que meu parceiro, o Coronel Flávio André Teixeira, vendera, há dois anos, em Manaus depois de minha descida pelo Solimões. Contatei o amigo canoísta Marcelo da Luz, o "*peixinho*", para ver se ele conhecia alguém em Manaus que possuísse um modelo semelhante. Informou-me que havia comprado um e prontificou-se a levar os tampões e o leme até o 2° Gpt E. Embora os tampões fossem diferentes, o leme era idêntico e ele se dispôs a emprestá-lo. Eu já havia encomendado o material ao mestre Fábio Paiva, da Opium Fiberglass, mas, certamente, ele não chegaria antes de minha partida (23.12.2010). Minha jornada nem começara e eu já amargava um prejuízo de mais de mil reais.

Coronel Lúcio Batista Guaraldi Ebling

Meu grande amigo Cel Ebling foi, mais uma vez, meu ponta de lança, apoiou-me nos deslocamentos em Manaus para comprar alguns itens complementares. Almocei com ele em três oportunidades. Mais uma vez, ele doou ao Projeto um kit completo de reparação para eventuais avarias no casco de fibra de vidro do caiaque.

Deise Nishimura, a Samurai de Mamirauá

Bushido

(勇 Yuu – Coragem, Bravura Heroica)

Um samurai deve ter coragem heroica. Viver é arriscado e perigoso e esconder-se como uma tartaruga se esconde em sua concha não é a maneira mais adequada de viver. Devemos aprender a viver a vida ao máximo, intensamente. Substitua o medo pelo respeito e cautela. A coragem heroica não é cega, ela é inteligente e forte.

Café Regional

Convidei dois caros amigos do Instituto de Pesquisas da Amazônia (INPA), a Pesquisadora Chefe do laboratório de Mamíferos Aquáticos Amazônicos, Vera Maria Ferreira da Silva e o Tenente Roberto Stieger, para um café regional em sinal de agradecimento, por terem viabilizado minha visita a um dos mais fantásticos santuários ecológicos do mundo: a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) de Mamirauá. A Vera nos brindou com um fantástico relato – o ataque de um jacaré-açu a uma de suas pesquisadoras que me impressionou por demais. A Vera comentou, na ocasião, que o anjo da guarda de sua pesquisadora, na oportunidade, deu um cochilo quase fatal, mas, logo em seguida, procurou corrigir sua burrada através de uma série de felizes intervenções.

Dorotéia, o Espectro do Flutuante Boto Vermelho

Em dezembro de 2009, véspera do Ano Novo, nas instalações do Flutuante Boto Vermelho, Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá, Município de Tefé, Amazonas, a pesquisadora Deise Nishimura preparava um enorme tambaqui para a passagem do ano.

Deise iniciou a limpeza do saboroso peixe na cozinha e, logicamente, os pequenos detritos lançados n'água puseram em alerta a Dorotéia, a enorme Jacaré-açu que dominava a área do Flutuante. Na hora de cortá-lo, Deise preferiu fazê-lo na borda do Flutuante, a menos de um metro d'água. Dorotéia, já à espreita, atacou Deise e puxou-a, pela perna, para dentro d'água, dando início à rotação mortal.

Deise nadou rapidamente para o Flutuante procurando se colocar a salvo antes que outros jacarés fossem atraídos pelo seu sangue. Arrastou-se pela rampa de acesso dos barcos que fica ao nível d'água e conseguiu, depois muito esforço, pedir socorro pelo rádio. A Vera comenta que, a partir do ataque, o "*anjo da guarda*" deve ter acordado sobressaltado e procurou remediar a besteira que tinha deixado acontecer com sua protegida. A artéria femural, na rotação, deu praticamente um nó, impedindo que a pesquisadora viesse a se esvair em sangue.

Em Mamirauá, normalmente, ninguém está na escuta nos postos-rádio e, às vezes, não se entende absolutamente nada do que está sendo dito, contudo, nessa ocasião, seu pedido de socorro foi ouvido e, em quinze minutos, uma equipe lhe atendia, acompanhada de um especialista, com curso de primeiros socorros – uma raridade na RDS. Outro problema crítico seria a evacuação imediata para o Hospital de Tefé.

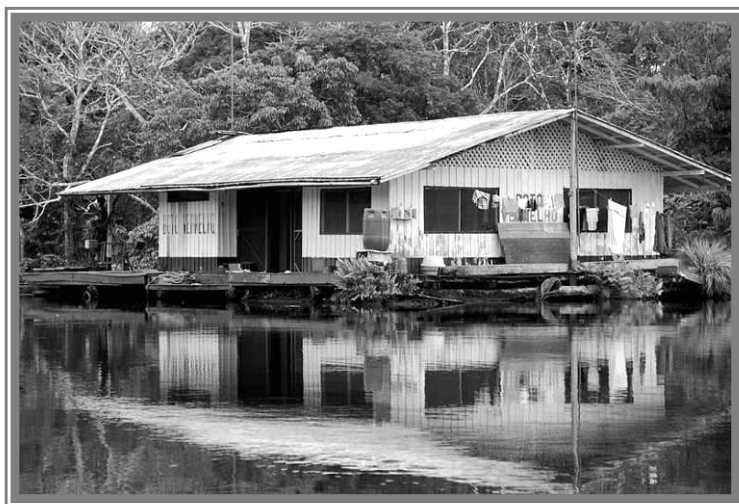



Imagem 12 – Flutuante Vermelho – RDS Mamirauá

Nesse momento, ocorreu mais uma intervenção do anjo dorminhoco: eis que o Gerente Operacional do Instituto Mamirauá, conhecido como César (Josivaldo Ferreira Modesto), fazia sua ronda periódica pelos diversos Flutuantes do Instituto numa lancha dotada de possante motor. No mesmo instante em que Deise fazia seu apelo pelo rádio, o César havia diminuído a velocidade em virtude dos banzeiros e, graças a isto, pôde ouvir a mensagem, deslocando-se, imediatamente, para o local, fato que possibilitou uma evacuação em tempo recorde.

Deise chegou em estado de choque ao Hospital de Tefé, e foi prontamente atendida pelo Doutor Alberto Villa Lobos González. O Doutor Alberto estava acompanhado por um perito em amputações e, graças a eles, a pesquisadora não sofreu nenhuma infecção e recebeu um tratamento especializado, o qual foi elogiado, mais tarde, pelos médicos de São Paulo, local para onde Deise foi transferida, para dar continuidade ao tratamento, e depois ser submetida à fisioterapia.

Nishimura, mostrando trazer no seu DNA a fibra e a coragem dos ancestrais Samurais, voltou para RDS Mamirauá para dar continuidade às pesquisas sobre o boto vermelho, e lamentou a morte de sua algoz Doroteia pelos ribeirinhos.

Rotação Mortal

Achei estranho o comentário de alguns "*especialistas*" em jacarés, afirmando que o ataque seguido de rotação era privilégio dos crocodilianos. Na verdade, os jacarés e os crocodilianos utilizam-se da rotação mortal quando o animal é grande e não pode ser abocanhado e engolido de uma única vez, com o objetivo de arrancar membros, partir ossos ou matar a presa. Pude observar esse recurso sendo empregado pelos pequenos jacaretingas (Caiman crocodilus) do Pantanal, quando o alvo era uma paca, capivara, veado ou porco do mato.

Memória Curta

Quando estive na RDS Mamirauá, de 27 a 31.12.2008, naveguei sem qualquer receio entre gigantescos animais que podem chegar, em casos excepcionais, a sete metros de comprimento, maiores que os crocodilos norte-americanos (Alligator mississipienses). Na Pousada Uacari, numa conduta altamente condenável, os guias locais atraíam os enormes animais atirando pedaços de carne na água para que os turistas pudessem fotografá-los. No Flutuante Mamirauá, onde fiquei hospedado, havia um gigantesco sauro, conhecido como Leo, animal que considerava o Flutuante como sua propriedade, particular respaldado nos seus formidáveis seis metros de comprimento.

Ele, como os outros, eram alimentados, para deleite dos visitantes ou durante a preparação das refeições, o que com o tempo, fatalmente, os levaria a associar o cheiro de comida na Pousada Uacari ou Flutuantes à refeição fácil. Os ribeirinhos não tinham qualquer tipo de cuidado com os animais considerando-os como grandes animais "*domésticos*". O acidente cruel com a Deise, segundo a pesquisadora Vera, parece que, depois de quase um ano, já caiu no esquecimento, uma vez que os condenáveis procedimentos voltaram a ocorrer.

Jornal Hoje – Manaus, AM
Terça-feira, 03.08.2010

Bióloga Atacada por Jacaré na Amazônia Luta Pela Preservação da Espécie
(Daniela Assayag)

[...] Em dezembro, na véspera do ano novo, em Mamirauá, a bióloga paulista Deise Nishimura limpava peixe na beira da casa flutuante onde morava, quando foi arrastada para a água. Mesmo desarmada, ela decidiu lutar pela vida. Diz a bióloga:

> Nessa hora eu achei que tinha morrido, mas lembrei que num documentário eu vi que, quando você é atacada por um tubarão, a parte mais sensível do tubarão é o nariz. Aí pensei qual seria a parte mais sensível do jacaré. Coloquei a mão na cabeça dele e achei dois buracos. Não sei se era o nariz ou o olho, e enfiei meus dedos e apertei com toda a força. Foi quando ele me soltou. Nessa hora percebi que já estava sem a minha perna. [...]

No hospital, uma hora depois, o médico ficou espantado. Afirma Adalberto Villa Lobos, médico que a operou:

> A Deise chegou naquele dia no hospital em estado de choque. Se fosse uma outra pessoa e não tivesse a resistência que ela tem e a sorte que ela teve, não teria sobrevivido a esse tipo de ataque.

O que mais chamou a atenção do médico é que a artéria femoral de Deise permanecia bloqueada, mesmo sem o torniquete. Isso impediu que ela morresse de hemorragia. Deise explica:

> Chegando no hospital, o médico até estranhou que eu não tinha perdido muito sangue. Ele acha que, na hora do ataque, o jacaré, na hora em que estava me girando, deu uma torcida na artéria e estancou o sangue. [...]

A bióloga voltou a morar em São Paulo, onde faz fisioterapia para receber uma prótese e reaprender a caminhar. Apesar de tudo, diz que ficou triste ao saber que mataram o jacaré. Ela é contra a liberação da caça. Deise diz:

> Se a gente deixar, a população ribeirinha extermina todos os jacarés porque já não gostam desses animais. Se a gente liberar, eles vão acabar mesmo.

Com a coragem de quem já enfrentou uma fera e sobreviveu, Deise fala do ataque com tranquilidade, e diz que não vê a hora de voltar para a selva. Conta a bióloga:

> Eu quero mesmo voltar para o Amazonas, voltar a fazer a pesquisa que eu estava fazendo com o boto vermelho. Um amigo meu que pesquisa jacarés vai me levar para ver jacaré durante a noite porque, se você joga a luz forte nos olhos deles, brilha. Vai ser muito legal. [...] (JH, 03.08.2010)

Manaus – Costa de Santo Antônio

Partida para Costa de Santo Antônio (23.12.2010)

O 2° Gpt E havia providenciado um apoio substancial ao meu deslocamento de Manaus a Santarém, em homenagem aos 40 anos do Grupamento. O Cel Aguinaldo da Silva Ribeiro, meu ex-Cadete e Comandante do 8° Batalhão de Engenharia de Construção, sediado em Santarém, deslocou o B/M (Barco a Motor) Piquiatuba para me apoiar durante toda a jornada.

A embarcação regional é constituída de um convés principal e um convés superior. No inferior, uma cozinha, banheiro e camarote da tripulação; no superior, dois camarotes, e um banheiro e para nosso maior conforto, um grande freezer, máquina de lavar roupas e televisão.

Eu ia contar, graças aos discípulos de Villagran, de um conforto que jamais havia imaginado, e resolvi dormir embarcado, na véspera da partida para evitar qualquer tipo de atraso. Improvisei tampões para o caiaque, montei minha barraca e a fixei, com pregos, solidamente no convés superior, criando mais um aposento como alternativa.

A zelosa tripulação era formada pelos soldados MÁRIO Elder Guimarães Marinho (Comandante do B/M), Walter VIEIRA Lopes (Subcomandante), Edielson REBELO Figueiredo (Chefe da Casa de Máquinas) e MARÇAL Washington Barbosa Santos (cozinheiro) nosso bom Gourmet. À tarde, recebemos um generoso rancho fornecido pelo 2° Gpt E para a viagem e auxiliei no transporte do mesmo para bordo.

João Carlos de Villagran Cabrita

Nascido em dezembro de 1820, na Província Cisplatina, quando se encontrava anexada ao Brasil, incorporou-se ao Exército Brasileiro como Cadete. [...] Participou da criação da primeira unidade de Engenharia do Exército, partindo com ela para o Teatro de Operações da Guerra da Tríplice Aliança, em junho de 1865. Já no ano seguinte, como Major, Villagran assumiu o Comando do 1° Batalhão de Engenharia. Foi liderando mais de 900 homens de seu Batalhão, na madrugada do dia 10.04.1866, que ele protagonizou uma das mais memoráveis façanhas de nossa História Militar. Transpôs, com sua tropa, o caudaloso Rio Paraná, a fim de combater o oponente em seu próprio território – fato que ainda não havia ocorrido naquele conflito – iniciando, com isso, a tradição de pioneirismo da Arma Azul-Turquesa. [...] A impecável atuação da Esquadra Brasileira e o destemor dos soldados de Villagran Cabrita tornaram a vitória iminente. [...]

O lamentável, no entanto, estaria por acontecer. Villagran, depois da missão cumprida, enquanto redigia a Parte de Combate a bordo de um lanchão, foi atingido, por volta das 14 horas, por um estilhaço de artilharia que lhe ceifou a vida com menos de 46 anos de idade. Uma brilhante carreira foi interrompida, mas o herói não foi esquecido. Com justiça, sua imortalidade foi registrada com a escolha para Patrono da Arma de Engenharia, eternizando seu exemplo e transmitindo, ao longo do tempo, seus ideais de luta e de vitória aos nobres engenheiros. O 10 de abril não é a data de seu aniversário; é, antes, a comemoração de seu <u>nascimento para a História</u>. Os engenheiros de hoje podem ostentar com orgulho o seu castelo lendário – abrigo perpétuo e sagrado das tradições e dos feitos de seu insigne Patrono. (Noticiário do Exército N° 10.063 – 10.04.2003)

Acordei às 04h45 e iniciei minha navegação pelo Rio Negro, partindo do estaleiro do senhor Oziel Mustafa onde estávamos ancorados. Saí cedo, tentando evitar a agitação que se seguiria. Às 05h45, o Sol apontou, ainda preguiçoso no horizonte – exatamente à minha proa. No instante em que eu passava à frente da estação de São Raimundo, fui agradavelmente surpreendido com os maravilhosos acordes de nosso Hino Nacional. A magia do emocionante momento envolveu-me e senti uma elétrica vibração a percorrer-me a epiderme.

Continuei a navegação e tive, mais de uma vez, de desviar de pilotos mal-educados, que teimavam em sair de sua rota simplesmente para criar marolas, prejudicando meu deslocamento. Eu já presenciara este comportamento condenável por diversas vezes no Guaíba e Tramandaí, onde pilotos de lanchas e Jet Sky, contrariando normas estabelecidas e o bom senso, não priorizam as rotas de remadores e velejadores.

Passei pela área do Porto do Chibatão, onde, no dia 17.10.2010, ocorreu o deslizamento do barranco, provocado pela ação das águas, arrastando containers e carretas para o leito do Rio Negro. Fiz a primeira parada na Ilha Marapatá em frente à Refinaria de Manaus, recebi um telefonema da minha filha Vanessa, às 07h07, e enviei uma mensagem para o Coronel Sérgio Henrique Codelo do 2° Gpt E, informando-lhe minha posição.

Foi o último contato que pude estabelecer nos três primeiros dias de viagem. A equipe de apoio do Piquiatuba ultrapassou-me e ficou aguardando à jusante da Ilha. Continuei a navegação e, logo em seguida, maravilhei-me com o "*encontro das águas*".

Encontro das Águas

Encontro das Águas
(José Quintino da Cunha)

É um simulador só, que as águas donas
Desta terra não seguem curso adverso,
Todas convergem para o Amazonas,
O real rei dos Rios do Universo;

O Negro enfrentava a maior estiagem dos últimos 40 anos e não era páreo para o formidável Solimões. Na altura da Ponta das Lajes, o limite entre ambos era nítido, as alfaces d'água, aguapés e pequenos pedaços de madeira delineavam a fronteira entre os dois formidáveis mananciais; aqui e ali as águas leitosas do Solimões penetravam céleres no flanco direito do negro caudal. Os ataques se tornavam cada vez mais frequentes e violentos à medida que eu avançava. Minhas fotografias aéreas, certamente da época da cheia do Negro, mostravam suas águas progredindo, cada vez mais estreitas, até a altura de Itacoatiara, a 200 km da Foz. Hoje as águas do Negro guardavam apenas uma pálida lembrança do pujante afluente. As águas do Solimões passavam o comando para o Amazonas que continuava não dando trégua ao arquirrival e o comprimia sem clemência de encontro à margem esquerda, até que não restasse nenhum vestígio das águas "*negras como tinta*".

Há séculos, a luta entre estes dois titãs vem encantando os poetas, naturalistas, pesquisadores e a todos que tiveram a oportunidade de admirá-las. No século XVI o nome do Amazonas – de Orellana, a montante de Manaus, foi alterado para Solimões, tendo em vista se desconhecer em qual dos dois titãs se encontraria a nascente natural do Amazonas...

“Conto das Águas”

Mais uma vez caí no “*conto das águas*”. A tripulação do Piquiatuba informou-me que a água do bebedouro era de boa qualidade e eu acreditei. Infelizmente, minhas vísceras, não. Estava tresnoitado ao iniciar minha jornada e, além da desidratação, provocada pela disenteria, o Sol causticante forçava-me a beber a água contaminada.

Só então dei-me conta de que a água deveria ser a causa; acerquei-me da embarcação de apoio e enchi meu cantil com refrigerante. Procedi de forma idêntica em mais duas oportunidades – era muito bom poder contar com este tipo de ajuda em pleno Rio sem a necessidade alterar a rota e de aportar.

Puraquequara e a Missão Novas Tribos do Brasil

A passagem pelo Puraquequara sinalizada, nitidamente, pelo Farolete Maronas, trouxe-me gratas lembranças do Curso de Operações na Selva no Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), exemplos de superação, de camaradagem, de coragem, de fé e, sobretudo, de determinação dos companheiros do COS A/99.

Dedicarei, mais adiante, um capítulo especial ao CIGS que é, indiscutivelmente, a melhor instituição do gênero em todo o mundo.

*A **M**issão **N**ovas **T**ribos do **B**rasil [MNTB] foi fundada em 1953, é uma agência missionária de fé, de caráter indenominacional e cujo objetivo é alcançar grupos minoritários com o Evangelho de Cristo, e prestar assistência “integral” nas áreas de saúde, educação e desenvolvimento comunitário. (MNTB)*

Na Boca do Puraquequara existe uma instalação da controvertida MNTB, filiada à Sociedade Internacional de Linguística, que mereceria um capítulo à parte, mas cujo objetivo pode ser resumido como – *aniquilar povos e culturas e salvar línguas*.

A ONG que exerce sua nefasta ação na Amazônia com a total conivência e omissão das autoridades "*(ir)responsáveis*", já foi processada por ter invadido área indígena dos Zo'e, provocando a morte de 40 silvícolas por infecções respiratórias.

A Associação Brasileira de Antropologia acusa os membros da famigerada seita fundamentalista pela destruição cultural, de promover a desagregação social, realizar prospecção mineral e contrabando. Vários países latino-americanos mais atentos já expulsaram os vis missionários de seus países.

Costa de Santo Antônio

A viagem continuou sem grandes novidades pela face Norte da enorme Ilha do Careiro (40 km de extensão), e chegamos ao nosso local de destino por volta das treze horas, depois de remar por 70 km durante 07h15. O Porto era um pequeno Igarapé na Costa de Santo Antônio, um quilômetro a jusante do Igarapé de mesmo nome da Costa – exatamente na parte mais estreita, compreendida entre a margem esquerda do Amazonas e a Ilha das Onças.

A tripulação foi pescar com a tarrafa que eu adquirira em Manaus. À noite, no jantar, degustamos o fruto de seu labor. Uma chuva torrencial iniciou à tarde, felizmente depois de estarmos perfeitamente atracados, protegidos e instalados na Foz do Igarapé.

Careiro da Várzea

Passei ao largo de Careiro, mas nem por isso posso deixar de fazer algumas considerações a respeito. A população, segundo o censo do IBGE de 2010, era de 23.963 habitantes e o acesso ao Município se dá por via fluvial, em embarcações que saem diariamente do Porto de Manaus ou em lanchas rápidas que saem do Porto da CEASA em Manaus.

O Município do Careiro da Várzea, com sede na antiga Vila do Careiro, foi criado pela Lei n° 1.828, de 30.12.1987. Careiro estava no eixo da BR-319/174 que liga Porto Velho, RO, a Manaus, AM. Na altura de Humaitá, temos o entroncamento da BR-319 com a BR-230, conhecida como Transamazônica ([10]) e a partir daí temos um trecho comum até Careiro, da BR-319 com a BR-174, que continua de Manaus até Pacarima (RR) fronteira com a Venezuela.

A ligação de Porto Velho a Manaus não é viável tecnicamente passando por Careiro. A melhor alternativa seria melhorar a estrada de acesso do Município de Manaquiri à BR-319, construir uma ponte de 3.400 m, de Manacapuru a Manaquiri, e duplicar a rodovia que liga Manacapuru ao Distrito de Cacau Pirera, Município de Iranduba. O acesso a Manaus será pela ponte sobre o Rio Negro, que se estende da ponta do Pepeta, em Iranduba até a Capital.

A inauguração da ponte estava prevista para junho de 2011, mas como ainda falta licitar o sistema

---

[10] Transamazônica: é uma das maiores rodovias do país, com 4.000 km de comprimento, cortando os estados brasileiros da Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão, Tocantins, Pará e Amazonas. Inicia na Cidade de Cabedelo, na Paraíba, e segue até Lábrea, no Amazonas.

de proteção dos pilares baseado em balsas flutuantes, provavelmente, ela só será entregue em 2012. Um sonho manaura e brasileiro que aos poucos começa a se tornar realidade.

Histórico da Rodovia Federal BR-319

A BR-319, com cerca de 870 km de extensão, que liga Porto Velho, RO, a Manaus, AM, teve sua construção iniciada em 1968 e concluída em 1973. O objetivo de sua construção era assegurar o acesso à região do interflúvio Purus-Madeira integrando Manaus ao sistema Rodoviário Federal.

Os desafios eram enormes e somente a Engenharia Militar estava em condições a enfrentá-los. A região cortada pela rodovia tinha uma população rarefeita, apresentava altíssimos índices pluviométricos, o trecho Careiro-Humaitá estava inserido em região geológica que inviabilizava a implantação de uma rodovia de acordo com os padrões tradicionais e, além disso, era necessário realizar a transposição de diversos cursos d'água, construir aterros altos e superar os altos custos dos serviços.

Em 27.03.1976, quando foi finalmente inaugurada, a rodovia estava completamente pavimentada, e o tempo de deslocamento entre Porto Velho e Manaus, estimado em 12 horas.

Uma década depois, este tempo foi ampliado para 36 horas como resultado do processo de erosão, já previsto na época da construção. O total abandono por parte do poder público, no final da década de oitenta, tornou-a intransitável em muitos trechos a partir de 1988.

A BR foi incluída no Plano Plurianual 2004-2007 e depois no PAC. A Engenharia Militar iniciou as obras, no dia 21.11.2008, com duas frentes de trabalho partindo dos extremos da rodovia. Depois de concluído o processo de pavimentação da BR, que seria transformada em Estrada-Parque, a partir de 2013, assumirá a responsabilidade de realizar a sua manutenção, conservação e desenvolver ações de proteção ao meio ambiente.

BR-319, um Sonho há Muito Acalentado

A população que vive às margens da rodovia anseia pelo asfalto e confia na capacidade do Governo de criar e fiscalizar as unidades de conservação para evitar a ação de grileiros e madeireiras ilegais. Os "*talibãs verdes*", contrários ao asfaltamento, não se comovem com aqueles que necessitam de atendimento médico imediato e apontam, como alternativa, o transporte fluvial que pode levar até quatro dias de viagem. Outras questões que devem ser consideradas é a produção agropecuária que, na época das chuvas, não tem condições de ser comercializada por falta de condições da estrada, além de dificultar e, muitas vezes, inviabilizar o transporte escolar.

Ponte Rio Negro

A bela Ponte sobre o Rio Negro terá, quando concluída, um comprimento total de 3.505 m, incluindo as rampas de acesso. Possui 73 vãos de 45 m e dois vãos livres de 200 m ao redor de um marque central de 172 m de altura, a partir do nível d'água, e vãos livres de 55 m, no mínimo (período da cheia), de altura para a passagem de transatlânticos ou navios de grande porte.

O Governo do Estado determinou que essa cota fosse mantida, aumentando consideravelmente o custo da obra, garantindo total segurança para as grandes embarcações que, por acaso, seguissem em direção às cabeceiras do Rio. Os estais, em número de 104, do vão central, emprestam à ponte um formato em diamante que poderá ser avistado a uma distância de até 30 km. A largura de 20,7 m permitirá a construção de quatro pistas, além de passeio para pedestres em ambos os lados. A ponte será a maior em ambiente de água doce do Brasil e a segunda do mundo e deverá receber um fluxo semanal próximo dos 15 mil veículos.

Concretagem

O volume de concreto empregado equivale a dois Maracanãs e, em função do volume necessário para a concretagem das fundações, por vezes superiores a 90 m de comprimento e que demorariam aproximadamente dez horas para concretar, houve a necessidade de se resfriar o concreto. O material é misturado com gelo para que haja uma cura homogênea e se evite qualquer área de fragilidade. A obra iniciada em 2008 e cuja previsão de conclusão estava prevista para 2010 com orçamento de R$ 575 milhões já se aproxima de um bilhão de reais.

Puraquequara

Jornal do Commércio, n° 39.683 – Manaus, AM
Segunda e Terça-feira, 23 e 24.10.2006

Comunidade na Beira do Lago

A Comunidade de Puraquequara surgiu na primeira década do século XX, formada inicialmente por 23 famílias ribeirinhas que se instalaram nas margens do Rio Amazonas, vindas das calhas dos Rios Madeira, Purus e Juruá.

A principal atividade dos moradores na época era a pesca, o corte de madeira e agricultura de subsistência. A primeira Vila veio a se formar inicialmente na margem do Rio Amazonas, com o aumento do número de moradores, na maioria em busca de atividades alternativas de sobrevivência após o declínio do comércio da borracha, por volta de 1918.

Com o crescimento da Comunidade, a atividade econômica principal passou a ser a produção de farinha de mandioca e carvão vegetal, além da pesca de subsistência.

Os primeiros habitantes que chegaram ao local foram os das famílias Barroso e Matos. O nome Puraquequara vem de um peixe chamado poraquê, também chamado de enguia-de-água-doce. Para se alimentar, o peixe dá pequenos choques elétricos nas árvores, e come os frutos que caem delas. Literalmente, Puraquequara significa **Morada do Poraquê**. (JC, Nº 39.683)

Poraquê: também conhecido como puraquê, pixundu ou peixe elétrico, pertence à família "*electrophorus electricus*" e é encontrado em toda a Bacia Amazônica. Possui um corpo comprido e arredondado, sem escamas, cor pardo-avermelhada escura, com tonalidades amarelo-avermelhadas na cabeça, e ventre mais claro. Possui uma longa nadadeira ventral que se estende até a cauda, a cabeça é achatada e o ânus se localiza logo atrás da garganta.

Possui dois sistemas de produção elétrica, derivadas de massa muscular especializada para essa função. O primeiro sistema é involuntário, com descargas regulares utilizadas para se orientar em condições de pouca visibilidade e detectar presas ou fugir de predadores. O segundo sistema é um mecanismo de descargas elétricas de controle voluntário que pode emitir descargas de até 600 Volts sendo a cabeça o polo positivo, e a cauda, o negativo.

Este sistema é empregado apenas para se defender de seus predadores e atordoar ou matar vários tipos de presas e jamais para eletrocutar árvores em busca de frutinhas, esta afirmativa é apenas mais uma "*lenda*" amazônica. Apresenta um sistema acessório de respiração de ar atmosférico na cavidade bucal, motivo pelo qual sobe à superfície em intervalos de oito minutos para respirar. Poraquê significa "*aquele que faz dormir*", em tupi.

O mito de que se utilizam cavalos para capturá-los teve sua origem no relato de Humboldt de uma caçada em que os índios utilizaram esses animais para forçar os peixes a entrar em um pequeno Lago. Os cavalos e mulas, impedidos de ganhar as margens, sofreram diversas descargas elétricas que foram, progressivamente, se tornando mais fracas até que os nativos puderam arpoá-los. (Hiram Reis)

O leito do Rio Amazonas passou a ser morada dos habitantes de Puraquequara durante as quatro déca-

das seguintes. A ligação com a Cidade de Manaus era feita somente através de barco, aonde os moradores iam para vender sua produção de carvão e farinha. No entanto, o local não era uma região muito segura para se habitar, devido às enchentes regulares do Rio e o consequente fenômeno da terra-caída, que destruía as margens onde a Vila estava assentada. Crianças foram levadas pela correnteza, e a situação se tornou insustentável na enchente de 1953, quando a alta das águas do Amazonas destruiu casas e arruinou boa parte da Vila.

A partir daquele ano, as 50 famílias que habitavam a Comunidade de Puraquequara foram obrigadas a se mudar da margem do Rio Amazonas para uma terra segura, dentro do Lago, distante cerca de um quilômetro da antiga Vila. Lá, os moradores permanecem até hoje. As terras da várzea foram utilizadas somente para o plantio da mandioca, frutas e hortaliças. Em Puraquequara já havia uma escola, desde 1935, localizada na antiga várzea e batizada de escola N. Sª do Perpétuo Socorro, e funcionava na residência da professora Maria Borges de Souza. Em 1940, a escola ficou sem funcionar por falta de professores, até o ano de 1957, quando foi reformada e passou a se chamar escola Sérgio Pessoa Neto, em homenagem ao deputado que colaborou com a sua reabertura.

Na escola se ensinava a alfabetização e o ensino fundamental [1ª a 4ª séries] aos filhos dos moradores. No início de 1968, a escola sofreu uma segunda reforma, sendo reinaugurada, no dia 3 de agosto do mesmo ano, recebendo então o atual nome de Escola Municipal São Sebastião, em homenagem ao padroeiro de Puraquequara. Mas a gestão da escola passou para a SEMED [Secretaria Municipal de Educação] somente a partir de 1972, durante a gestão do prefeito Frank Abrahim Lima.

O progresso de Puraquequara começa a se impulsionar a partir de 1968, com a chegada da irmã Gabrielle ([11]), nascida na Bélgica e personalidade histórica da Comunidade. Graças à missionária, foi erguida na Vila atual, no início da década de 1970, em regime de mutirão, o Centro Social Comunitário.

O centro já existia na região da várzea, mas sua localização mudou para a atual devido à enchente do ano de 1972. O ambulatório médico que fez os primeiros atendimentos à saúde dos moradores também foi obra da irmã Gabrielle, contribuindo muito para a melhoria da qualidade de vida dos moradores. Assim como a primeira Igreja, batizada de Igreja Maria Mãe dos Pobres. Antes da construção da Igreja, as missas eram realizadas na sede do centro social, que guarda ainda hoje documentos históricos, como certidões de batismo e casamentos dos moradores da Comunidade.

Nos festejos do padroeiro da Comunidade, realizados todo dia 20 de janeiro, Puraquequara recebia diversos visitantes que vinham de barco para participar das comemorações em homenagem a São Sebastião. A irmã lutou por melhorias no Puraquequara e foi a principal responsável pela abertura da estrada que liga ao restante da Cidade. Na década 1990, a Comunidade cresceu novamente, com a implantação pela Prefeitura de um assentamento onde foram instaladas 300 novas famílias. As obras de pavimentação começaram em 28.08.1990 e foram concluídas no mesmo ano.

---

[11] Gabrielle Cogels: nascida na Bélgica, em 1913, ingressou na Congregação Franciscana Missionárias de Maria aos 21 anos e formou-se em Serviço Social. Veio para o Brasil aos 27 anos atuando, inicialmente, em atividades sociais em São Paulo e depois no Amazonas. Faleceu no ano de 2007, aos 94 anos, em Taubaté, SP.

A partir de então, a comunidade ganhou o reconhecimento de bairro e está registrada na Lei 671/02 do Plano Diretor do Município, em seu artigo 44. Puraquequara também se elevou à categoria de Área de Preservação Ambiental, com lei específica contra a ação de desmatamento.

Em reconhecimento ao esforço da religiosa e dos moradores, a prefeitura inicia, no dia 16 de setembro de 1996, o asfaltamento da estrada, que facilitou o acesso ao local e aumentou consideravelmente a população do bairro. No ano seguinte, em 1997, o bairro entra no processo de urbanização, com asfaltamento de várias ruas, entre elas as ruas São Sebastião, Santa Maria e da Paz.

Segundo os moradores mais antigos, outra pessoa que colaborou para o desenvolvimento da Vila do Puraquequara foi o proprietário de terrenos no bairro, conhecido por "*Seu Barroso*".

De acordo com Francisco Sampaio de Lima, que chegou ao Puraquequara em setembro de 1959, no início havia apenas um seringal e as pessoas tinham de plantar e pescar para produzir seu alimento. Depois de uma grande enchente que alagou toda a parte da frente da vila, Francisco comprou um terreno do seu "*Seu Barroso*", onde vive até hoje.

Peixe Gera Renda

Puraquequara tem hoje cerca de 20 mil habitantes, segundo estimativa do presidente do bairro, Antônio Leitão. Com relação à sua infraestrutura, o bairro conta com 5 igrejas evangélicas, além de 2 católicas, uma agência dos Correios e um campo de futebol, o Mario Paes. O bairro também possui a escola municipal São Sebastião, com o ensino fundamental.

Para a diretora da escola, Helissandra dos Santos, muitos alunos querem completar o estudos mas não têm como se deslocar para outros bairros e, desestimulados, param o estudo.

As atividades geradoras de renda são basicamente a pesca, a agricultura, o comércio e o funcionalismo público estadual e municipal. Existem restaurantes, lanchonetes, bares, mercadinhos, além do comércio ambulante, que ocorre na feirinha próxima à escola São Sebastião, de produtos artesanais feitos pelos moradores. A pesca ocorre atualmente com a criação de peixes em cativeiros, o que agride menos ao meio ambiente aquático.

Para incentivar o esporte, funciona no bairro o projeto Canoa Brasil, que conta com a participação de cem alunos moradores do local, apoiado pela Federação Amazonense de Canoagem e o governo federal.

Este projeto foi idealizado pelo professor Marcelo da Luz, atual Presidente da Federação e Supervisor do Canoa Brasil que conta com cem alunos que recebem orientação de três professores estagiários. As aulas acontecem todas as manhãs, durante três dias na semana. "A participação dos jovens neste projeto é gratificante para nós professores", comenta Mário Marco Nogueira, 23 anos, que veio do Pará e decidiu ser professor de canoagem na comunidade, depois de constatar a carência de incentivo do esporte no bairro.

Turismo em Alta

A grande atividade geradora de renda em Puraquequara é o turismo. Por sua localização dentro da floresta e seu afastamento do Centro da cidade, o bairro recebe vários turistas todo final de semana.

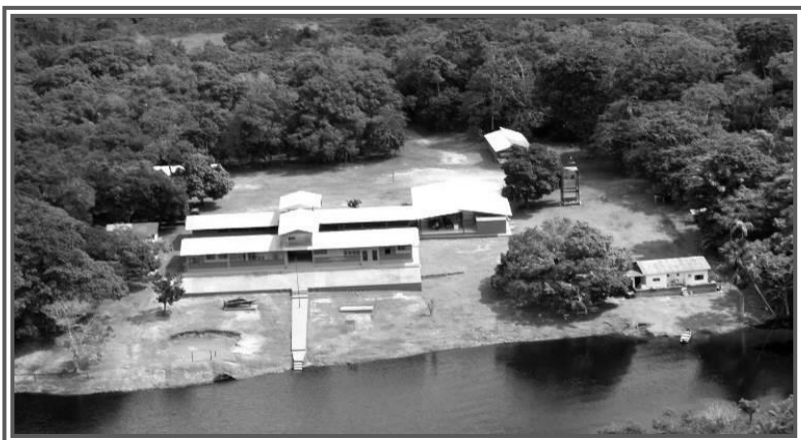



Imagem 13 – Base de Instrução Nº 4, Puraquequara

Os principais pontos turísticos do local são o Lago de Puraquequara, a Ilha da Fantasia, o Remanso do Boto, a Cachoeira Grande, o parque zoobotânico, área de preservação ambiental privada, o hotel da selva, além de uma diversidade de árvores típicas, como sumaumeira, tucumãzeiros e castanheiras. Segundo o presidente da associação do bairro, Antônio Leitão, na época da cheia do rio Amazonas, que cobre o lago de Puraquequara e vai de janeiro a julho, a comunidade recebe cerca de 5 mil turistas semanalmente. O principal hotel de recepção de Puraquequara é o hotel do Porto da Ilha da Fantasia. Erguido em uma estrutura de madeira de 10 m de altura sobre o leito do Lago, o hotel tem pequenos chalés ao ar livre, batizados com nomes de intelectuais, jornalistas e arquitetos e são interligados por caminhos de madeira, que proporcionam uma vista panorâmica de toda a região. Segundo a administradora do hotel, Rita Andrade, os turistas podem trazer sua alimentação e armarem suas redes sob a cobertura dos chalés. "*Nós fornecemos a infraestrutura para proporcionar o melhor conforto ao turista*", informa.

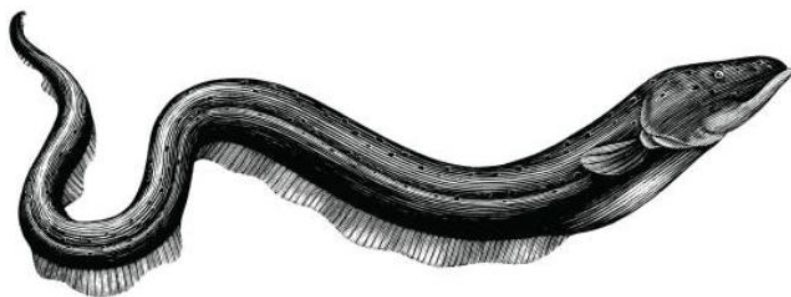
O hotel organiza roteiros turísticos durante a cheia do rio. Existe hoje quatro rotas que os visitantes podem conhecer, todas dentro da floresta. (JC, N° 39.683)

Relatos Pretéritos – Puraquequara

José Monteiro de Noronha (1768)

83. Como na sobredita Ponta de Puraquequara há uma impetuosa correnteza que faz trabalhosa a passagem das canoas, principalmente sendo grandes; e mais adiante se acham umas lajes de pedras, e nelas outra correnteza também grande; será conveniente, que pouco antes de chegar a Puraquequara, se procure a margem Austral do Rio e nela o Lago chamado d'El-Rei ([12]), que está fronteiro à Ponta de Puraquequara. (NORONHA)

Johann Baptist von Spix (1819)

Passamos pela Boca do Lago d'El Rei, e avistamos no lado Setentrional outra elevada margem, a costa de "*Puraquequara*" [buraco do Poraquê]. São muito abundantes aqui os poraquês nas covas das pedras da margem; e, ainda no mesmo dia, obtivemos dois desses peixes grandes, arpoados pelos índios da nossa montaria. (SPIX & MARTIUS)

[12] Lago d'El-Rei: o Lago do Rei ocupa grande parte da Ilha do Careiro.

Costa de Santo Antônio/Itacoatiara

O Rio
(Ana Paula Filipe)

Em cada margem que passa
Outra estou a conquistar
O futuro não se teme
Quando se está a amar.

Partida para Mauri (24.12.2010)

Acordei às 05h00 e me preparei para uma rápida jornada que eu pretendia encerrar antes das 11h00 na Comunidade Novo Horizonte, localizada na Foz, a jusante, do Paraná da Eva, a apenas 56 km de distância. Os botos tucuxis por várias vezes evoluíram graciosamente nas proximidades do caiaque, proporcionando momentos de puro encantamento. Volta e meia o foguetório, anunciando os festejos natalinos, quebrava a tranquilidade que me cercava. As águas continuavam calmas e consegui manter a média de 6 nós (aproximadamente 11 km/h). Fiz uma parada para descanso na Ilha Juara a Sudeste da Ilha Grande da Eva, onde um bando de aproximadamente doze alegres botos tucuxis pescavam; imediatamente o zeloso Comandante Mário determinou que o Vieira Lopes viesse, com a voadeira ([13]), verificar se havia algum problema. Chegamos antes das 11h00 ao destino original, mas o Comandante do Piquiatuba, Sd Mário, achou melhor buscar um porto mais seguro a jusante. Depois de navegarmos alguns quilômetros, ele decidiu lançar a voadeira com seu motor de 40 HP para agilizar o reconhecimento e, finalmente, localizou um porto adequado na Foz do pequeno Igarapé Mauari.

---

[13] Voadeira: barco de alumínio com motor de popa.

Aportei, por volta das 12h30, depois de navegar mais de 70 km, por 07h00.

Porto do Mauari

A Foz possuía profundidade adequada para abrigar a grande embarcação de apoio, a montante e a jusante o porto era protegido por curiosos paredões de pedra que abrigavam um aprazível balneário de areias brancas. Depois da rotina de cuidar do caiaque, lavar a roupa e tomar um bom banho a bordo, fomos visitar o Professor Beque, um dos líderes da comunidade, que autorizara nossa ancoragem.

Professor Beque, o "*Forest Gump*" do Mauari

O Professor de 53 anos possui curso de magistério, foi marinheiro da marinha mercante e hoje, como auxiliar de saúde, apoia os membros da Comunidade do Mauari. Beque relatou que a Comunidade foi formada por descendentes do Capitão Mariano Teixeira que teria fugido de Portugal, quando Napoleão Bonaparte declarou guerra aos lusitanos, radicando-se no Mauari, Costa do Amatari.

O Professor amazonense afirma que é produto da miscigenação de portugueses da família Quirino com índias da etnia Mura e que cada patriarca, na época, tinha duas ou três esposas fazendo com que a descendência crescesse rapidamente. Beque relata que:

> A Fazenda Mauari é um local bonito e pitoresco. Na Foz do Igarapé, temos uma laje de pedra de ambos os lados e, no centro, uma praia que é usada como balneário. Na ponta da laje de jusante, existe uma formação que lembra um rosto feminino conhecido como Maria Mococa.

Em uma oportunidade, veio um pessoal de Manaus e uns amigos depois de tomarem umas "*geladas*" foram até a praia e não retornavam. A esposa de um deles, ansiosa, me perguntou se havia algo interessante na beira para que o marido demorasse tanto e se havia alguma coisa que pudesse pegá-lo.

Respondi que tinha uma mulher de pedra e ela entendeu que tinha uma mulher nas pedras e ficou cheia de ciúmes. Notando sua aflição, disse que não havia nenhum problema porque a mulher não tinha coração e era dura de roer porque é uma mulher de pedra. Ela desceu comigo até a praia e, ao identificar a Pedra da Maria Mococa, começou a rir.

Passeio pela Comunidade do Mauari

Depois de um bom banho no balneário e garantir os peixes para a ceia de Natal, acompanhamos o Professor no seu périplo pela comunidade onde conhecemos seus membros mais antigos e a enorme plantação de acerolas. A tripulação do B/M Piquiatuba se animou, momentaneamente, em participar das comemorações natalinas ou dos folguedos pagãos, mas reconheceram que isso não seria possível tendo em vista de que teríamos de partir às cinco da manhã.

Partida para Itacoatiara (25.12.2010)

Quando desci, às cinco horas, para o convés inferior, a tripulação já estava a postos, fiz um rápido lanche e colocamos o caiaque n'água. Ao contrário dos demais dias, o vento de proa e o banzeiro prejudicaram, durante toda a jornada, minha progressão. Havíamos decidido manter a rota pela margem esquerda do Amazonas percorrendo o Paraná da Trindade (Cumaru) ao Norte da Ilha do mesmo nome

que desvia as águas do Madeira pela margem direita do Amazonas ao longo da Costa do Arapará. A opção tinha a vantagem de ser mais curta embora mais lenta. Continuei a navegação sempre enfrentando o vento de proa e ondas que alcançavam meio metro de altura, nada que prejudicasse a estabilidade do formidável caiaque Cabo Horn da Opium FiberGlass.

Por volta das 07h30, logo na entrada do Paraná Cumaru, depois de navegar 18 km, por quase duas horas, avistei uma interessante ponte de ferro em arco sobre o Igarapé Nossa Senhora das Graças, aproveitei para fazer uma parada para descansar e fotografá-la. Hidratei-me, comi uma banana e uma maçã e voltei para a água. Naveguei pelo talvegue do Paraná. Os ventos continuavam prejudicando o deslocamento, apontei a proa diretamente para a Ilha Benta, ia fazer uma parada na praia de sua face Norte.

Aportei na Ilha Benta, às 09h20, depois de navegar 16 km, observei o Piquiatuba estacionado a 3 km a jusante da Foz do Rio Urubu, realizei meus procedimentos de rotina e retornei ao Rio para meu lance final.

Notifiquei a equipe de apoio a respeito de minha rota, enchi o cantil com refrigerante e parti. Logo que adentrei nas águas oriundas do Rio Madeira, encontrei troncos arrastados pela correnteza deste formidável afluente da margem direita do Amazonas.

Até então eu não havia encontrado nas águas do Amazonas vestígios desse material já que o Solimões, nesta época, não tinha correnteza suficiente para arrastar os troncos encalhados nas margens ou areais do seu leito.

Itacoatiara era perfeitamente visível a mais de 20 km de distância, piquei a voga, mas não adiantou muito, a velocidade dos ventos e a altura das ondas tinham aumentado muito. Aportei no Piquiatuba, já ancorado, às 12h12 depois de navegar aproximadamente 70 km, e de remar por quase sete horas. Estabeleci os contatos necessários com o pessoal de terra e permaneci a bordo até a tarde de 26, colocando em dia o material coletado ao longo do caminho.

Timão

(Keilah Diniz)

Segura esse timão, força no braço!
A nossa meta é Rio acima e não abaixo
A correnteza às vezes puxa, mas a água é mansa
Com muito jeito e calma a fortaleza a gente alcança.

Vamos seguindo neste embalo
Atravessando pau e praia
O tempo é mais esperto que a distância
E quanto mais se espera mais se cansa.

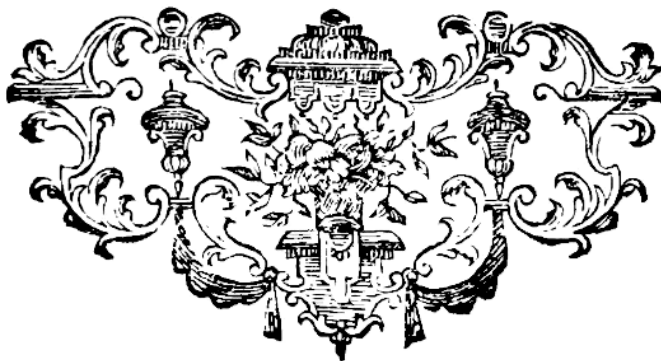
Vamos subindo sem enfado
Varejando em Rio seco
No rancho macaxeira e banana
Com sorte, carne, caça e jabá.

Boi Garantido
(Tadeu Garcia)

Imagem 14 – Muiraquitã

No luar, belas mulheres fazem um ritual
O amor de índio que renascerá
Pra escolher seus lírios filhos a seguir seus sonhos.

Se for mulher, festa na Aldeia a quem vai chegar
Se curumim seguirá com o pai
Pelas terras do "sem fim" das matas da Amazônia.

Em procissão, as amazonas livres vão mergulhar
No largo espelho pra se buscar
O amuleto de atração lunar de mais amar
Icamiabas são filhas desse encanto
Ser mulher tem o acalanto
Mais perfeito pra viver e sobreviver
No espaço da selva não se sente solidão
É o destino do amor, que conduz a direção
São guerreiras valentes desnudas
Determinando na vida reprodução, pra evolução.

A índia dança e não se cansa
Encanta o homem suas tranças
Onde estão os seus tesouros
De amor a seduzir "<u>Muiraquitã</u>". [...]

Imagem 15 – 56° Feira do Livro – Praça da Alfândega

Imagem 16 – 56° Feira do Livro – Praça da Alfândega

Imagem 17 – Ponte do Rio Negro – Manaus, AM

Imagem 18 – Ponte do Rio Negro – Manaus, AM

Imagem 19 – Comunidade Muari – Itacoatiara, AM

Imagem 20 – Pedra da Maria Mococa – C. Muari

Mapa 1: Manaus/C. de St° Antônio/Muari/Itacoatiara

CIGS – Centro Coronel Jorge Teixeira

Em terra de perenes desafios, uma grande cruzada para o crescimento, onde o épico confronta com a realidade. Não basta querer fazer e querer desenvolver: é preciso um esforço de Hércules para que todo dia superemos as dificuldades. (Jorge Teixeira de Oliveira)

Jorge Teixeira de Oliveira

Divisão de Doutrina e Pesquisa do CIGS e Jornal Gente de Opinião.

Jorge Teixeira de Oliveira nasceu no dia 03.06.1921, em General Câmara, Rio Grande do Sul. Filho de Adamastor Teixeira de Oliveira e Durvalina Estibem de Oliveira, casou-se com Aida Fibiger de Oliveira, e teve dois filhos, Rui Guilherme Fibiger Teixeira de Oliveira e Tsuyoshi Myamoto (criação). O Coronel Jorge Teixeira foi declarado Oficial de Artilharia na turma de 1947 da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Resende, Rio de Janeiro, e concluiu o mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1963. Foi o primeiro Comandante do Centro de Instrução de Guerra na Selva – CIGS.

Para capacitar o núcleo inicial de recursos humanos que formaria o corpo docente do CIGS, o então Major Teixeira, mais conhecido como "*Teixeirão*", e uma plêiade de excelentes Oficiais e Sargentos, da Brigada de Infantaria Paraquedista, do Rio de Janeiro, foram enviados ao Panamá para cursar o "*Jungle Expert*" na Escola das Américas, no Forte Sherman (US Jungle Operations Trainning Center – JOTC, Fort Sherman, Canal Zone). Após o curso, Teixeira e sua equipe iniciaram o planejamento e execução da estrutura que resultou na formação, em curto prazo, da primeira turma de Guerreiros de Selva, em 19.11.1966.

A determinação hercúlea e a perseverança desses militares apaixonados pela Amazônia Brasileira edificaram solidamente os alicerces do CIGS, não apenas a estrutura física, mas, sobretudo, a mística que se consolidou ao longo dos anos. O "*Teixeirão*" escolheu, delimitou a área da sede do campo de instrução e a construção dos pavilhões que deram personalidade ao Centro de Instrução de Guerra na Selva.

Deu-se o início, então, a uma verdadeira epopeia. A carência de recursos materiais foi suplantada com muita dedicação e capacidade de trabalho por parte dos instrutores e monitores. Os pioneiros foram o Major Omar de Moura Oliveira, Subcomandante, os Capitães José Luiz Leal Santos, oficial de operações, Domingos Carlos Sá Novaes, administrador e Paulo Henrique Pires Luz, veterinário, os Tenentes Guedes e D'Alencar e os Sargentos Dantas, Liberato, Sobreira, Monteiro, Geraldo e Cid.

E, por dever de justiça, não se pode deixar de mencionar outros Pioneiros que contribuíram significativamente para que o CIGS se transformasse na melhor escola do gênero do mundo. Alguns deles tiveram o privilégio de serem Comandantes do Centro mais tarde, como aconteceu com o Coronel Gélio Augusto Barbosa Fregapani, 6° Comandante e com o General Adalberto Bueno da Cruz, 10° Comandante.

O "*Teixeirão*" comandou as tropas brasileiras em Roraima, nas localidades de Bonfim, Normandia, Surumu e Marco BV 8 para fazer frente aos problemas advindos da revolução interna ocorrida em Rupumuni, Venezuela, quando demonstrou sobejamente suas habilidades de chefe e líder.

Gosto que haja dificuldades em minha vida, pois quero e espero superá-las. Sem obstáculos não haveria nem esforços, nem luta, e a vida seria insípida.
(Coronel Jorge Teixeira de Oliveira)

No dia 03.05.1970, assumiu a Presidência da Subcomissão Geral de Investigação do Estado do Amazonas. Foi exonerado do Comando do CIGS, em dezembro de 1970, e, em 1971, nomeado como primeiro Comandante do Colégio Militar de Manaus. Sua atuação e comportamento transcenderam a vida militar, tendo conquistado o carinho e admiração da população amazonense, que acreditava na sua sinceridade de propósitos e valor. O reconhecimento dos amazonenses foi materializado quando resolveram outorgar-lhe o título de Cidadão do Amazonas, entregue pela Assembleia Legislativa do Estado.

Em 1999, reconhecendo a importância do trabalho pioneiro do Coronel Teixeira, o Exército Brasileiro concedeu ao CIGS a denominação histórica de Centro Coronel Jorge Teixeira. Uma justa homenagem àquele que legou às gerações posteriores uma escola militar ímpar, considerada a melhor Escola de Guerra na Selva do planeta.

O Coronel Jorge Teixeira de Oliveira marcou a história da Cidade de Manaus e do estado de Rondônia, que passaram por sua administração. "*Teixeirão*" foi nomeado Prefeito de Manaus, em 15.04.1975. O responsável pela nomeação foi o Governador Henock da Silva Reis. Jorge Teixeira recebeu a Prefeitura de Manaus das mãos do Presidente da Câmara Municipal e Prefeito interino, Ruy Adriano de Araújo Jorge. Na época, Manaus despontava em termos de desenvolvimento econômico, e populacional, após a instalação

da Zona Franca de Manaus, em 1967, e a criação do Polo Industrial. O Coronel Jorge Teixeira, ao assumir a função de Prefeito Municipal de Manaus, agilizou projetos antigos e viabilizou trabalhos de reestruturação da Cidade. Uma de suas atribuições foi criar o Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI), transformando, em seguida, em lei e posto em execução, dando início aos trabalhos de desenvolvimento da Cidade de Manaus. O povo manauense vibrava com seu líder atuante, alegre, comunicativo, amigo, brincalhão, querido por seus comandados e admirado pelos amazonenses.

O Coronel Jorge Teixeira foi, também, o último Governador do antigo Território Federal de Rondônia e o primeiro Governador do novo Estado. Ele foi nomeado pelo Presidente da República João Baptista de Oliveira Figueiredo, assumindo o cargo em 10.04.1979, com a tarefa de preparar a transição do Território Federal de Rondônia para Estado.

A "*Era Teixeirão*", iniciada em 10.04.1979, se estendeu até 1985. Na época, o garimpo no Rio Madeira estava no auge e o território recebia milhares de migrantes ávidos em busca de fortuna e terra. A criação de novos Municípios em junho de 1981 – Colorado, Espigão D'Oeste, Presidente Médici, Ouro Preto, Jaru e Costa Marques – foram obras de Teixeirão. As obras se avolumavam, com o respaldo do Ministro do Interior Mário Andreazza, foi construída a Usina Hidrelétrica de Samuel, asfaltada a rodovia BR-364, implantada a Assembleia Legislativa, Tribunal de Contas do Estado, entre outras grandes obras. "*Teixeirão*" ganhou a maioria das eleições de que participou elegendo Deputados Estaduais, Federais e Senadores.

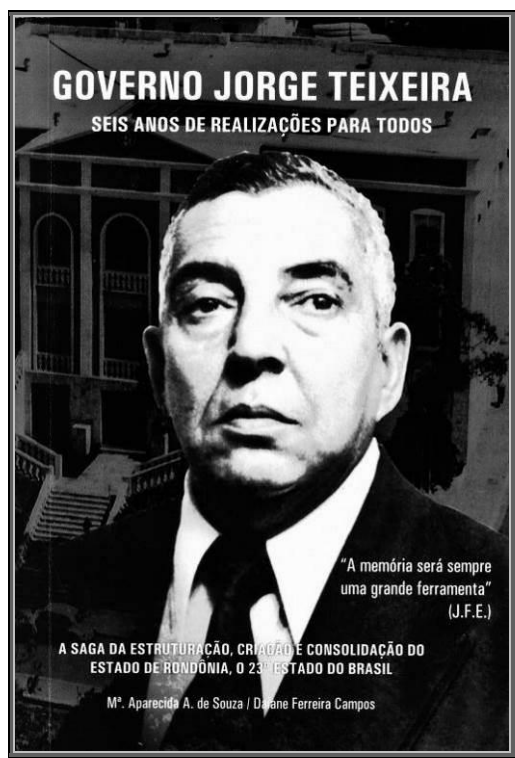



Imagem 21 – Cel Jorge Teixeira de Oliveira

No dia 16.12.1981, o Projeto de Lei Complementar n° 221-A/81, foi aprovado na Câmara Federal, dando origem à Lei Complementar n° 41, de 22.12.1981, que criava a nova Unidade da Federação, o Estado de Rondônia. Jorge Teixeira foi empossado no cargo de Governador do Estado de Rondônia, no dia 29.12.1981, em Brasília.

O Governo do "*Teixeirão*" foi pródigo em realizações: instalou o Conselho de Educação, inaugurou o tronco de microondas Porto Velho-Ji-Paraná, criou a RONASA (Rondônia Navegação Comércio e Representação Ltda), inaugurou a transmissão direta de televisão para a Cidade de Pimenta Bueno, entregou 200 títulos de terras aos soldados da borracha.

No dia 01.06.2005, o Coronel Jorge Teixeira de Oliveira, ex-Prefeito de Manaus, recebeu homenagem póstuma na Assembleia Legislativa do Estado, em pronunciamento feito pelo Deputado Messias Sampaio (PRTB). O parlamentar destacou o trabalho feito pelo militar, na Cidade de Manaus quando foi Prefeito e como Governador do então território de Rondônia, apoiado pelo governo federal, construiu a Usina Hidrelétrica de Samuel e a rodovia BR-364. (Divisão de Doutrina e Pesquisa do CIGS e Jornal Gente de Opinião)

Que Não Ousem Ameaçar a NOSSA Amazônia!

Conhecem como ninguém a Arte da Guerra na Selva. Integram frações coesas que deslizam silentes, mimetizadas nos labirintos da mata misteriosa. São fugazes e atuam de surpresa, sem frente nem retaguarda, emboscando e inquietando. (Coronel Gustavo de Souza Abreu – Secretário de Política, Estratégia e Assuntos Internacionais do Ministério da Defesa)

A passagem pelo Puraquequara trouxe-me gratas recordações. Em 1999, eu e outros 19 camaradas tivemos nossos limites físicos e emocionais testados por ocasião do **C**urso de **O**perações na **S**elva (COS). As adversidades impostas pela selva, a constante pressão psicológica exercida pelos instrutores contrastava com o ambiente de sã camaradagem que permeava naquele seleto grupo de oficiais estagiários. Desde os tempos de aluno do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) que acalentei o sonho de um dia me tornar um Guerreiro de Selva. Fui inspirado pelo então Capitão Cav Francisco de Paula Barcellos da Silva, chefe da seção de Educação Física e instrutor do Curso de Infantaria do CMPA. Nos exercícios de campo, eu e os demais alunos, ouvíamos atentos seus relatos sobre o Curso e sonhávamos um dia, quem sabe, ostentar o "*Brevê da Onça*".

Por diversas vezes (17) tive minha matrícula indeferida. Por vezes a legislação impunha que o militar estivesse servindo no Comando Militar da Amazônia e eu estava servindo nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul; em outras priorizava os oficiais mais antigos e eu era moderno; outras aos mais modernos e eu era antigo... Quando passei a chefia do 1° Centro de Telemática, em Porto Alegre, RS, em 1999, consegui, a pedido, ser transferido para a 23ª Brigada de Infantaria de Selva (23ª Bda Inf Sl), Marabá, PA, com um único objetivo, tentar, pela última vez, concretizar meu ideal.

Treinei exaustivamente durante sete meses e, apesar do Comandante da 23ª Bda Inf Sl, General Bda Edson Sá Rocha, ter dado parecer negativo ao meu requerimento, e embora eu afirmasse, no mesmo, que iria para a reserva logo após a conclusão do curso, condições que, normalmente, invalidariam de imediato a proposta, tive minha matrícula aprovada.

Havia uma determinação para que o efetivo mínimo para o funcionamento do Curso fosse de vinte oficiais e esse número não estava sendo alcançado. Foram chamados seis capitães com EsAO, um Major da Polícia Militar do Estado do Amazonas, dois oficiais, de outros Comandos Militares que tinham sido classificados no CMA atingindo um total de dezenove estagiários.

Graças à falta de outros voluntários, portanto, é que consegui que meu requerimento fosse aprovado. Foi uma das experiências mais gratificantes de toda a carreira. A superação de limites aliada a um companheirismo sem precedentes gravou, de maneira indelével na minha memória, a imagem daqueles indômitos camaradas.

A passagem mais marcante de todo o Curso foi, sem dúvida, a de ver o então Tenente Coronel André Thiago Salgado Chrispim carregando duas mochilas de 25 kg durante quase todo o curso para impedir que um colega, que tinha sofrido um grave problema na coluna, viesse a ser desligado. Na formatura de conclusão do curso, como xerife do grupamento, indiquei, o Chrispim para fazer a "*Oração do Guerreiro de Selva*".

Por ocasião da brevetação, o General Luiz Gonzaga Schroeder LESSA, meu ex-Diretor de Informática e então Comandante Militar da Amazônia (CMA), insistiu para que eu assumisse o compromisso de levar ao povo do Rio Grande do Sul uma visão mais realista das questões que afligem a Região Amazônica. Desde o ano de 2000 que viemos cumprindo este acordo computando até o dia de hoje 349 palestras realizadas.

Histórico do CIGS
www.cigs.ensino.eb.br.

> Com o Decreto Presidencial 53.649, de 02.03.1964, foi criado o Centro de Instrução de Guerra na Selva, subordinado ao Grupamento de Elementos de Fronteira. O Brasil vivia momentos de inquietação, marcados por tensões sociais e graves perturbações da ordem interna. Naquela época, o Exército ressentia-se da falta de uma unidade capaz de especializar militares no combate na selva e de constituir polo irradiador de doutrina de emprego de tropa nesse complexo ambiente operacional amazônico. Tais fatores, sem dúvida, inspiraram a criação do CIGS, que veio preencher uma lacuna existente no Exército que ainda ocupava de maneira muito modesta esta parte do território nacional de inestimável valor estratégico.

Foi um começo marcado por dificuldades: falta de experiência na constituição, consolidação e condução de um Centro de Instrução; instalações físicas improvisadas no antigo Quartel-General do 1° **G**rupamento de **E**lementos de **F**ronteira, na Ilha de São Vicente; a falta de material de todas as classes. Entretanto, tais dificuldades não desanimaram aqueles que, premiados pelo destino, tiveram o privilégio de compor a primeira equipe, a "*Equipe Pioneira*", responsável por dar início às atividades de instrução no CIGS.

Na condução dessa equipe, o então Major Jorge Teixeira de Oliveira, o saudoso "*Teixeirão*", homem caracterizado por qualidades pessoais e profissionais que o habilitaram como verdadeiro líder, admirado por todos quantos tiveram a oportunidade de conhecê-lo. Sob a orientação de Jorge Teixeira, "*os pioneiros*" superaram todos os obstáculos e deram ao CIGS as melhores condições para um início de atividades marcado por êxitos e realizações.

Em 10.10.1966, mercê dos esforços dessa equipe de "*pioneiros*", foi iniciado o primeiro Curso de Guerra na Selva do nosso Exército e a primeira turma foi brevetada no dia 19.11.1966, em solenidade realizada no atual estádio do Colégio Militar de Manaus.

Era a primeira grande contribuição do CIGS ao Exército e ao Brasil! Os continuados êxitos alcançados, frutos do desprendimento, da disciplina, da dedicação, do sentimento de cumprimento do dever e de amor ao Exército, à Amazônia e ao Brasil, por parte dos integrantes das diversas equipes que sucederam a equipe pioneira, fizeram com que, paulatinamente, o CIGS fosse obtendo o reconhecimento, em âmbito nacional e internacional, como referência na atividade que desenvolve: a formação dos Guerreiros de Selva Brasileiros.

A necessidade sentida pela Força de alterar o perfil dos militares aqui especializados levou a estudos que culminaram por ampliar e alterar a vocação do CIGS, que passou, no período de 1970 a 1978, a designar-se **C**entro de **O**perações na **S**elva e **A**ções de **C**omandos – COSAC. Em 11.01.1978, a Unidade retornou a sua antiga denominação – CIGS –, deixando de especializar os comandos brasileiros tendo este encargo retornado à Brigada Paraquedista no Rio de Janeiro. Em 17.12.1999, recebeu a denominação histórica "*Centro Coronel Jorge Teixeira*", em justa homenagem ao seu mais insigne integrante.

Missão do CIGS

www.exercito.gov.br.

Especializar Oficiais, Subtenentes e Sargentos para o combate na selva; adestrar e avaliar tropas da Força Terrestre na Amazônia; realizar pesquisas e experimentações doutrinárias; valorizar e difundir a mística do guerreiro de selva; atuar no controle do meio ambiente e projetar a boa imagem da Instituição. Para o cumprimento das missões do CIGS impostas e deduzidas, a Política de Comando é elevar o atual nível das funcionalidades ensino, doutrina e pesquisa, valorizando: a mística do Guerreiro de Selva.

Cursos de Operações na Selva

www.exercito.gov.br.

O COS – Curso de Operações na Selva – é um curso de especialização militar do Exército Brasileiro, pós-formação, destinado a Oficiais, Subtenentes e Sargentos das Forças Armadas brasileiras. Visa à capacitação de recursos humanos em Operações na Selva, prioritariamente destinados às unidades militares do Exército na Amazônia, disponibilizando parte das vagas para a Marinha e para a Aeronáutica.

Também disponibiliza vagas para militares de nações amigas, conforme interesses diplomáticos nacionais. O conteúdo programático para estrangeiros é menor, deixando de constar, por exemplo, temas que envolvem questões de segurança nacional. O COS é um duro teste das condições físicas e orgânicas – para o enfrentamento do hostil ambiente da selva amazônica – de preparo intelectual – para o desempenho de funções que exijam liderança em Combate na Selva – e de preparo psicológico – para lidar com as condições adversas do ambiente e com situações de realismo próprio das atuações de guerra.

Símbolos Internacionais

Intercâmbios, T&D, 2006.

Ao longo de sua existência, o CIGS tem construído uma imagem de destaque, tanto no Brasil quanto no exterior. Não é à toa, portanto, que, todos esses anos, inúmeros Oficiais e Sargentos das Forças Armadas de nações amigas têm seguido em direção a Manaus para realizar os Cursos de Operações na Selva. [...]

Na realidade, para os militares visitantes, são destinados, agora, os **C**ursos de **T**reinamento na **S**elva, que os prepara para algumas funções como o planejamento, coordenação e execução de operações em ambiente de selva equatorial. Muito semelhante, mas com duração menor, o CTS abrange em seu currículo disciplinas como Vida na Selva, Instruções Básica e Especial, Marchas, Patrulhas e Treinamento Físico Militar e a sua subdivisão por fases é igual à dos COS. Contudo, a Fase de Operações na Selva, para esses alunos, é limitada a atividades de patrulha. Aliás, com a relação à toda a instrução ministrada, ocorre a supressão de algumas matérias que só podem ser ministradas a militares brasileiros.

Por outro lado, o CIGS, em função da reciprocidade, também envia integrantes para cursos em escolas do mesmo escopo em países vizinhos. Até 1999, ainda era frequentado o "***J**ungle **O**perations **T**raining **C**enter*" [JOTC], no Panamá, sob a responsabilidade do Exército dos Estados Unidos. Com a devolução da área do Canal à administração panamenha [onde se situava a base do JOTC], outras opções foram procuradas para a continuidade da troca de conhecimentos. Nos últimos anos, o intercâmbio tem sido mais positivo em relação ao Exército do Equador, para onde militares brasileiros têm seguido com alguma regularidade para realização dos Cursos de Selva e Tigres.

Ambos, ao seu término, proporcionam com atividade conclusiva patrulhas em áreas fronteiriças com a Colômbia nas quais é muito forte a presença das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia [FARCs]. Através desse novo relacionamento, o CIGS, tal qual outrora aconteceu em relação ao JOTC, se esforça para buscar o estreitamento dos laços entre os países amazônicos na área de cooperação militar, difundindo a excelência do padrão do guerreiro de selva brasileiro, já que todos são, em suas respectivas porções, parceiros na tarefa de preservação da soberania.

O Guerreiro de Selva

Coronel Gustavo de Souza Abreu.

Ao se referir ao Guerreiro de Selva – em sentido amplo – empresta-se um significado especial. Trata-se do homem que de uma maneira ou de outra, empreende uma luta pela Amazônia brasileira. Nesse sentido, o cidadão não-militar pode ser um Guerreiro de Selva, desde que sua história de vida caracterize-se pela defesa, em qualquer sentido, dos interesses nacionais sobre a Região Norte do Brasil em termos de soberania.

Assim, na guerra, o combatente da resistência, integrando a força de sustentação, subterrânea ou outra, é um autêntico Guerreiro de Selva. Na paz, é o mateiro do CIGS e dos Pelotões de Fronteira, o apoiador das ações das Forças Armadas, aquele que empresta sua área e seus meios para exercícios, aquele que participa como figuração nas manobras, além de diversas outras formas de manifestação genuína de brasilidade.

É importante destacar que o Combatente de Selva, militar, é um misto do homem que tem educação militar tradicional, em sua grande parte oriunda de outras regiões do Brasil, que só se torna um combatente verdadeiro após instalar-se e passar por um processo de adaptação, seja por consequência de estágios, treinamentos e ou cursos proporcionados pelo CIGS.

A contribuição das culturas indígenas e caboclas – traduzida metodologicamente por intermédio dos cursos, estágios e adestramentos das tropas – representa importante fator determinante da qualidade do Combatente de Selva. [...]

Conceitos

Combatente de Selva, Guerreiro de Selva e Guerreiro da Selva são termos que costumam ser tratados como sinônimos. Há, entretanto, uma sutil diferença entre eles. Combatente de Selva é mais amplo, Guerreiro de Selva é aquele que fez o curso de "*Guerra na Selva*" do CIGS e Guerreiro da Selva é o especialista brasileiro.

– *Combatente de Selva*: militar, de qualquer posto ou graduação, de carreira ou temporário, que tem instrução específica própria de unidades de selva, para o desempenho de cargo previsto em Quadro de Organização das organizações militares do CMA.

– <u>*Guerreiros*</u> <u>*de*</u> <u>*Selva*</u>: termo genérico do especialista em operações na selva formado pelo CIGS, das Forças Armadas nacionais e estrangeiras. No jargão militar internacional é o "*jungle expert*", apto a combater em qualquer selva do mundo com características semelhantes à da Amazônia.

– <u>*Guerreiros*</u> <u>*da*</u> <u>*Selva*</u>: termo estrito atribuído ao Guerreiro de Selva brasileiro. Tem conotação poética, ao referir-se especificamente ao Guerreiro "<u>*da*</u>" Amazônia Brasileira. Assim, quando o sentido do texto, poema, comentário, etc, referirem-se ao nacional, deve-se optar pelo termo "*Guerreiro da Selva*", da selva Amazônica Brasileira. A "*Oração do Guerreiro da Selva*" e o poema "*Que Não Ousem*" *são exemplos de referências de exaltação aos Guerreiros da Selva Amazônica Brasileira*.

As Leis da Guerra na Selva

Coronel Gélio Augusto Barbosa Fregapani

1ª Tenha a iniciativa, pois não receberás ordens para todas as situações, tenha em vista o objetivo final;

2ª Procure a surpresa por todos os modos;

3ª Mantenha seu corpo, armamento e equipamento em boas condições;

4ª Aprenda a suportar o desconforto e as fadigas sem queixar-se e seja moderado em suas necessidades;

5ª Pense e aja como caçador, não como caça;

6ª Combata sempre com inteligência e seja o mais ardiloso.

No início do CIGS, o curso então era praticamente de instrução individual; de coletivo apenas um pouco de patrulhas e emboscadas. Ao terminar meu tempo de instrutor, visando influir no que reconhecia como lacuna, escrevi na revista Defesa Nacional alguns artigos sobre o assunto "*GUERRA NA SELVA*". Em um deles descrevi como deveria ser um Grupo de Combate [GC] de infantaria de selva, naturalmente distinto de um GC comum e com armamento e equipamento adequados. O nome do artigo é "*A TROPA DE SELVA*", se não me falha a memória e foi publicado por volta de 1970. Nele que escrevi as "*LEIS DA GUERRA NA SELVA*". As "*leis*" se popularizaram quando, no meu comando, mandei-as escrever numa parede. Ainda hoje as considero pertinentes e adequadas.

A Oração do Guerreiro da Selva

Coronel Humberto Batista Leal

A primeira ideia que tive de escrever uma oração para os combatentes de selva nasceu durante o meu curso de Guerra na Selva em 1980, precisamente na área destinada ao descanso dos alunos na Base de Instrução II. Ali eu falei para alguns companheiros de Curso que desejava escrever um poema para ser recitado pelas tropas de selva. Eu juntava, em silêncio, as palavras mais simples que encontrava, para compor os versos que tivessem a simplicidade da floresta e dos homens que usavam o Brevê da Onça. Havia instantes de incerteza e angústia naqueles dias difíceis, e imaginávamos o que seria a guerra naquele ambiente hostil. Nessas horas de se buscar forças para vencer fadigas diárias, desafios ameaçadores, não há como o homem evitar o mergulho dentro de si mesmo; e, ao fazê-lo, conduz naturalmente o pensamento a Deus – o mesmo Deus que não explica nossas guerras, mas nos fortalece diante das interrogações do destino, mesmo as mais

enigmáticas e incompreensíveis indagações. Em junho daquele ano, pouco mais de vinte oficiais concluíam o curso. Meses depois, já nomeado instrutor do Centro de Instrução de Guerra na Selva, retornei a Manaus, ficando hospedado, com minha esposa e filho, na casa do então 1° Tenente Benedito Rosa Filho, na Rua Brasil, da Vila Militar de São Jorge, mesma Rua do Hotel de Trânsito dos Oficiais. Éramos comandados pelo Tenente-Coronel Gélio Augusto Barbosa Fregapani, autor das Leis da Guerra na Selva e um entusiasmado Comandante. A Seção de Selva era dirigida pelo Capitão Barros Moura; a de Doutrina e Pesquisa, pelo Capitão Joel. A equipe se compunha de Capitães e Tenentes.

Eu fiz dupla em Orientação na Selva com o meu estimado amigo Tenente Antônio Carlos Duarte Soares. Em março de 1981, passamos muitos dias percorrendo as pistas de orientação, identificando e reparando placas. E falávamos da oração. Ao retornar a Manaus, numa daquelas noites de descanso na casa do Rosa Filho, conversávamos na varanda quando peguei uma caneta e escrevi os versos que levaria, no dia seguinte, à apreciação do nosso Comandante Fregapani. Ele gostou do que leu e ouviu. Reuniu, naquela mesma semana, no anfiteatro da Base de Instrução V, os Oficiais e Sargentos, e falou da Oração do Guerreiro de Selva.

Disse-me para recitá-la e aos demais para que repetissem o que eu dizia. Foi a primeira vez que a recitamos – ainda timidamente. A partir de então, passamos a declamar a Oração do Guerreiro de Selva antes e após o início das atividades nas Bases de Instrução. Mandamos pintar placas com o poema e as afixamos nas bases. Todos procuravam memorizar a Oração. [...] O poema é demasiadamente simples, como transcrevo em seguida:

Senhor, tu que ordenaste ao Guerreiro de Selva:
"Sobrepujai todos os vossos oponentes",
Dai-nos hoje da floresta:
A sobriedade para persistir,
A paciência para emboscar,
A perseverança para sobreviver,
A astúcia para dissimular
E a fé para resistir e vencer.

E dai-nos também, Senhor,
A esperança e a certeza do retorno,
Mas se defendendo esta Brasileira Amazônia
Tivermos de perecer, ó Deus,
Que o façamos com dignidade
E mereçamos a vitória!
Seeeeeelva!!!

Talvez tenhamos herdado do latim o tutear ([14]) Deus, que expressa familiaridade com o divino. Gramaticalmente eu deveria ter escrito "*vós*", para concordar verbalmente com o "*dai-nos*" do terceiro verso. Mas resolvi escrever "*tu*", porque assim também os habitantes do Norte costumavam falar. Mesmo quando a televisão chegou a Manaus, em 1970, trazendo os modismos da fala do Rio de Janeiro, os amazônicos nunca foram de falar "*você*" ou "*vós*".

E era assim que, nas horas aflitivas na selva, eu rezava: chamando Deus com o pronome "*tu*", segunda pessoa do singular, como quem chama um amigo que é o refúgio mais ansiado. "*Sobrepujai todos os vossos oponentes*": é o que podemos esperar de Deus, a Força Espiritual para superar os que por contingência se tornam nossos adversários, sejam os inimigos, sejam os elementos hostis da floresta, sejam os nossos próprios medos.

[14] Tutear: tratar por tu.

Tornamo-nos imbatíveis quando guiados por Deus: somos corajosos o suficiente para enfrentar todas as nossas guerras. E é isto que esperamos ouvir interiormente quando pedimos forças aos céus.

Dai-nos hoje da floresta:
A sobriedade para persistir,
A paciência para emboscar,
A perseverança para sobreviver,
A astúcia para dissimular

E a fé para resistir e vencer – é na própria floresta que encontramos certas virtudes necessárias ao Guerreiro: sem sobriedade, não há como resistir à exaustão e à confusão mental, não se pensa e não se age; sem a paciência, não há como ser parte da própria selva, ser parte dos seus silêncios e dos seus ardis, ser parte de suas vozes; sem perseverança, não há como resistir ao cansaço, ao medo, às doenças, à fome, ao desconforto, às incertezas; sem astúcia, não há como agir à semelhança da onça que se move silenciosamente antes do bote decisivo, sem nunca precisar o instante do ataque; e sem fé, fundamento de todas as coisas, não há como ser fortaleza inexpugnável, que a tudo resiste porque almeja a glória de vencer.

E dai-nos também, Senhor,
A esperança e a certeza do retorno.
Mas se defendendo esta brasileira Amazônia,
Tivermos de perecer, ó Deus,
Que o façamos com dignidade

E mereçamos a vitória! Selva! – os versos falam por si próprios: na guerra, diz-se que o homem precisa primeiramente almejar o seu retorno – esta é sua esperança, o seu anseio primeiro, fazer a guerra, voltar para casa –, mas só consegue alcançar a certeza do retorno, pouco a pouco, a cada dia e a cada mal, a cada patrulha e a cada batalha.

Nem sempre, contudo, este retorno é garantido; ainda assim, para os que se amparam em Deus, há a resignação de enfrentar e aceitar seu destino e sua hora; e se houver que se defrontar com a morte, que esta seja digna e heroica, como convém aos que lutam, até com o sacrifício da própria vida por uma causa, sem nunca perder de vista a vitória.

Somos todos efêmeros, bem o sabemos, como efêmeras são as palavras, como efêmeras são as guerras. Mas somos eternos quando, confrontados com a temporalidade, vencemos o esquecimento com nossos feitos, mesmo os mais simples e insignificantes feitos. Nossa causa é defender a Amazônia brasileira – em última instância, o Brasil, sua soberania.

Poema "Que Não Ousem"

Coronel Gustavo de Souza Abreu.

Que não ousem... Que não ousem ameaçar a nossa Amazônia!

Na imensidão da floresta brasileira haverá sempre bravos Guerreiros da Selva, em cada Foz, em cada nascente, preservando o legado dos nossos antepassados. Trovões ouvidos de terras distantes jamais intimidarão os seus guardiões. Que não ousem!

Em todos os rincões da Hileia – de Uiramutã a Santa Rosa do Purus, de Cruzeiro do Sul a Oiapoque, de Tabatinga a Marabá – estão presentes intrépidos, persistentes e audaciosos amazônidas. Em sua simplicidade, prescindem da sofisticada tecnologia. São capazes de sobreviver e combater, valendo-se essencialmente da selva, a sua fiel e inseparável aliada. Conhecem como ninguém a arte da Guerra na Selva. Integram frações coesas que deslizam silentes, mimetizadas nos labirintos da mata misteriosa.

São fugazes e atuam de surpresa, sem frente nem retaguarda, emboscando e inquietando. São como o aru ([15]), que surge e dissipa-se preciso for, esses guerreiros da selva resistirão perseverantes até que a última arma de ficção alienígena torne-se inútil. Em suas veias corre o sangue daqueles que expulsaram o invasor do nosso solo sagrado e imortalizaram Guararapes. – Que não ousem! A aventura pode custar caro demais. Selva!

O Brado de "Selva!"

Gen Adalberto Bueno da Cruz

Quando do início de suas atividades, as idas à área de selva eram muito frequentes. O movimento de viaturas era grande e a nova unidade ainda não dispunha de "*Ficha de Saída de Viaturas*" para serem controladas no Portão do Corpo da Guarda. Normalmente a sentinela, ao ver a saída de uma viatura, perguntava qual o seu destino e o motorista ou quem ia à boleia respondia "*Selva*". Como a maioria das saídas era para a Área de Instrução, o motorista ao passar pelo portão dizia que ia para a "*Selva*". Daí nasceu uma tradição, de maneira simples e espontânea, e que se espalhou inicialmente pelo GEF [1° Grupamento de Elementos de Fronteira], depois pelo CMA e hoje, caracteriza no Exército inteiro, os Guerreiros de Selva. Até agosto de 1968, a saudação "*Selva*" era restrita ao CIGS e de caráter interno. Porém, no desfile do dia sete de setembro deste ano, o grito foi utilizado pela primeira vez em público e em formatura oficial. Os instrutores, para manter a cadência da tropa, contavam o tradicional "*um-dois-três*" e depois gritavam "*Selva!*". A partir daí espalhou-se para o GEF e pelo CMA, caracterizando, os Guerreiros de Selva, a tropa da Amazônia. A sua implantação não foi fácil.

---

[15] Aru: neblina.

Houve muita reação principalmente dos mais antigos do GEF que reagiam às ideias novas, mas o CIGS tinha a sua destinação histórica de renovar os "*Corações e Mentes*" da tropa da Amazônia, e obteve sucesso. Este simples brado mudou a fisionomia militar dos que serviam na Amazônia, despertando o espírito de operacionalidade que estava adormecido pelos chavões "*área castigo*", "*ninguém quer nada*", "*só tem gente problema*" e outros.

Onça Pintada

Divisão de Doutrina e Pesquisa do CIGS

Os Guerreiros da Selva são como a onça, que cerca pacientemente a presa para atacar no momento oportuno, fazendo ecoar um esturro ubíquo ([16]) e aterrador.

Se na América não vive o Leopardo, em compensação vive a Onça, também conhecida por Jaguar ou Onça-Pintada, nome comum do maior e mais poderoso felídeo do continente americano. Seu nome, nas línguas indígenas das florestas subtropicais, é Jaguar. É impropriamente chamada de Tigre, pois é mais feroz que este e maior que a pantera. A Onça pintada é o maior felino do continente americano, sendo encontrada do extremo Sul dos Estados Unidos até o Norte da Argentina. Essencialmente carnívora, se alimenta de mamíferos de portes variados como antas, veados, capivaras e porcos do mato, podendo ainda, eventualmente, se alimentar de quelônios, peixes e jacarés. A pelagem varia entre amarelo escuro quase dourado até castanho claro. A Onça Preta é uma variação melânica, possuindo maior quantidade de pigmento em sua pele. Nesse caso, a coloração amarela é substituída por uma pelagem preta ou quase preta com o mesmo tipo de

[16] Ubíquo: onipresente.

manchas osciladas encontradas nas Onças pintadas. O corpo é completamente revestido por pintas negras, que formam rosetas dos mais diversos tamanhos, com um ou mais pontos negros em seu interior. Habita florestas tropicais úmidas, subtropicais e matas de galeria, incluindo ainda cerrado, caatinga e pantanal. Seu período de vida varia entre 18 a 20 anos, podendo, em cativeiro, alcançar os 28 anos. Pesa em torno de 65 kg [55-110 kg], medindo em torno de 132 cm de comprimento [110-175 cm] até 60 cm de altura [48-75 cm], com a cauda relativamente curta [40-68 cm]. Tem hábitos solitários, diuturnos, com locomoção cuidadosa e sem ruídos, perseguindo a presa sem ser percebida. Atinge a maturidade sexual aos 3 anos, com uma gestação variando entre 93 a 110 dias, quando nascem, em média, dois filhotes. Exímia nadadora, utiliza a ponta da cauda como isca para obtenção de pescado. Possui ainda garras potentes e retráteis, que são afiadas em troncos largos, cujas ranhuras auxiliam na demarcação de seu território. A força de sua patada pode chegar a 200 kg. Ela mergulha, salta, corre, e tem sentidos muito aguçados. Constitui o terror das selvas sul-americanas, pois a ferocidade, tenacidade, paciência e a agilidade surpreendem e revela bastante sagacidade na caça. Por tudo isso, é considerada por combatentes e guerreiros de selva brasileiros o seu animal símbolo.

CIGS: o Lado Oculto

Alexandre Fontoura

Na selva, a sensação de ter o metabolismo alterado é massacrante. Apesar de estar sempre molhado, seja pela chuva, pela travessia dos inúmeros cursos d'água [Rios e Paranás], Lagos, Igapós e Igarapés, ou simplesmente pela transpiração, o combatente está sempre com sede.

Os cuidados com a alimentação devem ser enormes, pois problemas intestinais que provocam diarreia agravam o quadro. A perda de oito, dez e até 20 quilos em operações prolongadas na selva é comum para os Guerreiros de Selva. Exatamente devido ao impacto que o ambiente provoca sobre o corpo do Combatente de Selva, um dos principais trabalhos exercidos no CIGS para aumentar a eficiência do Combatente de Selva é aquele desenvolvido em seu Laboratório, subordinado à Divisão de Saúde. Por meio de parceria com a Fundação Instituto Oswaldo Cruz [Fiocruz] e o Hospital Geral de Manaus [HGeM], é desenvolvido o Projeto de Pesquisa e Monitoramento Clínico-Laboratorial do Combatente de Selva. Este projeto tem por objetivo acompanhar o perfil corporal, hematológico, urinário, parasitológico intestinal e bioquímico dos alunos do COS, proporcionando dados valiosos sobre as alterações que a internação prolongada do Combatente na Selva produz no organismo humano. [...]

Mais do que um Zoológico

O Zoológico do CIGS foi idealizado e construído no comando do Tenente Coronel Jorge Teixeira de Oliveira, tendo iniciado suas atividades em 1967, com o objetivo de transmitir aos alunos dos Cursos de Operações na Selva conhecimentos sobre a fauna amazônica. [...] Atualmente o Zoo possui exemplares de quelônios, jacarés, mamíferos e aves, num total de 175 exemplares de mais de 60 espécies animais amazônicos, dentre aves, mamíferos e répteis. Assim, além de servir para aproximar o Exército da sociedade civil, o Zoológico do CIGS cumpre importante papel na formação dos Combatentes de Selva, pois a instrução referente à sobrevivência na selva culmina com os ensinamentos sobre a utilização da fauna e da flora como fontes de alimento.

Essa é uma das maiores tarefas da Divisão de Veterinária do CIGS, responsável pelo Zoo. Além disso, na selva os animais não são vistos com facilidade, e com frequência ocorre que, durante um curso inteiro, os alunos não veem nenhum animal. Por isto, os animais apresentados têm de ser observados e estudados constantemente, proporcionando subsídios à instrução. O Centro de Pesquisas da Fauna e da Flora da Amazônia [CPFFAM] "*Zoológico do CIGS 1967*" foi implantado na estrutura existente do antigo zoológico do CIGS, tendo sido inaugurado em 1999.

A partir daí, com o aperfeiçoamento da infraestrutura geral e da restauração do complexo hospitalar veterinário, passou a realizar e apoiar pesquisas e atividades acadêmicas em cooperação com Instituições nacionais, na área do zoológico e no Campo de Instrução do CIGS. O CPFFAM desenvolve também os estágios supervisionados obrigatórios para discentes de medicina veterinária em fase final de conclusão de curso, que têm como objetivo o aprendizado teórico-prático em medicina de animais silvestres amazônicos.

O CPFFAM colabora ainda com instituições de ensino públicas e privadas, prestando serviços à comunidade da região metropolitana de Manaus, AM, que vão desde visitações ao zoológico e assistência em projetos de desenvolvimento sustentável em área do CIGS, até a recuperação de animais silvestres.

Em conjunto com instituições nacionais, vem desenvolvendo pesquisas, enriquecendo o conhecimento científico mundial sobre as questões de fauna e flora amazônicas, em parcerias com diversas Instituições nacionais.

Atenção aos Detalhes

O papel do CIGS e de sua Divisão de Doutrina e Pesquisa, no aperfeiçoamento do Combatente de Selva Brasileiro, vai muito além de pesquisar e ensinar a construção e uso de abrigos e armadilhas, emprego de armas e equipamentos, etc. Chega-se ao nível de detalhar, por exemplo, o tipo de tecido ideal para uso nos uniformes, a técnica de amarração ideal dos cadarços usados nos coturnos, a composição da ração operacional, o projeto de uma rede de selva adequada, e muitos outros.

A definição de um tecido ideal para ser usado na confecção dos uniformes foi tarefa para vários anos, até se chegar ao modelo atual, com percentuais ideais de poliéster e algodão, de forma a permitir a secagem rápida do uniforme, constantemente exposto à umidade, sem que apresente desconforto ao militar. O mesmo empenho foi aplicado ao estabelecimento da técnica de amarração dos cadarços dos coturnos, de modo a permitir sua rápida desamarração ou mesmo o corte com faca, para que o combatente possa liberar rapidamente seu equipamento e nadar com maior desenvoltura, se isso significar sua sobrevivência na hipótese de, por exemplo, cair em águas profundas e turbulentas.

A definição da composição da ração operacional também mereceu por parte do CIGS intensos estudos, incluindo a análise de rações utilizadas por exércitos de outros países. [...] instruir os participantes dos Cursos de Operações na Selva sobre o correto uso dos recursos da floresta, seja para a construção de armadilhas [voltadas aos oponentes, ou à caça e pesca], cuidados com animais peçonhentos, e como usar animais e vegetais para os mais diversos fins, incluindo a alimentação.

Frutas e animais comestíveis abundam na floresta, assim como os venenosos ou tóxicos. [...] Para permitir que o Guerreiro de Selva possa manter e recuperar suas energias, com repouso e conforto adequados, e mantendo-se a salvo de mosquitos, ofídios, aracnídeos e outros riscos, o CIGS não mediu esforços para desenvolver uma rede de selva ideal. O modelo aprovado e em uso atualmente possui mosquiteiro, toldo para abrigo da chuva [que, sendo impermeável, também pode ser usado para recolher a água da mesma], compartimento na parte inferior para armazenar as armas e os equipamentos individuais do combatente, e tirantes de lona resistentes nas laterais, que permitem sua transformação em uma maca improvisada [...].

Armas e Equipamentos

Diversas armas, táticas e equipamentos vêm sendo exaustivamente testados, modificados, aperfeiçoados ou recusados pelo EB nos últimos anos, com vistas ao seu emprego na guerra de selva. A constatação de que equipamentos receptores GPS não funcionam corretamente sob a densa cobertura vegetal da floresta, por exemplo, fez com que o Exército restringisse seu uso somente à instrução e a casos nos quais a determinação de coordenadas precisas é imprescindível, como numa evacuação aeromédica. Forças excessivamente dependentes de recursos tecnológicos como o GPS poderiam ficar em sérios apuros na Amazônia.

No que se refere ao armamento individual do guerreiro de selva, o EB tem, ao mesmo tempo, o problema e a solução. Fuzis de assalto de diversos tipos foram e são avaliados, incluindo armas de alta

qualidade, como o fuzil alemão Heckler & Koch HK33 e o Norte-americano M16A2, ambos no calibre 5,56 mm, e o tradicional FAL do Exército Brasileiro, no calibre 7,62 mm. O fuzil padrão das tropas de selva brasileiras é o Para-FAL, a versão com coronha rebatível, usada também pelas tropas Paraquedistas brasileiras e outras unidades. O Para-FAL tem se mostrado a arma ideal para emprego na selva por suas características de peso, rusticidade e simplicidade de manuseio. Por outro lado, sua substituição no futuro será, certamente, um sério problema para o Exército. O calibre 5,56 mm, usado na maior parte dos modernos fuzis de assalto, é considerado inadequado para o combate de selva, devido ao pequeno peso do projétil e à sua tendência de assumir uma trajetória instável ao colidir com pequenos obstáculos, como folhas e galhos de árvores. [...]

O respeito que o Para-FAL conquistou entre os Combatentes de Selva justifica-se, por exemplo, pelo resultado de um teste realizado numa das bases de instrução do CIGS, quando um exemplar de cada do HK33, do M16A2 e do Para-FAL foram comparados, com o objetivo de determinar sua resistência às condições da floresta. Numa manhã, cada uma das armas recebeu limpeza e a necessária manutenção, de acordo com as recomendações do fabricante, foi municiada e colocada sobre cavaletes de madeira, e exposta ao Sol e à chuva durante todo o dia e a noite seguinte. Pela manhã do outro dia, um oficial retirou o HK33 do cavalete e tentou disparar uma rajada contra um alvo: a arma travou várias vezes. Ao repetir a experiência com o M16A2, verificou-se que este não disparou um só tiro, pois estava grimpado. Finalmente, o oficial dirigiu-se ao Para-FAL, conhecido como "*pit-bull*" entre a tropa e, surpreendentemente, não somente conseguiu descarregar todo o pente no alvo, como ainda remuniciou a arma e repetiu a dose. [...]

Mas as armas disponíveis para o uso na selva não se resumem ao fuzil, à faca de combate e ao inseparável facão de mato. Armas incomuns, como bestas ([17]) e até mesmo a tradicional zarabatana ([18]) dos indígenas da região, podem fazer parte do arsenal do Guerreiro de Selva. [...] Num conflito na Amazônia, as forças de selva do EB agiriam em pequenas frações, mas capazes de infligir pesadas perdas ao adversário, fazendo uso do seu conhecimento da floresta para desaparecer sem deixar vestígios. Dentro deste espírito, uma tática que voltou a ter força dentro do EB nos últimos anos foi o emprego de equipes de atiradores de elite ([19]), denominados "*caçadores*" no Exército. Uma equipe de caçadores é formada por dois sargentos, sendo um o atirador [sniper] e o outro o observador [spotter]. A arma já testada e aprovada para o uso por essas equipes é o fuzil Imbel Fz 308 AGLC, de projeto e fabricação nacionais.

---

[17] Besta ou Balestra: arma composta de um arco acoplado a uma coronha, acionada por gatilho, que atira dardos similares a flechas. A palavra besta teria sido sincopada da italiano balestra, que por sua vez deriva do latim tardio "*ballistra*".

[18] Zarabatana: arma que consiste de um longo tubo, pelo qual são sopradas pequenas setas. As setas têm suas pontas embebidas em curare ou outras seivas venenosas.

[19] Sniper: um atirador de elite é um soldado altamente treinado que se especializa em atirar em alvos com rifles modificados de distâncias incrivelmente grandes. São também peritos em ações furtivas, camuflagem, infiltração e técnicas de observação. Atiradores de elite são o que os estrategistas militares se referem como multiplicadores de força. Colocado de uma forma simples, um multiplicador de força é um indivíduo ou uma pequena equipe que, através do uso de táticas especiais, pode causar danos a uma força muito maior. [...] Por causa da natureza de suas missões, atiradores de elite deslocam-se com muito pouco equipamento, movendo-se pacientemente sob a cobertura do mato ou da noite. Mas eles nunca andam sozinhos. Equipes de atiradores de elite frequentemente têm que ficar imóveis por horas ou dias seguidos para evitarem ser detectadas, esperando pelo momento certo de disparar o tiro. (Robert Valdes)

O AGLC ([20]) é uma arma de precisão baseada na ação Mauser, de reconhecida e inegável confiabilidade e segurança. Com um cano flutuante, tipo "*match*", forjado a frio e adaptado para o tiro com luneta, e usando munição 7,62 x 51 mm, a arma saiu-se muito bem quando comparada a diversos tipos de fuzis de precisão de fabricação estrangeira. O tipo de camuflagem [ghillie suit [21]] usado pelas equipes de caçadores também já teve sua eficiência determinada pelo trabalho do CIGS. Outra arma testada e adotada para uso por tropas de selva é a tradicional escopeta ([22]) calibre 12,

---

[20] AGLC: o nome AGLC é uma homenagem ao grande armeiro e instrutor de "*snipers*", que desenvolveu o fuzil – Cel de Infantaria Athos Gabriel Lacerda de Carvalho, meu Comandante de Pelotão na AMAN. A arma possui capacidade para 5 cartuchos, tem 1,20 m de comprimento e pesa 4,70 kg.

[21] Ghillie suit: trajes "*ghillies*" são basicamente velhos uniformes militares que os atiradores modificam para sua função especial. A barriga do uniforme é reforçada com lona pesada para ajudar a acolchoar o tronco do atirador durante horas ou dias deitado sobre seu estômago. Rede de camuflagem é acrescentada ao uniforme. Essa rede é usada para prender tiras de pano velho ou outros materiais desgastados. Trajes "*ghillies*" são geralmente pintados para se confundirem com o meio ambiente do campo de batalha. Elementos locais como ramos e galhos podem ser acrescentados para complementar a camuflagem do traje "*ghillie*". [...] Usando os mesmos princípios de camuflagem, atiradores envolvem seus rifles com lona e com pequenas mangas que os fazem misturar-se com o ambiente. Soldados são treinados para manterem os olhos atentos para coisas estranhas ao seu redor que podem representar uma ameaça. A forma humana é uma das mais reconhecíveis na natureza. Atiradores e observadores treinados sempre procuram por cores e contornos quando tentam localizar um inimigo no mato ou outro terreno. Trajes "*ghillies*" ajudam o atirador a dissimular sua silhueta, esconder linhas retas no seu equipamento e dissimular sua cor no ambiente. (Robert Valdes)

[22] Escopeta (espingardas): arma longa de cano não raiado. Utiliza, em geral, munições carregadas com múltiplos balins esféricos de chumbo. O poder de detenção de um disparo a curta distância é grande. O mesmo tiro pode atingir mais de um alvo se estes estiverem próximos um do outro, dois a uns 15 m e a 3 até 35 m. A dispersão dos balins, e a rápida perda de velocidade, fazem com que perca a eficácia a partir dos 50 m.

empregada pelos esclarecedores dos grupos de combate. Como o esclarecedor é o elemento que vai à frente da formação, precisa de uma arma com o máximo de poder de fogo, para a possibilidade de um encontro com uma patrulha inimiga. Outras armas que tiveram seu uso aprovado para guerra na selva graças aos estudos realizados pelo CIGS foram o lança-granadas de 40 mm e o lança-chamas.

Mas o trabalho desenvolvido pelo CIGS em busca de meios que possam fazer valer a chamada "*estratégia de resistência*" foi ao ponto de testar e aprovar o emprego da tradicional e popular carabina Puma, modelo Winchester, de ação por alavanca, fabricada pela empresa Amadeo Rossi, enquanto a Companhia Brasileira de Cartuchos [CBC] fabrica sua munição, calibre .38. A ideia por trás disso era encontrar uma arma que fosse de fácil manuseio, relativamente precisa e barata, que pudesse ser distribuída para reservistas e mesmo entre a população civil, no evento de uma intervenção militar estrangeira na Amazônia, e cuja munição fosse facilmente encontrada no comércio. Nos testes realizados pelo CIGS, ficou demonstrado que a carabina Puma pode ser precisa em distâncias superiores a 100 metros. Bons atiradores conseguem tiros precisos a quase 200 metros. E, na opinião dos oficiais instrutores do CIGS, 100 metros pode ser a largura de uma margem a outra de um Rio, separando o atirador com a Puma de uma fração de tropa inimiga.

Cachês

Uma tática desenvolvida pelo CIGS e já disseminada entre as tropas de Guerra na Selva é o emprego de "*cachês*", como meio de pré-posicionamento de armas, munição, medicamentos, rações e outros suprimentos fundamentais às frações de tropa. Os cachês são, basicamente, depósitos de suprimentos

enterrados, com a finalidade de ressuprimento de tropas nacionais, que estejam operando em nosso território, em área sob intervenção de uma nação ou força multinacional incontestavelmente superior, em meios, à brasileira. Os cachês são enterrados em locais de difícil acesso e percepção pelo invasor, mas de fácil abordagem pela tropa interessada. Os buracos são resistentes a intempéries, forrados por madeiras nas laterais e com drenagem no fundo, sendo usados para acondicionar containers de fibra de vidro com suprimento para pequenas frações [10 a 15 homens]. A camuflagem dos "*cachês*" é tão eficiente que eles não são percebidos por animais ou nativos. (FONTOURA)

O Projeto Búfalo

Divisão de Doutrina e Pesquisa do CIGS e Coronel Fregapani.

O Centro de Instrução de Guerra na Selva, desde a sua criação, procurava solucionar a questão do transporte de armas, munição, água, rações e equipamentos por frações de tropa empenhadas em operações na selva. A procura de um meio de transporte eficiente e de baixo custo baseou suas pesquisas na utilização de bicicletas e animais de carga que pudessem ser adestrados para esse fim. A primeira tentativa realizada, durante o Comando do Cel Gélio Augusto Barbosa Fregapani, pretendia utilizar uma anta treinada desde pequena para se adaptar às necessidades operacionais observadas pelas tropas na Amazônia.

Foi adaptada uma cangalha especial fixada às costas do animal dentro da qual se colocavam pequenos pesos, mas o animal jamais se adaptou e corcoveava até se ver livre da carga, não se sujeitando ao adestramento. Reproduzo, abaixo, a mensagem, bastante ilustrativa, recebida pelo Mestre Fregapani.

Em 1981, fizemos a tentativa com a anta. [...] Ainda que eu tivesse tido a ideia, a condução foi do nosso veterinário, o então Capitão Camoleze. A ele pertence a glória, se houver. O mais difícil foi fazê-la obedecer; não adiantou cachimbo nem freio e bridão. Somente foi resolvido com uma argola no nariz, onde se amarrava uma corrente até um bastão. A partir de então podíamos levá-la para onde quiséssemos. As cangalhas também não deram resultado; a anta batia nos troncos como se quisesse livrar-se de uma onça que a agarrava. O que deu resultado foi um peitoral onde se prendiam duas varas, que eram arrastadas e onde se poderia colocar um bom peso, como os cavalos de índio do faroeste. Ainda penso que a anta seria o ideal para transporte de suprimento e munição. Ela come qualquer coisa, inclusive as folhas espinhentas da palma negra. Além de poder "*puxar*" até 50 kg ainda dá um churrasco para uma companhia, em caso de necessidade. Lamento o abandono das experiências. Outros comandantes tiveram a gentileza de me informar sobre as experiências com muares e búfalos. Claro que os estimulo a prosseguir. Muares foram usados por Plácido de Castro. Isto significa que funciona, nas trilhas, é claro, e já eram usados nos seringais, o que significa que podiam ser obtidos no local. Quanto ao búfalo, é uma boa esperança. Tal como aos muares, ainda não tenho a experiência prática para ver como varariam a selva juntamente com uma pequena tropa. Desconfio que não seja fácil, mas só vendo. Numa trilha, tudo bem, mas na trilha talvez o muar seja até melhor. Penso também na praticidade para transporte aéreo, e fluvial em pequenos barcos. O fato é que só experimentando e tentando que se avança, e por isto me orgulho do nosso CIGS. Mesmo que sejamos os melhores do mundo na selva, descansando sobre os louros seremos ultrapassados. Avante, portanto. Seeeelva!!! (FREGAPANI)

Nos idos de 1983, foi desenvolvido um projeto utilizando-se muares. O animal foi conduzido para a Base de Instrução Número 1, localizada no quilômetro 55 da Rodovia AM-010. Depois de serem estabelecidas metas e um cronograma de trabalho, iniciou-se a fase prática.

O primeiro teste avaliou o comportamento do muar sob uma carga de 60 kg de suprimentos, montado sobre cangalhas confeccionadas com palha. O animal deveria realizar um deslocamento "*através selva*" de, aproximadamente, 2.000 m.

Ao chegar ao primeiro socavão, a cerca de 800 m da base, onde existia um chavascal, o animal empacou e se negou a ir em frente. Como os muares apresentavam sérios problemas de natureza veterinária e limitações para vencerem obstáculos naturais bastante comuns na selva amazônica, o projeto foi abandonado pela inaptidão do animal para o ambiente de selva.

Mais recentemente, no ano de 2000, a Divisão de Doutrina e Pesquisa desenvolveu outro projeto empregando a bicicleta para o transporte de carga. Esta ideia surgiu a partir do estudo de técnicas especiais utilizadas pelos vietcongs na guerra contra os USA, no final da década de 60 e início dos anos 70. As resistentes bicicletas de fabricação soviética eram viáveis no Vietnã, onde a fisiografia da selva possibilitava a abertura de trilhas e o largo emprego da mão de obra farta e barata.

Devido ao grande esforço físico despendido pelo homem para empurrar a bicicleta, ela não foi aprovada como sendo uma opção para a logística no interior da selva.

Imagem 22 – Búfalo com Colete Tático Transportador

Histórico do Projeto Búfalo

Com a continuidade dos estudos, chegou-se finalmente ao búfalo, animal já adaptado com sucesso na Amazônia, rústico e com diversas características que foram ao encontro das necessidades militares para o emprego de animais. O chamado Projeto Búfalo nasceu em 2000, e tem demonstrado ser uma das soluções para as necessidades das tropas de selva brasileiras devido à resistência do animal, sua adaptação ao ambiente e, principalmente, à sua capacidade de transportar 400 kg ou mais de carga no lombo, ou até três vezes isso, quando tracionando carroças.

A primeira e única informação a respeito do emprego do búfalo, que não fosse para o consumo humano, foi baseada em uma foto de um cartão postal. Nesse cartão, retratava-se a utilização do animal para fins de patrulhamento pela 5ª Companhia Independente da Polícia Militar (5ª CIPM) na Cidade de Soure, na Ilha do Marajó, PA.

Foram realizados alguns contatos preliminares para tentar viabilizar a doação e o transporte de um animal de Soure para o CIGS.

Devido ao alto custo optou-se por tentar conseguir um animal nas proximidades de Manaus. Foi doado um casal de búfalos com 4 meses de idade, da raça Mediterrâneo. Os animais foram transportados de Itacoatiara para o CIGS no dia 12.06.2000 e, imediatamente, enviados para a Vila do Puraquequara e, de lá, em embarcação boiadeira, até a Base de Instrução Número 4.

A Divisão de Doutrina e Pesquisa apresentou ao Comandante uma proposta de trabalho que permitiu dar os primeiros passos para o Projeto, único no mundo, empregando-se animais selvagens para o transporte de carga no interior da floresta.

Desde o início, foi observado que todos os militares envolvidos deviam possuir algumas características que viessem a facilitar o andamento dos trabalhos, tais como: paciência – para enfrentar a teimosia que os animais apresentavam para realizar determinadas atividades; rusticidade – para encarar as dificuldades do terreno por onde os animais se deslocavam; vigor físico – para empurrar, puxar, carregar o material, as carroças, os bolsos carregados com material, nadar com os animais nos Igarapés etc.

Além dessas características, deve demonstrar desprendimento e iniciativa – para enfrentar as reações adversas apresentadas pelos animais que eram inusitadas e, muitas vezes, com relativo risco para a integridade física do homem, cabendo a eles decidirem qual a melhor forma de se atingir o objetivo proposto.

Com relação ao efetivo a ser empregado no Projeto, pode-se concluir que é necessário um homem para cada animal, na fase de adestramento, ou seja, desde os primeiros passos com a condução na corda, trabalho nas trilhas, nos Igarapés, na alimentação dentre outras inúmeras atividades.

Colete Tático Transportador

No início do Projeto, o objetivo primordial era domesticar os animais, passando para eles características que viessem a facilitar o cumprimento das metas estabelecidas na Proposta de Trabalho apresentada. Desde a fase inicial, foi buscado o desenvolvimento de um colete que pudesse acondicionar o material que iria ser carregado, ou seja, no primeiro momento era fundamental que o animal se acostumasse com algo sobre o seu lombo.

Para tanto, foi desenvolvido um tipo de colete denominado pela equipe como "*colete tático transportador*" que permitiu que fossem administrados gradativos pesos sobre o lombo dos búfalos, acondicionados em bolsos de tamanhos variados – todos confeccionados em lona bastante resistente.

Com o andamento dos trabalhos, houve a necessidade de aprimoramento destes materiais. A cada nova investida na selva, uma nova ideia surgia e era aplicada de imediato. Com o início dos trabalhos de tração, houve a necessidade de aquisição de carroças especificamente fabricadas para este fim. Procurando-se conhecer a viabilidade e a adequação dos animais para o transporte humano, foram adquiridas, da Ilha de Soure, PA, 2 celas especificamente fabricadas para este fim.

Conclusão

A experiência de emprego de tropa de carregadores, durante a Operação Mura, realizada pelo 1° BIS no ano de 2000, utilizando-se militares do 12° Batalhão de Suprimentos para compor esta fração, mostrou que o homem não suportou, como se esperava, as adversidades do terreno. Após 10 dias de deslocamento com um peso médio de 30 kg para ressuprir cachês em pontos locados dentro da área de combate, a tropa se encontrava estafada e sem condições de prosseguir na missão.

Aliado a este fato, cabe ressaltar que, além de ter que carregar o material a ser ressuprido, o carregador tem que levar o seu material individual. Assim, os 30 kg que serão ressupridos mais o material do homem, eleva-se para cerca de 41,5 kg.

Verificou-se que a média de deslocamento de uma tropa a pé em terreno variado, que é de 1 km/h, ficou reduzida a 0,6 km/h, tendendo a diminuir, à medida que parte da tropa apresentava sintomas de estafa, impondo-se a necessidade de se dividir o peso entre aqueles homens que ainda permaneciam na missão de carregadores.

O emprego do búfalo em Operações na Selva tem por objetivo tê-lo como um colaborador, um facilitador, enfim um meio alternativo para o transporte das mais variadas cargas possíveis, retirando o peso do homem, economizando esforços por parte da tropa empregada no ressuprimento, possibilitando a manutenção e o aumento do poder de combate, alongando a permanência do homem em condições de combater por mais tempo e em melhores condições.

Poderá estar enquadrado em fração de qualquer nível ou com uma equipe de ressuprimento sem restrições quanto ao horário de emprego, bem como no terreno a ser percorrido, tendo em vista que o animal tem boa visão à noite e já é adaptado à vida aquática. Quanto à alimentação, não há necessidade de grandes preocupações da tropa em querer ressupri-lo, pois ele come de tudo e possui a capacidade de sintetizar proteínas de vegetais inferiores, precisando de pouco complemento alimentar, o qual ele mesmo poderá transportar.

Defendendo a Brasileira Amazônia

Para os militares do Exército Brasileiro concluir o Curso de Operações na Selva é, certamente, uma das maiores realizações profissionais da carreira. O Centro já brevetou quase 5.000 militares brasileiros e mais de 400 representantes dos principais países do mundo, desde a sua fundação, cumprindo, com rara competência, sua missão de adestrar e avaliar tropas na Amazônia e de realizar pesquisas e experimentações doutrinárias. Esses militares serão disseminadores da doutrina, aprendida no CIGS, nas suas futuras Organizações Militares.

Alguns privilegiados retornarão ao Centro, como instrutores, formando novas gerações de Guerreiros da Selva. Os novos Guerreiros da Selva ao cruzarem, pela última vez, o portão da guarda do Centro de Instrução de Guerra na Selva ouvirão, emocionados, o tradicional grito de "*Selva!*". Doravante se sentirão à vontade na selva, descartando, definitivamente, a pele de caça que vestiam até então e a substituíram pelo couro do predador. São combatentes prontos a defender a Brasileira Amazônia.

Vento Xucro

(Jayme Caetano Braun)

Vento xucro do meu Pago
Que nos Andes de originas
Quando escuto nas campinas
O teu bárbaro assobio,
E sinto o golpe bravio
Do teu guascaço ([23]) selvagem
Eu te bendigo a passagem
Velho tropeiro do frio.

Pois eu sei que tu carregas
Nessa tropilha gelada
A seiva purificada
No topo da Cordilheira
Que faz da raça campeira
A mais legendária estampa
Forjada do bate-guampa
Das guerrilhas da fronteira.

Também sei que tu repontas ([24])
Das velhas plagas Andinas
As tradições campesinas
Entreveradas ([25]) por diante,
E como um centauro errante
Vagueias no Continente
Remexendo a cinza quente
Da nossa história distante.

---

[23] Guascaço: golpe de guasca (tira ou correia de couro cru).
[24] Repontas: tocas os animais em direção a um lugar determinado.
[25] Entreveradas: desordenadas, misturadas.

Estratégia da Resistência

Consiste em desgastar, por meio de um conflito prolongado, um poder militar superior, buscando seu enfraquecimento moral pelo emprego continuado de ações não convencionais e inovadoras, como, por exemplo, táticas de guerrilha. (Introdução à Estratégia – CP/ECEME/2011)

O General Paulo Roberto Corrêa Assis, ex-Comandante do Centro de Instrução de Guerra na Selva, ex-Chefe do Estado Maior do Comando Militar da Amazônia e ex-Adido militar do Exército nos EUA reporta-nos no seu artigo "*Estratégia da Resistência na Defesa da Amazônia*":

> O que fazer após esgotada a nossa capacidade de enfrentamento, de reação, no combate convencional? Esgotada essa capacidade, cremos que teremos de partir firmes para outro tipo de combate, não restando outra opção senão o combate do desgaste, da usura, da lassidão, da guerrilha, dentro de uma estratégia criada com o nome de "*Estratégia da Resistência*", explorando ao máximo as deficiências e vulnerabilidades do oponente. O estudo desta estratégia iniciou-se em Brasília, em 1994, quando o Gen Pedrozo, então Vice-Chefe do Departamento Geral de Serviço, do qual eu era seu assistente, sabedor por antecipação que, ao ser promovido a General-de-Exército, iria comandar o CMA, expediu sua principal diretriz, qual seja de implantar um tipo de Guerra de Guerrilha no CMA.
>
> Iniciamos os estudos juntamente com o Comando de Operações Terrestres, onde contamos com a valiosa colaboração do Cel Álvaro, para criarmos essa estratégia a fim de nos anteciparmos a uma força muito superior, diante da qual estaríamos incapacitados de enfrentá-la caso viesse a intervir na Amazônia. (General Paulo Roberto Corrêa Assis)

General André Beaufre

CP/ECEME/2011

André Beaufre nasceu em 25.01.1902, em Neully-Seine, na França. Após a experiência como intérprete em uma Divisão de Infantaria do Exército dos EUA, ingressa, em 1921, na Academia Militar de Saint-Cyr, onde teve como mestre em História Militar o então Cap Charlles de Gaulle. Formado em Infantaria, foi designado para Argel, onde participou, como voluntário, do desembarque de Alhucemas, ação combinada hispano-francesa contra Abd-El-Krim. Nesse período, é ferido em combate e recebe a Cruz Militar.

Apesar de jovem, ingressa, em 1925, na Escola Superior de Guerra e, ainda Capitão, forma-se como oficial de Estado-Maior e vai servir no Norte da África. Em seguida, Beaufre é designado para o Estado-Maior do Exército Francês, onde constata, ao conviver com a elite do Exército de sua pátria, o formalismo burocrático asfixiante da Força conduzida pelo General Gamelin ([26]). Nesse período, irrompe a II Guerra Mundial.

---

[26] General Maurice Gamelin: nasceu em Paris, em 20.09.1872, estudou na Academia Militar de Saint-Cyr e iniciou sua carreira de Oficial na África do Norte, no 3° Regimento de Tirailleurs argelinos. Como Capitão, foi Ajudante de Ordens do General Joffre, Comandante da 6ª Divisão de Infantaria e, mais tarde, foi membro do seu "*staff*" na I Guerra Mundial. Maurice Gamelin era o Comandante das forças aliadas quando a Alemanha atacou a França e os Países Baixos, em maio de 1940, sendo responsável direto por uma série de desastres que levaram a França à derrota.

O Exército francês havia entrado na I Guerra Mundial acreditando que somente fazendo uso de uma Estratégia Ofensiva poderia alcançar a vitória. O resultado não poderia ser mais catastrófico, foram mortos mais de 1.300.000 homens, ou seja, 10,5% da população masculina francesa economicamente ativa. Gamelin passou a considerar que a defensiva apresentava maiores vantagens no campo de batalha tendo em vista a necessidade de poupar vidas. Maurice Gamelin, totalmente incapaz de se adequar a uma guerra móvel, teve pouca ou nenhuma influência no desenrolar das operações militares da II Grande Guerra.

Após o armistício entre a Alemanha e o Governo de Vichy, Beaufre vai trabalhar na Argélia, onde participa da resistência no Norte da África. É um período doloroso, mas rico em experiências. Beaufre é preso por seus compatriotas e transferido, "*ex-ofício*", para a Reserva. Nessa ocasião, escreve sua primeira obra: "*O Drama de 1940*". Em 1942, é reintegrado ao serviço ativo, sendo designado para uma Divisão em Marselha. Nesse período, participa de uma reunião secreta, com o Gen Mark Clark, na qual se planejou a invasão aliada da Itália. Em 1943, como Chefe do Estado-Maior de uma Divisão Marroquina, participa da reconquista da Córsega, integrando-se posteriormente às forças francesas que combatiam na Itália. Em 1944 e 1945, participou de todas as operações, já como Oficial de Operações do I Exército Francês.

Finda a guerra, volta ao Marrocos onde, promovido a Coronel, comanda o 1° Regimento de Atiradores. Em 1947, prestou serviços no Alto Tonkin, participando da Guerra da Indochina, presenciando a derrota francesa perante a estratégia de Ho-Chi-Min. Em 1949 é promovido a General-de-Brigada, sendo nomeado Subchefe do Estado-Maior do Comando dos Exércitos da Europa Ocidental.

Após um breve período no Extremo Oriente, retorna à Europa onde, na qualidade de Chefe do Grupo de Estudos Táticos Interaliados, contribui decisivamente para a atualização de conceitos estratégicos e táticos, relacionados agora ao novo inimigo em potencial: a União Soviética. Em 1955, já como General-de-Divisão, comandou a 2ª Divisão de Infantaria Mecanizada, ocasião em que colocou em prática, com êxito, nova organização, pentômica ([27]), que o Exército Francês adotara a título experimental.

---

[27] Pentômica: a organização pentômica prevê um Corpo de Exército baseado em 5 divisões de infantaria formadas por 5 brigadas a 5 batalhões a 5 companhias.

Ainda em 1955, comandou as operações na Argélia e, no ano seguinte, o Corpo de Exército Francês na Expedição a Suez, quando da crise do Canal.

Em 1958, exerceu o cargo de Chefe de Logística do Estado-Maior do Comando Supremo da OTAN e, em 1960, já como General-de-Exército, desempenhou a função de Chefe da Delegação Francesa no Corpo Permanente da OTAN, em Washington.

Em 1962, por haver atingido a idade limite permitida pela legislação francesa, é transferido para a reserva, fundando no mesmo ano, o Instituto Francês de Estudos Estratégicos. A partir daí, desenvolve uma série de obras e ensaios de Estratégia, com passagens tanto pela política como pela tática. Faleceu em 13.02.1975, em plena produção intelectual.

A Obra

A obra de Beaufre pode ser dividida em 3 fases distintas: a histórica, a estratégica e a prospectiva. Seu primeiro trabalho foi "*O Drama de 1940*", escrito quando, em 1940, foi transferido compulsoriamente para a reserva. São ainda obras dessa fase inicial: "*Memórias*", "*A Revanche de 1945*" e "*A Expedição de Suez*".

Na investigação estratégica, publica a trilogia básica de seu pensamento estratégico: "*Introdução à Estratégia*", "*Dissuasão e Estratégia*" e "*Estratégia da Ação*". Complementou essa fase com a obra "*A OTAN e a Europa*", na qual analisa a problemática da OTAN e propõe estratégias de revitalização do sistema defensivo europeu. Posteriormente, Beaufre envereda pelo campo da prospectiva, em "*A Aposta da Desordem*" e "*Construir o Futuro*", sua última obra. Todas as obras citadas foram editadas entre 1964 e 1969.

O Pensamento

Refletindo sua condição de militar, com larga experiência na participação em conflitos, quer globais, quer totais ou mesmo nacionais, nos quais se fizeram presentes as formas de estratégia universalmente aceitas, Beaufre apresenta, em suas obras, uma gama considerável de ideias sobre a Política, a Estratégia e mesmo sobre a Tática. (ECEME)

Histórico do Combate de Resistência

(IP 72-2 – O Combate de Resistência)

Na década de 60, o General André Beaufre desenvolveu didaticamente a concepção da Estratégia da Lassidão, ou da Usura, ou ainda da Resistência como hoje está sendo conhecida; uma modalidade da estratégia indireta, na qual um oponente mais fraco pode enfrentar e derrotar um invasor militarmente poderoso. A fraqueza das forças materiais será compensada pelas forças morais dos combatentes, em síntese, à vontade de lutar.

Um dos primeiros registros do emprego dessa estratégia ocorreu na II Guerra Púnica. Após o insucesso das forças romanas na Batalha do Lago Trasimeno, o Cônsul Fábio adotou novas formas de combate ao invasor, homiziando suas forças nas montanhas, onde os cartagineses não podiam impor sua superioridade militar. Fábio passou a realizar incursões contra o invasor, atacando de surpresa seus acampamentos, destacamentos isolados e seus aliados.

Durante dois anos, anulou a possibilidade de Aníbal firmar-se na Península Itálica, minando sua confiança numa vitória rápida. Quatorze anos mais tarde, utilizando-se da estratégia Fabiana, Roma alcançou a vitória com Cipião, o Africano.

Ainda como exemplos de emprego, Beaufre apresentou os "*movimentos de libertação nacional*" das guerrilhas comunistas do pós – 2ª Guerra Mundial [Indochina, Vietnã, Argélia e outros] que utilizaram os ensinamentos de Mao TSE-Tung, o codificador dos princípios da Estratégia da Usura; outros exemplos são encontrados na atuação dos "*maquis*" franceses, dos "*partisans*" italianos e dos combatentes de Tito na Iugoslávia de então.

Mao Tse-Tung preconizava a adoção de uma Defensiva Estratégica de longo prazo e a Ofensiva Tática num quadro de Guerra de Guerrilha para enfrentar e derrotar o invasor japonês, militarmente muito mais poderoso do que as divididas forças militares chinesas.

> Mao Tse-Tung definiu sete regras fundamentais para que o movimento guerrilheiro obtivesse sucesso: conseguir o apoio e simpatia da população, retrair ante um avanço inimigo superior em força, fustigar uma retirada inimiga, estratégia de um contra cinco, tática de cinco contra um, e finalmente logística e armamento capturado do inimigo.

A História do Brasil registra um caso clássico do emprego da Estratégia da Resistência contra o invasor militarmente poderoso: a luta contra os holandeses no Nordeste, principalmente na Capitania de Pernambuco.

> Diante do poderio das forças atacantes, Matias de Albuquerque, Governador de Pernambuco, retirou-se para o interior, onde reorganizou os remanescentes dos defensores de Recife e Olinda. Fundou o Arraial de Bom Jesus, às margens do Rio Capibaribe, fechando o acesso ao sertão e criando, nas proximidades do invasor, uma base de operações. Reestruturou suas forças em Companhias de Emboscadas e passou a empregar Táticas de Guerrilha para impedir que os invasores consolidassem e ampliassem suas conquistas, aguardando uma oportunidade para retomar às Vilas.

As Companhias de Emboscadas eram lideradas por homens de reconhecido valor, tais como: Felipe Camarão, Henrique Dias, Antônio Dias Cardoso, André Vidal de Negreiros, Luiz Barbalho, Francisco Rebelo e João Fernandes Vieira. Diuturnamente. As Companhias de Emboscadas atacavam os holandeses, sem dar-lhes descanso, incursões, golpes-de-mão, emboscadas, tocaias, sequestros e armadilhas infernizavam os soldados invasores. No que concerne ao uso de armadilhas, merece destaque o uso de fossos com estacas pontiagudas [estrepes], precursoras dos famosos fossos com estacas panji da Guerra do Vietnã.

Com a restauração da Coroa Portuguesa, o novo Rei, Dom João IV, demonstrou pouco interesse de reaver as terras em mãos dos holandeses. Com tal situação não concordaram os brasileiros que, à revelia de Portugal, reiniciaram a luta, culminando com a vitória na Batalha dos Guararapes, fundamental para a expulsão dos invasores. Nesta nova fase, embora a estratégia fosse mais direta, as Companhias de Emboscadas, reunidas em terços ([28]), continuaram sendo os instrumentos básicos de combate. (*IP72-2*)

IP72-2: Principais lições da luta contra o invasor holandês:

1. O emprego de táticas não-convencionais do tipo ações de guerrilha, tendo como elemento de emprego as Companhias de Emboscadas, mostrou-se eficaz no combate contra invasor com poder militar superior;

2. A vontade de lutar dos nacionais, com engajamento de todos os segmentos sociais, minimizou a superioridade militar do invasor e viabilizou a resistência como forma de luta na preservação do patrimônio nacional;

3. A necessidade de empenhar lideranças efetivas na condução do combate de resistência;

---

[28] Terço: era uma organização militar espanhola dos séculos XVI e XVII de 1.000 homens, que correspondia a um batalhão hoje.

4. A importância das forças morais dos combatentes e não-combatentes numa guerra prolongada, considerando-se o elevado grau de sacrifício requerido nesse tipo de confronto;

5. A importância da manutenção do espírito ofensivo no nível tático das ações, fustigando com tenacidade o invasor;

6. A necessidade de organizar-se o apoio logístico com base em regiões não envolvidas diretamente no conflito, tendo como vias de suprimento as disponíveis e utilizáveis, devendo manter-se rotas alternativas que viabilizem a continuidade do suprimento para o interior da região do conflito;

7. A relevância de um comando combinado para a condução das operações no combate de resistência, de modo a obter-se os resultados desejados. (IP 72-2)

A Amazônia e a Dissuasão Estratégica

(Gen Div Carlos de Meira Mattos

A dissuasão nuclear visa a paralisar o conflito bélico pela imposição ao agressor da ameaça de uma represália que não lhe permita sobreviver à agressão.

A estratégia de dissuasão, na língua inglesa "*deterrence*", passou a ser conhecida e mais bem estudada a partir do período de confronto nuclear. O horror aos efeitos aniquiladores das explosões nucleares levaram os especialistas a procurar uma estratégia capaz de conter o perigo. Esta estratégia foi primeiro conceituada pelo Gen Beaufre, francês, nos anos 60, que assim apresentou:

> Graças à dissuasão, o confronto nuclear entre as duas superpotências, que durou 40 anos e suportou o desafio constante das "*escaladas*" de um para superar o outro, sucessivamente, terminou sem que acontecesse a hecatombe.

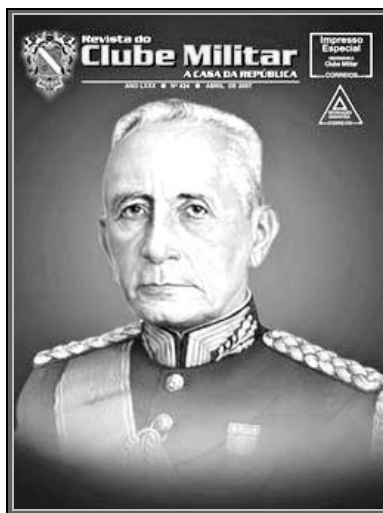



Imagem 23 – Gen Div Carlos de Meira Mattos

A estratégia de dissuasão, com este nome, ocupa hoje as áreas de confronto não nuclear, no campo militar convencional, na guerrilha e nos entrechoques políticos. Sua conceituação não se afasta daquela que a deu o General Beaufre: trata-se de evitar o choque, a ruptura, impondo uma ameaça cujo preço o adversário saiba, "*a priori*", que terá que pagar.

Estamos assistindo à estratégia de dissuasão utilizada hoje pelos sérvios e somális, como instrumento para evitar a ocupação de seus territórios por forças internacionais da ONU. As guerrilhas da Sérvia e da Somália dão demonstrações de que a ocupação de seus países custará um preço pesado, em vidas e logística. A avaliação desse preço vem provocando o desentendimento entre os grandes da ONU, que querem intervir, mas não querem sacrificar seus compatriotas e onerar seus recursos materiais. Sem a ocupação terrestre não se manifesta o grau de ameaça capaz de dissuadir os guerrilheiros. O preço a pagar nesses conflitos envolve, fatalmente, a ocupação por forças terrestres; se o assunto pudesse ser resolvido por bombardeio aéreo e operações

navais, estariam todos de acordo. Na hora de desembarcar tropa de ocupação, já que a força de paz não está dando conta do recado, os governos de Washington e Paris, principalmente, param para pensar. Washington ainda sob os efeitos da derrota no Vietnã, aonde chegou a ter 500.000 homens e a França ainda remói a triste memória das guerras da Argélia e Indochina.

Os governos que cultivam a opinião pública não encontram apoio desta para se envolverem em operações terrestres de duração duvidosa. As síndromes do Vietnã, Argélia e Indochina ainda pesam sobre as sociedades norte-americana e francesa que arcaram com o pesado ônus dessas guerras [Vietnã, 46.000 mortos, 300.000 feridos, 1.800 desaparecidos e dezenas de milhares de desajustados, e Argélia e Indochina cerca de 150.000 mortos]. Esta Doutrina de Dissuasão Estratégica enquadra-se hoje, perfeitamente, na necessidade do Brasil de estabelecer um projeto militar para enfrentar as ameaças suscitadas pelas perspectivas do mundo de após queda do Muro de Berlim.

Todos os países, principalmente os 7 grandes, estão reformulando os seus projetos militares em face das alterações ocorridas no quadro de ameaças. Tratados e pactos internacionais procuram reajustar-se ao novo quadro político-estratégico. No que se refere ao Brasil, quais seriam as novas ameaças a considerar, levando em conta o dever de todo Estado soberano de cuidar de sua defesa? Não resta dúvida de que as ameaças de confronto com nossos vizinhos continentais estão reduzidas às exigências de um grau de precaução mínimo.

Os perigos mais evidentes vêm das tentativas de implantação de "*uma nova ordem mundial*" dentro das ideias internacionalistas veiculadas nos concílios dos "*grandes*". Essas ideias têm sido alimentadas por

organizações científicas e religiosas do Hemisfério Norte e aceitas por governantes que as deixam vazar ou as divulgam intencionalmente. No centro dessas ideias, no que interfere com os nossos interesses nacionais, está a aceitação do estabelecimento, no planeta, de áreas consideradas "*patrimônio da humanidade*". Esses "*patrimônios*" se destinam a preservar interesses de grupos ambientais, de antropologistas, de reformadores sociais. Entre as teses mais divulgadas, e objetos de maior pressão forânea ([29]), está a internacionalização da Amazônia.

A justificativa apresentada para essa necessidade de internacionalização é vária – vai desde a já desmentida tese de "*pulmão da humanidade*", até a afirmação de que "*a floresta tropical úmida deve ser preservada intacta, até que pesquisas revelem o melhor modo de explorá-la, pois ela é, ecologicamente, um deserto coberto de árvores e, se as árvores forem removidas, a região se converterá em um deserto*" [do livro "*A Selva Amazônica: do Inferno Vermelho ao Deserto Vermelho*", de autoria de Robert Goodland e H. Irwin].

A essas preocupações com os efeitos da floresta no equilíbrio ecológico do planeta, somam-se as reivindicações das organizações mundiais ligadas ao campo da antropologia que pretendem manter as poucas tribos indígenas existentes na Amazônia, intocáveis, no estado de seu primitivismo original, a serem preservadas como verdadeiro laboratório vivo destinado à curiosidade de estudiosos.

A confluência das teses ecológicas com as dos antropólogos são geradoras da pressão internacional sobre a Amazônia, criando a imagem de "Patrimônio da Humanidade".

---

[29] Forânea: que é de terra estranha.

Qual seria a autoridade mundial credenciada para estabelecer o "*status*" de Patrimônio Mundial? Segundo a proposta do ex-Ministro da Defesa dos Estados Unidos, Mr. Robert McNamara, poderá ser o clube dos 7 grandes [G-7] através dos instrumentos de pressão de que dispõem o Conselho de Segurança da ONU e instituições financeiras internacionais. Após o conflito da Iugoslávia, os "*7 Grandes*" transformaram a OTAN em seu "*braço militar*" intervencionista.

Uma vez sancionada como "*Patrimônio da Humanidade*", a região indigitada perderia sua condição de soberania plena por parte do Estado a que pertence e ficaria sob o status de "*Soberania Limitada*" ou "*Meia Soberania*", devendo aceitar as exigências impostas em nome dos "*interesses comuns da humanidade*".

A renúncia ao princípio de soberania é fatal para o Estado; ele se desqualifica entre os demais, se inferioriza, colonializa-se. Nós, brasileiros, não podemos aceitar. Por que não negociar um acordo dentro do critério do consentimento nacional a favor de certas medidas de Interesse Internacional?

Por que não adotamos a tese do Presidente Castello Branco de aceitar o princípio da interdependência como solução para um ajuste de consentimento voluntário entre Estados Soberanos? Por que, sorrateiramente, ir montando a Operação Internacional na base da arrogância "*dos grandes*"?

Os problemas das regiões internacionalizadas trazem no seu bojo inúmeros subprodutos nocivos aos interesses do Estado que as cede, tais como: – gera dubiedades em termos de autoridade, por onde podem prosperar os males que se quer evitar, tais como o narcotráfico, o contrabando, a mineração

espoliativa, e a formação de entidades indígenas autônomas incapazes de se autogovernarem. Pode bem vir a acontecer que a internacionalização, pela duplicidade de autoridade sobre a área, transforme-se num viveiro de abusos e clandestinidades. Vale lembrar que esta ideia de internacionalização ronda a Amazônia há vários anos.

Em 1948 tivemos o impacto do projeto da UNESCO, conhecido por "*Hileia Amazônica*", aprovado naquela organização até pelo representante brasileiro e não homologado pelo nosso legislativo. Esse projeto já previa a internacionalização da nossa Amazônia. Assim é a mesma onda que volta, tocada por outros ventos.

Devemos estar preparados para vencer essa nova corrente de pressões internacionais que se anunciam em vários pontos, de forma ainda inconsistente.

Não tenhamos dúvidas de que esta pressão vai crescer. Nossos instrumentos de defesa são, primeiramente, a via diplomática. Precisamos de uma diplomacia convincente, ativa e dinâmica, capaz de afastar os perigos sem a necessidade de violência. Se falharem os recursos da negociação diplomática, não podemos, como Estado soberano, excluir a hipótese de defesa militar.

Não temos a veleidade de admitir que possamos no campo da força derrotar os possíveis intervencionistas do primeiro mundo. Mas, ali está a importância da dissuasão estratégica.

Devemos possuir uma força armada capaz de oferecer uma ameaça a qualquer aventura militar, capaz de dissuadir, se não pela possibilidade de vitória, pela capacidade de tornar caro, pesado, o ônus da aventura militar.

Como conceituou o General Beaufre, nos anos 60, capaz de convencer aqueles que nos ameacem, que pagarão caro, em vidas humanas e em recursos logísticos, à decisão de intervir. Assim estaremos, pela dissuasão estratégica, garantindo a nossa soberania, e evitando [é bem possível] o confronto armado. (MEIRA MATTOS)

Soberania

(Ruy Barbosa de Oliveira)

Uma raça, cujo espírito não defende o seu solo e o seu idioma, entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por ele absorvida.

“*Caçadores*”, os Atiradores de Elite

Poema do Sniper
(T.A.S. Queiron)

Não temas a morte, pois ela será rápida e silenciosa. Não temas a dor, pois você não terá tempo de sentir. Não temas a punição do seu Comando, pois você terá que estar vivo para sofrer punições, e tenha certeza que eu não deixarei.

Eu sou aquele que você não viu, eu sou aquele que você não percebeu. E esse foi o seu erro mas, mesmo se tivesse percebido, o resultado não seria diferente. Eu sou aquele que está sempre um passo à frente. [...]

Agora você está na minha mira, não há mais volta, sua história terminou. Você respira mais uma vez, sem saber que será a última vez que fará isso.
O dedo e o gatilho agora se encontrarão mais uma vez, eles anseiam por isso. Apenas um segundo é o que separa linha tênue entre a vida e a morte.

Acabou!!! Depois, de tanta espera, bastou um segundo, um gesto, e uma bala para levar ao clímax da minha majestosa arte, a arte da precisão, a arte da camuflagem, a arte do tiro perfeito, e foi preciso apenas um. Um tiro, Uma morte!!!

Um caçador, atirador de elite, atirador especial, atirador furtivo, atirador de escolta, franco-atirador ou “*sniper*” é um combatente especializado em tiro de precisão. Sua missão é perseguir e eliminar alvos selecionados com um único tiro com o objetivo de reduzir a capacidade de combate do inimigo, eliminando elementos importantes, como Comandantes, atiradores furtivos inimigos, especialistas e a seleção de alvos de oportunidade.

Eventualmente, utilizando-se de armas ligeiras de grosso calibre, são empregados para eliminar veículos militares.

Os países da OTAN empregam-nos, via de regra, em equipes de dois elementos, um Atirador e um Observador. Embora exerçam funções distintas, é desejável que ambos sejam qualificados como atiradores especiais de modo que seja possível realizar a alternância das funções com objetivo de evitar a fadiga.

Algumas vezes a ação dos "*snipers*", menos heroica e mais criminosa, dissemina terror não só nas fileiras inimigas, mas no seio da população civil indefesa.

No "*Cerco de Sarajevo*", atiradores feriram 1.030 e mataram 225 pessoas transformando uma das avenidas da capital em um local extremamente perigoso. Os atiradores atiravam indiscriminadamente em homens, mulheres, idosos e crianças que tentavam atravessar a rua que ficou conhecida como "*Sniper's Avenue*".

Recentemente os "*snipers*" foram empregados pelas tropas aliadas na Guerra do Iraque, como cobertura às movimentações de tropas amigas, sobretudo em áreas urbanizadas e pelos chechenos quando apenas um "*sniper*" era capaz de interromper a progressão das forças russas durante dias.

Operações de Guerrilha

(Coronel Fregapani – DEP 1984 – Manual de Operações na Selva)

> A diferença entre a Guerra na Selva e a Guerrilha na Selva é muito tênue. As missões de uma tropa de selva são as missões de guerrilha em grande escala.
>
> A virtual ausência de uma linha de frente e a liberdade de movimento de uma tropa de selva permite todo tipo de ação de comandos.

Como as situações variam instantaneamente e as informações têm pequeno tempo de validade, as tropas infiltradas têm liberdade de ação, a fim de agir com oportunidade.

As ações mais comuns são:

- **a**. Emboscar comboios de suprimentos em estradas, trilhas ou Rios;
- **b**. Destruir postos de comando, centro de comunicações, depósitos de suprimento;
- **c**. Assegurar a colaboração dos habitantes e punir os traidores;
- **d**. Golpear as forças inimigas e ocultar-se na selva para evitar a resposta. (FREGAPANI)

Caçadores

No contexto de Operações na Selva, se avulta a necessidade do emprego dos caçadores e, mais uma vez, solicitei ao Mestre Fregapani que me orientasse, desta feita, a respeito dos atiradores ou "*caçadores*" como se denomina no Brasil. Ele, gentilmente, atendeu a meu pedido e sublinhou que, em referência ao caçador, pela grande disponibilidade de recursos humanos e pela falta de material (armas, lunetas, visor noturno e ampliadores de som), recomendava doutrinariamente formar o núcleo com um atirador, um escudeiro (Coach) – observador e um pagem ([30]). Reproduzirei, na íntegra, o "*Manual do Caçador*" do meu Mestre e dileto amigo Coronel Fregapani:

O "*Caçador*," ou "*Atirador de Escol*," é o militar cuja missão é atingir alvos selecionados com precisão.

---

[30] Pagem (pajem, armígero, escudeiro): mancebo que acompanhava o Rei ou membro da nobreza e conduzia suas armas.

É de importância capital numa guerra, podendo mesmo influir decisivamente no resultado dos combates. Atualmente com um pouco mais de preparo, o uso de caçadores é das poucas técnicas eficientes que o nosso Exército poderá empregar efetivamente em combate. Este "*Manual*" visa suprir uma lacuna existente em nosso Exército, nos primeiros anos do milênio. Destina-se aos futuros Caçadores e aos Comandantes de Unidade que pretendem utilizá-los.

Não é um "*Vade Mecum*" nem será de grande auxílio a bons Caçadores já formados mas certamente será muito importante para transformar em Caçadores os bons atiradores já existentes e para orientar a formação de equipes. Espera-se que este manual seja superado em pouco tempo, assim que o nosso Exército desperte para a importância do Caçador e os prepare com antecedência.

Requisitos para o Recrutamento

O principal requisito é que o candidato seja um excelente atirador, ou que haja condições para que se torne um. Outro requisito essencial será uma condição mental adequada. Boas condições físicas, não fumar nem usar óculos são características desejáveis mas não essenciais. Todo excelente atirador já pode ser usado, em emergência, como caçador.

O ideal é que se recrute para esta função quem já for um campeão, mas deve-se considerar que quase qualquer pessoa, que realmente queira, tem potencial para aprender a atirar bem. Entretanto por mais que se deseje, as condições mentais indispensáveis não podem ser aprendidas, elas vêm com o indivíduo, o qual deve ser capaz de atirar calmamente nos alvos que selecionou e não pode ser suscetível a emoções como ansiedade ou remorsos.

Os demais requisitos desejáveis são importantes pois sua falta prejudica a performance em muitas circunstâncias, mas normalmente não impede o cumprimento da missão.

Conceitos Gerais de Emprego

O número de baixas infligidas ao inimigo já dá uma medida da importância do Caçador. Os melhores atiradores da II Guerra Mundial, tanto os alemães como os russos, ultrapassaram as 300 baixas, numa época em que a precisão das armas não ultrapassava de muito os 600 metros. No Vietnã, com seus Winchester 70, os melhores "*snipers*" americanos obtiveram uma média de 15 acertos por dia, o que significou abater o efetivo de quase uma companhia por semana ou o de um Batalhão por mês. Entretanto a influência do Caçador no combate ultrapassa o simples número de baixas infligidas pois muitos dos alvos selecionados podem ser de difícil substituição como Chefes, radioperadores e outros especialistas, cujas baixas farão mais falta do que soldados comuns. Além disso, como os inimigos podem ser atingidos a uma distância onde se julgariam a salvo do fogo direto de armas individuais, a simples existência de Caçadores causa medo aos alvos potenciais e influi em suas decisões. O emprego de Caçadores se torna ainda mais significativo quando o inimigo se rodeia de civis desarmados ou escudos humanos. Nesse caso, só Caçadores podem evitar a morte de inocentes.

Organização

O Caçador pode atuar isolado ou formando uma equipe. Tendo em vista a atual falta de doutrina no nosso Exército, se você for um excelente atirador e receber permissão para agir como Caçador, é possível que tenha que agir sozinho, mas o ideal

seria constituir uma equipe de três militares: O Caçador, um Observador e um Auxiliar. Os norte-americanos agem em dupla, com dois Caçadores cuidando do mesmo alvo, o que apresenta a vantagem de um servir de observador e de apoio mútuo mas é um desperdício quando se pode usar cada Caçador com seu próprio observador.

Quando há abundância de campeões de tiro e de armas adequadas, este desperdício é aceitável e até traz algum acréscimo na eficiência, mas nós teremos que lidar com a escassez. Considerando que temos limitações em quantidade de armas de alta precisão e de excelentes atiradores e não temos a mesma carência em pessoal não especializado, não deverá haver grande dificuldade em formar a equipe preconizada, cujos elementos terão as seguintes funções:

> **Caçador** – independe de posto, sendo selecionado por suas condições mentais e sua performance no tiro. Conforme sua hierarquia e experiência, pode ser ou não o chefe da equipe mas sempre será o elemento principal, para quem toda a equipe trabalhará, pois tudo depende da eficiência de seus tiros. Deve ser equipado com o melhor fuzil que puder ser conseguido. Se já for um campeão de tiro de fuzil, provavelmente terá o seu próprio Winchester 70 ou Hamerli de tiro ao alvo, talvez com luneta. Se não, usar o FAL com luneta da dotação. Quando possível, deve ser poupado do cansaço, principalmente da visão.
>
> **Observador** – normalmente um Sargento. Tem como missão principal a busca de alvos e a observação dos tiros. De algum modo age como um treinador. Quando o Caçador, embora excelente atirador, for um "*novato*" em assuntos militares, o Observador pode ser o Chefe da Equipe. Deve ser equipado com a melhor luneta de tripé que puder ser conseguida, de preferência com 20 aumentos ou mais.

Em caso de carência absoluta, usar o binóculo de dotação. O armamento ideal para o Observador seria um míssil portátil tipo AT-4 ([31]). Isto ficará para quando for possível. Na atualidade usar de preferência uma submetralhadora.

Auxiliar – Normalmente soldado recruta, para encarregar-se do transporte de parte do material, auxiliar na camuflagem, na vigilância e no reabastecimento. Pode ser empregado para operar eventual rádio existente e servir como mensageiro. Como armamento, de preferência também uma submetralhadora.

Macetes de Tiro

Mesmo considerando que o futuro Caçador já seja um campeão, alguns macetes o ajudarão a matar mais inimigos e contribuir mais para a vitória. Vejamos alguns:

Posição da arma – embora todas as posições de tiro do tiro ao alvo possam ser eventualmente usadas, o Caçador deve preferir usar a arma apoiada, seja sobre um "*bipé*", diretamente sobre qualquer saliência ou com o cano amarrado em uma árvore. As posições com a arma apoiada melhoram significativamente o tiro.

O Premir o gatilho – qualquer atirador conhece o efeito da "*gatilhada*", e o consequente desvio na hora exata do disparo. Ensinar que se deve premir lenta e continuamente a tecla do gatilho seria chover no molhado. Entretanto não é bem divulgado o efeito dos demais dedos da mão. Ao mover o indicador, os impulsos nervosos tendem a mover também os demais dedos, desviando a arma no exato momento do disparo.

---

[31] AT-4: é um lança rojão de 84 mm não guiado, portátil, de único tiro sem recuo e de tubo liso construído na Suécia pela Saab Bofors Dynamics. Características técnicas: Peso – 6,7 kg, velocidade inicial – 250 m/s, Alcance eficaz – 300 m e alcance máximo: 2.100 m.

Estando a arma apoiada e com a visada perfeita, é necessário evitar que os dedos desviem a arma. Para tanto se pode: deixar a mão bem frouxa, de forma a não fazer pressão no punho da coronha, ou manter os dedos médio, anular e mínimo retos, sem envolver o punho, puxando a arma para traz fixando-a diretamente contra o ombro. Essa última maneira propicia o tiro mais rápido.

A Visada com a Luneta – embora existam muitos tipos de lunetas, a maioria delas dispõe de "*zoom*". Deve-se capturar o alvo preferentemente com o zoom mínimo e então ampliar. É importante observar se o centro do retículo está exatamente no centro da visada, e se não há algum pequeno sombreado em alguma das bordas do campo de visão, o que acontece quando não se olha pelo centro da luneta.

Isto significaria que estaríamos apontando para um ponto na direção contrária ao sombreado, mesmo vendo o alvo enquadrado na cruzeta do retículo.

A Escolha dos Alvos

A importância do Caçador excede ao número de inimigos abatidos. A presença de Caçadores leva medo ao inimigo e influencia em suas decisões.

Como você não poderá engajar todos os alvos em potencial, você deve escolher os alvos mais importantes – Comandantes, Observadores avançados de artilharia, rádio operadores, atiradores de armas coletivas, Caçadores e outros especialistas, desde que você tenha a convicção de que pode acertar.

Um tiro certeiro num soldado comum fará melhor efeito do que um errado, mesmo num alvo de importância excepcional. Você ainda poderá danificar material rádio, ótico, radares, mísseis, etc.

Avaliação da Distância e Ponto a Visar

Para que seu tiro acerte o alvo, considerando que provavelmente nem você nem seu observador terão à disposição um telêmetro laser, é importante ter outros macetes. O primeiro deles refere-se ao treino em avaliar distâncias. Para isto devem ser colocados homens de 100 em 100 metros, até mil ou mais.

O futuro caçador deve gravar na mente o aspecto de cada um, a olho nu e em sua luneta. A olho nu, ainda podemos ver os braços e as pernas de uma pessoa a 400 metros. Já a 600 metros só veremos o vulto, sem distinguir os membros. Como as lunetas serão variáveis, cada um deverá anotar cuidadosamente como vê, em sua luneta, uma pessoa a cada distância; veja suas feições, até que parte do retículo vai sua altura, etc. Uma boa medida é regular sua arma para 300 metros, e nessa distância fazer a visada direta. Com o alvo a 500 metros, visar 40 cm acima do ponto de impacto desejado. A 800 metros, visar um metro acima. Com estas referências, o caçador poderá intercalar as visadas nas distâncias intermediárias.

A Influência do Vento

É possível que você deva atirar com vento forte e, quanto maior a distância do tiro, maior será a influência do vento. Primeiro observe a direção do vento. Se for de frente ou de costas, pouca influência terá. De través [90 graus relativamente à visada], naturalmente desviará o projétil para a direção para onde o vento vai. Com o vento de uns 45 graus em relação a sua visada, a sua influência no desvio do projétil será a metade da de través. Além de observar a direção do vento em relação à linha de visada, você terá que avaliar a velocidade dele.

Com a intensidade de uns 5 km/h, podemos senti-lo no rosto. Com uns 10 km/h, ele move ligeiramente as folhas das árvores e com uns 15 km/h o vento levanta poeira e arrasta as folhas caídas no solo. Você sabe que seu projétil demorará quase um segundo para percorrer os primeiros 500 m e mais outro tanto para os 300 m seguintes. Desta forma, um vento de través de 5 km/h pode desviar seu tiro de cerca de um metro a 500 m, e de dois metros a 800 m. Além disso, a velocidade do vento pode variar na distância atirador-alvo. Como você vê, o vento complica, mas se você vir uma boa oportunidade, calcule o desvio provável e arrisque.

Tiro Com o Alvo em Movimento

Alvos em movimento são difíceis de atingir. Estando o alvo em movimento, o caçador deverá sempre acompanhar o movimento. O esperar a passagem por um ponto e disparar nunca acertará o alvo.

Ainda assim o acompanhamento deverá visar um ponto futuro, à frente do alvo. Esse ponto, com o alvo andando a 90 graus, a velocidade normal de caminhada, será de 30 cm a 300 m de distância, e de quase um metro a 500 m. A distâncias maiores será muito difícil o sucesso.

Quando o alvo se desloca da esquerda para a direita do atirador destro fica ainda mais difícil de atingi-lo, e se deve aumentar em 50% a distância da visada devido à natural parada no momento do disparo. O controle dessa parada, quando se acompanha o alvo que se desloca para a nossa direita, é muito difícil, mesmo para os atiradores mais experientes.

A não ser em uma circunstância excepcional, tenha paciência e espere o alvo parar. Lembre-se que o "*ponto futuro*" de impacto deverá incluir, além da

estimativa do movimento do alvo, a avaliação do desvio causado pelo vento e a altura da visada em função da distância do alvo.

Movendo-se para Ocupar uma Posição

Na preparação, teste a arma a distância de 300 m e verifique se a camuflagem do pessoal e equipamento está adequada ao local. Evite o uso de capacete. Abasteça-se de munição, água e rações suficientes e do material de que vai necessitar. Evite levar coisas em excesso. Estude no mapa o local provável da posição e o itinerário para chegar lá.

Escolha para o deslocamento um horário que prejudique a possível observação do inimigo, como a noite ou com neblina, fumaça ou ainda com o Sol a sua retaguarda. Desloque-se lentamente, de uma posição desenfiada para outra, mudando frequentemente de direção. Pode, em certas ocasiões, dar uma corrida curta até um local abrigado ou coberto, mas normalmente é melhor evitar ter pressa. Rasteje se necessário.

Ocupando a Posição

Escolha cuidadosamente um local que ofereça bom campo de tiro, que não tenha pontos de referência para o inimigo. Cuide da camuflagem, inclusive do fundo. É importante que a silhueta do caçador não seja projetada sobre o horizonte ou sobre um fundo diferente. Verifique a posição do Sol nos vários horários. Evite o Sol de frente. Posicione, com igual cuidado, seu Observador de forma a poder ouvi-lo, na indicação de alvos e na correção do tiro.

O Auxiliar pode ficar mais à retaguarda. Avalie as distâncias aos diferentes pontos do campo de tiro. Use um mapa, se dispuser. Verifique a direção e

velocidade do vento. Escolha posições de muda, se possível com caminho desenfiado pois depois de alguns tiros você tenderá a ser localizado.

Tiros mal sucedidos são ainda mais facilmente localizados pelo inimigo. Você deve abandonar a posição após dois tiros perdidos pois ao terceiro a sua localização pelo inimigo será muito provável. À noite procure trocar de posição após cada tiro.

Principais Empregos Táticos do Caçador

Em qualquer situação, a missão do Caçador será de causar baixas, e com isto diminuir o potencial de combate do inimigo e afetar-lhe o moral. Esta tarefa, conforme a situação, pode ter uma finalidade específica e um posicionamento caracteristicamente mais adequado. Na Marcha para o Combate, um caçador pode ser empregado contra alvos de ocasião, se marchar na vanguarda, junto ao escalão de combate. Também pode fazer parte de uma flancoguarda ([32]) com a missão de proteção, se os campos de tiro forem compatíveis.

Na ofensiva, normalmente o Caçador é empregado para apoiar o avanço com fogo de precisão. Antes do ataque, executa tiros de inquietação sobre quaisquer alvos assinalados e, durante o ataque, sobre os alvos que mais prejudiquem a progressão. Pode ficar em determinada posição, ocupar posições sucessivas ou acompanhar uma fração da tropa.

No ataque a posições fortificadas ou em ambiente urbano, aumenta a necessidade dos tiros de precisão e os Caçadores serão ainda mais requisitados. Em situações estáticas e nas defensivas, o Caçador costuma executar tiros longínquos sobre os alvos

[32] Flancoguarda: destacamento encarregado de proteger um dos flancos de uma tropa em marcha.

selecionados. Pode também proteger uma área de flanco ou área propícia a infiltrações ou cobrir um obstáculo ou um campo de minas.

Nos movimentos retrógrados, o Caçador é útil para facilitar o desengajamento e para retardar o inimigo, além das numerosas oportunidades de causar baixas, mas é importante que disponha de um meio de transporte rápido para a retirada.

O Caçador pode fazer parte de patrulhas, principalmente das patrulhas de combate. Havendo disponibilidade, pode ser usado também nas patrulhas de oportunidade, mas é em emboscadas que o emprego do Caçador se revela mais eficiente.

Uma emboscada, de qualquer tipo, aumentará muito sua eficiência se dispuser de um ou mais caçadores em reforço. O Caçador pode, com sua equipe ou mesmo isolado, fazer emboscadas eficientes. Aliás, todo tiro do Caçador assemelha-se a uma emboscada. O Caçador e sua equipe ainda podem infiltrar-se em território inimigo e mesmo em sua retaguarda, quer com uma missão específica quer em busca de oportunidade de causar dano.

Ainda que esta seja uma ação perigosa, os efeitos costumam ser compensadores. É muito forte o efeito moral sobre o inimigo quando começam as baixas em terreno que ele considerava seguro. O ponto crucial nessa missão é o retorno às linhas amigas, que pode ser por infiltração ou com uma missão especial de resgate.

Outras Missões

Sua posição pode ser privilegiada para colher informações. Procure observar os seguintes elementos a respeito do inimigo: **L**ocalização / horário; **E**fetivo; **A**tividade e **E**quipamentos.

Estes dados formam a sigla **LEAE**. Se for o caso, use seu auxiliar como mensageiro.

Também lhe pode ser pedido para regular o tiro de artilharia ou morteiros. É simples: basta informar o azimute do alvo e pedir para alongar/encurtar o tiro, e chegar para a direita/esquerda nas distâncias que você avaliou. Esta função pode ficar com o seu Observador, se ele for habilitado.

A duração de sua missão pode ser de vários dias, mas chegará o momento em que terá de retrair. Você pode inclusive ter que antecipar o retraimento por necessidade tática.

Os cuidados no retraimento devem ser tão cuidadosos como os do deslocamento para a infiltração pois agora o inimigo deve ter ciência de sua presença e costuma intensificar a observação e o patrulhamento quando começar a notar a presença de um caçador. Você terá a tendência a ser menos cuidadoso por estar cansado e ansioso por voltar para local seguro.

Fique atento a todos os detalhes. Se possível escolha a escuridão, a neblina ou a fumaça para o momento de retrair. Você poderá necessitar abandonar algum material. Armadilhe-o se possível ou o destrua. Se não puder, oculte-o. Ao retornar, apresente imediatamente um relatório sucinto ao Estado Maior da Unidade. (FREGAPANI)

Caçadores ou Snipers

Foi ao percorrer as posições avançadas, à noitinha, para dar as últimas ordens para o ataque que deveria ser desfechado ao amanhecer que o Coronel Fulgêncio recebeu no ventre uma bala de fuzil, pontiaguda, provavelmente de um "sniper", ou caçador, como a gente dizia.
(CARVALHO)

A importância do emprego dos caçadores encontra amparo na História Militar Terrestre de todos os tempos nos quais atiradores de elite foram responsáveis por centenas de baixas nas fileiras inimigas.

Seu emprego, portanto, nas Operações na Selva frente a um inimigo mais forte e detentor de tecnologia superior à nossa se mostra extremamente válido. Vamos fazer uma retrospectiva histórica baseada em um relato de autor desconhecido, publicada em 05.04.2009.

Snipers – Um tiro, Uma morte

(avidanofront.blogspot.com.br)

[...] Alguns dizem que o termo "*snipers*" surgiu no século XIX com o Exército britânico na Índia. Lá existia um pequeno e ágil pássaro chamado **snipe** (narceja [33]), que se alimentava de insetos no solo, e se constituía um alvo difícil para qualquer caçador. O atirador para acertá-lo tinha que ser realmente muito bom e aqueles que conseguiam eram chamados de snipers [de "*snipe*", e "*killer*", na forma contraída]. Os gregos, romanos e assírios entre outros povos antigos empregavam arqueiros para aumentar a extensão do alcance de suas tropas e para explorar o efeito surpresa dos tiros de precisão.

---

[33] Narceja (Gallinago gallinago): ave conhecida no Brasil como Narceja. Possui longo bico, plumagem castanha com listras claras na cabeça e pelo corpo, patas relativamente curtas e corpo compacto. Nos seus velozes voos rasantes, que anunciam a época do acasalamento, produz um ronco sonoro que lembra um motor. Um caçador para abatê-la, durante o voo rasante, precisa de muita habilidade.

Primeira Guerra Mundial

Mesmo sendo uma prática militar já usual no início do século XX, as nações europeias só vieram a utilizar largamente atiradores de elite a partir da Primeira Guerra Mundial. Na verdade este foi o primeiro conflito em que esta modalidade de combatente foi grandemente utilizada. Alemães, ingleses, franceses, australianos, Americanos e turcos entre outros, usaram largamente suas novas unidades de atiradores de elite neste conflito, pois as características da "*guerra das trincheiras*" favoreciam os disparos de longo alcance e a imobilidade do atirador.

Foram os alemães que usaram os primeiros "*snipers*" especialmente treinados para a função.

O inglês Hisketh Pritchard criou a primeira escola aliada de atiradores de elite durante a Primeira Guerra, no Reino Unido, onde atiradores britânicos e americanos treinavam juntos. Muitos civis belgas usaram suas armas de fogo na função de "*franco-atiradores*" contra as forças invasoras alemãs em 1914. Atiradores turcos cobraram um alto tributo às tropas aliadas em Gallipoli. Em uma quinzena da guerra de trincheira em dezembro de 1915, as tropas britânicas sofreram 3.285 baixas. Aproximadamente 23% destas baixas estavam relacionadas com ferimentos na cabeça, face e pescoço. [...]

Muitas das armas usadas pelos atiradores no início da guerra eram rifles de caça para elefantes, que depois foram substituídos por rifles "*standard*" adaptados para a função. Também nesta guerra foram treinados atiradores para servirem em ações countersnipers ([34]).

---

[34] Countersnipers: eliminação de atiradores inimigos.

Simo Häyhä

Este conflito é importante para a história dos atiradores de elite pois foi dele que saiu o campeão da lista de atiradores Simo Häyhä. Ele nasceu em 17.12.1906 na pequena Cidade finlandesa de Rautajarvi. Como a maioria da população, ele era um simples fazendeiro de vida tranquila e pacata, acostumado com a vida nas florestas geladas. Era ele um homem do campo por paixão, caçador desde a infância. Aos 17 anos, alistou-se no Exército finlandês para cumprir serviço militar obrigatório, cumpriu o seu tempo de serviço de forma tranquila em um Batalhão de Bicicletas.

Em 30.11.1939, a Rússia invadiu a Finlândia, dando início a uma guerra que iria durar 105 dias e ficaria conhecida como a Guerra de Inverno. Simo Häyhä foi convocado às pressas juntamente com centenas de outros reservistas e integrou a 6ª Companhia do 34° Regimento [34° Jalkaväki Rykmentti] encarregada de retardar o avanço soviético na região do Rio Kollaa.

A superioridade numérica dos russos era esmagadora, e como o vale do Kollaa era ponto estratégico importantíssimo para o avanço russo, para lá foram enviadas 12 divisões, com um total de 160.000 homens. Ignorando a superioridade numérica, a resistência finlandesa lutou ferozmente, e foi durante essa luta desigual que se destacou Simo Häyhä. Aqueles eram os seus campos de caça e conhecia a região como ninguém, era a sua casa, nenhum inimigo estaria seguro. "*Caçando*" sozinho a morte branca ([35]), levou o terror às linhas inimigas. Quando agia, levava o pânico e abalava o moral das tropas inimigas.

---

[35] A morte branca: assim apelidado por causa da camuflagem branca que usava na neve

Imagem 24 – Lyudmila M. Pavlichenko

Assim a bravura e a audácia de um único atirador atrasou em meses o domínio daquela região e, em apenas um mês, as perdas vermelhas no vale do Kollaa triplicaram. Usava um rifle Mosin Nagant M28 de calibre 7.64 x 54R [...]. Ele agia de Norte ao Sul do vale, sempre sozinho, e nunca fazia mais que um disparo por posição, além de ser exímio atirador de metralhadora também, e sempre carregava uma Suomi-Konepistooli KP-31. [...]

Em 06.03.1940, Simo Hayha foi ferido gravemente no maxilar esquerdo [perdeu parte da mandíbula], mesmo assim ainda encontrou o seu fuzil e caçou e matou o homem que o feriu, depois caiu desacordado e foi carregado por companheiros; aquela foi a última ação de Simo Hayha no exército finlandês. Nove dias depois, era assinado um Tratado de Paz, onde a Finlândia cedeu 9% de seu território e 20% de seu Parque Industrial para a URSS. Apesar da derrota, no dia da assinatura do tratado, as posições do Rio Kollaa ainda permaneciam nas mãos dos finlandeses, graças à "*proteção*" do Morte Branca e de uma pequena facção do Exército Finlandês.

> Durante os 100 dias que Simo Hayha esteve em combate, computou 542 baixas inimigas confirmadas, número que o coloca como o maior "*sniper*" de todos os tempos. [...]

Atiradoras Soviéticas

Duas mil caçadoras foram empregadas pelo exército soviético sendo que apenas 500 delas sobreviveram à Guerra. A mais famosa de todas as snipers soviéticas foi Lyudmila M. Pavlichenko.

> **Lyudmila Mikhlailovna Pavlichenko**: em 12.07.1916, uma garota nasceu na Ucrânia na pequena Vila de Belaya Tserkov e se tornou uma estudante brilhante nos primeiros anos de estudo. Quando estava com 14 anos, seus pais se mudaram para Kiev, a capital do país. Neste período, ela passou a participar de um clube de tiro e se tornou uma boa atiradora. Ela também trabalhou em um depósito de armas e munições. Seu nome era Lyudmila Mikhlailovna Pavlichenko que se tornou a maior mulher "*sniper*" que já viveu. Em junho de 1941, os alemães lançaram a Operação Barbarossa atacando a União Soviética. Lyudmila estava estudando na Universidade de Kiev. Ela estava com 24 anos e se formando em História. Muitos dos estudantes russos apressaram-se em se alistar. Lyudmila era um garota muito bonita. Quando ela se recrutou, pediu para se juntar à infantaria e utilizar um rifle. O responsável pelo alistamento riu. Então ela mostrou um certificado de franco-atirador para provar que falava sério. Ele tentou dissuadi-la para tornar-se uma enfermeira, mas ela recusou. Foi incorporada à 25ª Divisão de Infantaria e se tornou uma das duas mil mulheres "*snipers*" soviéticas das quais somente 500 sobreviveram a guerra. Como "*sniper*", as duas primeiras mortes foram registradas próximas a Belyayevka.

Seu rifle era um rifle Mosin Nagant com uma mira P.E. 4-Power. O Mosin-Nagant era um rifle de 5 tiros. Ele disparava uma bala de 148 gr a uma velocidade de 853 m/s. Era muito útil para alvos a mais de 550 m. Pavlichenko lutou cerca de dois meses e meio próximo a Odessa, registrando 187 mortes. Os alemães tomaram controle de Odessa e a unidade dela foi movimentada para Sevastopol na Península da Crimeia. Em maio de 1942, a Tenente Pavlichenko foi citada pelo Conselho do Exército Vermelho por ter matado 257 alemães. O número total de mortes confirmadas de Pavlichenko durante a segunda guerra é de 309. Lyudmila matou 36 "*snipers*" inimigos. Ela encontrou um livro de memórias de um "*sniper*" alemão que ela matou. Ele havia matado mais de 500 soldados soviéticos. Em junho de 1942, ela foi ferida por um tiro de morteiro. Lyudmila, considerada uma heroína, menos de um mês depois de ser ferida foi retirada de combate.

Ela foi enviada ao Canadá e aos Estados Unidos. Ela se tornou a primeira cidadã soviética a ser recebida pelo Presidente dos EUA. O Presidente Roosevelt e sua esposa a receberam na Casa Branca. Lyudmila foi convidada por Eleanor Roosevelt a viajar pela América relatando suas experiências. Antes, ela foi convidada a comparecer à Assembleia Internacional de Estudantes que estava acontecendo em Washington, onde foi recebida como heroína. Mais tarde, participou de encontros e conferências em Nova York. No Canadá, foi presenteada com um rifle Winchester com mira ótica, que está à mostra no Museu Central das Forças Armadas em Moscou.

Quando ela estava voltando para a União Soviética, ganhou uma pistola Colt semiautomática. Depois de ser promovida a Major, tornou-se instrutora de tiro, treinando centenas de "*snipers*" soviéticos até o fim de guerra. [...] (Lyudmila Mikhlailovna Pavlichenko)

Itacoatiara (Abacaxis – Serpa)

***1138**. Entrou a nova sucessão de 1666, e o Sargento-Mor Antônio da Costa, que seguia os passos do Tenente-General, o achou já bem ensanguentado no merecido açoite dos inimigos; mas reforçado mais com este socorro, multiplicou tanto os seus estragos, que chorou o último a aleivosia daqueles Tapuias no fatal incêndio de trezentas Aldeias, depois da Mortandade de setecentos homens dos mais valorosos da suas nações, e o cativeiro de quatrocentos, que arrastando cadeias na Cidade de Belém do Pará, como aparatos da vitória, fizeram maior a celebridade nos interesses dela. Todos os que se acharam nesta Expedição tão cheia de perigos, granjearam créditos para a sua fama; porém além dos Oficiais já nomeados, só nos deixou especial memória, na distinção do nome, o Alferes Antônio de Oliveira. (Annaes Históricos do Estado do Maranhão – BERREDO e CASTRO)*

Do dia 27 de dezembro a 1° de janeiro (2011), permanecemos em Itacoatiara; neste intervalo subimos o Rio Amazonas na voadeira do 2° Gpt E até as proximidades da Ilha Benta, tentando acessar o Rio Urubu pela sua Foz, mas, em virtude da seca, isso não foi possível.

O Urubu trazia-me à lembrança o massacre que se sucedeu à missão de "*resgate*", comandada pelo Sargento-mor Antônio Arnau Vilela, em 1665, relatado pela pena magistral de Bernardo Pereira Berredo e Castro.

Em virtude da gripe forte e do movimento intenso do porto de Itacoatiara durante toda a noite, não consegui dormir e fui forçado a procurar um pequeno hotel nas proximidades para pernoitar e descansar.

No dia 28.12.2010 de manhã, recebi, no Hotel, a visita do Ten João Batista dos Santos Pinheiro. Tratamos de temas relativos à Amazônia e ganhei dele um CD com uma palestra sua sobre a cidade de Itacoatiara. O Cel Teixeira e companhia chegaram por volta do meio-dia. Depois de almoçarmos a bordo, recebemos a visita do Senhor José Holanda que, gentilmente, convidou-nos para conhecer sua propriedade amanhã.

No dia 29, tomamos o café da manhã com o simpático Prefeito Antônio Peixoto que, com uma fluência impressionante, discorreu sobre sua militância política junto aos trabalhadores rurais até ocupar o cargo de Prefeito de Itacoatiara; à tarde, visitamos a fazenda de Búfalos do senhor José Holanda na Foz do Rio Madeira.

No dia 30.12.2010 fomos até a Fazenda Imperial do Sr. Alcides Weiller, esposo da Srª Lena e proprietário do Restaurante Panorama. Da sede da fazenda avista-se um pequeno Lago que margeia o Rio Urubu onde os búfalos pastavam placidamente mergulhados até o pescoço e arrancando grandes porções de canarana ([36]) que flutuavam na altura de suas mandíbulas.

Prefeito Antônio Peixoto

O Prefeito relatou, com detalhes, a perfuração de poços em Porto do Mauari – nossa última parada antes de Itacoatiara:

---

[36] Canarana (Paspalum repens Berg, Paspalum gracile Rudge, Paspalum mucronatum Muhk., Paspalum pyramidale Ness): Perene, de colmos cilíndricos, fistulosos, estriados, de até 2 metros de altura. Folhas de 10 a 30 cm de comprimento e de 12 a 15 mm de largura, áspera nas bordas. Inflorescência em panículas de espigas numerosas. Conhecida como Capim Pirimembeca, no Baixo Amazonas, e Canarana Rasteira, na Ilha de Marajó.

> Quando deu na pedra, e como lá era várzea, a camada de pedra estava a 4 metros de profundidade aí o que eu fazia, só eu e as duas mulheres, arriava a vara de ferro e batia pá, pá, pá. Quando eu percebia que já tinha uma quantidade de pedras quebradas, tirava a vara para fora, pegava um bolão daquela tabatinga, jogava lá dentro e arriava a broca em cima e aí eu ficava como se estivesse arrumando uma namorada, só caqueando; quando aquela tabatinga embolava aquelas pedras todas eu puxava; às vezes a gente jogava outro bolinho só para saber se ainda tinha alguma coisa. Quatro horas de serviço, o pior não é nada, é você quebrar o diâmetro de uma pedra para a broca, depois descer bem porque pode quebrar de ponta; mesmo assim a gente conseguiu cavar o poço artesiano. O poço que ele [Beque] toma água hoje fui eu e a Bela quem perfurou, em 1998. (Prefeito Antônio Peixoto)

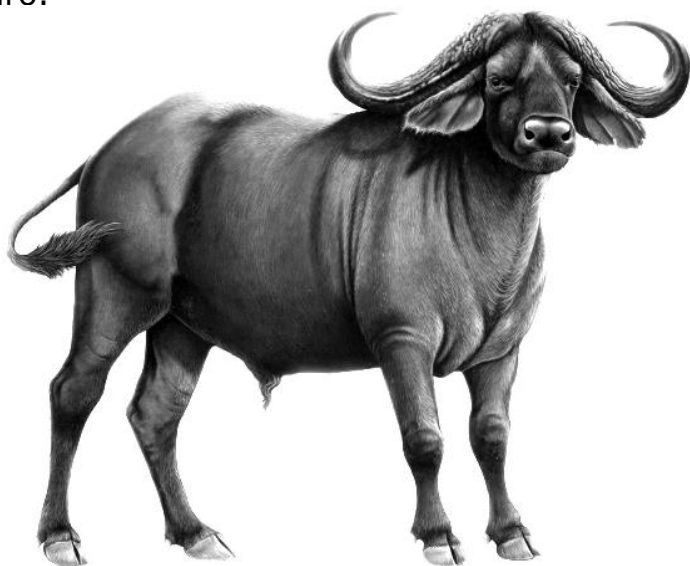
José Holanda

Descendente de cearenses que se estabeleceram nas proximidades de sua atual propriedade, possui a determinação e a vontade férrea dos sertanejos cuja têmpera foi forjada no Sol causticante da caatinga.

Com treze filhos e mais de 30 netos, Holanda encanta a todos com sua fala mansa, seu carisma contagiante e a riqueza ímpar de experiências colhidas em suas mais de sete décadas de vida na região.

Alfabetizado tardiamente pelo antigo MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), recuperou o tempo perdido lendo autores consagrados, dentre eles Ernest Hemingway. O deslocamento até a fazenda do José Holanda, na Foz do Rio Madeira, foi realizado numa lancha rápida por ele mesmo projetada, com motor Suzuki de 300 HP.

Holanda comentou que o abigeato é comum na região e que em determinada ocasião um comerciante local, seu vizinho e proprietário de um flutuante comercial, surrupiou-lhe seis búfalos. Conhecendo o responsável pela autoria do roubo, ele se dirigiu, com a tranquilidade que lhe é peculiar, ao estabelecimento comercial do mesmo e fez uma compra considerável de combustível e de gêneros bem superior ao preço dos seis animais levados pelo inescrupuloso mercador.

Determinou que a embarcação carregada se afastasse e ficou com uma lancha rápida para lhe facilitar uma emergencial evacuação. Chamou o meliante para uma mesa e disse que precisava conversar com ele. Olhando fixamente nos olhos do ladrão disse que o pagamento do material que ele havia acabado de adquirir deveria ser abatido do preço dos búfalos roubados. Quando o malandro se esticou para pegar uma arma, Holanda mostrou-lhe a Calibre 12 engatilhada e destravada e saiu sem ser incomodado pelo covarde trapaceiro.

Itacoatiara

Histórico

Em 1655, o Padre Antônio Vieira criou a Missão dos Aruaques na Ilha de Aibi, nas proximidades da Boca do Lago do Arauató. Os aguerridos Muras forçam a mudança da sede do Povoado por cinco vezes. Os missionários não tinham conhecimento de que os locais selecionados para sede da Missão se encontravam dentro da área dominada pelos índios Muras, que compreendia praticamente toda a calha do Rio Madeira. A penúltima localização foi na Foz do Rio Abacaxis onde o Povoado foi instalado em terra firme e estava menos sujeito às investidas dos Muras. O Povoado progrediu muito e o Governador da Amazônia, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, resolveu elevá-lo à categoria de Vila. Os moradores, porém, em razão da insalubridade e dos constantes ataques dos índios, já haviam escolhido uma nova sede, desta feita na margem esquerda do Rio Amazonas e a mudança foi efetivada em 19.04.1758. No dia 01.01.1759, foi efetivada "*de fato e direito*" a instalação da Vila com denominação portuguesa de Serpa, sob a proteção de Nossa Senhora do Rosário de Serpa, cuja imagem foi trazida de Portugal. Tendo em vista sua posição geográfica estratégica, foi a terceira Vila instalada do Amazonas, ficando o Lugar da Barra, atual Manaus, sob sua dependência política. A Comarca de Serpa compreendia, então, quase metade da área do Estado. Em 25.04.1874, com base no projeto n° 283, de autoria do Deputado Damaso de Souza Barriga, a Vila de Serpa é elevada a categoria de Cidade, com a denominação de Itacoatiara, uma alusão às pedras encontradas no Bairro Jauary onde encontram-se várias pedras com inscrições em baixo relevo feitas pelos primitivos habitantes. (IBGE)

Imagem 25 – Itacoatiara, AM (J. A. Fonseca)

Relatos Pretéritos – Itacoatiara

João Daniel (1757)

Nas margens do Amazonas há uma paragem, entre Pauxis ([37]) e a Foz do Madeira, chamada na língua dos índios naturais "*Ita cotiará*", que quer dizer pedra pintada ou debuxada ([38]); vem-lhe o nome de várias figuras, e pinturas delineadas naquelas pedras; e pouco mais acima estão estampadas em outras pedras algumas pegadas de gente. O que suposto, discorrem alguns, que tanto uns como os outros serão sinais misteriosos, como as pegadas esculpidas no pavimento do altar, que dissemos no Rio Xingu; porque não parecem feitas por engenho da arte. (DANIEL)

José Monteiro de Noronha (1768)

73. Do primeiro até o segundo Furo de Saracá pelo Amazonas acima são quatro léguas. Do segundo ao terceiro duas léguas. Vencidas mais duas léguas, se chega à Vila de Serpa situada na paragem chamada das pedras pintadas, e no idioma geral dos índios: Itã-coatiara. Esta Vila foi a primeira vez fundada no Rio Mataurã, que faz Barra na margem Oriental do Rio da Madeira, de que se tratará mais adiante.

---

[37] Pauxis: Óbidos.
[38] Debuxada: estampada, desenhada.

> De Mataurã se mudou, para o Rio Canumã: Deste, para o de Abacaxis; Deste, para a margem Oriental do Rio da Madeira pouco abaixo do furo, de que se faz menção no §68. E desta paragem, para a em que presentemente está. Os seus primeiros povoadores foram os índios da nação Ururiz, aos quais se agregaram os da nação Abacaxis, e de outras muitas. (NORONHA)

Manuel Aires de Casal (1817)

A "*Corografia*", escrita pelo Padre, geógrafo e historiador Casal, inaugurou a edição de livros no Brasil. O Rei D. João VI, tendo em vista a Invasão Napoleônica, transferira toda a Corte Portuguesa para o Brasil trazendo também a Imprensa Régia.

> Serpa, Vila medíocre, situada numa pequena Ilha do Amazonas, junto à sua margem Setentrional, dezesseis léguas arriba de Silves, e dez abaixo da Embocadura do Rio Madeira, é abastada de pescado, e tem uma Igreja paroquial da invocação de Nossa Senhora do Rosário. Seus habitantes cultivam os mantimentos, que melhor prosperam no território do continente, e ajuntam boa porção das ricas produções, que a natureza apropriou ao país, como cacau, cravo, salsaparrilha, e ainda café, algodão, tabaco. (CASAL)

Johann Baptist von Spix (1819)

> Às 24h00, do dia 12 chegamos à Vila Serpa, situada numa das maiores Ilhas entre o Amazonas e as bifurcações do Lago de Saracá. O grês ferruginoso, pardo-avermelhado, que se eleva aqui em camadas de tabatinga, amarela, a cerca de 25 pés, altura já considerável nesta região do Rio, deu motivo para o nome "*Itacoatiara*", isto é, "*pedra pintada*", que tem esta zona na língua geral [nheengatu]. [...]

Os poucos moradores índios tinham perdido todo vestígio de suas diferentes origens e falavam a língua geral. Pareciam gente indolente, apática. Tanto mais nos interessou uma rapariga índia da tribo dos Passés, a qual, ao que parecia, tinha sido trazida do Japurá, como escrava. Foi o semblante escuro mais perfeito que havíamos visto até agora.

A tatuagem formava meia elipse, que começava debaixo dos olhos, com uma curva pouco acentuada, e, tomando a maior parte da bochecha, se ia afinando até a covinha do queixo. O nariz não era tatuado; o cabelo, de um negro de azeviche caía-lhe em franja na testa e era atado atrás com uma larga fita de entrecasca e guarnecido com um pente português.

Meiga ingenuidade emprestava ao rosto, assim singularmente desfigurado, uma expressão que, comparada às feições feias de um jovem Miranha, de narinas furadas, também ali prisioneiro, tornava-se duplamente interessante. Havia qualquer coisa infinitamente enternecedora na mímica muda da pobre índia órfã. [...]

Os nossos índios saboreavam essa argila acompanhando a mandioca e o pirarucu e, daí em diante, tivemos frequentes oportunidades de verificar que o singular costume de "*geofagia*" é conhecido entre todos os habitantes índios, embora nem todos os pratiquem. Não duvido que esse desejo de comer terra se origina de uma sensação, análoga, porém não idêntica à da fome. Quando interrogamos os nossos índios porque, não lhes faltando o alimento conveniente e agradável, comiam o barro fino, quase à guisa de sobremesa, eles não davam outra resposta senão que sentiam um indefinido bem-estar depois de terem enchido o estômago com uma porção de barro do peso de algumas onças. (SPIX & MARTIUS)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Há ali pedras alvas, pretas, verdes, todas lisas; pedra amarela, chamada "*Itacoan*", que serve de alisar as panelas feitas a mão; e pedras pintadas de várias figuras. Destas últimas também na ribeira da Vila de Serpa; e foram elas o motivo de dar-se a esta povoação em seu primórdio o nome de Itacoatiara. (BAENA, 2004)

Henry Walter Bates (1849)

No dia 24.12.1849 chegamos a Serpa. [...] Pela manhã, todas as senhoras e moças do lugar, [...], seguiram em procissão até a Igreja, depois de darem uma volta pela Cidade a fim de chamar os vários "*mordomos*" cuja função era ajudar o "*juiz*" da festa. Cada um desses "*mordomos*" segurava uma comprida vara branca, enfeitada de fitas coloridas; inúmeras crianças participavam também da procissão, cobertas de grotescos enfeites. Três índias velhas iam na frente, levando o sairé ([39]), que consiste num

---

[39] Sairé ou Çairé: manifestação folclórica e religiosa na qual os participantes, durante três dias, cantam, dançam e participam de rituais religiosos e profanos, resultantes da miscigenação cultural entre índios e portugueses. Sua origem está no fato de que os colonizadores que aportavam em nossas terras exibiam seus escudos. Os índios então faziam o seu "*Çairé*", como foi chamado o símbolo que é carregado nas procissões, imitando o escudo português. O "*Çairé*" nativo era feito de cipó recoberto de algodão e enfeitado de tiras de várias cores e rosetas de pano colorido. As cruzes do "*Çairé*" representam o mistério da Santíssima Trindade. O caráter religioso também é atribuído aos frades jesuítas, que teriam criado o símbolo para ajudar na catequese dos indígenas. Os preparativos para o "*Çairé*" começam com a procura pelos troncos que servirão de mastros, na abertura da festa. Os troncos escolhidos são enfeitados com folhas, flores e frutos, levantados em competição acirrada entre homens e mulheres para ver qual grupo consegue levantar o mastro em primeiro lugar.

Trançado de cipó semicircular, recoberto de um tecido de algodão e incrustado de pedaços de espelho e enfeites semelhantes. Elas agitavam essa peça para cima e para baixo, cantando ininterruptamente um hino monótono e plangente na língua Tupi e se voltando de vez em quando para os que vinham atrás, os quais nesses momentos interrompiam a sua marcha. Fui informado de que o "*sairé*" não passava de um engodo de que se tinham servido os jesuítas para levarem os selvagens até a Igreja, pois estes se sentiam atraídos pelos espelhos e os seguiam a qualquer parte, encantados por verem suas próprias imagens refletidas "*magicamente*" neles. [...] Os negros, devotos de um santo que tinha a sua cor – São Benedito – fizeram sua festa à parte e passaram a noite toda cantando e dançando ao compasso de um tambor comprido chamado "*gambá*" e do "*caraxá*". O tambor era feito com um pedaço de tronco oco, fechado numa das extremidades por um couro esticado; era colocado horizontalmente no chão, e o tocador montava nele, percutindo-o com o nós dos dedos. O "*caraxá*" era feito de um pedaço de bambu cheio de entalhes, os quais produziam um som áspero e matraqueante quando se passava uma vareta ao longo deles. (BATES)

Batalha Naval de Itacoatiara

Ao final de minha descida do Rio Negro, conheci o ilustre escritor amazonense Dr. Antônio Loureiro, membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), da Academia Amazonense de Letras (AAL), da Academia Maçônica de Letras (AML), da Academia de Medicina do Amazonas e membro correspondente da Academia Nacional de Medicina.

Visitei-o na sua residência onde tive a oportunidade de ouvi-lo discorrer entusiasmado sobre a história do Amazonas, à medida que discorria sobre os eventos históricos de seu querido Estado, trazia alguns de seus livros para reforçar a argumentação. Mestre Loureiro me presenteou com diversas obras e lanço mão de uma delas, "*Tempo de Esperança*", onde ele descreve a Batalha Naval de Itacoatiara.

Os irmãos da Loja Força e Harmonia n° 19, Oriente de Óbidos, recomendaram-me a leitura do livro de Ildefonso Guimarães: "*Os Dias recurvos, anatomia de uma rebelião*". No seu romance, o autor relata, com detalhes, a revolta que eclodiu no quartel do 4° Grupo Artilharia de Costa, onde serviu o Tenente Leônidas Cardoso, pai do ex-Presidente Fernando Henrique.

Liderados pelo extravagante "*Coronel Pompa*", os sargentos da guarnição encarceraram todos os oficiais e aderiram à Revolução Constitucionalista de 1932 ou Guerra de São Paulo que tinha por objetivo a derrubada do Governo Provisório de Getúlio Vargas e a promulgação de uma nova Constituição. Intercalei trechos dos escritores, Loureiro e Guimarães, para narrar esta passagem pouco conhecida pelos amazonenses e ignorada pela grande maioria dos brasileiros.

Revolução de 1930 no Pará

No dia 03.10.1930, o movimento teve início com assaltos a quartéis e deposições de governadores em vários estados brasileiros. No Pará, no dia 05.10.1930, o 26° Batalhão de Caçadores foi tomado pelos revolucionários. O Governador Eurico de Freitas Valle foi deposto depois que a Força Pública, leal ao Governo, foi subjugada. Assumiu, então, como interventor do Pará, em 12.11.1930, o Tenente Magalhães Barata ([40]) que, em agosto de 1931, foi promovido a Major.

O jornal "*Folha do Norte*", que havia sido fechado pela junta governativa, voltou a circular e, na sua edição de 13.11.1930, publicou matéria enaltecendo o novo governante. O interventor declarou, em sua posse, que seu Governo seguiria a risca o programa da Revolução definido anteriormente pelo Coronel Landry Sales, Comandante das Forças Revolucionárias do Norte do Brasil e Governador Militar do Estado do Pará.

O Decreto n° 19.398, de 11.11.1930, concedia ao Interventor o direito de exercer, em sua plenitude, as funções do Executivo e do Legislativo, dissolvidos pela mesma Lei, sem qualquer tipo de ingerência por parte do Judiciário, Barata responderia, tão somente, ao Presidente Getúlio Vargas.

Barata fez uso sistemático de Decretos-Lei, para reorganizar o Estado e desmontar a estrutura de poder

---

[40] General Joaquim de Magalhães Cardoso Barata: filho de Antônio Marcelino Cardoso Barata e Gabrina de Magalhães Barata, nasceu em Belém do Pará, em 02.06.1888. Cursou a Escola Militar do Realengo e a Escola de Guerra de Porto Alegre. Foi Interventor Federal, de 12.11.1930 a 12.04.1935 e, a seguir, Governador do Estado do Pará.

dos antigos adversários confiscando a sede do Partido Republicano Federal onde funcionava o jornal "*Correio do Pará*".

Foi nesse clima que eclodiu em Óbidos um Movimento Revolucionário, fiel à Revolução Constitucionalista de 1932. O intrigante Coronel Pompa promoveu graduados ao posto de oficias, deteve embarcações, saqueou comerciantes mediante "*requisições*" onde, além de extorquir-lhes dinheiro, exigia o fornecimento de artigos, para amparar o Movimento, onde se incluíam loções para cabelo, meias de seda para senhoras, caixas de cerveja, garrafas de whisky e urinóis.

Sua atitude mais cruel, porém, foi o recrutamento, à força, de jovens "*voluntários*" totalmente despreparados para reforçar suas fileiras. Como o próprio Ildefonso Guimarães nos conta no seu romance histórico:

> Agarrou-se o caboclo à força, no amanhecer do dia anterior e se arrastou pro Quartel que nem mamote para capação. A maioria está mais assustada do que onça diante de coivara, sabendo que está sendo preparada para ser metida numa guerra que tanto pode ser mais logo à noite como amanhã de manhã. (GUIMARÃES)

Batalha Naval de Itacoatiara

Idelfonso Guimarães relata, no seu livro que o Tenente Fontelles, Delegado de Polícia de Óbidos, enviou um telegrama urgente a Magalhães Barata cientificando-lhe da eclosão de um Movimento Revolucionário na sua jurisdição liderado por um tal de Coronel Pompa:

URGENTÍSSIMO

Interventor Magalhães Barata – Palácio do Governo – Belém Pará. Idêntico para Dr Nogueira de Faria – DD Chefe de Polícia.

Comunico Vossa Ex.ª Sargentos e Praças 4° GAC aprisionaram Oficiais da unidade VG ([38]) aderindo Revolução São Paulo PT ([41]) Rebelião começou amanhecer hoje instigada civil conhecido por Pompa se faz passar Coronel Exército PT ([38]) Delegacia ocupada por praças está sendo dirigida civil dentista Emílio Pereira PT ([38]) Sigo Santarém de onde darei melhores esclarecimentos PT ([38]) Respeitosas saudações – Tenente Fontelles Delegado Polícia Óbidos (GUIMARÃES)

LOUREIRO: Na noite de 19.08.1932 espalhou-se, em Manaus, a notícia de que os Sargentos do 4° Grupo Artilharia de Costa, de 70 homens, sediado em Óbidos, haviam aderido à Revolução Reconstitucionalista de São Paulo, obedecendo à chefia de um civil, comissionado no posto de Coronel, pelo General Bertholdo Klinger, o Doutor Alderico [Pompa] de Oliveira, advogado baiano, que aqui vivera, tornando-se figura conhecida no "*Ponto Chic*", na "*Leiteira Amazonas*" e no "*Bar Americano*", onde passava por caixeiro viajante. (LOUREIRO).

O aventureiro Alderico de Oliveira fazendo-se passar por Coronel Pompa, emissário do General Bertholdo Klinger conseguiu convencer os praças do 4° Grupo a se rebelar contra seus oficiais e se utilizou da mídia obidense, mandando publicar manifestos à população. No dia seguinte ao levante a "*Folha de Óbidos*" esgotou a edição extra de 200 exemplares. Estampada na primeira página estava a seguinte manchete: "*ÓBIDOS TOMA POSIÇÃO AO LADO DE SÃO PAULO*", e logo abaixo o texto da proclamação:

---

[41] VG: vírgula; PT: ponto.

GUIMARÃES: MANIFESTO AO POVO OBIDENSE

O Coronel Pompa, Comandante das Tropas Revolucionárias de Óbidos, comissionado e enviado especial do Sr. Bertoldo Klinger, Comandante em Chefe do Exército Constitucionalista, lançando o presente boletim ao povo desta Cidade, com a franqueza e lealdade própria do soldado que coloca as honrarias e postos sob os pés, para olhar e encarar a defesa e integridade da Pátria, sente-se orgulhoso em dizer que o movimento ora levantado neste rincão belíssimo do Amazonas está vitorioso, porque não só conta com a adesão incondicional da maioria da Armada Nacional e Exército Brasileiro, como também não se trata de um movimento político, porquanto, mais alto que o interesse do mando, mais alto que o desejo de perpetuidade nos cargos públicos, fala pela boca do são patriotismo a necessidade de o País voltar ao "*regímen*" da lei. E voltará.

Apenas calma, reflexão, ponderação pedimos e aconselhamos ao povo desta boa e hospitaleira terra.

Esteja o povo tranquilo que tudo há de ser resolvido dentro das melhores maneiras, sem estrépitos inúteis e sem fuzilaria desnecessária.

O Povo que se congregue, o Povo que se levante e o Povo que venha lutar pela constitucionalização do País, para salvar a honra deste Brasil amado e desta Pátria querida.

Avante, brasileiros, que à frente desta luta sacrossanta e digna estão brasileiros, civis e militares, de envergadura moral invejável, de caráter impoluto e de honra inatingível.

Para a frente!

[a] Coronel Pompa. (GUIMARÃES)

LOUREIRO: Os rebelados haviam mandado um ultimato ao 27° Batalhão de Caçadores [27° BC] de Manaus, solicitando a sua adesão ao movimento, caso contrário atacariam a Cidade. A partir deste momento, o Interventor Federal em exercício, o Comandante do 27° BC e o Capitão dos Portos tomaram as providências ao seu alcance, para a defesa da Cidade, mobilizando lanchas para o patrulhamento do litoral, estabelecendo o regime de prontidão nos quartéis, guardando os principais prédios públicos, vigiando as ruas e apagando a luzes da orla portuária. (LOUREIRO)

O Major Magalhães Barata, Interventor Federal do Pará, tomou, imediatamente as medidas cabíveis, deslocando para a região uma força de trezentos homens armados e municiados a bordo do vapor "*Tenente Portella*", da flotilha do Estado e autorização do Governo Federal para que o encouraçado "*Floriano*" seguisse, logo em seguida, em apoio ao "*Tenente Portella*".

Segundo Guimarães, o Major Magalhães Barata dirigiu ao Interventor do Amazonas o seguinte telegrama:

Dr. Waldemar Pedrosa

DD. Interventor Interino Amazonas

Comunico Vossa Excelência que fui cientificado ontem de um levante de soldados do 4° Grupo de Artilharia, sediado em Óbidos neste Estado.

O movimento, de que não participa nenhum oficial, não tem grande importância, reduzindo-se a mero motim. Os soldados são auxiliados por políticos decaídos e chefiados por um civil que se intitula emissário do General Klinger.

Apesar de terem sido presos pelos sediciosos, todos os Oficiais e autoridades civis, o levante é sem finalidade objetiva e assim não pode abalar a tranquilidade do espírito público, mesmo porque o 4° GAC fora anteriormente desmuniciado e conta apenas com 70 homens, servindo o gesto apenas para impressionar fora do Estado e, particularmente, no Sul do País, fazendo-se crer na participação do Norte nas simpatias pela criminosa sublevação de São Paulo. Imediatamente tomei necessárias providências e ontem mesmo fiz seguir para ali o vapor "*Tenente Portella*", da flotilha do Estado, conduzindo uma força de desembarque de 300 homens devidamente armados e municiados e obtive do Governo Federal ordem para que também o encouraçado "*Floriano*" daqui seguisse esta madrugada, com aquele destino, tendo nele embarcado o Capitão Tenente Rogério Coimbra, Interventor do Amazonas, ontem chegado do Sul.

Cordiais Saudações

[a] Major Magalhães Barata, Interventor Federal do Pará. (GUIMARÃES)

LOUREIRO: Temia-se a tomada, pelos rebeldes, dos diversos navios navegando pelo Baixo Amazonas, entre os quais se destacavam o "*Ingá*", com 4.331 toneladas, e construído em 1900, incorporado ao Lloyd Brasileiro ([42]) [...]; o "*Jaguaribe*", velho cargueiro lançado na Inglaterra, em 1882, deslocando 1.120 toneladas e trazendo, para Manaus, um carregamento de 42.000 sacos de sal e 100 barris de pólvoras e o Andirá, de 235 toneladas, da Amazon River, terminado na Inglaterra em 1906. (LOUREIRO)

---

[42] Lloyd Brasileiro: A Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro maior e mais tradicional armadora brasileira foi fundada, em 19.02.1890. Na segunda década do século XX, a Companhia já era a maior do País, dispunha de excelentes navios de passageiros e de cargas atuando em linhas para o Prata, para a América do Norte e Europa.

Imagem 26 – Encouraçado Floriano

> LOUREIRO: No dia seguinte soube-se, em Manaus, do destino desses navios: o "*Ingá*", ancorado em Parintins, já retornava à capital; o "*Baependy*", diante das notícias da tomada daquela Cidade, voltara de Itacoatiara, estando estacionado no Porto da Manaus Harbour, onde desembarcara seus passageiros e o contingente que levava para a defesa de Parintins, e os navios Tejo e Sapucaia haviam voltado para Santarém. Desconhecia-se o destino do "*Jaguaribe*", da Companhia de Comércio e Navegação, que zarpara de Santarém para Óbidos, a 17; do Andirá, saído de Parintins, a 18 e a da lancha "*Diana*", embora eles já estivessem nas mãos dos rebelados, desde o dia anterior. (LOUREIRO)

Assim que tomou conhecimento do motim em Óbidos, o Major Magalhães Barata decidiu ir pessoalmente de avião até Óbidos, com o intuito de levar ele mesmo uma intimação aos amotinados. O Interventor aguardava apenas a chegada do vapor "*Tenente Portella*" e do encouraçado "*Floriano*" a Santarém para partir de Belém. Barata, com esse propósito em vista, havia mandado imprimir alguns folhetos para serem distribuídos aos cidadãos obidenses com a seguinte proclamação, segundo Guimarães:

INTERVENTOR DIRIGE PROCLAMAÇÃO AO POVO OBIDENSE

Obidenses! É vosso amigo Major Magalhães Barata quem vos fala através deste Boletim, para vos afirmar, antes de tudo, não crer na vossa solidariedade àqueles maus patrícios que aí se amotinaram para saquear e depredar. Faço um apelo ao vosso coração e a vossa consciência: tenho empenhado tudo quando posso para dar ao nosso Estado paz e justiça, trabalhando com afinco e sem descanso no preparo do futuro pelo seu desenvolvimento econômico, único meio de assegurar o vosso contínuo bem-estar. Tenho fé que em breve colhereis o fruto do meu trabalho com a abundância nos vossos lares. Por isso mesmo é que, testemunhas que sois do meu esforço, estou certo negareis, inflexivelmente, o vosso apoio a esse movimento impatriótico, infeliz e injustificável. Organizai o contramovimento; expulsai da Cidade aqueles que roubaram a vossa tranquilidade! Avante, obidenses!

Todo aquele que vestir a farda do glorioso Exército Brasileiro, que se retire de Óbidos e venha para Santarém. Todo aquele que não tiver uma arma para expulsar daí os que estão fazendo mal a todos, que fuja e venha a Santarém se armar. Aos nobres companheiros de farda que tiverem permanecido fiéis ao meu Governo e ao Governo Provisório, eu os concito à reação contra os Perrepistas ([43]) de Óbidos, em nome do nosso querido Brasil, em nome do Norte glorioso. Aos que impatrioticamente se amotinaram, aconselho que se rendam, depondo as armas. Se o fizerem, a todos garantirei a vida; se, entretanto, teimarem na loucura da luta fratricida, declaro que tratarei com o merecido rigor.

Viva o Brasil! Viva o Pará!

[a] Major Magalhães Barata – Interventor Federal do Pará. (GUIMARÃES)

---

[43] Perrepistas: Partido Republicano Paulista – PRP.

LOUREIRO: Ainda no dia 20, às dezessete horas, o "*Baependy*" foi destacado para levar reforços a Itacoatiara, constituídos por 100 homens do 27° BC, sob o comando do 1° Tenente Álvaro Francisco de Souza, onde seria organizado um ponto de resistência. No dia seguinte, domingo, 21 de agosto, embarcavam, no navio "*Curuçá*", os reforços destinados a Parintins, 50 guardas civis e 30 praças da Comissão de Limites, sob as ordens do Capitão Jônatas de Moraes Correia, estando o barco sob o comando do Capitão Tenente Antônio Pojucan Cavalcante.

Em Manaus houvera uma tentativa de rebelião do 27° BC, estando presos nesta unidade, por sublevação, os Sargentos João Neves, Sandoval Amorim, Geminauá Medeiros e Nilo Barroso. Com a volta do "*Ingá*", ainda no dia 21, procedente de Parintins, onde a tripulação recebera proposta para aderir ao movimento, confirmou-se a tomada e o saque daquela Cidade, por uma tropa de 16 homens, às ordens do civil Arquimedes Lalor, comissionado no posto de Capitão. Os invasores haviam chegado pela lancha "*Diana*", cujos tripulantes, no momento do desembarque, cortaram as amarras e, acelerando as máquinas, debandaram para Itacoatiara.

Lalor era figura conhecida em Manaus, após seu retorno dos Estados Unidos, onde fora comediante, em Hollywood, conforme informações da época. Confirmado o seu ultimato inicial, embarcados no "*Andirá*" e no "*Jaguaribe*", os rebeldes saíram de Óbidos, com destino a Manaus, no dia 21. O "*Andirá*" era comandado pelo Zoroastro Seroa Maia, tendo a sua disposição 21 homens armados com fuzis. O "*Jaguaribe*" fora artilhado com quatro canhões de 75 mm da Fortaleza de Óbidos. No caminho, embarcaram lenha no Porto Desaperta, onde recrutaram alguns caboclos, que estavam pescando nas margens.

O “*Jaguaribe*” ficou estacionado nas Ciganas, enquanto o “*Andirá*”, com as lanchas Remus e Santa Cruz, iam a Parintins recolher o 2° Tenente Sotero José Pereira, Arquimedes Lalor e os demais rebeldes ali isolados pela fuga da lancha “*Diana*”, onde recrutaram mais 6 homens. A seguir, os três barcos juntaram-se ao “*Jaguaribe*”, escalando ([44]) na fazenda S. Agostinho, onde requisitaram dois bois e deixaram o imediato do “*Jaguaribe*”, com sua esposa. Mais tarde, fundearam nas Ilhas Rasas, de onde o “*Andirá*” foi ao Porto São Raimundo, ali recebendo lenha até o dia 24.08.1932. Enquanto a frota rebelde se deslocava, no dia 22 de agosto retornavam a Manaus os navios “*Baependy*”, que deixara tropas em Itacoatiara e o “*Rio Curuçá*”, com o reforço destinado a Parintins, já ocupada.

Com a notícia de que os amotinados já estavam a caminho de Manaus, formou-se, nesta Cidade, uma flotilha para enfrentá-los, que saiu do Porto no dia 22 de agosto, ao meio-dia, sob o comando do Capitão-de-Fragata Alberto de Lemos Bastos, composta pelos navios “*Baependy*”, do Capitão-de-Corveta Alfredo Miranda Rodrigues; “*Ingá*”, do Capitão-Tenente Jorge Ferreira Ladim; “*Rio Curuçá*”, do Capitão-Tenente Antônio Pojucan Cavalcante e pelas embarcações auxiliares “*Rio Jamari*”, “*Rio Aripiuanã*” e “*Isis*”. A bordo delas estavam 230 homens do 27° BC. O “*Ingá*” dispunha de 122 soldados, além de metralhadoras pesadas, sob as ordens do 2° Tenente Ananias Celestino de Almeida Júnior. Em Manaus, as defesas de terra estavam sendo organizadas pelo Major Luís Tavares Guerreiro, Comandante do 27° BC. No dia 24 de agosto, às 6 horas da manhã, navega pela praia da Ilha de Serpa a flotilha rebelde, quando avistou o “*Baependy*” e o “*Rio Jamarí*”, que vinham descendo de Itacoatiara. (LOUREIRO)

---

[44] Escalando: fazendo escala.

Ildefonso Guimarães faz uma fantástica narrativa da Batalha Naval de Itacoatiara contada pelos dois lados – das _Tropas_ _Legalistas_ feita pelo chefe da 1ª peça da Companhia das metralhadoras do navio "*Ingá*" e por um soldado raso das fileiras dos _Revoltosos_ _de_ _Óbidos_. Ildefonso Guimarães surpreende e encanta os leitores na forma de apresentar os eventos históricos. Seus contos são carregados de muita energia, o comportamento e as emoções humanas permeiam entre acontecimentos políticos e socioeconômicos.

Tropas Legalistas

> Já quase no fim da tarde do dia 23, depois várias incursões, Rio abaixo, efetuadas pelas lanchas de reconhecimento, nossos navios receberam ordem de prosseguir viagem, largando da Ilha do Marapatá que nos estava servindo de base. Zarpamos. A bordo do "*Ingá*", viajava o Capitão de Fragata Alberto Lemos Bastos, Capitão dos Portos do Amazonas e Acre, investido do Comando das Operações da Flotilha ([45]) improvisada, destinada a dar combate aos rebeldes de Óbidos. Como auxiliar do "*almirantado*" vinha o Capitão-Tenente Jorge Ferreira Ladim; como Comandante de tropa embarcada, estava o Capitão do Exército Jonathas Moraes Corrêa e como médico da esquadra tínhamos o Dr. Justino Gomes, da Comissão de Limites Setor Norte. No "*Rio Curuçá*", vinha o Capitão-Tenente Antônio Pojucan Cavalcante; o "*Rio Aripuanã*" e o "*Rio Jamary*" seguiam como navios auxiliares. No curso da viagem, o Comandante Lemos Bastos determinou que se improvisassem trincheiras nos conveses dos navios da frota, organizadas com toras de madeira do carregamento mercante trazido pelo "*Ingá*".

---

[45] Flotilha: reunião de barcos da marinha de guerra.

Com eles, formamos barricadas, espaldões para as metralhadoras e outras improvisões ([46]) auxiliares que as circunstâncias recomendavam. Como Chefe da 1ª Peça da Companhia de Metralhadoras, eu fui chamado para dirigir o entrincheiramento no "*Ingá*", distribuindo as peças, indicando aos marinheiros que transportavam os toros a melhor colocação nos pontos estratégicos do convés. Recebi também ordem para instalar um posto de observação na torre da gávea, com o objetivo de vigiar o horizonte e informar o comando de qualquer anormalidade avistada, tal como fumaça ou silhueta de alguma embarcação.

Viajamos durante toda a noite [havíamos saído de Marapatá por volta das cinco horas da tarde]. Dois outros navios da flotilha – O "*Baependy*" e o "*Rio Aripuanã*" – já tinham seguido na frente; conosco ficaram o "*Rio Curuçá*" e o "*Rio Jamary*", ambos gaiolas ([47]), servindo no transporte de tropa. No "*Ingá*", éramos 112 praças do Exército, entre Sargentos, graduados e Soldados, compreendendo dois pelotões de fuzileiros, um de volteadores e parte da Companhia de Metralhadoras, da qual eu fazia parte, [a outra parte viajava no "*Baependy*"].

Por volta das seis para as sete da manhã do dia 24, chegávamos à altura da Foz do Madeira, quando avistamos, por trás da Ilha da Preta, uma fumacinha se deslocando contra o rumo em que navegávamos. Certo de se tratar de uma embarcação, dei conhecimento do fato ao Comandante Lemos Bastos e ficamos aguardando. Verificou-se, então, que era o "*Baependy*" que vinha voltando, trazendo atracado ao lado o "*Rio Aripuanã*". O fato nos surpreendeu a todos e muito mais ao Comandante da flotilha, que

---

[46] Improvisões: improvisações.
[47] Gaiolas: pequenas embarcações fluviais.

deu ordem para que todos assumissem os seus postos e ficassem de prontidão, com a determinação de só disparar quando o comando ordenasse. Lemos Bastos estava perplexo. Dirigiu-se à tropa formada no convés, dizendo:

> Companheiros, não sabemos o que aconteceu. Vamos intimar os navios a se aproximarem. Caso não sejamos atendidos, você, Cabo Encarnação, está autorizado a comandar uma rajada de metralhadora, visando o leme e a hélice do "*Baependy*".

A essas alturas, já estávamos subindo também o Rio, acompanhando o deslocamento dos barcos visados. Quando nos aproximamos o bastante, ao alcance de tiro, recebi ordem de fazer uma rajada de intimação. Então, o "*Baependy*" apitou e diminuiu a marcha. Aí, os navios se aproximaram e os Comandantes falaram de bordo a bordo e eu não ouvi mais a conversa; não entendi o que eles falavam. Só sei que, pouco depois, o Comandante Lemos Bastos desceu ao convés de promenade ([48]) e se dirigiu a nós:

> Meus soldados! – ele disse – Vamos descer ao encontro do inimigo e travar batalha. O "*Baependy*" vem corrido. Os revoltosos de Óbidos já se encontraram em frente a Itacoatiara e ameaçam bombardear a Cidade e o nosso objetivo é salvá-la. Fiquem a postos e preparem-se com ânimo e decisão para a luta!

Então, ele mandou dar aos outros navios – inclusive ao "*Baependy*" que se reincorporou à esquadra – a ordem náutica de "*SIGAM AS MINHAS ÁGUAS*", e retomamos viagem Rio abaixo, no rumo de Itacoatiara. Nosso navio passou então à frente, assumindo a sua condição de nau capitânia. Acompanhando a nossa marcha [a toda a pressão] só mesmo o "*Baependy*" agora livre do "*Rio Aripuanã*", conseguia manter a rota.

---

[48] Promenade: coberta de recreio.

Os navios menores vinham à retaguarda, cada vez mais ficando à distância; isso porque, agora, nos aproximávamos do instante decisivo e nele só importavam mesmo os dois navios de alto-bordo, onde navegavam oficiais superiores da Marinha, preparados, portanto para dirigir um Combate Naval.

O Cmt Lemos Bastos, examinada a situação e sabedor de que o inimigo transportava artilharia, comunicara ao Cap de Corveta Alfredo de Miranda Rodrigues, na direção do "*Baependy*", que a única medida a ser posta em prática para superar essa desvantagem e decidir a batalha a nosso favor seria tomar a iniciativa do ataque – valendo-nos da nossa maior velocidade e tonelagem – e tentar o mais rápido possível abalroar os navios contrários, impedindo-os de fazer uso útil de sua artilharia. Mesmo porque a munição que levávamos não era de confiança; era um material muito velho, a grande tempo armazenado nos paióis do BC. [...]

Quando atingimos a curva do Rio [...] avistei a silhueta dos dois navios inimigos – o pequeno "*Andirá*" e o salineiro "*Jaguaribe*" – fundeados ao largo, em frente à Cidade de Itacoatiara. Aí, eu avistei o Comandante Lemos Bastos. Ele então assestou o binóculo e confirmou.

Revoltosos de Óbidos

Bom, aí quando nós chegamos em frente a Itacoatiara eram quase 10h00. Já tinha tropa do 27 BC na Cidade e nós não sabíamos; quer dizer, nós, Soldados rasos, porque eu mais tarde vim a saber que o comando no "*Jaguaribe*" tinha conhecimento disso, mas com certeza não quiseram espalhar a notícia para não desencorajar a gente, principalmente nós que viajávamos no "*Andirá*". Besteira deles, que a gente pouco estava era ligando pro azar.

Eu só tinha 16 anos naquele tempo; era pouquinho mais que um guri, e nessas alturas da vida qualquer paixão diverte a gente, como dizia a moda da época.

> Senhor Prefeito:
>
> Sabemos que sua Cidade se acha ocupada por tropa da Ditadura. Recorremos ao bom-senso de Vossa Senhoria, concitando-o a convencê-los de que se rendam pacificamente ou adiram de boa vontade às nossas forças vitoriosas. Não é nosso propósito derramar o sangue de irmãos de armas nem o do bravo povo de Itacoatiara. Caso esse nosso apelo não tenha acolhido, damos duas horas – nem mais um minuto – para a população civil evacuar a Cidade, que será em seguida bombardeada até a rendição incondicional da tropa de ocupação.
>
> Capitão Silvério Rocha
>
> Cmt da Força Expedicionária Constitucionalista.

Bom, como eu ia contando, aí então houve uma negociação, porque os homens lá do "*Estado Maior*" tinham ameaçado bombardear Itacoatiara. A gente no "*Andirá*", até esse momento, não sabia de nada; pode ser que o Sargento Sotero, comissionado 1° Tenente e que era o nosso Comandante, estivesse a par do que estava se passando, pelo rádio de bordo. Nós, não. A gente estava ali feito turista, só olhando da borda do navio a movimentação. Vimos quando uma das nossas lanchas, se não me engano a "*Remo*", seguiu em direção a terra e, quando regressou era acompanhada de uma catraia ([49]) trazendo um Padre no barco. O Padre veio foi para nos tapear – nós que eu falo, é uma maneira de dizer, porque quem ele tapeou de fato foram aquelas bestas que nos comandavam lá do "*Jaguaribe*": o Rocha, o Lavor ([50]), o Borges que eram "*diz que*" os

---

[49] Catraia: bote tripulado por um só homem.

[50] Lavor: I. Guimarães batiza o seu personagem fictício com um nome semelhante ao de Arquimedes Lalor.

cabeças daquela revolta de merda que deixou no fundo do Amazonas quase uma centena de mortos.

Pois bem: o Padre veio pra fazer negaça ([51]), entreter o tempo, cozinhar aquelas pilecas do "*Jaguaribe*" em banho-maria e dar tempo dos navios deles chegarem e nos atacarem. Assim, a conversa mole do Vigário durou quase uma hora, engazopando ([52]) o "*comando*" das nossas forças revolucionárias. Acredite-me que até hoje, passados mais de quarenta anos, não sei lhe dizer quem era de fato que comandava a gente naquela zorra; se o Sargento Rocha ou o Aristides Lavor ([53]). Mas, como eu ia dizendo, aí – depois de uma longa confabulação ([54]) – finalmente a catraia com o Padre voltou pra terra. Isso aí já por volta das 11h00.

Eu soube depois que o safado fizera uma choradeira danada, dizendo que o Prefeito pedia uma dilatação do prazo; que duas horas não dava para evacuar a Cidade e a população civil ia ser sacrificada. Isso porque o Tenente que comandava a tropa em Itacoatiara tinha resolvido dar uma de Antônio João na guerra do Paraguai e jurou que pra gente atolar os pés no tijuco ([55]) da Cidade, só passando por cima dele defunto e pisando no sangue dos seus companheiros – Tudo conversa, pra ganhar tempo! Bem, aí, quando o Padre voltou pra terra, nós a bordo do "*Andirá*" já estávamos almoçando. A gente comia tranquilo, porque tudo estava dando certo a nosso favor. Pela madrugada, já tínhamos posto pra correr o "*Baependy*" e um outro navio, do qual não me lembro o nome, que vinha com ele, atracado no costado.

---

[51] Negaça: lograr.
[52] Engazopando: enganando.
[53] Aristides Lavor: Arquimedes Lalor.
[54] Confabulação: conversa.
[55] Tijuco: lama.

Quanto a Itacoatiara, o nosso comando estava só vendo a hora de acabar com a tesão de mijo do tal Tenente de terra, quando os nossos "*75*" começassem a vomitar umas duas dúzias de lanternetas em riba deles. Pois é, então nós estávamos almoçando descansados quando o pau cantou lá de terra: pum... pá – pu pururu... pum... pum; era tiro de fuzil, de metralhadora, creio que até de espingarda.

Aí foi que nós – a soldadesca de bordo do "*Andirá*" – viemos saber que tinha tropa aquartelada em Itacoatiara. Nós não sabíamos, porque os Sargentos do Vinte e Sete tinham deixado de se comunicar com o nosso comando pelo rádio, é que a essa altura eles já estavam todos presos e a gente não sabia; estávamos ali "*comendo merda numa bolsa*", como se dizia na gíria do quartel, naquele tempo. Fomos pegos de surpresa, meu mano; pelo menos nós, a raia miúda, que viera pra servir de bucha naquela guerra maluca, inventada por um sujeito completamente biruta.

Pois bem; aí, quando a tropa de terra começou a atirar contra nós, era porque eles já tinham comunicação de que os navios deles estavam palmo em cima. Então, quando o pau cantou, foi uma confusão dos diabos a bordo do "*Andirá*": era gente se espalhando pra tudo quanto é lado, correndo no rumo dos fuzis ensarilhados ([56]) no convés e derrubando tudo.

Um rebuliço danado ([57]), cada um pegando a arma que estivesse mais perto, sem dar tempo de saber aquela de quem era pela numeração; um corre-corre que vou te contar!

---

[56] Ensarilhados: armas agrupadas e presas umas às outras.
[57] Um rebuliço danado: Uma confusão danada.

Foi aí, enquanto a gente respondia atordoado ao fogo de terra, que os dois paquetes surgiram na boca do Rio. Eram ambos do Loydd; um a gente já sabia que era o "*Baependy*", o outro a gente soube depois que se tratava do cargueiro "*Ingá*".

Pois bem; quando os dois apontaram na entrada do Rio, vinham a todo vapor em nossa direção; o nosso melhor artilheiro, o Sargento Martins, procurou assestar sobre eles a mira dos canhões.

Mas aí é que os manobristas daquela guerra de ratos contra gatos foram descobrir uma coisa simples que nunca tinha passado por suas cabeças cheias de estrume de vaca: era impossível apontar para a linha-d'água dos navios inimigos, por causa de que a amurada do "*Jaguaribe*", por se tratar de um cargueiro, era muito alta e não dava campo para alvo dos canhões abaixo da metade do costado das embarcações contrárias!

Assim mesmo, enquanto houve distância suficiente, os nossos "*75*" ficaram cuspindo fogo em cima dos dois. A gente, de bordo do "*Andirá*", podia ver perfeitamente as explosões das granadas, espocando como ovo na frigideira. No princípio, aquele "*clarãozão*" de cegar olhos, mudando logo de cor para um encarnado de urucu que depois ficava amarelo cor de laranja.

– Mas os dois continuaram a avançar em nossa direção. A essas alturas, tanto o "*Jaguaribe*" como o "*Andirá*" já tinham levantado ferro e manobravam para evitar as investidas do inimigo que – pelo que se via – parecia trazer, como diz o outro, o corpo fechado pra bala de canhão. Ou então era mesmo a ruindade de mira de nossos artilheiros que não entendiam pirocas de combate naval.

De toda aquela munição dispersada na água, apenas uma granada acertou em cheio na proa do "*Ingá*", que avançava sobre o "*Jaguaribe*", fazendo um baita d'um rombo que, se fosse na linha d'água, tinha metido ele no fundo com casca e noz. Mas foi só esse tiro. O resto, ora passava por cima, ou se perdia nos barrancos. Teve até um que foi atingir uma serraria do outro lado do Rio, um nadinha acima de Itacoatiara.

Aos poucos, eles foram se aproximando. Da curva do Rio onde eles apareceram, até confronte à Cidade onde a gente estava, dista ([58]) uns quantos quilômetros que foram disputados braça a braça, enquanto o fogo da nossa artilharia conseguiu maneirar um pouco o avanço deles. Mas, como só uma "*pitombada*" conseguiu atingir o casco d'um deles, os dois "*satanases*" vieram se chegando, avançando, se aproximando, crescendo diante da gente, até que puderam abrir fogo. Então, foi aquele "*Deus nos acuda!*": cada um perseguindo o seu. O "*Ingá*" foi para cima do "*Jaguaribe*" e o "*Baependy*" veio nas nossas águas. Aí o pau cantou lá de bordo dos dois: as metralhadoras deles dando aquelas risadas de suinara ([59]) e a gente vendo bala invadir o nosso navio assim que nem enxame de caba tapiú ([60]) quando fica assanhado. A fuzilaria varria o nosso convés estraçalhando tudo, lascando as portas dos camarotes e enchendo o ar de estilhaços de vidro das sanefas.

Nós estávamos abrigados em trincheiras de sacas de sal transbordadas do "*Jaguaribe*". Ele tinha vindo de Belém carregado de sal e então a turma trouxe um bocado a bordo do "*Andirá*": foi o que nos valeu um

---

[58] Dista: a distância de.
[59] Suinara: coruja rasga-mortalha que possui fama de agourenta.
[60] Caba tapiú: espécie de vespa.

pouco, a princípio. Mas aí, as metralhadoras do inimigo foram costurando as sacas de sal; costurando, uma ova, foram foi rasgando eles e o sal se derramando e ensopando o convés em salmoura de sangue. Eles tinham toda a facilidade de acertar em nós, depois que se aproximaram a alcance de tiro. Tinham a vantagem do tamanho, pois seus navios eram mais altos que os nossos, principalmente do que o "*Andirá*", um gaiolazinha de bosta. Aí, o pau cantou mesmo de verdade e nós começamos a correr pra lá e pra cá, feito barata espantada no meio d'um galinheiro. Bala zunia que nem varejeira no cio pelos ouvidos da gente: fian... fian... Bála, rapaz! – Raa pa... pa... pa.

Aí eu vi quando o Sargento Sotero ficou estirado no meio do convés: uma rajada cortou ele pelo meio e eu enxerguei quando ele caiu, quase dividido em dois. Sangue, seu mano! Então, eu me joguei no chão e fui me arrastando por debaixo daquela fuzilaria medonha, sentindo o ar envenenado pela fumaça de pólvora me entrando pelo goto; uma fumaceira pegajosa que o vento tinha medo de espalhar e que se entranhava nos bofes da gente, deixando na boca um gosto rançoso de azinhavre ([61]). Aos poucos, cada um dos atiradores de bordo do "*Andirá*" era forçado a abandonar seu posto; ora munhecando ali mesmo, varado por uma bala ou por dezenas delas, ora se arrastando pelo tombadilho, procurando um lugar de onde pudesse continuar a responder à impertinente fuzilaria do inimigo. Até pouco tempo eu ainda tinha aqui pelas costas uns estilhaços de vidro; de vez em quando um aparece, apontando na flor da pele: um pedacinho gitinho ([62]) que mal dá pra enxergar, mas dói pra cachorro e às vezes até infecciona.

---

[61] Azinhavre: zinabre.
[62] Gitinho: coisa pequena.

Eu fiquei com o lombo todo crivado de lascas de vidro triturado que as balas faziam voar em todas as direções. Então, eu fui me arrastando no rumo da popa, já com intenção de me jogar n'água; mas antes eu pude ver o desespero do Comandante do navio. O velho estava em pé no passadiço, sacudindo agoniado uma camisa branca na direção do pessoal do "*Baependy*".

Mas era à toa aquela sua tentativa de salvamento, porque o resto do nosso pessoal não sabia que ele estava ali em cima procurando salvar o navio e continuava atirando como podia de bordo do "*Andirá*".

Do lado do "*Baependy*", ninguém podia entender aquele sinal de rendição no meio d'um tiroteio que não cessava, até que acertaram um balaço nele e o pobre velho levou sumiço, ele e sua bandeira de paz, por trás do castelo de proa. Pensei que ele tinha se acabado, mas soube depois – quando também fui recolhido a bordo do "*Baependy*" – que ele tinha sido apenas ferido. Conseguiu se salvar não sei como, por verdadeiro milagre, entre os poucos do "*Andirá*" que restaram pra contar a história.

Tropas Legalistas

Quando desembocamos na Enseada de Itacoatiara, os dois navios dos rebeldes estavam fundeados em frente à Cidade, distando mais ou menos umas duas milhas marítimas do nosso ponto de aparição. Naturalmente, aguardavam o prazo que tinham dado à população de Itacoatiara pra evacuar a Cidade que ia ser bombardeada. Sabíamos, pelo rádio, que eles haviam intimado a nossa tropa, comandada pelo Tenente Álvaro Souza e entrincheirada na rua da frente, a se render, uma vez que não aceitara as suas propostas de adesão feitas primeiramente.

Nesse intervalo, as autoridades locais, sem dúvida com o propósito de ganhar tempo, enquanto aguardavam a nossa chegada, haviam mandado o Vigário da paróquia, a bordo de uma catraia, parlamentar com os sediciosos em nome do Prefeito, pedindo uma dilatação do prazo do ultimato, alegando ser este insuficiente para a retirada da população civil. Quando a catraia do Padre estava chegando de volta ao porto, eles nos avistaram e começaram a atirar.

O primeiro tiro de canhão que chegou a nos ameaçar com mais perigo, felizmente passou por cima do "*Ingá*" e foi atingir uma serraria que havia acima um pouquinho de Itacoatiara; o segundo, esse pegou na proa do nosso navio. Foi um estrondo dos diabos; sinceramente, pensei que íamos a pique. A granada abriu um enorme rombo na proa e, no momento do impacto, viu-se faiscar pelo ar um buquê de estrias incandescentes enquanto os estilhaços, batendo contra as chapas de ferro da amurada, ora saltavam pelo convés, ora embicavam nas águas como pássaros ardentes.

Mas, felizmente, foi esse o único tiro de canhão que nos atingiu; mesmo porque não demos muito tempo para que eles continuassem a utilizar a artilharia. Ainda assim, com a proa avariada, prosseguimos na investida, mudando sempre alternadamente o quadrante de direção, para que eles tivessem maiores dificuldades de pontaria e fomos nos aproximando o máximo possível, vencendo a barragem de fogo, que essa era a tática do Comandante Lemos Bastos. Oficial Superior da Marinha, ele logo percebeu que os canhões dos rebeldes não ofereciam assim tão grande perigo para o nosso avanço, já por não contarem com atiradores experimentados em artilharia naval – o que era óbvio pela imperícia que demonstravam – já porque a situação de suas peças,

em relação à amurada do "*Jaguaribe*", não ameaçava os pontos vitais das nossas embarcações: eles não tinham campo de tiro para nos atingir na linha dos porões ou do leme, onde qualquer rombo ou dano poderia promover a invasão de água ou desgovernar o navio, pondo assim em perigo a sua estabilidade de marcha. Seus canhões só podiam bater um ângulo de mais ou menos uns vinte graus verticais sobre a amurada de seu próprio navio e isso mesmo a uma distância razoável.

Lemos Bastos sabia, portanto, que a nossa vantagem estava em avançar o mais rápido que nos permitisse o fogo do inimigo e chegarmos perto dele para impedir que continuasse a utilizar os canhões. Sendo nossos navios mais altos [mesmo que o maior deles, o salineiro "*Jaguaribe*"] quando chegássemos a uma distância favorável de tiro de fuzil e metralhadora, seria fácil para nós a manutenção de um fogo cerrado sobre o convés dos contrários, neutralizando gradativamente sua ação de fogo, inclusive de infantaria. Quando conseguimos isso, o nosso Comandante jogou o "*Ingá*" pra cima do "*Jaguaribe*" e deu sinal ao "*Baependy*" para que se encarregasse do "*Andirá*".

– Aí nós começamos a atirar pra valer.

Nós atirávamos neles sobre o convés; quando chegamos mais perto, o "*Jaguaribe*" começou a recuar e nós atirando sempre com o fim de imobilizar os canhões. Lembro-me bem que a minha peça de metralhadora recebeu ordem de concentrar o seu fogo sobre a guarnição de um canhão que ficava a boreste do convés do "*Jaguaribe*"; pelo binóculo pude ver o Cabo apontador que estava de pé à direita da peça, de olho colado ao visor, dar um salto e sair se batendo como galinha no torniquete quando uma bala o pegou na altura do baixo-ventre.

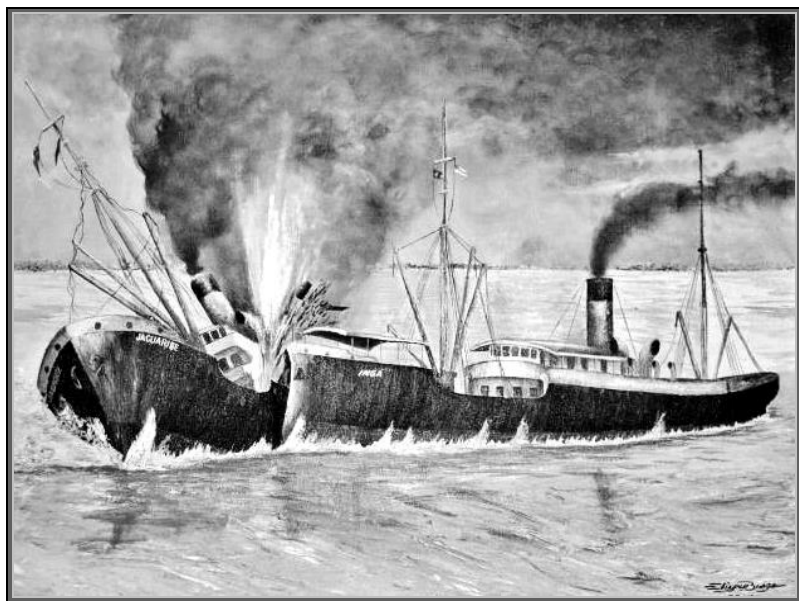



Imagem 27 – B. Naval de Itacoatiara (Theo Braga)

Aí, a confusão se espalhou entre os serventes-de-guarnição; vi bem quando o encarregado da culatra deu um pulo para trás, largando o ferrão da conteira ([63]) sobre o pé do conteirador, fazendo-o cair de bruços sobre o canhão. Então, os outros serventes, o atirador e os dois municiadores, abandonaram a peça, correndo adoidados pelo convés, até que uma rajada das nossas "*hotchkiss*" ([64]) acabasse de uma vez com a agonia deles.

Avançando sempre, enquanto o outro recuava, em manobras de abordagem que levaram talvez uns 40 min, o "*Ingá*" foi empurrando o adversário contra a costa fronteira a Itacoatiara, até que o "*Jaguaribe*" bateu num baixio e aí nós o pegamos pelo meio.

---

[63] Conteira: parte posterior do reparo do canhão.

[64] Metralhadora Leve Hotchkiss M1922: arma de origem francesa do início do século XX. Foi adotada pelo Exército Francês em 1909, no calibre 8 mm; e posteriormente pelo Exército Brasileiro em 1922, no calibre 7 mm.

Foi uma porrada sensacional como nunca vi outra na minha vida; um estrondo oco-medonho, seguido logo de um profundo gemer de ferragens se partindo, tudo misturado aos gritos de homens esmagados e ao pungente mugido dos bois amarrados no convés de popa, enquanto a metralha varria destroços com sua vassoura de morte. Um inferno! Só quem já passou por isso pode avaliar.

– Eu vi o navio se partindo, atingido a bombordo pela proa do "*Ingá*", mais ou menos na altura da casa de máquinas: foi aquela fumaceira, que saía adoidada pela gaiuta da chaminé, quando a caldeira estourou. Aí, as ferragens e o madeirame foram estalando e saltando pelo ar em meio aos gritos dos feridos e dos que procuravam escapar se atirando n'água. Mais que isso, o pior era ver a agonia dos bois, coitados!

– Eu me lembro que fiz o sinal da cruz e disse comigo mesmo: "*Encarnação, que Deus te perdoe por este horror que estás causando, mesmo não sendo tua culpa!*"

Mas quando eu olho, assim, vejo que o "*Jaguaribe*" tinha enganchado no nosso navio, preso por aqueles ferros estriados da proa do "*Ingá*", no rombo aberto pela granada. Naquele corpo-a-corpo entre os dois paquetes, o "*Jaguaribe*", à proporção que afundava, ia puxando a gente e, quando eu dei pela coisa, custou-me a acreditar naquilo que via: pois não é que, apesar de tudo, ainda havia um grupo de rebeldes, uns cinco ou seis junto de uma peça, atirando em nós de fuzil por trás do canhão! Mal eu ponho a cara para espiar, eles largaram chumbo no meu rumo: foi o fogo pipocar e eu me abaixar, escutando o impacto das balas rebentando no costado e sentindo os cascões de ferro caindo em cima de mim.

No mesmo instante, a voz da nossa metralhadora falou em resposta e quando tudo silenciou e eu pude me levantar, os cinco alucinados estavam amontoados uns sobre os outros ao lado do canhão: debaixo deles, longos caminhos de sangue escorriam como grossas centopeias, buscando as valetas do costado, no rumo do Rio. Essa foi a última visão que tive do "*Jaguaribe*". Logo depois, sob o enorme peso da adernagem, ele se soltou do "*Ingá*" com um longo rangido de ferros e foi se sumindo rapidamente nas águas, ficando na superfície apenas aquele demorado borbulhar de rebojo.

Enquanto isso, uma outra batalha continuava, travada entre o "*Baependy*" e o "*Andirá*"; parecia uma luta entre Davi e Golias, só que terminou às avessas: O "*Baependy*", pesadão, fazia desdobradas surtidas para atingir o contrário; este, porém, mais leve e obedecendo ao desespero de seu timoneiro, conseguia safar-se constantemente por contar com maior facilidade de manobra. Nesse entremeio, a fuzilaria trocava endereço e convés a convés, acompanhada em contracanto pelo matraquear das metralhadoras.

De terra, a tropa da 1ª Companhia, entrincheirada no barranco, atirava contra o "*Andirá*", mas parte desse fogo, ora se perdia na distância, ora vinha sobre o "*Ingá*", agora no meio do Rio. Que diacho!

Os nossos soldados foram ficando queimados com essa situação, pois a essa altura já pensavam que o pessoal de terra tivesse aderido aos rebeldes. Felizmente, foram contidos. O Capitão Lemos Bastos era um grande Comandante. Numa de suas investidas, depois de quase uma hora de luta, o "*Baependy*" conseguiu fazer uma volta mais rápida e pegar de raspão o navio inimigo: a esfregadela arrancou algumas chapas de ré e o "*Andirá*" começou

a fazer água e a perder pouco a pouco a capacidade de manobra. Nesse momento, quem pôde se safar, safou-se; pegou salva-vidas, bote, se agarrou em quanta matalotagem ([65]) tinha condições de flutuar. Mas, verdadeiramente, ou aquela gente estava louca, possuída de algum demônio da chacina, ou lutava por uma espécie de ideal de destruição. Sim, porque idealismo político eu não acredito até hoje que eles tivessem, aqueles pobres insanos, conduzidos ao abatedouro pela esperteza de uns poucos.

Digo isso porque, no momento em que o "*Andirá*" se foi para as profundezas, partido ao meio como um palito de fósforo, numa investida final do "*Baependy*" que o apanhou à altura da meia nau, nesse momento ainda havia dois escaleres cheios de soldados rebeldes atirando contra os nossos navios. Aí, um cabo da minha Companhia, chamado Pedro João, que dirigia a 2ª Peça de metralhadoras embarcada no "*Baependy*", comandou uma rajada contínua e liquidou com eles.

Revoltosos de Óbidos

Pois bem, como eu ia dizendo, continuei me arrastando no rumo da popa, porque era o lugar mais seguro para se cair n'água sem ser muito visado pela fuzilaria do inimigo. Isso porque o "*Andirá*" sempre de proa para o lado dele que era a melhor maneira de evitar o abalroamento. Então, eu fui seguindo, me movendo como uma cobra na caça e quando cheguei ao convés de ré – sempre por baixo do assovio das balas – avistei o dentista Emílio Pereira que tinha vindo com a gente a bordo do "*Andirá*", comissionado no posto de Capitão.

---

[65] Matalotagem: mantimentos para a tripulação.

Nisso eu passei por perto do Aristarco, irmão do Cabo Ataulpho, e encontrei ele caído de lado em cima d'uma caixa de cebolas, os olhos me espiando sem viço, d'uma maneira desconforme que até hoje me arrepia. Mais adiante – embaixo duma mesa perto da copa – dei de cara com o cadáver do Toscano, um que tinha vindo de Belém como escrivão da "*Mesa de Rendas*" ([66]) e acabou se entregando ao Coronel Pompa com todo o apurado do Governo.

Tinha um enorme buraco bem no meio da testa, como se seu assassino tivesse querido abrir nela um terceiro olho, por onde o miolo tinha espocado e saía pra fora amarelo, como uma flor de jurumu ([67]) quando começa a brotar. Pois não é que quando eu chego perto do dentista – que já tinha passado uma perna por cima do balaústre e estava criando coragem para se jogar n'água – senti o sopro frio de uma bala tinindo nos meus ouvidos e no mesmo instante ouço o berro do dentista: Aaaai! – e vejo ele se enrolar feito um embuá ([68]) e cair n'água se torcendo todo, igual tamuatá ([69]) quando se joga água fervente.

Atirei-me atrás dele e então o que eu apreciei de perto, assim palmo em cima de minha cara, é uma coisa que nem gosto de lembrar: o coitado penando nas vascas da morte; espernegando ([70]), se esbulhando em agonias, enquanto as águas avermelhavam em redor dele – e de repente o acontecido, a

---

[66] Mesa de Renda: as Mesas de Rendas foram criadas no período da Regência, na primeira metade do século XIX, e destinavam-se a operar despachos aduaneiros e fiscalização em portos de escasso movimento, cuja renda não compensasse a instalação de uma aduana completa. (Memória da Receita Federal)

[67] Jurumu: abóbora, girimum, jerimum, jurumum.

[68] Embuá: piolho-de-cobra – lulus sabulosus cllindroiulus.

[69] Tamuatá: espécie de cascudo, conhecido também como bodó.

[70] Espernegando: esperneando.

coisa que toda vez que me volta no pensamento me bota um frio na boca do estômago e aquele medo horrível que até hoje me gela por dentro quando me lembro: o homem escabujando ([71]); aos poucos só a cabeça aparecendo, indo pro fundo e voltando a boiar, com aqueles olhos, já de finado, olhando fito na minha direção. Depois a baita rabanada e um enorme rabo de peixe aparecendo à flor d'água, como um relâmpago; coisa de um metro ou mais, sei lá! Boiou como o gume d'um chanfalho ([72]), rebrilhante ao Sol.

Foi um instante apenas, uma lasquinha de tempo em que tudo aconteceu; o tanto suficiente praquela meia-lua cinzenta relampejar e o dentista se mostrar de corpo inteiro, por uma vez derradeira, dobrado ao meio como um bagaço de cana saído da moenda e levantado por uma força tremenda vinda de baixo que, no passar d'um segundo, amostrou ele e sumiu com seu cadáver duma vez por todas. Acho que só podia ser uma piraíba ([73]), e se era, foi a maior que já vi na minha vida. Pode ser que o pavor tivesse aumentado o tamanho dela na minha vista, mas eu juro que nunca mais vi uma bicha daquele porte, nem mesmo dessas maiores que os caboclos traziam pra retalhar no mercado.

---

71 Escabujando: debatendo-se em desespero.

72 Chanfalho: sabre.

73 Piraíba (Brachyplatystoma filamentosum): é a maior espécie de peixe de couro da América do Sul e uma das maiores do mundo. A enorme cabeça representa 1/4 do tamanho do seu comprimento que chega a atingir mais de 2,8 m e 200 quilos. Indivíduos com até 60 quilos são conhecidos como filhote.

Tubarão-Touro (Carcharhinus leucas): a descrição, acima, nos permite lembrar que já foram capturados diversos tubarões, com mais de 2 m, em toda a Bacia do Rio Amazonas. Um deles foi capturado em Ucallpa, Peru, a 5.000 mil km da Foz do Amazonas. Estes tubarões, que podem viver tanto em água salgada como em água doce, são uma das espécies mais perigosas do mundo. As fêmeas são maiores que os machos e podem atingir até 3,5 m.

Mas bem, aí eu não sei se foi o cagaço, mas só sei dizer que senti dentro de mim uma força dupla, e uma vontade danada de viver me encheu de sustância pra me afastar o mais rapidamente do navio, evitando ser sugado pelo redemoinho da hélice. Por essas alturas, muita gente já havia se atirado n'água desde quando o "*Baependy*" conseguiu dar o primeiro catiripapo no "*Andirá*", pegando ele de raspão pelo costado e revirando umas chapas da popa que nem quando a gente abre uma lata de sardinhas. Teve até uma parada cômica nessa ocasião, que a gente – passado todo aquele inferno de desespero – se divertia só de relembrar: um Cabo corneteiro do 4° Grupo, apelidado de "*Porca Velha*", conseguiu se salvar agarrado num porco; um animal que ele tinha arrastado do convés da 3ª do "*Andirá*". Os dois caíram n'água – o porco na frente e o corneteiro atrás e o "*Porca Velha*" se grudou no toutiço ([74]) do barrasco ([75]), que saiu nadando com ele pra terra.

– Dessa parada, eu tinha até uma fotografia, tirada de bordo do "*Baependy*" por um primo meu que fazia parte da tropa do Vinte e Sete: o "*Porca Velha*" sendo salvo por um de seus irmãos!

De bordo do "*Baependy*", eles atiravam na gente mesmo dentro d'água. Não tinham contemplação. Até dos náufragos. Pelo menos, enquanto eles não puseram o "*Andirá*" a pique, bala passava raspando a água: plsum... plsum, e a gente boiando a esmo, se batendo pra manter o fôlego e logo mergulhando pra desviar da fuzilaria. Entre os que boiavam, não podia distinguir quem era morto quem era vivo, pois muitos já defuntos ainda eram mantidos à tona pelos coletes salva-vidas.

---

[74] No toutiço: na nuca, no cachaço.
[75] Barrasco: porco que não foi castrado.

Depois quando o "*Baependy*" conseguiu finalmente flechar de proa o costado do "*Andirá*", foi aquele despautério de estalo: p r á a... tá... tá... tá... tá... ta!

– A trombada foi levando todo com beira, quebrando a porra do gaiola como quando a gente pisa numa barata e escuta ele espocar ([76]) debaixo do sapato. Sorte que eu já estava a uma boa distância; senão, tinha sido engolido como tantos outros que ficaram a bordo e foram pro fundo junto com o navio.

Do "*Andirá*", fomos poucos os que sobramos. A maioria dos que se salvaram eram gente da tripulação que se puseram ao fresco assim que a coisa começou a ficar preta. Nós, os praças, fomos pouco mais de uma dezena entre os que mais tarde foram recolhidos pelos escaleres legalistas. A maior parte viva da nossa Expedição foi do pessoal que vinha no "*Jaguaribe*", que esses, porque o navio deles afundou perto da margem oposta, conseguiram alcançar a terra, onde depois foram caçados pelas patrulhas inimigas, a não ser os que se embrenharam logo na mata e conseguiram escapar.

O instante mesmo do abalroamento é outra coisa daquelas horas de aperto que eu lembro até hoje como estivessem passando uma fita de cinema pelo meu pensamento. A proa do "*Baependy*" como que suspensa no ar, a toda velocidade, espirrando pelos lados aqueles bigodes d'água, levantados como guampas de um arpão na direção do "*Andirá*". De parte a parte, sem descanso de um minuto, a trafegagem das balas indo e vindo pelo ar e a gente vendo perfeitamente o arrebentar esverdeado das chamas nos canos das metralhadoras e, de mistura, o pisca-pisca vermelho do olho dos fuzis, enquanto

[76] Espocar: pipocar.

as balas, ora ricocheteavam no costado dos navios e vinham na direção de quem estava de bubuia ([77]), ora bordavam de pontos negros a brancura da coberta.

Depois, a pancada surda, o estalar agoniado do madeirame se partindo e das ferragens se retorcendo, e os botes com sobreviventes que se afastavam do casco para não serem tragados pelo sorvedouro ([78]) em que afunilava o navio. Os que boiavam, uns agarrados em destroços, outros sustentados em boias, bracejavam na voragem ([79]) sem rumo certo privados de tino pela canseira ou pelo excesso de cachaça ingerida.

De bordo de dois escaleres, uns homens alucinados respondiam ainda ao fogo de bordo do "*Baependy*", onde a turma acho que atiçada pelo ódio que criaram na gente durante o combate – continuava atirando sobre os vencidos. Mas foram logo silenciados, os dos escaleres, porque contínuas rajadas da metralha inimiga – que não deixou ninguém vivo, nem gente nem barco – meteram tudo no fundo. Um bocado de gente morreu ali; uns levados pras profundezas dentro do próprio navio, outros atingidos pelas balas ou arrebentados, mesmo de fora pela explosão da caldeira. Depois, o navio desapareceu e o Rio ficou coalhado de pedaços; coisas mil que apareciam de bubuia ([80]) misturadas com os corpos, uns de vivos que sobrenadavam sem rumo, outros de mortos ou de feridos manquitolando à deriva, sustentados pelos coletes salva-vidas. Havia também os que se amontoavam nos botes, quase só tripulantes, que tinham se afastado a tempo do local do afundamento.

---

[77] Bubuia: boiando.
[78] Sorvedouro: redemoinho.
[79] Voragem: redemoinho.
[80] Bubuia: flutuando.

Eu, felizmente, consegui agarrar umas achas de lenha que passaram perto de mim e fiquei me aguentando nelas, com os pés em movimento e a cabeça malmente de fora, pra não perder o fôlego. Não fosse alguém do "*Baependy*" me enxergar dando sopa e resolvesse experimentar a pontaria na minha cabeça, como fizeram com muita gente! Graças a Deus eu tive sorte, não tinha chegado a minha vez; senão, era mais um entre os cadáveres que boiavam por perto, amarrados em seus salva-mortes. Flutuavam meio de pé, a cabeça vergada para a frente, e a cara chapinhando n'água, feito, mal comparando, aqueles calungas trapezistas com que a gente brincava no nosso tempo, fabricados de lascas de fasquio ([81]). Finalmente, tudo silenciou. Acho que quando alguém do comando deles se apercebeu de que agora aquilo não era mais uma batalha, tinha virado brincadeira de magarefes ([82]), concurso de assassinatos por atacado. O fogo cessou. Aí eles começaram a arriar os escaleres e foram recolhendo gente – Os que ainda estavam vivos, é claro; os poucos do falecido "*Andirá*" que sobraram daquela carnificina sem propósito.

Tropas Legalistas

Bem, depois que o "*Andirá*" foi afundado e eliminados os últimos focos de resistência que vinham dos dois escaleres, cessaram os tiros. A luta terminara.

– Aí, eu recebi ordem de guarnecer um dos botes com o meu pessoal e fazer uma batida nas redondezas para recolher sobreviventes e capturar fugitivos.

De bordo do "*Baependy*", também saíram baleeiras para apanhar os remanescentes do "*Andirá*".

---

[81] Fasquio: ripa.
[82] Magarefes: abatedores de gado.

Imagem 28 – Baependy

Então, nós descemos, eu e a minha tropa, e fomos por ali a fora, remando em círculos, procurando, observando, mas nada achamos na nossa área. Até que chegamos perto da margem e demos com uma das lanchas que acompanhavam os rebeldes. Estava encalhada sobre o tijuco, no meio de um balseiro de canarana e já sem o pessoal de bordo, que tinha caído fora. A bordo, só restava o foguista, e a caldeira já estava sem pressão. Segurei o camarada – um preto cego de um olho – mas ele foi logo dizendo que era civil e estava ali porque era foguista da embarcação, mas que durante os acontecimentos apenas cumprira ordens.

Dos demais, só sabia que tinham se jogado n’água e ganhado a beira no rumo da mata, mal o papouco entre os navios tinha começado; ele ficara a bordo porque sofria de estupor e tinha medo de ter o ataque quando caísse n’água. Deixamos o pobre-diabo e demos uma volta pra ver se havia mais alguém escondido por ali e foi então que avistamos, já do outro lado do balseiro, a ponta duma valise aparecendo no meio da canarana.

Chegamos mais perto e escutamos uns gemidos que vinham de dentro do capinzal. Com a pá da faia, um dos meus homens baixou o capim e vimos um senhor gordo, bastante exausto e que mal podia falar quando nós, afinal, conseguimos recolhê-lo para o escaler. Depois, já mais confortado, ele nos informou que era náufrago do "*Jaguaribe*", onde viajava como representante comercial da firma armadora do navio. Salvou-se, disse ele, por verdadeiro milagre. Contou que se fechara no camarote durante o combate para não assistir àquela luta sem glórias que ele tinha feito tudo para evitar, procurando convencer os chefes revoltosos a desistirem daquela loucura; mas, disse ele, ninguém lhe deu ouvidos.

Quando escutou o tremendo choque causado pelo abalroamento, percebeu que o "*Jaguaribe*" ia afundar e tratou de sair do camarote e atirar-se à água, invocando a proteção de Deus e de Nossa Senhora do Carmo, de quem disse ser devoto, tanto que trazia no pescoço um escapulário da santa todo ensopado. Aí, ele falou que sentiu uma energia sobre-humana para enfrentar a morte, o que lhe valeu para nadar em direção à margem sem perder os sentidos. A valise, trouxera consigo quando caiu n'água – sempre previra o pior desde que aquela gente tinha tomado conta do navio – e foi o que o ajudou a flutuar até alcançar o balseiro, pois, além do seu salva-vidas, tinha colocado dentro dela um outro, desde que saíram de Óbidos.

Já no balseiro, livre de morrer afogado, seu tormento, porém, duplicou, devido às formigas-de-fogo que o perseguiram todo tempo, enquanto rezava para que alguém o encontrasse. Levei o náufrago para bordo do "*Ingá*", onde foi logo atendido pelo médico, pois seu estado de saúde não era dos melhores, por causa das ferroadas que levara.

Voltamos ao escaler e continuamos percorrendo a margem à procura de fugitivos. Um pouco abaixo, encontramos uma barraca em que morava um casal de velhos e ali pegamos escondidos cinco Soldados rebeldes que aprisionamos. Por eles, fomos informados de que os dois chefes civis da revolta, Aristides Lavor e Heráclito Borges, e mais o Sargento Silvério Rocha [comissionado Capitão], estavam mais adiante, escondidos num porto de lenha. Fomos à procura deles e conseguimos prendê-los juntos com alguns Soldados e conduzimos todos para bordo do "*Ingá*", de onde depois foram transferidos para o "*Baependy*" com o resto dos prisioneiros. A propósito desse Sargento Silvério Rocha, eu soube, muito tempo depois, que ele conseguiu escapar de bordo do navio "*Paconé*" [que conduzia os prisioneiros para Belém], atirando-se à água por uma das vigias da 3ª classe. Foi uma fuga meio misteriosa, tendo corrido boato de que alguém da escolta facilitou as coisas. Mas isso, afinal, nunca foi apurado e assim, dos cabeças do levante de Óbidos, ele foi o único que escapou à prisão.

Os prisioneiros recolhidos pelas patrulhas do "*Ingá*" que saíram nos escaleres [inclusive a nossa] não chegavam a trinta e foram alojados na proa do navio antes de irem para o "*Baependy*". Dos rebeldes que conseguiram fugir, alcançando a margem e se embrenhando na mata, esses foram poucos. A maioria morreu: uns afogados, outros levados para o fundo nas carcaças dos navios piqueados; mas a maior parte foi mesmo liquidada pelas balas. Dos nossos, morreu apenas um marinheiro, que enterramos no dia seguinte, em Itacoatiara. Do "*Baependy*", ao que eu soube, morreram três; de forma que as nossas baixas foram – se assim se pode dizer – insignificantes, diante da enorme perda de vidas do lado dos revoltosos, sacrificadas praticamente por nada. Hoje, quando recordo aquele

combate, confesso que até me constrange a condição de "*vencedor*", diante do sangue de tantos inocentes, derramado, afinal, por um efeito sem causa. (GUIMARÃES)

A "*Folha do Norte*" noticiou em letras garrafais o fim da revolta de Óbidos e a deletéria ação dos sediciosos que, percebendo a aproximação das forças legalistas, agiram com violência contra a pacata população local, saquearam o comércio e fugiram covardemente. Os rebeldes deram demonstração explícita, desde o início da insurreição, de que estavam menos preocupados com os propósitos ou ideais revolucionários e mais interessados se beneficiar pessoalmente com o conflito. A história viria a se repetir, pouco tempo depois, na Intentona Comunista de 35, quando poltrões amotinados, travestidos de amigos até a véspera do conflito, feriram e mataram covardemente seus companheiros que ainda dormiam.

Pompa na Mídia!!!

Folha do Norte

Belém, PA, Quarta-feira, 24.08.1932

Notícia da Fuga de Pompa

Do Prefeito de Santarém o Interventor do Pará recebeu a seguinte comunicação:

> Acabo de receber de Óbidos, enviado pelo viajante Jayme Carvalho, que era prisioneiro dos revoltosos, o seguinte telegrama: "*Revolta dominada. O chefe dos bandoleiros fugiu saqueando antes o comércio*". Cordiais saudações.

[a] Ildefonso Almeida, Prefeito Santarém.

Folha do Norte

Belém, PA, Quinta-feira, 25.08.1932

Abel Chermont Comunica a Barata as Primeiras Providências Tomadas

O "*Aquiry*" acaba de chegar aqui com as forças paraenses. O Tenente Emanuel Moraes prosseguiu viagem bordo "*Floriano*". Ciente da autorização de auxílio à pobreza, lançarei proclamação seu nome hoje à tarde em comício público. Aqui não houve revolução. Houve assalto, roubo, banditismo. O prejuízo no comércio e particulares é enorme em virtude dos assaltos que sofreram.

Nomeei o Tenente reformado Arthur Clemente dos Santos para o cargo de Delegado de Polícia, com jurisdição em todo o Município, tendo o mesmo seguido Oriximiná em perseguição Pompa. O procedimento de todos os oficiais do Exército foi absolutamente correto, com exceção do Tenente Cunha que aderiu ao levante. Há aqui falta de gêneros de toda a espécie.

Folha do Norte

Belém, PA, Sexta-feira, 26.08.1932

Do Comandante do 4° GACos o Major Barata recebeu o seguinte despacho:

Depois monstruoso saque praticado aqui com conivência dos Sargentos e Cabos desta Guarnição conseguiu, após fuga dos mesmos, mandar abrir o xadrez onde nos achávamos e tomar providências para normalizar situação.

Esta Unidade continua, assim, desde ontem às 20 horas, aguardando "*Floriano*", como já foi avisado.

[a] Arruda da Silva, 1° Tenente Comandante Interino 4° GACos.

Folha do Norte
Belém, PA, Sexta-feira, 26.08.1932

Notícia do Abandono da Cidade de Óbidos Pelos Revoltosos

Pelas 12 horas de ontem, a Folha recebeu e estampou em "*placard*" o seguinte telegrama, cuja cópia nos foi enviada pelo Major Magalhães Barata, Interventor federal:

> Os revoltosos, à notícia da aproximação das nossas forças, saquearam com violência a Cidade e fugiram desabaladamente. A oficialidade do 4° Grupo que estava presa arrombou os cárceres está agora dominando a Cidade que se acha em plena calma. As nossas forças quando chegarem a esta Cidade irão em perseguição aos fugitivos.

Folha do Norte
Belém, PA, Sábado, 28.08.1932

Notícia da Prisão de Pompa

O Comandante do 4° GACos dirigiu ao Major Magalhães Barata o seguinte telegrama:

> Acaba de regressar a escolta chefiada pelo Tenente Clemente, vinda do Trombetas, conduzindo presos o Coronel Pompa e Sargentos Almir, Sarraf, e Marial-

va, revoltosos deste Grupo. Ao Comandante da Região solicitei destino para eles. Cordiais saudações. José Arruda da Silva, Comandante Interino do 4°GACos.

Correio da Manhã, n° 11.573
Rio de Janeiro, RJ – Quarta-feira, 31.08.1932

O Levante de Óbidos

Declarações Feitas pelo Interventor Federal no Pará

Belém, 30 [Do correspondente] – O Major Magalhães Barata, Interventor Federal neste Estado, concedeu uma entrevista à "*Folha da Noite*", sobre o movimento verificado em Óbidos:

– A minha impressão – disse o Major Barata – é a mais desoladora possível, embora não me causasse surpresa, ante o que vai acontecendo no Sul.

– O tal coronel Pompa, depois que arrancou, ao comércio e aos particulares, dinheiro, bastante, abandonou os pobres soldados, fugindo miseravelmente, antes de mostrarem quanto foram imbecis o oficial do quarto e os civis que nele acreditaram, empurrando os navios, até o resultado do "*Itaquatiá*".

Nós, os revolucionários de 1922 e 1924, nunca procedemos assim.

Solicitado a fazer um confronto entre os revolucionários do Amazonas de então e os de agora, o Major Magalhães Barata respondeu:

– Confrontando o proceder em 1924 dos revolucionários do Amazonas com o desse aventureiro e

> ladrão, que surpreendeu Óbidos, não há como desconhecer que fomos corretos, pois demoramos 21 dias em Óbidos, e a cidade não foi perturbada.
>
> A 26 de agosto vi-me tomado a entregar a cidade a Menna Barreto Filho, com orgulho não menor que o da parte da população. Ao comércio não ficamos devendo nem um tostão. Mal sucedidos, resolvemos capitular.
>
> Mandamos pelo Tenente Euclydes Lins e Albuquerque devolver ao Banco do Brasil, em Manaus, quinhentos e noventa e tantos contos de réis em papel que sobraram da requisição de mil e duzentos que fizemos e mais os comprovantes das despesas feitas.

Indagado sobre o objetivo do atual movimento de Óbidos, retrucou:

– O roubo, mais de cem contos em dinheiro e outro tanto em mercadorias.

Assim concluiu o Major Barata:

– Os torcedores do tal Pompa devem estar de cara à banda, com o sucesso do mesmo Pompa.

Quem vai Presidir o Inquérito Policial Militar

Belém, 30 [Do correspondente] – O comando da Região Militar neste Estado nomeou o Capitão Alberto da Silva Pereira, para presidir o inquérito em torno do movimento fracassado de Óbidos.

Para secretário foi designado o 1° Tenente José Manoel Coelho. Estes dois oficiais seguirão para Óbidos, no próximo domingo, a bordo do "*Victoria*". (CDM, n° 11.753)

Diário da Noite, n° 798
Rio de Janeiro, RJ – Sexta-feira, 01.09.1932

Chegou, Preso, a Óbidos o Chefe do Movimento Sedicioso Verificado Naquela Capital

BELÉM, 31 [A.B.] – O Sr. Abel Chermont continua enviando para o Interventor Federal neste Estado notícias circunstanciadas acerca do movimento de Óbidos, prisão e depoimento dos responsáveis. Após comunicar a prisão do coronel Alarico Pompa da Silveira, o Sr. Chermont enviou novo telegrama, avisando da chegada àquela cidade do chefe da sedição, bem como do primeiro interrogatório a que o submeteu. Ouvido o Cel Pompa da Silveira declarou que trouxe cartas credenciais do General Bertholdo Klinger e do General Isidoro Dias Lopes para o Capitão Josué Freire, não o avistando, porém, porque esse oficial do Exército já havia desertado. Informou mais que levara idênticas credenciais para o Estado da Bahia, dirigidas ao Tenente Canellas, para o Estado do Ceará dirigidas ao Tenente Monte.

Prosseguindo, informou que do Pará seguiu para Manaus acompanhado do sargento Sandoval, que o apresentou ao sargento Zoroastro. Confessa que conspirou em Manaus com quase todos os sargentos do 27° BC, inclusive com os sargentos Nilo, Neves e Olemar e cabo Ribeiro, os quais se comprometeram a revoltar aquela unidade do Exército, na véspera de sua partida para o Sul, sob a condição de que Óbidos fosse solidário com o movimento. O coronel Pompa consultou, então, a guarnição de Óbidos sobre se secundaria o movimento, do que recebeu resposta negativa em virtude de se achar enfermo, no momento, o sargento Zoroastro.

Diante disso, o pessoal do 27° desistiu, seguindo viagem para o Sul. Esta, porém, foi interrompida em meio do caminho, regressando a tropa a Manaus, onde foi reatada a conspiração. Partindo imediatamente para Óbidos o coronel Pompa decidiu que o 4° grupo se revoltasse, contando com a adesão do 27° B. C. da capital amazonense.

Estava tudo combinado. Antes, entretanto, de ser comunicado o fato aos companheiros do 27°, a polícia local desconfiou da sua presença em Óbidos, o que determinou a precipitação do movimento e consequente fracasso pela não adesão da unidade amazonense. Disse mais o coronel Pompa da Silveira que esperava encontrar em Belém, quando ali esteve, o major Souza Brasil, afirmando também que não teve nenhuma ligação com os elementos do "*Floriano*". Finalmente, Informa o Sr. Abel Chermont que o coronel Pompa confessou a sua impossibilidade de evitar o saque na cidade, por isso que desde os primeiros instantes não havia controlado convenientemente os companheiros. Estes, por fim, já ameaçavam de arrebatar-lhe o comando da praça, (DDN, n° 798)

Diário da Manhã, n° 3.004
Vitória, ES – Sexta-feira, 02.09.1932

A Fracassada Tentativa de Sublevação no Amazonas

Está Apurado não ter Nenhuma Ligação com a Insurreição de São Paulo

O Sr. Abel Chermont foi Presidir o Inquérito Sobre o Levante de Óbidos

BELÉM, 31 – [A.U.] – O Interventor Magalhães Barata recebeu telegrama do Sr. Abel Chermont, que seguiu para Óbidos a fim de presidir o inquérito sobre os acontecimentos verificados naquela cidade, comunicando-lhe que a patrulha que seguiu em perseguição ao Coronel Alarico Pompa, depois, de atravessar o Rio Trombetas, conseguiu prender o chefe do movimento, que já se achava abandonado pelos seus companheiros de fuga.

Estes que são os sargentos Samuf, Almir e Marialva, foram também capturados horas mais tarde.

Segundo a comunicação do Sr. Abel Chermont, o Coronel Pompa chegou a Óbidos em deplorável estado de abatimento moral, além de grande cansaço que não lhe permitia andar.

O Levante de Óbidos, Feito por Pseudo-Constitucionalistas, não foi uma Revolução, mas um Saque, um Furto, um Roubo

Profundamente Revoltante e Desolador o que se Passou

BELÉM, 31 – [A.U.] – O Chefe de Polícia desta Capital recebeu o seguinte telegrama do Sr. Abel Chermont, que se acha em Óbidos presidindo o inquérito sobre os acontecimentos verificados ultimamente naquela cidade:

Óbidos – Sr. Chefe de Polícia – Profundamente revoltante e desolador o que se passou aqui. Um aventureiro cujo nome procurou sempre esconder, ora assinando Alberto Oliveira, ora Pompa mistificando, sargentos e soldados conseguiu arrastá-los à rebelião contra os oficiais dos quais, para honra do

Exército, nenhum aderiu ao movimento que se dizia ter o apoio do General Klinger. Intitulando-se '*Coronel Pompa, emissário do General Klinger*', o aventureiro desencadeou o movimento pela cidade que foi tomada pelos saqueadores, os quais só tinham uma preocupação: requisitar das melhores casas os melhores gêneros. Requisitou-se tudo, que era dividido ali mesmo no balcão da vítima. Essas requisições à mão armada reproduzimos aqui textualmente:

> *Entregue para, as Forças Revolucionárias em operações nesta cidade o seguinte duas dúzias de loção para cabelo; duas dúzias de pasta de dentes; 18 meias de seda; cem metros de fazenda à escolha do portador; seis garrafas de whisky, e todas as caixas de cerveja existentes nessa casa.*

Isso afora 200 latas de manteiga e azeite italiano e todos os demais gêneros imagináveis, além de dinheiro extorquido a quantos tinham. Qualquer quantia do negociante eles extorquiam por meio de; requisições, 60$000, de um, 9:000$000 de outro. Era questão de ter dinheiro. E o dinheiro extorquido era dividido entre Pompa, Lalor, Demócrito e Noronha, que sempre ficava com a maior parte. Outras vezes a, desfaçatez era maior e o dinheiro era ali mesmo, entregue às pessoas dos pseudo-oficiais comissionados por Pompa. A esposa do Tenente Cunha foi às vias de fato com a mulher de um cabo, em plena rua, por causa de uma requisição de dinheiro. Outro, fato vergonhoso: da Casa Chacron exigiram os rebeldes a entrega de 25 urinóis! Não ficava nisso, porém, a desmoralização desse movimento, cujo fim único foi o saque à mão armada. O chefe Pompa, embriagado, bebendo por todas as tascas, tinha verdadeiras alucinações alcoólicas, gritando "*que era Rei*".

Cenas tais foram inúmeras. Pessoas gradas com que me tenho avistado, verberando os maus "*constitucionalistas",* que se diziam representantes do General Klinger, fazem contraste entre este assalto, este latrocínio, e o movimento idealista de 1924, quando oficiais como Barata, Azamor e Dubois, à frente de suas Forças não fizeram requisições que não fossem justificadas e pagas a dinheiro. Infelizmente a sorte de uma população ordeira e os haveres de um comércio honesto que honra as famílias obidenses, estiveram entregues às mãos desonestas destes saqueadores.

Houve em tudo isso um único protesto: foi o da, esposa do Lalor, que horrorizada pelo que via clamou publicamente, dirigindo-se ao Pompa com estas palavras:

– Coronel, só lamento que meu marido esteja nisso. Isso não é Revolução, é saque, é furto, é roubo!

Posso garantir a autenticidade do incidente. Também o Sr. Abdias Arruda, Juiz de Direito, em meio da mazorca ([83]) lavrou um protesto escrito contra o movimento; suspendendo o funcionário da justiça por falta de garantias, entregue como esteve a cidade ao saque, à anarquia. Os rebeldes vingaram-se da altivez do Juiz, demitindo-o e nomeando Juiz de Direito Demócrito Noronha, que se especializou no saque de dinheiro nas casas comerciais. Isso diz bem o que foi a Rebelião de Óbidos. Cordiais saudações. [a] ABEL CHERMONT (DDM, n° 3.004)

Pompa, um legítimo Brancaleone Tupiniquim, encontra, mesmo assim, espaço na literatura e na mídia para defender o indefensável:

---

[83] Mazorca: tumulto, baderna.

Correio de S. Paulo, n° 659
São Paulo, SP – Sábado, 28.07.1934

O Movimento Constitucionalista no Pará

Elucidando a Opinião Pública da Pauliceia, e Pingando os Pontos nos "ii"

O Sr. Coronel Anthenogenes Pompa de Oliveira, que chefiou o movimento revolucionário constitucionalista irrompido na Fortaleza de Óbidos no Estado do Pará, e atualmente entre nós de passagem para Araçatuba, onde exerce as suas atividades profissionais, pede-nos a publicação das seguintes notas:

"Agora, quanto á minha atitude, durante o desenrolar dos acontecimentos de Óbidos, deixarei que fale o autor de '*Sobre, os mosaicos do inferno*' ([84]), livro que descreve, nas suas minúcias, os vários esforços paraenses para fazer vingar, no Norte, a semente sagrada da redenção da Pátria, jogada ao solo dadivoso do Brasil pelo sangue jovem dos Paulistas.

Eis alguns entrechos que, mui bondosamente, me desvanecem, e matam de vez os dizeres pouco cavalheirescos, para com a minha humilde pessoa, de meu ex-comandado Dr. Demócrito Rodrigues de Noronha, que só compareceu ao Forte de Óbidos, depois do mesmo completamente em nosso poder, ou, por outras palavras, quando viu que o "*pratinho*", consoante diz o vulgo, estava apetitoso e à mesa para comer:

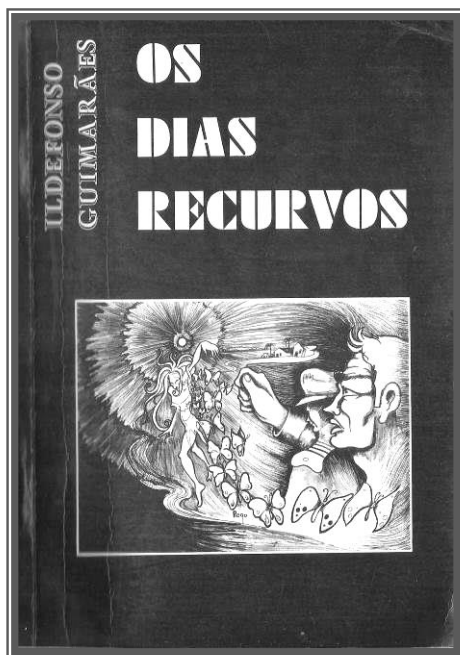
---

[84] RIBEIRO, José Francisco. Sobre os Mosaicos do Inferno – Rio de Janeiro, RJ – Ed. Irmãos Pongetti 1933.

É o Coronel Pompa, um civil, a figura central, destemerosa e obedecida da revolução nortista. Fez jus a isso. Se é um anônimo, se é um herói, de onde veio, para onde vai, quem seja é o que deseja não adianta. Com efeito. Ali chegou [refere-se à cidade de Óbidos o Dr. José Ribeiro, ponto combinado, primeiramente em Belém, com as pessoas já citadas, e depois, em Manaus com oficialidade e sargentos do 27° B. C.] com o nome de Aldérico de Oliveira dizendo-se preceptor do Estado da Bahia, e com o propósito de fundar, em Óbidos, um colégio. Era, nada mais nada menos, um agente de ligações, bravo, moço, audaz, insinuante e cheio de convicções. Esteve em Recife, veio ao Crato, no Ceará, chegou até Belém, seguiu até Manaus e foi ter àquela pequena cidade do Baixo Amazonas então escolhida como ponto de início da revolução constitucionalista, no Extremo Norte.

Ele, em companhia dos sargentos Sylvestre, Zoroastro e cabo Pinto, três intrépidos guerreiros, armado de um fuzil-metralhadora, penetra no Quartel do 4° Grupo, pelos fundos, à madrugada de 18, à 1 hora e domina a soldadesca. Achou aliados nos inferiores e inimigos nos oficiais – fez causa comum com aqueles detendo estes. Foi um chefe, foi um vencedor, foi um traído, no fim. '*É de ver que seu estado de saúde era precário, no momento do levante*'. A sua fortaleza de ânimo, porém, era igual ao seu idealismo, sincero e profundo, e. por isso, se sobrepôs à sua ruína física [Tudo na obra citada, páginas 129-130]. Ademais, tudo fazia entrever melhor sucesso, dado o entusiasmo da tropa expedicionária e o delírio do povo que ficava, bem armado e municiado, ao lado de um chefe, como o Sr. Pompa, bravo e digno. [A expedição de que fala o Dr. Ribeiro foi a que demandava Manaus, e que heroicamente se defrontou em águas de Itacoatiara, com as tropas governistas].

Alguns sargentos e cabos do 4° Grupo de Artilharia, tendo à frente os de nomes Sarraf, Bacellar e Marialva, entre 6 e 7 horas da noite de 22 de agosto,

mal a expedição saía de Parintins, com destino à Manaus, submetem o Coronel, Pompa doente, exausto, aos seus caprichos, obrigando-o, de arma ao peito, num golpe de franca contrarrevolução ou desgraçada traição, a deixar Óbidos, que fica abandonada [idem, idem, páginas 135 e 141]. O combate naval de Itacoatiara, o assalto ao B. I., a tomada da Chefatura de Polícia, os ataques à cadeia de S. José e aos quartéis do Corpo de Bombeiros Municipais e da 8ª Região Militar, em Belém, são feitos indescritíveis, porque são grandiosos e de maior civismo, mesmo com os horrores descomunais de sua sinistra dramatização. Não havia comando, não havia armas, não havia munição, e aí está seu fracasso [idem, página 145]. Fique o Dr. Demócrito Noronha na certeza de que não mais voltarei à imprensa paulista para falar desse assunto, e meta as mãos em sua consciência, afim de que não mais queira ser exclusivista, principalmente em se tratando de um comandado meu na Revolução de Óbidos, como todo o Pará sabe e conhece, e todo o País está ao par. (CSP, n° 659)

Cupins Estrangeiros

*A pura raça anglo-americana está destinada a estender-se por todo o mundo com a **<u>força</u> <u>de</u> <u>um</u> <u>tufão</u>**. A raça hispano-mourisca será abatida – New Orleans Creole Courier, 27.01.1855. (SCHILLING)*

Revolução Texana

O Governo mexicano, tentando conter a imigração americana, entrou em confronto com os colonos americanos proibindo a escravidão na região ocupada pelos norte-americanos; o México já abolira a escravidão desde 1829. Os invasores norte-americanos partiram para o confronto com o Presidente mexicano General Antônio López de Santa Anna. O resultado deste imbróglio foi a Revolução Texana (1835-1836) em que os colonos americanos lutaram pela independência do Texas.

Santa Anna foi derrotado e forçado a reconhecer a República do Texas (1836-1845), presidida por Sam Houston. Ato contínuo os texanos pediram a unificação com os EUA e, em 1845, o Secretário de Estado John C. Calhoum e o Presidente John Tyler convenceram o Congresso norte-americano a aceitar a anexação do Texas. O Governo mexicano rompeu as relações políticas e comerciais com os norte-americanos.

O próximo objetivo dos imperialistas era a compra dos territórios do Novo México e Califórnia, o que permitiria o acesso aos portos do Pacífico e estender as fronteira até os milhares de norte-americanos que haviam se instalado na Califórnia. Mais tarde os mexicanos, defendendo seu território, atacam uma patrulha americana que invadira a margem Leste do Rio Grande.

Em 13.05.1846, os imperialistas norte-americanos aproveitam o incidente para acusar os vizinhos de derramarem "*sangue norte-americano em solo norte-americano*" e declaram Guerra ao México. O resultado não poderia ser mais catastrófico para os amigos latinos. No dia 02.02.1848, foi assinado o Tratado de Guadalupe Hidalgo no qual o México cedia, definitivamente, aos Estados Unidos da América, o Texas e a Califórnia e reconhecia o Rio Grande como a nova fronteira com o México.

Guerra Hispano-Americana

Os norte-americanos continuavam perseguindo a ideia de estender ainda mais suas fronteiras e forjaram um incidente com a Espanha para atingir o seu intento. Aproveitando um período de tensão entre os dois países, valeram-se do naufrágio do encouraçado USS Maine, no dia 15.02.1898, e ardilosamente culparam os espanhóis de sabotagem com a intenção de criar o clima necessário para fomentar a Guerra Hispano-Americana. Na realidade, a causa do naufrágio foi a combustão espontânea do carvão armazenado nos paióis de proa do USS Maine. Como consequência da Guerra, a Espanha cedeu Cuba, Porto Rico, Guam e as Filipinas aos Estados Unidos da América. Cuba logo se tornou um país independente, as Filipinas se tornaram independentes, em 1945, mas Porto Rico e Guam são, ainda hoje, territórios norte-americanos.

Novas Formas, Velhos Ardis

As pretéritas e vis manobras estrangeiras ganharam, nos dias de hoje, novas formas, de distintos matizes, empregando sutis ardis mascarados de apelos mais simpáticos à opinião pública, mas, certamente,

perseguindo com a mesma e tão característica "*força de um tufão*" o mesmo objetivo expansionista.

Existem mais de 3 milhões de hectares de terras na Amazônia Legal nas mãos de estrangeiros, totalizando uma cifra superior a 39 mil imóveis rurais. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) reconhece, porém, que só constam do seu cadastro os registros de imóveis que foram apresentados oficialmente por seus proprietários. A permissiva legislação brasileira aceita que os estrangeiros adquiram propriedades no País desde que aqui residam e apresentem a carteira de identidade ao escriturar a terra. Para as empresas estrangeiras, por sua vez, existe apenas a imposição de que tenham uma autorização para funcionar no País.

Não existe qualquer tipo de limitação para as dimensões dessas propriedades que ficam a critério dos Estados ou Municípios onde estão localizadas e sujeitas ao beneplácito de seus administradores muitas vezes corrompidos por polpudas propinas. A facilidade tem propiciado que tanto ambientalistas bem-intencionados (muito raros) como especuladores do setor madeireiro ou da biotecnologia adquiram grandes latifúndios na Amazônia comprando terras até mesmo pela Internet.

Essa procura gerou uma grande especulação fundiária prejudicando os investidores nacionais. Vamos citar, a título de exemplo, apenas um deles, o sueco Johan Eliasch, que teria comprado terras com a finalidade de preservá-las, mas que na verdade vinha dilapidando sistematicamente um patrimônio que é de todos os brasileiros e que os desgovernos Estaduais e Municipais corruptos e/ou alienados vêm entregando de bandeja aos espoliadores estrangeiros.

Correio Braziliense
BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 29 DE MARÇO DE 2006
Editor: João Cláudio Garcia // joao.garcia@correioweb.com.br
Subeditores: Sílvio Queiroz e Rodrigo Craveiro
fax: 3214-1155 • **e-mail:** mundo@correioweb.com.br
Tels. 3214-1195 • 3214-1197

ESPERO PODER COMPRAR NOVAS ÁREAS DA FLORESTA. PELOS MEUS CÁLCULOS, SERIAM NECESSÁRIOS US$ 50 BILHÕES PARA A TOTALIDADE DA AMAZÔNIA

Johan Eliasch, empresário sueco

AMAZÔNIA

Empresário sueco compra parte da floresta para preservá-la e afirma que outros milionários estão interessados. Mas a titularidade da área, equivalente a 16 mil campos de futebol, pode ser irregular

Calote ecológico

CLAUDIO DANTAS SEQUEIRA
DA EQUIPE DO **CORREIO**

MADEIREIRA EM ATIVIDADE NA FLORESTA AMAZÔNICA: EXECUTIVOS ESTRANGEIROS QUE ADQUIREM TERRENOS SÃO ENGANADOS POR TÍTULOS FALSOS OU DEMARCAÇÕES DE TERRA ERRADAS

A ambição de possuir uma floresta particular no coração da Amazônia brasileira levou o magnata sueco Johan Eliasch a negligenciar os riscos e fechar um amargo negócio de R$ 30 milhões, montante pago por 161 mil hectares de mata em Manicoré, ao norte do Rio Madeira. Uma área equivalente a 16 mil campos de futebol e cuja titularidade é investigada pela Superintendência do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) no estado do Amazonas. Produtor de cinema, diretor-executivo da empresa britânica de artigos esportivos Head e ambientalista nas horas vagas, Eliasch disse ao **Correio** que desconhecia os problemas legais quando adquiriu a propriedade do grupo americano GMO Renewable Resources.

"Antes de concretizar o negócio, falei com o governo do Amazonas, com seu secretário do Meio Ambiente (Virgílio Viana) e o ex-senador (Gilberto Miranda) Batista. Todos foram muito solícitos", conta. A reportagem apurou que o GMO era até poucos meses o controlador da Gethal Amazonas, então a maior madeireira em atividade na região, com 40,8 mil hectares de floresta de manejo. Mas Eliasch, que é vice-tesoureiro do Partido Conservador britânico e tem patrimônio estimado em R$ 1,3 bilhão, promete "não derrubar mais nenhuma árvore" e comprar novas áreas de floresta com o lucro da venda dos chamados créditos de carbono (**leia o Para Saber Mais**) ao Reino Unido — um dos maiores emissores de gases poluentes. A idéia, apelidada de "colonialismo verde", vem conquistando adeptos.

"Muita gente me procurou, demonstrando interesse nesse tipo de projeto. Acho que é algo muito importante, porque se não fizermos nada teremos problemas no futuro", afirma. O magnata, de 43 anos, calcula em US$ 50 bilhões o montante necessário para lotear o resto da Amazônia, e faz lobby junto a seguradoras para que o acompanhem, como disse ao diário britânico *The Sunday Times*. "Um furacão como o Katrina (que devastou o centro-sul dos EUA no ano passado) custaria às seguradoras uma quantia semelhante em indenizações", explica. Além de fazer campanha para que conservacionistas recebam créditos pela preservação de árvores, Eliasch tem convidado cientistas estrangeiros para pesquisar a fauna e a flora local.

Limites

Para o diretor do Programa Nacional de Florestas do Ministério do Meio Ambiente, Tasso Azevedo, a pretensão de Eliasch esbarra na Constituição. "É impossível comprar toda a Amazônia, pois só 25% são títulos privados. O resto está agora sob tutela da nova lei de gestão de florestas públicas", sancionada no início do mês. Azevedo disse ao **Correio** que o magnata sueco não é o único estrangeiro a comprar gato por lebre. "Um grupo chinês comprou 700 mil hectares e depois descobriu que eram 300 mil. Só que metade dessa área era reserva indígena e boa parte dos títulos não era legal", conta. Para ele, não há sentido em transformar "uma área florestal bem manejada em zona de proteção".

ONDE FICA

A região de Manicoré, onde o magnata sueco Johan Eliasch adquiriu um pedaço da floresta, é cenário de diversas negociações ilegais de terrenos

Além disso, o Protocolo de Kyoto "não prevê um mecanismo de comércio de carbono com florestas naturais", apenas para área de replantio. "Ele pode conseguir que lhe paguem para manter a floresta em pé, mas estará congelando uma área que poderia gerar benefícios para a comunidade local. Vender a intocabilidade não é a solução", adverte.

Carlos Rittl, coordenador da campanha de clima do Greenpeace, apóia iniciativas individuais na conservação de florestas — onde há um déficit de recursos de US$ 25 bilhões por ano —, mas alerta para a segurança. "A compra não garante a preservação. Quem vai fiscalizar uma floresta de 160 mil hectares?", questiona.

Democracia

A Gethal, uma das poucas madeireiras no Amazonas a ostentar o selo do FSC (Conselho de Manejo Florestal), sofreu com o arrocho aplicado pelo Ibama a partir de 2002, quando apenas empresas com títulos regulares passaram a ter seus planos de manejo aprovados. No final de 2005, anunciou a demissão de 400 funcionários e fechou as portas. Suas terras são alvo de três processos em análise no departamento jurídico do Incra/AM, sendo um deles de reconhecimento de título e outro de regularização fundiária.

O município de Manicoré, no sul do estado do Amazonas, onde Eliasch pagou pelo terreno, é considerado "sensível" pelo Incra. "Existem centenas de títulos expedidos de maneira ilegal e outros com área alterada indevidamente. Muita gente negocia de má-fé", diz um funcionário do Incra que pediu anonimato. Ele ressalta que grileiros e fazendeiros tentam expulsar as comunidades locais para vender as terras, e lembra o assassinato do líder comunitário Gideão Rodrigues da Silva, no último dia 26 de fevereiro, no acampamento Nova Esperança, em Lábria — região vizinha a Manicoré. "Na propriedade da Gethal vive a comunidade Democracia, que ganha dinheiro com a extração da castanha-do-Pará. O sueco vai expulsá-los de lá?".

PARA SABER MAIS

Carbono valioso

O mercado de créditos de carbono foi inserido no Protocolo de Kyoto em 1997. O processo busca contribuir na redução do lançamento de poluentes — dióxido de carbono, metano, óxido de nitrogênio e clorofluorcarbono — na atmosfera. Os créditos são certificados que países em desenvolvimento, como Brasil, China e Índia, podem emitir para cada tonelada de poluentes que deixar de ser emitida ou que for retirada do ar.

Por sua vez, os países industrializados compram o direito de poluir, investindo em projetos de reflorestamento, energia limpa ou seqüestro de carbono. Dessa forma, ajudam a limpar a atmosfera em nações que auxiliam no agravamento do efeito estufa. Quem emite menos carbono tem um crédito que pode ser adquirido por quem emita mais.

Através dos créditos de carbono, os países mais ricos também têm mais chances de cumprir as metas estabelecidas pelo Protocolo de Kyoto, sem contudo deixar de emitir os gases. No mercado internacional, o preço da tonelada de gás carbônico varia de US$ 3 a US$ 5. Segundo estudos da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o setor tem potencial de movimentação de US$ 3,5 bilhões por ano na América Latina.

ENTREVISTA// **JOHAN ELIASCH**

Magnata diz que não é colonizador

Johan Eliasch se considera um homem de sorte por ser dono de uma parte considerável da Amazônia, mas não quer ser comparado aos "colonizadores verdes" — milionários que exploram grandes florestas em países subdesenvolvidos. "Sou exatamente o oposto. Não estou aqui para explorar a floresta, mas para preservá-la", explicou ao **Correio** *por telefone. De passagem por São Paulo, onde tem uma distribuidora de filmes, ele contou ter recebido telefonemas de outros milionários interessados em "conquistar" o paraíso amazônico.*

Como proprietário de uma floresta de 160 mil hectares na Amazônia, quais são seus planos?

A idéia é preservar a floresta, não cortar nenhuma árvore. Não concordo com a classificação de "colonialista verde", como o jornal *Sunday Times* publicou. Estou fazendo o contrário do colonialismo. Comprei essa área para preservar, não para explorar a floresta e as pessoas. Sou o oposto do colonizador e minha filosofia é simples: se não fizermos algo agora, teremos de pagar um alto preço depois. A questão climática é um problema urgente.

Quanto o senhor pagou pela área?

Comprei a propriedade de um investidor particular que a tinha adquirido de uma madeireira, mas parece que deixou de cumprir os acordos que deveria... Não gostaria de falar do preço. Mas posso dizer que depois da notícia do *Sunday Times* muita gente me procurou, demonstrando interesse nesse tipo de projeto.

Para os brasileiros, a Amazônia é uma riqueza nacional sem preço, e a titularidade dessas terras está sendo questionada na Justiça...

Antes de concretizar o negócio tive garantias. Falei com o governo do Amazonas, com seu secretário do Meio Ambiente (Virgílio Viana) e o ex-senador (Gilberto Miranda) Batista. Sobre a proteção do meio ambiente, está claro que nada foi feito até agora. A preservação de florestas maduras, como a Amazônia, é essencial para impedir o aquecimento global. Florestas maduras retêm mais o gás carbônico e são potenciais geradoras de créditos de carbono, como prevê o Protocolo de Kyoto. Não cabe a mim dizer o que o governo do Brasil deve fazer, mas ele poderia usar esses créditos para abater sua dívida externa.

O senhor espera ter lucro com a venda desses créditos?

Sim. E espero poder comprar novas áreas da floresta. Pelos meus cálculos, seriam necessários US$ 50 bilhões para a totalidade da Amazônia. Além disso, conversei com um executivo de uma das maiores seguradoras do mundo e ele me contou que o setor perde cerca de US$ 150 bilhões por ano com os furacões. Há uma relação direta entre corte de árvores e aquecimento global. Se seguradoras comprassem pedaços da Amazônia, o retorno seria rápido pelo impacto que isso teria na incidência de furacões, como o Katrina. (CDS)

Imagem 29 – Correio Braziliense, n° 15.655

Johan Eliasch

O milionário sueco Johan Eliasch nasceu em fevereiro de 1962, em Estocolmo, e tem seu escritório baseado em Londres. Bacharel em economia, mestre em engenharia pelo Instituto Real de Tecnologia da Suécia, foi assessor especial do Primeiro-ministro britânico para assuntos relativos ao meio ambiente, Presidente do Conselho Administrativo da Head N. V. (fabricante de artigos esportivos), banqueiro, produtor de filmes, patrono da Universidade de Estocolmo, Vice-Presidente da ONG Cool Earth e maior comprador de terras da Amazônia Brasileira.

A Cool Earth está sob investigação da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN). Em 2005, Johan Eliasch adquiriu, da Gethal, uma madeireira brasileira extinta que operava no Município de Itacoatiara e Manicoré, 400.000 acres (1.600 km²) de terras, uma área maior do que a Cidade de São Paulo.

Correio Braziliense, n° 15.700

Brasília, DF Domingo, 14.05.2006

As Árvores, os Árabes, as Palavras e o Tempo

"Quando eu era Adolescente, Usava a Palavra Colonialismo com Muita Segurança de seu Significado. Hoje, a Nova Expressão Revela o Paradoxo. É Verde, Mas é Colonialista. Um Colonialismo Humilhante, com Boas Intenções"

8 • Brasília, domingo, 14 de maio de 2006 • Correio Braziliense

CADERNO C

ANA MIRANDA

// www.anamirandaliteratura.hpgvip.com.br //

As árvores, os árabes, as palavras e o tempo

"QUANDO EU ERA ADOLESCENTE, USAVA A PALAVRA COLONIALISMO COM MUITA SEGURANÇA DE SEU SIGNIFICADO. HOJE, A NOVA EXPRESSÃO REVELA O PARADOXO. É VERDE, MAS É COLONIALISTA. UM COLONIALISMO HUMILHANTE, COM BOAS INTENÇÕES"

Deu no jornal londrino *The Sunday Times*: o milionário Johan Eliasch resolve passar o fim de semana em sua casa de campo. Após deixar o escritório, no elegante bairro de Mayfair, voa por 12 horas sobre dois continentes e um oceano, aterriza em Manaus, toma um pequeno avião, sobrevoa matas que parecem intermináveis, desce numa pista de terra em meio a frondosas árvores, toma um carro que o espera e percorre mais uma boa distância por estradas enlameadas, até chegar à sua propriedade: um terreno do tamanho de Londres, mais de 160 mil hectares em pleno coração da Floresta Amazônica. Comprou-o por US$ 14 milhões, o preço de uma ou duas daquelas mansões em South Ken, que estão sendo adquiridas pelos árabes do petróleo.

Eliasch tem 43 anos, possui um banco, dirige uma grande empresa de equipamentos esportivos e é produtor de cinema. Além disso, é um novo tipo de colonizador. Faz parte das altas esferas do Partido Conservador, ou conservacionista, em que cada vez mais se adota uma tendência ao que eles chamam de colonialismo verde. O colonialismo verde consiste na compra ou no arrendamento de vastas porções de florestas ameaçadas, localizadas nos países pobres ou em desenvolvimento. A intenção é proteger as árvores, os animais, a vida selvagem, enfim. É uma grande mudança em relação aos métodos conservacionistas usados nas últimas décadas, voltados para a idéia de convencer os governos desses países a decretarem áreas de preservação, criando parques ou reservas. Os colonialistas verdes

perceberam que esses parques ou reservas eram relegados ao abandono e decidiram tornar-se donos das florestas, tomando para si a responsabilidade da preservação. Fora isso, convidam cientistas de diversas áreas para estudarem a vida selvagem, especialmente as plantas medicinais; formam e guardam acervos de conhecimento das espécies. A mais visada pelos colonialistas verdes, claro, é a Floresta Amazônica. "A Amazônia fornece 20% do oxigênio e 30% da água do nosso planeta", argumenta Eliasch.

Para comprar toda a Amazônia, ele calcula que seriam necessários US$ 50 bilhões. Mais um tanto para preservá-la e prevenir as mudanças climáticas que podem estar provocando desastres. Eliasch tem apenas US$ 620 milhões. O prejuízo de uma catástrofe como a do furacão Katrina, só em indenizações, é por volta dos mesmos US$ 50 bilhões. Assim, Eliasch tenta convencer as companhias seguradoras a comprarem territórios amazônicos e impedirem o corte e a queima da floresta. Eliasch também coordena uma campanha para que os conservacionistas recebam bônus a cada árvore preservada, assim como os que são pagos a madeireiros que plantam mudas a cada árvore abatida. Ele pretende, com o dinheiro arrecadado, comprar novas florestas.

Quando eu era adolescente, em Brasília, usava a palavra colonialismo com muita segurança de seu significado. Hoje, a nova expressão revela o paradoxo. É verde, mas é colonialista. Um colonialismo humilhante, com boas intenções. E o que era, mesmo, conservador?

// ANA MIRANDA ESCREVE QUINZENALMENTE NESTE ESPAÇO //

Imagem 30 – Correio Braziliense, n° 15.700

Deu no Jornal londrino "*The Sunday Times*": o milionário Johan Eliasch resolve passar o fim de semana em sua casa de campo. Após deixar o escritório, no elegante bairro de Mayfair, voa por 12 horas sobre dois continentes e um oceano, aterriza em Manaus, toma um pequeno avião, sobrevoa matas que parecem intermináveis, desce numa pista de terra em meio a frondosas árvores, toma um carro que o espera e percorre mais uma boa distância por estradas enlameadas, até chegar à sua propriedade um terreno do tamanho de Londres, mais de 160 mil hectares em pleno coração da Floresta Amazônica.

Comprou-o por US$ 14 milhões, o preço de uma ou duas daquelas mansões em South Ken, que estão sendo adquiridas pelos árabes do petróleo. Eliasch tem 43 anos, possui um banco, dirige uma grande empresa de equipamentos esportivos e é produtor de cinema. Além disso, é um novo tipo de colonizador.

Faz parte das altas esferas do Partido Conservador, ou conservacionista, em que cada vez mais se adota uma tendência ao que eles chamam de colonialismo verde. O colonialismo verde consiste na compra ou no arrendamento de vastas porções de florestas ameaçadas, localizadas nos países pobres ou em desencolhimento. A intenção é proteger as árvores, e animais, a vida selvagem, enfim. É uma grande mudança em relação aos métodos conservacionistas usados nas últimas décadas, voltados para a ideia de convencer os governos desses países a decretarem áreas de preservação criando parques ou reservas.

Os colonialistas verdes perceberam que esses parques ou reservas eram relegados ao abandono e decidiram tomar-se donos das florestas, tomando para si a responsabilidade da preservação. Fora isso, convidam cientistas de diversas áreas para estudarem a vida selvagem, especialmente as plantas medicinais; formam e guardam acervos de conhecimento das espécies. A mais visada pelos colonialistas verdes, claro, é a Floresta Amazônica. "*A Amazônia fornece 20% do oxigênio* ([85]) *e 30 % da água do nosso planeta*", argumenta Eliasch.

---

[85] Pulmão do mundo: No que você pensa ao ouvir essa expressão? Ora, só dá para imaginar que a Amazônia é a maior produtora mundial do oxigênio que mantém a Terra viva! Acontece que essa história de "*pulmão do mundo*" é uma enorme bobagem. Na verdade, são as algas marinhas que fazem a maior parte desse trabalho – elas jogam na atmosfera quase 55% de todo o oxigênio produzido no planeta. E mais: florestas como a Amazônia, segundo os cientistas, são ambientes em clímax ecológico. Isso quer dizer que elas consomem todo – ou quase todo – o oxigênio que produzem. As estimativas variam, mas todas indicam que a parcela de oxigênio excedente fornecida pela Amazônia para o mundo é bem pequena. Talvez ela nem exista! É que, além de produzir oxigênio na fotossíntese [enquanto sequestram gás carbônico da atmosfera e o transformam em matéria-prima para galhos e folhas], as árvores também respiram – consumindo oxigênio e liberando gás carbônico. No fim, a relação produção/consumo tende a ficar no empate. (Super Interessante, 31.10.2016)

Para comprar toda a Amazônia, ele calcula que seriam necessários US$ 50 bilhões. Mais um tanto para preservá-la e prevenir as mudanças climáticas que podem estar provocando desastres. Eliasch tem apenas US$ 620 milhões. O prejuízo de uma catástrofe como a do furacão Katrina, só em indenizações, é por volta dos mesmos US$ 50 bilhões. Assim, Eliasch tenta convencer as companhias seguradoras a comprarem territórios amazônicos e impedirem o corte e a queima da floresta.

Eliasch também coordena uma campanha para que os conservacionistas recebam bônus a cada árvore preservada, assim como os que são pagos a madeireiros que plantam mudas a cada árvore abatida. Ele pretende, com o dinheiro arrecadado, comprar novas florestas.

Quando eu era adolescente, em Brasília, usava a palavra colonialismo com muita segurança de seu significado. Hoje, a nova expressão revela o paradoxo. É verde, mas é colonialista. Um colonialismo humilhante, com boas intenções. E o que era, mesmo, conservador? (CB, n° 15.700)

"Gosto de Árvores, Floresta"

(G1, SP, 06.06.2006 – com Informações do Fantástico)

Diz maior comprador de terras na Amazônia. A ONG dirigida pelo empresário sueco é investigada pelo Governo Federal. Ele diz que está apenas "*tentando ajudar a proteger a Floresta Amazônica*". [...] Em Londres, Johan Eliasch foi entrevistado pelo "*Fantástico*". Confira trechos da entrevista. [...]

Fantástico: É certo dizer que o senhor está comprando a Amazônia, um pedacinho de cada vez? [...]

Fantástico: Quantos hectares?

Eliasch: No total, cerca de 160 mil hectares. [...]

Fantástico: O que pretende fazer com essas terras?

Eliasch: Garantir que não haverá extração ilegal de madeira, que as áreas ficarão livres disso e também para desenvolver o local de maneira sustentável. Eu quero permitir à comunidade local fazer coleta de castanhas de graça. Eu criei meios de subsistência nessas áreas.

Fantástico: O senhor pretende comprar mais terras na Amazônia?

Eliasch: Eu não pretendo comprar mais terras do que eu já tenho. [...]

Agência Brasil
Brasília, DF – Sexta-feira, 06.06.2008

O "Bom" Sueco
IBAMA Multa Madeireira de Sueco Dono de Terras na Amazônia em R$ 381 Milhões

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis multou em R$ 381 milhões a madeireira Gethal Amazonas S. A., do sueco J. Eliasch, investigado pela Agência Brasileira de Inteligência por suspeita de irregularidades na compra de terras na Amazônia. [...]

A principal multa, segundo o órgão, refere-se à extração, transporte e comércio de cerca de 700 mil metros cúbicos de madeira – o equivalente a 230 mil árvores – em desacordo com a legislação ambiental brasileira. Além da multa, o IBAMA determinou o embargo federal nas áreas do plano de manejo da empresa. [...] (AB, 06.06.2008)

A10 | JB PAÍS | Jornal do Brasil
Sexta-feira, 13 de fevereiro de 2009 | Segunda edição

RECADASTRAMENTO

Governo vai expulsar ONGs suspeitas do país

Entidade britânica aparece entre as irregulares

Imagem 31 – Jornal do Brasil, n° 310, 13.02.2009

Jornal do Brasil, n° 310
Brasília, DF – Sexta-feira, 13.02.2009

Recadastramento – Governo vai Expulsar ONGs Suspeitas do País

Entidade Britânica Aparece Entre as Irregulares
(Vasconcelos Quadros – Brasília)

Suspeita de incentivar estrangeiros a comprar terras na Amazônia pela internet, a organização não-governamental Cool Earth – controlada pelo polêmico milionário sueco Johan Eliasch – deverá ser expulsa do país junto com outras 106 entidades estrangeiras que deixaram de se recadastrar no Ministério da Justiça. Apontada em levantamento da Agência Brasileira de Inteligência [Abin], a ONG está sendo investigada pela Polícia Federal por supostas irregularidades na compra de 160 mil hectares de terra no estado do Amazonas. Eliasch, que se notabilizou como conselheiro do primeiro-ministro britânico Gordon Brown, irritou o governo brasileiro ao sugerir que se outros empresários europeus seguissem seu exemplo, a Amazônia poderia ser comprada por US$ 50 bilhões.

O secretário Nacional de Justiça, Romeu Tuma Jr., disse ontem que o novo cadastro, cujo prazo se encerrou no dia 2 de fevereiro, traz como novidade uma depuração radical no quadro de ONGs estrangeiras que atuavam no Brasil. Das 170 que estavam registradas no ano passado, apenas 63 se apresentaram ao Ministério da Justiça ou encaminharam à documentação pelo correio. E o mais estranho: nenhuma das que estavam sediadas na região Norte se recadastraram. As entidades que receberão autorização do Ministério da Justiça para funcionar em áreas indígenas e ambientais ficarão obrigadas a partir de agora a prestar contas sobre o trabalho que desenvolvem na região.

> – O governo não está criminalizando as ONGs estrangeiras, mas pondo ordem na casa. A Amazônia agora terá porta e porteiro – disse o secretário ao criticar os ambientalistas internacionais cujo discurso de preservação se fundamentava no argumento de que a região era terra sem dono. Embora ainda não tenha um levantamento completo sobre as razões das desistências, Tuma Júnior acha que boa parte das 107 entidades que deixaram de se recadastrar estavam atuando de maneira irregular junto às comunidades indígenas ou na preservação do meio ambiente.

As denúncias que chegaram ao Ministério da Justiça e que motivaram as investigações apontavam que muitas entidade estavam impondo rituais religiosos estranhos à cultura de tribos amazônicas. Outras, sob o pretexto de defender o meio ambiente, promoviam a biopirataria, desviando para fora do país recursos naturais como ervas medicinais e minério de valor estratégico.

Num outro grupo estão as entidades estrangeiras que adquiriram grandes extensões de terras a pretexto de proteger a floresta. Segundo o Ministério da Justiça, esse era ocaso da Cool Earth.

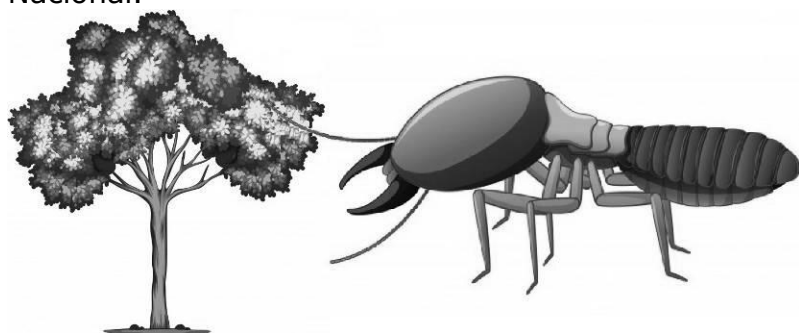
As investigações em curso e o processo de regularização fundiária da região, apelidado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário [MDA] como Terra Legal, vão apurar as condições em que o empresário Johan Eliasch adquiriu os 160 mil hectares nos municípios de Itacoatiara e Manicoré, no Amazonas. O limite do módulo fiscal na região é de, no máximo, 2.500 hectares. Acima disso, só com autorização do Congresso Nacional. Mesmo as entidades que pediram o registro dentro do prazo passarão por uma filtragem antes de receber autorização para atuar em áreas indígenas ou reservas ambientais. (JB, N° 310)

PLS 126/09 e PLC 302/09

Agência Senado – 27.08.2010

[...] O projeto de João Pedro muda a lei assinada pelo então presidente Emílio Médici para determinar que, na Amazônia, estrangeiros não poderão ser proprietários de áreas rurais que, somadas, ultrapassem um décimo da superfície do município onde estão situadas. A legislação hoje em vigor fixa em 25% o limite máximo de terra rural em um município que pode estar sob propriedade de estrangeiros. Outra mudança proposta por João Pedro diz respeito ao poder de autorizar vendas de terras que ultrapassem os limites fixados na legislação. A Lei 5.709/1971 concede esse poder ao Presidente da República, mediante decreto, mas o senador quer que tal autorização seja responsabilidade do Congresso Nacional. O parlamentar argumenta que as mudanças sugeridas por ele são necessárias para conter o avanço da venda de terras brasileiras a estrangeiros ou a empresas por eles controladas. Na opinião de João Pedro, o Estado brasileiro tem falhado nas medidas para assegurar a soberania na Amazônia, cabendo "*às Casas do Poder Legislativo boa parcela da responsabilidade por essa falta*".

“*As recentes notícias sobre furtivas aquisições de imensas áreas rurais na região amazônica por estrangeiros chamaram a atenção dos brasileiros para a violação da soberania do país que essa espécie de transação poderia promover em um futuro não muito distante*”, diz João Pedro, na justificação do projeto.

O projeto da Câmara também restringe o acesso a terras na Amazônia. Ele propõe que seja vedada a estrangeiros não residentes e a empresas estrangeiras instaladas há menos de 10 anos a posse ou propriedade de imóvel rural com área superior a 15 módulos fiscais Módulo fiscal é uma unidade de medida expressa em hectares, fixada para cada município, conforme normas definidas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária [INCRA] [...]. Para determinar as dimensões de um módulo fiscal, considera-se, entre outros aspectos, o tipo de exploração predominante no município e a renda obtida com a exploração predominante. É usado como parâmetro para classificação do imóvel rural quanto à sua dimensão, definindo os limites para classificação de pequena, média e grande propriedade, na Amazônia Legal. O texto também determina que poderá ser permitida a expansão dessas áreas, desde que o imóvel original esteja cumprindo sua função social, conforme laudo emitido pelo órgão fundiário federal, após ouvido o Conselho de Defesa Nacional.

O Caçador de Esmeraldas
(Olavo Bilac)

IV

[...] Nesse louco vagar, nessa marcha perdida,
Tu foste, como o Sol, uma fonte de vida!
Cada passada tua era um caminho aberto!
Cada pouso mudado, uma nova conquista!
E enquanto ias, sonhando o teu sonho egoísta,
Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!

Morre! tu viverás nas estradas que abriste!
Teu nome rolará no largo choro triste
Da água do Guaicuí... Morre Conquistador!
Viverás quando, feito em seiva o sangue, aos ares
Subires, e, nutrindo uma árvore, cantares
Numa ramada verde entre um ninho e uma flor!

Morre! germinarão as sagradas sementes
Das gotas de suor, das lágrimas ardentes!
Hão de frutificar as fomes e as vigílias!
E um dia povoada a terra em que te deitas,
Quando, aos beijos do Sol, sobrarem as colheitas,
Quando, aos beijos do amor, crescerem as famílias,

Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas ([86]),
No esto ([87]) da multidão, no tumultuar das ruas,
No clamor do trabalho e nos hinos da paz!
E, subjugando o olvido, através das idades.
Violador de sertões, plantador de cidades,
Dentro do coração da Pátria viverás! [...]

---

[86] Charruas: lavouras.
[87] Esto: entusiasmo.

Rio Uatumã

Rio Uatumã, afluente da margem Setentrional do Rio Amazonas, tem instalada em seu leito a Usina Hidrelétrica de Balbina. Seu curso de 295 km é navegável até a usina de Balbina. Sua nascente se localiza na divisa dos estados do Amazonas e de Roraima, no maciço das Guianas.

Tive a oportunidade, nos idos de 1982-1983, de acompanhar de perto o início da construção de Balbina. É muito fácil se condenar a construção de uma Usina com capacidade de 250 MW e uma Área Alagada de 2.400 km², enquanto a de Itaipu gera 14.000 MW e alagou de 1.350 km², sem levar em conta o contexto socioeconômico. Balbina se legitima tendo em vista o aumento significativo da demanda de energia elétrica na Cidade de Manaus, propiciado pela criação da Zona Franca que recebia incentivos não só ao comércio, mas à indústria e à agropecuária.

Até 1984, o Distrito Industrial da Zona Franca, durante quase duas décadas, atraiu mais de duzentas indústrias estimulando a migração da população rural da região Norte do país em busca de melhores oportunidades de trabalho. Na época, toda a energia de Manaus era produzida por geradores termoelétricos que consumiam 3 milhões de barris/ano de petróleo, situação que determinava a necessidade da ampliação de fontes energéticas no Estado, forçando o Governo Federal a executar o Projeto Balbina.

Para se ter uma ideia do momento histórico, devemos, também, considerar que, na década de setenta, ocorreram duas grandes crises que aumentaram significativamente o preço do petróleo, forçando os países

emergentes a procurarem alternativas urgentes para a geração de energia. Uma delas foi a de 1973, na qual os países árabes produtores de petróleo, membros da OPEP, aumentaram o preço do petróleo em mais de 300% em sinal de protesto ao apoio prestado pelos Estados Unidos a Israel durante a Guerra do Yom Kippur.

A outra foi em decorrência da crise política no Irã que depôs o Xá Reza Pahlevi e provocou um colapso no setor produtivo iraniano, fazendo os preços aumentarem em mais de 1.000%. Logo depois da Revolução Iraniana, teve início a Guerra Irã-Iraque fazendo novamente o preço disparar tendo em vista a abrupta diminuição da produção de dois dos maiores produtores mundiais.

Usina Hidrelétrica – Balbina
(Ministério das Minas e Energia)

> Em 1981, a Eletronorte iniciou a construção da Usina Hidrelétrica Balbina, localizada no Rio Uatumã, no Município de Presidente Figueiredo [AM]. Projetada para suprir, rapidamente, a demanda de energia que Manaus precisava para crescer, Balbina entrou em operação em 1989 e, um ano depois, já estava operando com sua capacidade total – 250 Megawatts, instalada em cinco unidades geradoras de 50 MW. [...]
>
> Sua geração representa cerca de 50% da energia consumida pela Cidade e, nesse período, houve uma economia de aproximadamente R$ 1,5 bilhão com derivados de petróleo, antes adquiridos para utilização no parque termelétrico, o que representa quase o dobro de todo o investimento realizado na construção da usina.

1. CPPMA

Inaugurado em 1985, o Centro de Preservação e Proteção de Mamíferos Aquáticos [CPPMA] vem desenvolvendo, em parceria com o IBAMA, um programa que visa à criação e à conservação de mamíferos aquáticos, como peixe-boi, boto vermelho, tucuxi, ariranha e lontra. [...] O Centro é formado por três grandes tanques para peixes-boi ou botos, oito tanques para filhotes e três recintos para ariranhas ou lontras, além de laboratórios, escritório, sala de exposição e de atendimento a visitantes.

2. CPPQA

Entre os anos de 1985 a 1987, levantamentos de fauna desenvolvidos por pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia [INPA] em convênio com a Eletronorte, visando gerar informações sobre ecologia e medidas de controle ambiental na região do reservatório e áreas de influência da UHE Balbina, vieram a subsidiar o resgate e aproveitamento científico da fauna e ações de conservação das espécies ocorrentes. [...] São dois tanques circulares destinados à manutenção, desova e crescimento de filhotes de tartarugas [**C**entro de **P**reservação e **P**esquisa de **Q**uelônios **A**quáticos – CPPQA]. Um dos viveiros é provido de praias artificiais e mantém animais adultos; no outro, são mantidos os lotes de filhotes para os experimentos.

3. Programa Waimiri-Atroari

Como compensação por haver atingido parte das terras e duas aldeias dos índios Waimiri Atroari, a Eletronorte participou da criação e promoveu a demarcação daquela terra indígena, que possui 2,5 milhões de hectares.

Além disso, por um prazo de 25 anos, financia, em convênio com a Fundação Nacional do índio, FUNAI, o Programa Indígena Waimiri Atroari, com ações voltadas para educação, saúde, produção e proteção do meio ambiente e de seu território. Considerado modelo em gestão de áreas indígenas no País e reconhecido internacionalmente, o Programa levou a um crescimento populacional de 7% ao ano e, hoje, a população dos Waimiri Atroari é de mais de 800 índios – antes de 1986 eles eram 374.

Todas as suas práticas culturais e sua dignidade como povo indígena foram resgatadas. Na área da educação, 40% da população Waimiri Atroari está alfabetizada e o restante encontra-se em processo de alfabetização em 17 escolas com 26 professores indígenas. Na área da saúde, não há registro de doenças imunopreveníveis nos últimos oito anos, em função da vacinação de 100% da população. (Ministério das Minas e Energia)

Relatos Pretéritos – Rio Uatumã

José Monteiro de Noronha (1768)

70. Da saída superior de Cararaucu costeia-se ao Norte até o Rio Uatumã por espaço de quatro léguas. Neste Rio houve uma Aldeia de índios missionados pelos religiosos Mercedários, os quais passaram para a Vila de Silves. Presentemente ainda é habitado dos índios das nações Aruaque, Terecumã, Sedeuy, Paraqui, e outras e nele tem-se achado, e colhido muito pau cravo. (NORONHA)

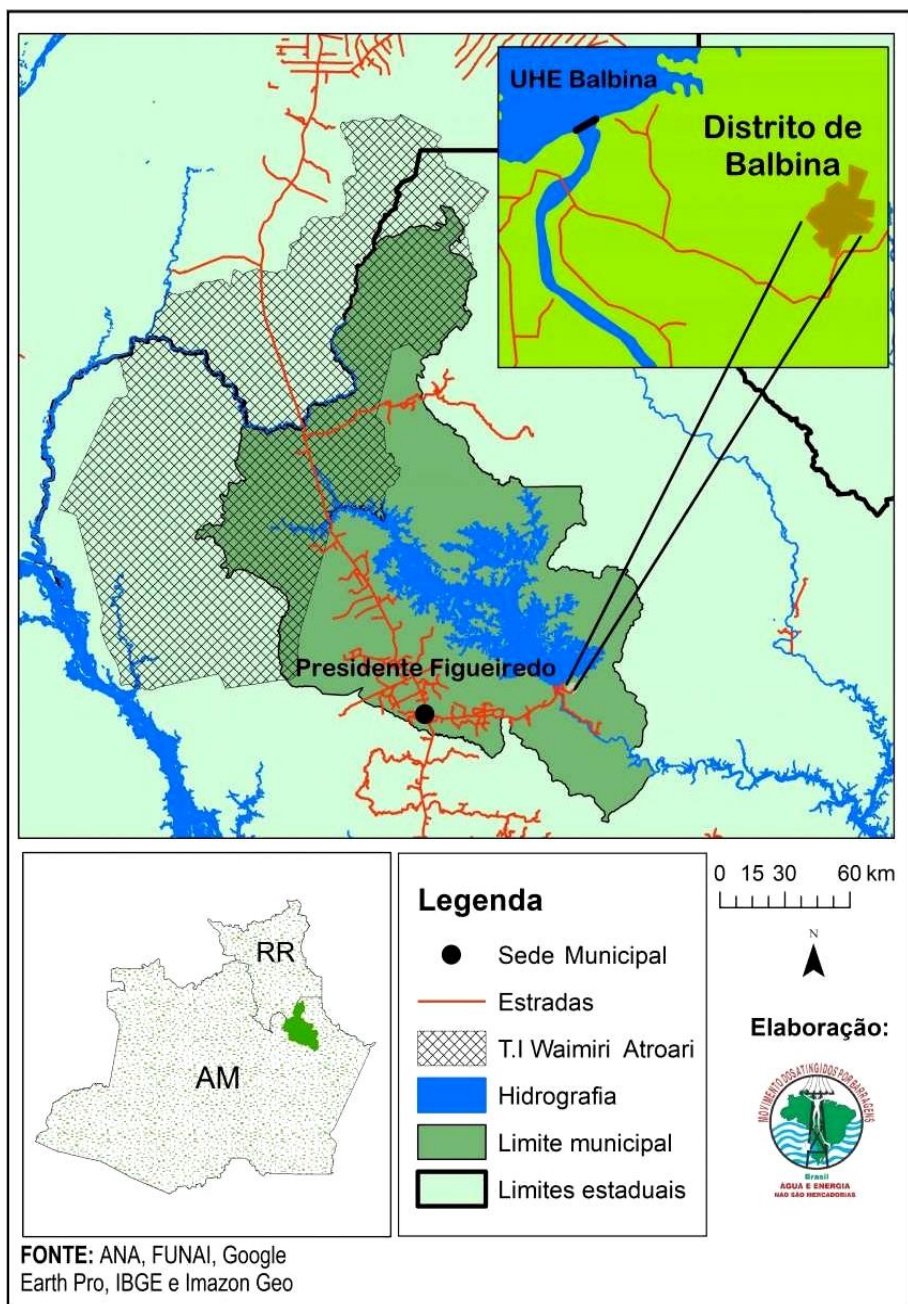



Imagem 32 – Usina Hidrelétrica de Balbina

Imagem 33 – Hidrelétrica de Balbina (Blogflorestando)

Imagem 34 – Hidrelétrica de Balbina (Blogflorestando)

Itacoatiara/Parintins

Boi Mais Querido
(Boi Garantido)

Ê, vem brincar no meu boi Bumbá
Ê, essa dança não pode parar
Ê, vem pro boi mais querido
Querem saber o seu nome eu digo
É meu boi Garantido

Partida para o Paraná do Panumã (02.12.2011)

Tive de retardar, em um dia, minha saída de Itacoatiara em virtude de forte gripe. O antibiótico começava a fazer efeito, mas eu ainda estava muito abatido para enfrentar o Rio-Mar. Na véspera da partida, acertei as contas do Hotel e dormi a bordo do B/M Piquiatuba, felizmente a chuva torrencial, que caiu a noite toda e só parou por volta da 03h30, afastou os ruidosos e mal-educados populares que infestam a região portuária.

Consegui dormir relativamente bem, mas ainda preocupado com a possibilidade de a influenza afetar meu desempenho. Parti por volta das 05h00 depois de engolir uma mistura energética preparada pelo Coronel Teixeira. Como estava muito escuro, fui margeando a orla da Cidade me guiando pelas luzes dos barcos.

Havia decidido, seguindo a orientação do Mário, percorrer o Paraná do Serpa, ao Norte da Ilha do Risco, visando encurtar o trajeto e procurando compensar o dia de atraso de minha partida. No planejamento anterior, eu iria passar ao Sul da Ilha e pernoitar em Barreiras Vermelhas. A navegação transcorreu sem alteração até o Sol surgir no horizonte.

Navegar à noite é sempre uma experiência singular desde que o céu esteja limpo e estrelado, o que não era o caso. Tinha estacionado para me hidratar, sem aportar, na altura da Ilha do Pai Tomaz quando dois movimentos fortes sob as águas a Bombordo e a Boreste me assustaram. Mais uma vez um amigável Boto Vermelho viera me saudar. Segundo a equipe de apoio, a bordo do Piquiatuba, ele viera me seguindo desde que eu entrara no Paraná, mais adiante senti, novamente, uma nova agitação aquática proporcionada pelo silente amigo. Desde que iniciei minhas descidas pelos amazônicos caudais, os golfinhos de Rio, Botos Tucuxis e Botos Vermelhos, proporcionaram-me momentos mágicos e meus parceiros resolveram me apelidar de "*Encantador de Botos*".

Passei ao Sul da Ilha do Mutum na saída do Paraná e apontei a proa diretamente para a ponta de montante da Ilha Panumã. Uma nuvem carregada, ao Sul da Ilha, logo se transformou em chuva que conseguimos habilmente contornar, aportei num grande areal e avisei a equipe de apoio que desembarcasse para esticar as pernas. Depois da revigorante parada, contornamos a Ilha para procurar um local que permitisse a atracagem do B/M Piquiatuba no Paraná Panumã. Depois de estacionados e cumpridos os procedimentos de praxe, tivemos como prato principal os peixes capturados durante o trajeto. A fartura da pesca nos fez optar por consumir o pescado diariamente em ambas as refeições.

À noite, a esposa do Teixeira, a Juliana, que é enfermeira, me proporcionou uma saudável e relaxante massagem (Reiki) descobrindo e eliminando, nas minhas costas, diversos pontos de contratura.

Partida para a Ponta Grossa (03.12.2011)

Alvorada às 04h45, tomei o energético preparado pelo Teixeira e as 05h00 estava remando mais uma vez. Logo na partida um soturno coral de Guaribas anunciava o alvorecer e um cortejo de mais de 15 alegres Botos Tucuxis me acompanhou por mais de 40 minutos. Um casal com dois pequenos filhotes evoluía bem próximo ao caiaque e as pequenas crias saltavam tirando todo o corpo da água. Fiz uma única parada nas proximidades da Ponta da Ressaca e, ao voltar para a água, apontei para uma grande antena localizada na Cidade de Urucurituba. Navegando no talvegue, cheguei aos 14 km/h mas, nas proximidades de Urucurituba, tivemos de desviar para a margem esquerda, aguardando a passagem de um grande navio de carga. A chuva chegou fria e inclemente, acompanhada de um forte vento de proa, travando meu deslocamento e exigindo mais força para vencer as ondas que se formavam.

Chegamos por volta das 11h30, na Ponta dos Mundurucus, depois de remar 62 km (06h30 de deslocamento), e a chuva que nos acompanhou desde Urucurituba parou imediatamente.

Os ribeirinhos souberam que tínhamos uma enfermeira a bordo, a Ana. O líder da comunidade, senhor Sebastião, procurou-a com um ferimento no membro inferior provocado por uma pirarara apresentando dor e edema no local do ferimento. Depois do ferimento limpo e medicado e orientado a respeito dos procedimentos a serem adotados, o líder nos contagiou com seus relatos. Sebastião é originário de Urucará e veio para Ponta Grossa (Ponta dos Mundurucus), há trinta anos, a passeio e aqui reside desde então.

A Comunidade possui uma Igreja em homenagem a Nossa Senhora da Boa Saúde, cuja festa é realizada em 16 de fevereiro, depois da novena em louvor à Santa. Os atendimentos médicos são realizados em Uricará, a 4 horas de barco, e a imunização é feita pelos agentes de saúde. Segundo Sebastião, o agente de saúde residente elabora relatórios falsos sobre os programas de saúde comunitários.

Sebastião divide seu dia a dia entre o entreposto de combustível, as plantações, onde cultiva milho, macaxeira, coco, banana, graviola e a venda de cacau e cupuaçu "*in natura*". A localidade fica a Sudoeste da Ilha das Garças que pertence à marinha e Sebastião a usa para a criação de gado.

Sebastião relatou o caso de um Jacaré-açu de quase três metros que abalroou sua embarcação virando-a, fazendo-o perder todos os peixes. Ele conseguiu levar os dois netos, Leandro e Leanderson, até a margem e os jovens, rapidamente procuraram abrigo numa árvore, infestada de formigas taxi ([88]) que os atacaram impiedosamente e onde foram obrigados a permanecer até que o jacaré fosse morto pelo avô.

Vale a pena ressaltar que, contrariando todas as expectativas, as comunicações através da VIVO estão se processando normalmente desde que saímos de

---

[88] Taxi (tachi): certas árvores amazônicas são conhecidas popularmente como "*pau-de-novato*", pois só os inexperientes sujeitam-se ao ataque das taxis, pequenas e ferozes formigas que ali fazem seus ninhos [...]. Taxi é o nome amazônico de uma espécie de formiga do gênero Pseudomyrna, de coloração amarelada, também conhecida como "*formiga-de-novato*" ou "*novato*". As colônias vivem nos troncos ou no pedúnculo das folhas de certas árvores – por isso conhecidas como taxizeiros ou taxis – muito comuns nas várzeas e beiras de rios. É perigoso encostar ou bater nelas, pois estão sempre cobertas de formigas, cujas picadas são muito dolorosas. (www.biomania.com.br)

Itacoatiara permitindo, inclusive, acessar a internet dos lugares mais ermos.

Partida para o Paraná do Mocambo (04.12.2011)

Alvorada às 04h30, tomei o energético e parti para minha jornada. Um formidável coral de guaribas fazia sua apresentação na Costa do Giba, em frente à Ilha das Garças. Curiosamente, assim que comuniquei ao Comandante Mário para que desligasse os motores do Piquiatuba para que os tripulantes escutassem a sinfonia, os macacos cantores interromperam de imediato sua soturna apresentação.

Parei para descansar na Foz do Furo Comprido e fiquei admirando a evolução dos botos vermelhos e tucuxis que atacavam os enormes cardumes de sardinhas de Rio. A água parecia ferver e as sardinhas saltavam apavoradas tentando escapar dos vorazes predadores.

Prosseguindo minha jornada, me deparei com as enormes e belas Barreiras do Carauaçu (erosões) a Nordeste do meu deslocamento e pedi que o pessoal de bordo as fotografasse antes que entrássemos no Furo do Albano. As Barreiras multicoloridas variavam dos 70 aos 120 metros de altura e emprestavam um novo e extraordinário visual ao itinerário. No furo fizemos mais uma parada num grande areal e mostrei minha futura rota que seriam as Barreiras Vermelhas. Logo depois de sair do Furo, fui acompanhado, brevemente, por um enorme boto vermelho.

Fiz mais uma parada à sombra de uma enorme árvore e chamei, novamente, o pessoal de apoio para esticar as pernas e fotografar o belo local.

Depois do breve descanso, rumei diretamente para o Paraná do Mocambo (Arari) onde acampamos num remanso entre um banco de areia e a margem esquerda. A brisa fresca e as areias davam um toque especial à nossa parada. A noite foi acompanhada por insistentes bufares de botos vermelhos e focos de holofotes já que estávamos no alinhamento da rota das balsas que subiam o Rio Amazonas.

Partida para Parintins (05.12.2011)

Depois da alvorada e do energético, parti para minha derradeira jornada antes de Parintins. Tinha programado passar meu aniversário na Ilha da Fantasia (Parintins). Os fortes ventos, os banzeiros, me acompanharam durante todo o trajeto e se intensificaram à medida que nos aproximávamos da Cidade. Na chegada, contatamos o Subtenente de Engenharia Otávio, que fiscaliza a obra de recuperação do Porto de Parintins. O Exército Brasileiro interditou o Porto tendo em vista o mesmo apresentar sérios problemas estruturais e ficar submerso nos períodos de cheia. O Porto de Parintins foi construído pelo Ministério dos Transportes e inaugurado em abril de 2006. O General Lauro Luís Pires da Silva, Comandante do 2° Grupamento de Engenharia justificou a necessidade da interrupção das operações no Porto até a conclusão dos trabalhos em carta dirigida ao Prefeito Bi Garcia. Há tarde, fizemos um "*tour*" pela Cidade proporcionado pelo ST Otávio.

A Ilha Grande dos Tupinambás

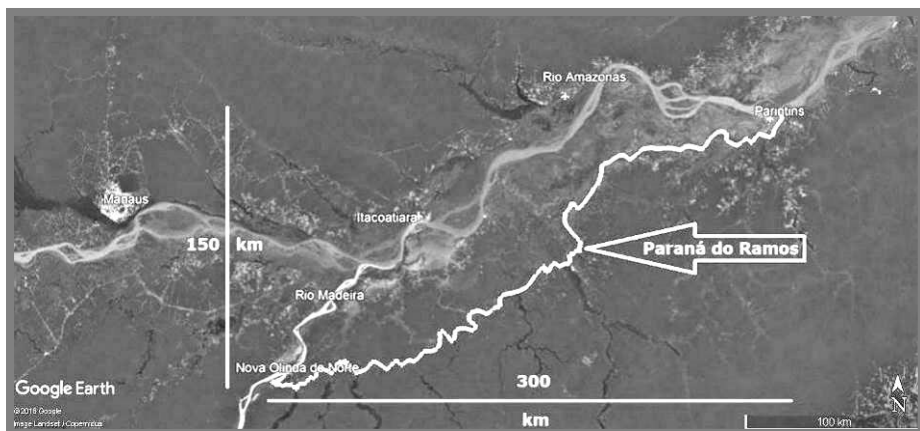



Imagem 35 – Ilha Tupinambarana (Google Earth)

A Foz Ocidental do Paraná do Ramos fica a uns 5 km à montante de Nova Olinda no Rio Madeira e sua Foz Oriental desemboca na altura da Vila Amazônica, no Rio Amazonas.

A Grande Ilha Tupinambarana, com 11.850 km² de extensão, limitada pelo Paraná do Ramos e o Amazonas, é a segunda maior Ilha fluvial do mundo. Na Ilha de Tupinambarana fica a Cidade de Parintins, com mais de 100 mil habitantes.

Lembrei-me das considerações do Professor Evaristo Eduardo de Miranda na sua obra "*Quando o Amazonas corria para o Pacífico*". Miranda afirma que as populações indígenas apresentavam um aspecto comum, antes da chegada dos europeus, que eram as migrações, "*os grandes deslocamentos espaciais e os conflitos e guerras entre diferentes grupos, caracterizadas por expansões e contrações geográficas, crescimentos e declínios demográficos e até extinções*".

> Francisco Noelli afirma com base em dados arqueológicos, linguísticos e antropológicos que o movimento migratório teve o <u>*seu epicentro na região junto à Foz do Madeira com o Amazonas*</u> e a expansão dos Tupinambás se processou, inicialmente, para a Foz do Amazonas e daí ao litoral nordestino, chegando até São Paulo. A hipótese de Noelli é de uma expansão lenta e progressiva que durou séculos abrangendo grande parte do território brasileiro. As hordas expansionistas dos Tupinambás "*penetraram territórios alheios e, de forma pacífica ou belicosa, conquistaram novas terras, submeteram outros povos, roubaram suas mulheres, devoraram seus guerreiros, incorporaram elementos de sua cultura e impuseram sua língua, especialmente nas áreas florestais*". (MIRANDA)

Jean de Léry e os Tupinambá

O Termo Tupinambá provavelmente significa "*o mais antigo*" ou "*o primeiro*", e se refere a uma grande nação indígena da qual faziam parte, dentre outros, os Amoipira, os Aricobé, os Caeté, os Potiguara, os Tabajara, os Tamoio, os Temiminó, os Tupiná (Tupinaê), os Tupiniquim, e os Tupinambás.

Jean de Léry

> Jean de Léry foi um Missionário e Pastor calvinista e escritor europeu nascido em La Margelle, França, que acompanhou Villegaignon ao Rio para fundar a França Antártica e cuja obra escrita resultou em grande valor histórico e etnográfico. [...] Nomeado Pastor [1560], começou a escrever suas experiências brasileiras que seriam publicadas em "*Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, *autrement dite Amérique [1578]*", cuja versão para o português, de Alencar Araripe e Sérgio Milliet, teve o nome de "*Viagem à terra do Brasil*".

> Fonte de imenso valor para o estudo das origens do país, narrando a vida e os costumes dos tupinambás, e a história da França Antártica, também foi traduzida em latim, alemão e holandês. [...] Permaneceu trabalhando como pastor até o fim de sua vida e morreu em Berna. (www.dec.ufcg.edu.br)

Jean de Léry faz um relato apaixonado defendendo os princípios esposados pelos Tupinambás em relação à mãe terra. Trezentos anos mais tarde, as sementes lançadas pelos nossos nativos germinaram servindo de inspiração para a Carta escrita pelo Cacique Seattle em resposta ao Presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce, quando, em 1854, este tentou negociar, com ele, uma área indígena.

[...] Portanto, quando o Grande Chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede muito de nós. O Grande Chefe diz que nos reservará um lugar onde possamos viver satisfeitos. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto, nós vamos considerar sua oferta de comprar nossa terra. Mas isso não será fácil. Esta terra é sagrada para nós. Essa água brilhante que escorre nos Riachos e Rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. Se lhes vendermos a terra, vocês devem lembrar-se de que ela é sagrada, e devem ensinar as suas crianças que ela é sagrada e que cada reflexo nas águas límpidas dos Lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida do meu povo. Os Rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os Rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar a seus filhos que os Rios são nossos irmãos e seus também. E, portanto, vocês devem dar aos Rios a bondade que dedicariam a qualquer irmão.

(Trecho da Carta do Cacique Seattle)

A resposta do Cacique Seattle à proposta de Pierce tornou-se uma das mais belas e profundas declarações já feitas sobre o meio ambiente. Jean de Léry narra um diálogo ecologicamente correto e sensato travado com um tuxaua Tupinambá, 300 anos antes da Carta do Cacique Seattle:

> [...] Os nossos tupinambás muito se admiram dos franceses e outros estrangeiros se darem ao trabalho de ir buscar o seu arabutan ([89]). Uma vez um velho perguntou-me:
>
> – Por que vindes vós outros, maírs e perôs ([90]) buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra?
>
> Respondi que tínhamos muita, mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como ele o supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir, tal qual o faziam eles com os seus cordões de algodão e suas plumas. Retrucou o velho imediatamente:
>
> – E porventura precisais de muito?
>
> – Sim, respondi-lhe, pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só deles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregados.
>
> – Ah! Retrucou o selvagem, tu me contas maravilhas.
>
> Acrescentando depois de bem compreender o que eu lhe dissera:

---

[89] Arabutan: lenha.
[90] Maírs e pêros: franceses e portugueses.

– Mas esse homem tão rico de que me falas não morre?

– Sim, disse eu, morre como os outros.

Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, por isso perguntou-me de novo:

– E quando morrem para quem fica o que deixam?

– Para seus filhos se os têm, respondi; na falta destes para os irmãos ou parentes mais próximos.

– Na verdade...

Continuou o velho, que, como vereis, não era nenhum tolo:

– Agora vejo que vós outros "*maírs*" sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados.

Este discurso, aqui resumido, mostra como esses pobres selvagens americanos, que reputamos bárbaros, desprezam aqueles que com perigo de vida atravessam os mares em busca de pau-brasil e de riquezas. Por mais obtusos que sejam, atribuem esses selvagens maior importância à natureza e à fertilidade da terra do que nós ao poder e à providência divina; insurgem-se contra esses piratas que se dizem cristãos e abundam na Europa tanto quanto escasseiam entre os nativos. [...]. (LÉRY)

Cristóbal de Acuña (1639)

LXIX – A Ilha Grande dos Tupinambás

A 28 léguas da boca deste Rio, caminhando sempre pela margem do Sul, localiza-se uma formosa Ilha que tem 60 léguas de comprimento e, consequentemente, mais de 100 de circunferência, toda povoada pelos valentes Tupinambás, gente que, com a conquista do Brasil, em terras de Pernambuco saíram derrotados, faz muitos anos, fugindo do rigor com que os portugueses os sujeitavam. Emigrou tão grande número deles que, despovoando ao mesmo tempo 84 aldeias onde viviam, não restou naquele lugar nenhuma criatura que não levassem em sua companhia. Tomaram sempre à mão esquerda as faldas da cordilheira que, vindo desde o estreito de Magalhães, rodeia toda América. E desbravando quantos Rios correm dela para o Oceano, chegaram alguns a encontrar-se com os espanhóis do Peru, que habitam as cabeceiras do Rio Madeira. [...]

São gente de grande brio na guerra, e bem o mostraram os que chegaram a estas paragens onde atualmente vivem, pois sendo eles, sem comparação, menos numerosos que os nativos deste Rio, de tal sorte fustigaram e submeteram todos aqueles com quem tiveram guerras que, consumindo nações inteiras, obrigaram outras a deixar suas terras e ir peregrinar por terras estranhas. Estes índios usam arco e flecha, e com destreza disparam.

São de coração nobre, afidalgados, embora quase todos que vivem no presente sejam netos dos primeiros povoadores e já vão se acostumando às baixezas e manhas dos primitivos habitantes do lugar, com os quais já estão mesclados. (ACUÑA)

Imagem 36 – Igarapé Nossa Srª das Graças

Imagem 37 – Arredores de Itacoatiara, AM

Imagem 38 – Porto Flutuante – Itacoatiara, AM

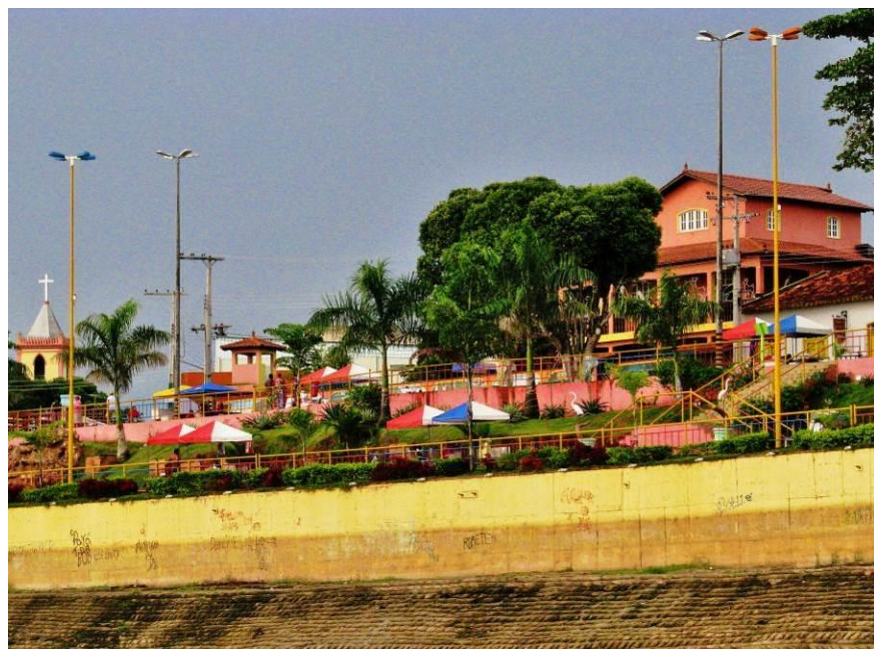
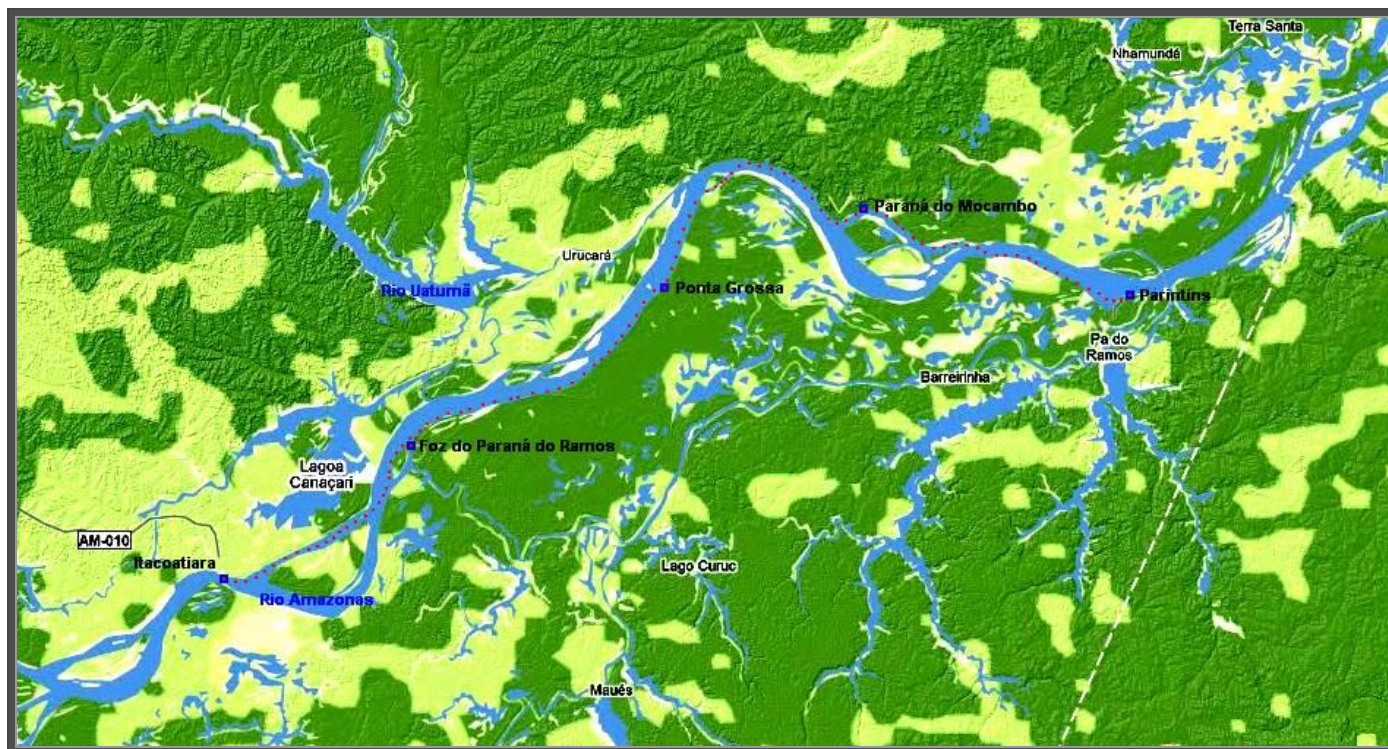



Imagem 39 – Itacoatiara, AM

Imagem 40 – Urucurituba, AM

Imagem 41 – Vila Amazônia – Parintins, AM

Mapa 2: P. do Ramos/Ptª.Grossa/P. Mocambo/Parintins

Parintins

Histórico

Na segunda metade do século XVIII, várias viagens de exploração do Rio Amazonas foram efetuadas a mandado do Governo Português. Na viagem realizada em 1796, o Capitão José Pedro Cordovil resolveu ficar numa das ilhas formadas pelo grande Rio, onde desembarcou com seus escravos agregados para dedicarem-se à pesca de pirarucu nos lagos próximos e também à agricultura. Encontraram como habitantes da região os índios Sapupés e Maués. A estes juntaram-se mais tarde os Peruvianos, Uapixabas e Mudurucus. Habitavam também a região, mais para o recesso do município, os Parintins, índios antropófagos que viviam em lutas constantes com as tribos vizinhas, principalmente com os Munducurus, seus inimigos mais ferrenhos. Cordovil deu ao local a denominação de Tupinambarana. Poucos anos após, havendo Cordovil obtido do governo de D. Maria a doação de uma sesmaria nas proximidades do Lago Miriti ([91]), para ali se transferiu com a sua gente, ofertando Tupinambarana à Rainha D. Maria I. Em 1880, a sede do município recebeu foros de cidade e passou a denominar-se Parintins. (IBGE)

Emoção Sexagenária

Graças ao Coronel Aguinaldo, meu ex-Cadete, comandante do 8° B E Cnst, continuo desfrutando do apoio da zelosa tripulação do B/M Piquiatuba. Para quem, como eu, já desceu o Rio Solimões de caiaque, sem qualquer tipo de apoio, é fácil perceber a importância desses verdadeiros escudeiros que não me perdem de vista por um segundo sequer.

---

[91] Lago Miriti: Município de Manacapuru.

Graças ao equipamento rádio doado ao projeto pelo Tenente Wanrley dos Anjos Perazzo, o contato tem sido feito sem a necessidade de aportar ou de me aproximar da embarcação de apoio. A par da competência de cada um dos tripulantes, cabe ressaltar o respeito e o carinho deles para comigo e acredito que mais que uma missão de apoio eles assumiram o papel de meus verdadeiros anjos da guarda.

O Comandante do Batalhão da Polícia Militar de Parintins, Major Túlio Sávio Pinto Freitas veio me visitar a bordo e colocar-se à disposição. O Túlio é uma criatura alegre, comunicativa e extremamente prestativa, cujo sotaque e o comportamento lembram um típico gaúcho da campanha. Graças a ele fomos acomodados, gratuitamente, no Hotel Avenida de propriedade do senhor Mário Flávio Andrade de Souza. Depois de passearmos pela Cidade, o Túlio foi à missa e eu fui buscar os apetrechos necessários no Piquiatuba para o pernoite no Hotel. Ao subir a bordo fui pego de surpresa com uma comemoração ao meu natalício, recebi de presente o belo livreto "*Entoada*" que traz no seu bojo as letras e músicas de Tadeu Garcia.

Bastante comovido tentei regressar ao meu refúgio emocional, mas a tripulação e passageiros haviam preparado mais um evento e quando desci para o convés inferior, a mesa de aniversário estava posta com velinhas e tudo. Depois dos parabéns, mais uma surpresa que eu, absolutamente, não esperava: a tripulação presenteou-me com uma miniatura personalizada do Piquiatuba. Guardarei com muito carinho esta recordação que representa não apenas mais uma Fase do Projeto Rio-Mar mas, sobretudo, materializa a conduta irrepreensível desta "*Tropa de Elite*" do 8° Batalhão de Engenharia de Construção.

O Comandante Túlio colocou à nossa disposição uma viatura da PM, conduzida pelo Sgt Klinger, permitindo-nos conhecer os pontos turísticos mais importantes da bela Cidade. Visitamos a Catedral Nossa Senhora do Carmo, projetada na Itália e fundada em 31.05.1962. A Catedral possui uma monumental torre de base quadrangular com 40 m de altura, que é, como a Igreja, revestida de tijolos aparentes. A Igreja de São Benedito, primeira Igreja de Parintins, fundada em 1795, pelo Frei José das Chagas, foi demolida em 1905 e, no seu lugar, foi erguida, em 1945, a capela de São Benedito. A Igreja do Sagrado Coração de Jesus, fundada, também, em 1945, chamava-se Igreja Nossa Senhora do Carmo, e teve seu nome alterado depois da construção da nova catedral, em 1962. Fica localizada na Praça Sagrado Coração, em frente ao Colégio Nossa Senhora do Carmo, o mais tradicional de Parintins.

Depois de nosso tour religioso, fomos conhecer o Bumbódromo onde se realiza o Festival Folclórico de Parintins e que abriga durante o restante do ano uma escola municipal com 18 salas de aula. Concedi uma entrevista à Rádio-TV Alvorada e Rádio Clube de Parintins onde fomos entrevistados pelo repórter Tadeu de Souza.

Reportagem de Tadeu de Souza

CORONEL DESAFIA O RIO MAR

Parintins – O Coronel Hiram Reis, na foto com o Subtenente Klinger, da arma de Engenharia, é gaúcho, Professor do Colégio Militar de Porto Alegre e Ir∴ [maçom] do atual Comandante da PM, Major Túlio, serviu na Amazônia e por ela se apaixonou. Na reserva, ele dá sequência a mais uma etapa de um sonho: descer o Rio Amazonas de Caiaque. O Projeto chama-se "*Desafiando o Rio-Mar*".

Imagem 42 – Rádio-TV Alvorada

Agora, há pouco ele esteve no programa "*Portal em tempo*", da Rádio Clube, e falou sobre essa nova fase do projeto que termina em Santarém, no Pará, de onde ele retorna a Porto Alegre para iniciar a redação dos depoimentos que ouviu durante a viagem. "*Vamos transformar tudo em livro*", afirmou. (tadeudesouza.com.br)

Entrevista com Dona Maria Ângela

Meu marido sempre foi Garantido. Só nossa família ajudava o boi com dinheiro. Meu filho foi o primeiro apresentador oficial do Garantido. (Dona Maria Ângela)

Dona Maria Ângela de Albuquerque Faria, hoje com 88 anos, nasceu em Belém do Pará e mudou-se com o marido, José Pedro Faria, já falecido, para Parintins, em 1953. Dona Ângela nos recebeu com muito carinho, mostrou os aposentos de sua casa e o pátio onde, é lógico, o vermelho tem posição de destaque. Muito alegre e comunicativa, nos fez assinar um dos inúmeros cadernos onde guarda com carinho as mensagens de todos que a visitam.

> Eu sou Maria Ângela de Albuquerque Faria, mãe do Paulo Faria, sou Garantido há setenta anos. Aqui na minha casa é tudo vermelho, eu amo o Boi Garantido, eu amo o nosso Presidente. Toda a nossa família é Garantido que é o boi mais lindo e que ficou conhecido mundialmente por duas músicas – o "*Tic-tic-tac*" e "*Vermelho*". Na minha casa já veio meio mundo, felicidades a todos.

Tic-tic-tac: a toada composta por Braulino Lima, gravada em 1993, tornou-se sucesso internacional, em 1997, com o Grupo Carrapicho. A toada fazia parte da temática do Garantido em 1993, "*Rio Amazonas, este Rio é minha vida*".

O "*Tic-tic-tac*" é o som das caixinhas de guerra que, junto com o tambor, marcam o ritmo do Boi-Bumbá. Um produtor francês, em 1996, ouviu a toada cantada pelo Grupo Carrapicho e resolveu lançá-la na França. O sucesso foi enorme e a toada depois de encantar o público europeu, retornou e conquistou o coração dos brasileiros.

Bate forte o tambor
Eu quero é tic tic tic tic tac
Bate forte o tambor
Eu quero é tic tic tic tic tac
É nessa dança que meu boi balança
E o povão de fora vem para brincar
É nessa dança que meu boi balança
E o povão de fora vem para brincar

As barrancas de terras caídas
Faz barrento o nosso Rio-Mar
As barrancas de terras caídas
Faz barrento o nosso Rio-Mar
Amazonas Rio da minha vida
Imagem tão linda [...]

Vermelho: a toada foi composta pelo compositor Chico da Silva, em 1996. O Chico, durante a gravação do CD, se desentendeu com a diretoria do Garantido e retirou sua toada da lista de seleção. A toada, mesmo antes de ser executada nas rádios, já era conhecida em todo o Amazonas. Finalmente a diretoria entrou em a-cordo com o Chico e a toada fez sucesso em todo o País sendo a música mais executada nas rádios naquele ano e ultrapassando as fronteiras nacionais virou sensação do "*Festival do Avante em Portugal*".

A cor do meu batuque
Tem o toque e tem
O som da minha voz
Vermelho, vermelhaço
Vermelhusco, vermelhante
Vermelhão

O velho comunista se aliançou
Ao rubro do rubor do meu amor
o brilho do meu canto tem o tom
E a expressão da minha cor
Vermelho

Meu coração é vermelho
Hei, hei

De vermelho vive o coração
Ê, ô, ê, ô

Tudo é Garantido após
A rosa avermelhar
Tudo é Garantido
Após o Sol vermelhecer

Vermelhou no curral
A ideologia do folclore
Vermelhou

Vermelhou a paixão

O Paraíso de Manuel Joaquim Coelho Lima

A única prisioneira deste divino lugar é a nossa felicidade. (Joaquim Lima)

A jornada ganhou um colorido muito especial depois que a Rosângela pousou, à noite, em Parintins, a inspiração para escrever voltou, as cores ganharam novos matizes e os sons – melodias mais originais. Na manhã seguinte, resolvemos dar um passeio a pé para conhecer os Currais do Garantido e do Caprichoso.

Estávamos retornando do passeio quando encontramos o casal Joaquim e Ester que nos convidaram para tomar o café em seu domicílio. Conhecêramos Ester quando fomos comprar algumas lembranças na sua loja e fomos, depois, ao escritório do seu esposo Joaquim ao lado de seu ponto comercial. A maneira de tratar e o bom gosto do amável e empreendedor casal nos cativaram de imediato. Sua residência mais parece um belo parque temático. As alegorias que serviram de temas para o Festival do Boi Caprichoso dão um toque especial ao bem cuidado jardim. Já havíamos avistado peças como estas adornando jardins e muros de logradouros públicos e residências particulares de Parintins. Os moradores as adquirem, em leilão, ao término do Festival. Logo na entrada da residência dos Lima pode-se ler parte do Artigo IV (em negrito abaixo) de "*Os Estatutos do Homem*" do poeta Thiago de Mello, amigo do casal.

Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem, que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu; parágrafo único, ***o homem confiará no homem como um menino confia em outro menino****;*

Joaquim e Ester nos mostraram seus jardins e, depois do café, na varanda de sua agradável morada, uma casa de campo plantada em uma paradisíaca área de mais de um hectare, nos limites da Cidade.

Entrevista com o Sr Manuel Joaquim Coelho Lima

O amigo Joaquim é um homem fantástico, educado, de fala mansa e de uma experiência de vida que serve de exemplo para todos nós. Sua fé, determinação e amor aos estudos transformaram aquele meninote que vendia picolés para sobreviver em um dos pilares da sociedade parintinense. Foi realmente um privilégio conhecê-lo e à sua esposa Ester ainda que por breves momentos na nossa passagem pela Ilha Tupinambarana. Na nossa próxima descida pelo Madeira e Amazonas pretendemos, novamente, encontrar os queridos amigos de Parintins. Reproduzo, abaixo, a entrevista que o Joaquim nos concedeu no seu agradável escritório de contabilidade.

> Nasci em 1958, sou o primogênito de uma família de 14 irmãos, minha mãe era professora rural e o meu pai era um simples carpinteiro. Passávamos dificuldades, tínhamos poucos recursos, a família crescia, todo ano nascia um irmão e aos 8 anos de idade tive que trabalhar na Cidade, naquele tempo não tinha Conselho Tutelar nem nada, eu vendia picolé e pão doce.
>
> Duas irmãs foram trabalhar como empregadas domésticas. Era uma situação difícil que aconteceu no início dos anos 60. Comecei a estudar e meu pai teve que ir para o garimpo, no garimpo ele fumava e bebia, eu acho que no garimpo ele era obrigado a fumar alguma coisa muito forte, ele era mergulhador, mergulhava para buscar ouro lá no fundo.

Muitas vezes as pessoas eram obrigadas a beber e fumar, um dos critérios para ir para lá era ser maluco assim. Então o meu pai praticamente desapareceu por lá, na época eu estava no Exército, tive a sorte de ir para o Exército com 17 anos, por um erro na data de nascimento, quando cheguei em São Gabriel eu estava com 17 anos e eu achava que tinha 18. Quando fiz meus exames para o Exército, aqui em Parintins, a Fundação Estadual de Saúde Pública disse que não tinha a minha ficha, e minha mãe me disse:

> tu nunca adoeceste, meu filho, tu só pegaste uma cataporazinha, um sarampo, nunca tomou vacina, nunca adoeceu, nada, nada.

Mamãe não tinha tempo com 14 filhos, e eu era o mais velho e o mais velho precisava ajudar. Morreu um casal de gêmeos e depois outro irmão com problemas simples, sobreviveram 11 filhos. Eu estava no Exército e estava pronto para engajar, quando meu pai desapareceu e minha mãe ficou apavorada, tive de largar tudo e voltar para ajudar mamãe. Mas a família se reuniu e decidiu que nós tínhamos que estudar. Todos os meus irmãos estudaram, cursaram nível médio, hoje uma de minhas irmãs está fazendo doutorado na Austrália, eu fiz minha graduação, minha esposa também, um de meus irmãos é engenheiro, outro sociólogo, um deles está cursando psicologia, uma irmã está estudando e outra concluindo o curso de direito, para nós é uma vitória. Quando minha irmã passou no vestibular de Manaus, ela se mudou para lá porque aqui não tinha emprego e levou os meus irmãos, só fiquei eu e outra irmã que é protética e a família toda foi morar em Manaus, faz mais de 20 anos que moram lá, possuem casa própria, e uma situação econômica muito boa, graças a minha mãe, ela é uma guerreira mesmo.

Eu fiquei em Parintins, terminei meus estudos. Quando concluí meus estudos em 80, fiz três concursos públicos no Município e passei em todos. Você vê que eu trabalhei de picolezeiro, trabalhei numa loja de vendedor e quando concluí os estudos eu passei no concurso do CESP e depois no concurso do Banco do Estado. Meu sonho era ser bancário, passei no concurso da Caixa Econômica, naquele tempo, década de 80 era um glamour na Cidade e com os estudos que eu tive no próprio Município, estudando em escola pública e sem aulas de reforço, eu não tinha aula particular para estudar, eu era o mais velho, eu tinha uma responsabilidade muito grande, não podia beber, não podia fumar; o irmão mais velho, quando a família não tem um pai, passa a ser o modelo para os outros irmãos e isso eu aprendi no Exército, a ter as coisas organizadas, ter disciplina, isso eu aprendi lá. A Caixa me chamou para trabalhar em Maués, Cidade que fica a mais ou menos 18 horas de barco daqui, e ser caixa executivo para comprar ouro. Quando cheguei lá, precisava vestir terno e gravata, afinal eu era funcionário da caixa. Eu 1980, me formei e, em 1981, fiz concurso para Professor do Estado, passei e fui contratado para lecionar Contabilidade. Em 1982, fiz concurso e ganhei mais uma cadeira para ministrar aula no Estado, dava aula de Contabilidade Geral até para ex-colegas meus que não tinham sido aprovados. Eu já trabalhava na Contabilidade desde 1974, era auxiliar de Escritório Contábil, quando fui estudar na faculdade já entendia um pouco e meu Professor percebeu minha facilidade, eu tinha notas excelentes e passei nesses concursos de que já falei. Eu consegui me superar pelo estudo e olha que foi sofrido, não ter pai e tal. Quando eu estava na Caixa em Maués, usando a tecnologia do banco, naquele tempo já tinha computador, eu trabalhava com telex, com informações.

Liguei para uma moça de Porto Velho e disse que nessa área de garimpo tinha um senhor com as características do meu pai. Depois de aproximadamente quinze anos, quando eu achava que meu pai já tinha morrido, uma colega me disse: que o nome do homem era José Cláudio de Lima e o nome de meu pai é Cláudio de Lima. A colega procurou e encontrou meu pai, e ele contou que era de Parintins, ela deu meu nome e telefone e, enfim, encontrei meu pai. Só que meu pai já era viciado, era alcoólatra mesmo, e ele me disse que, em um dos mergulhos, ele perdeu a noção de tudo, passou muito tempo em um Hospital de Belém e não lembrava de mais nada, só de que já estava em Porto Velho e precisava fazer os documentos. Fez com outro nome porque não lembrava mais o nome dele, eu o trouxe para cá, então foi uma felicidade muito breve, uma das conquistas que eu tive dentro da Caixa foi essa. Em Maués eu trabalhava, de dia, na Caixa e, à noite, como Professor. Foi quando conheci e namorei a minha esposa e casamos, em junho, lá em Maués. Depois veio o plano Funaro e extinguiu os postos, o Governo teve que fazer uma contenção e acabou com a compra do ouro, fechando a agência em agosto. Depois que a Caixa fechou, eu voltei para Parintins. (Manuel Joaquim Coelho Lima)

Relatos Pretéritos – Parintins

Manuel Aires de Casal (1817)

Vila Nova da Rainha é mediana e abastada de peixes, junto à Embocadura do Maués, paragem vantajosa para crescer. Quase todos os seus habitadores são índios Maués, os melhores mestres na composição do guaraná, cujo vegetal é comum no seu território, igualmente apropriado para a cultura dos cacaueiros, já assaz numerosos os plantados. (CASAL)

Spix e Martius (1819)

Alcançamos, portanto, a 01.10.1819, o registro de Parintins, algumas palhoças ao sopé de uma colina de uns 200 pés de altura, coberta de mata virgem densa que, de certo modo, pode ser considerado como ponto limítrofe entre as Províncias do Pará e do Rio Negro. [...] A situação da Vila é extremamente aprazível. Da alta margem, avista-se uma grande parte do Amazonas que, até à primeira Ilha, tem uma légua de largura, e daí se estende, em diversos canais, até a Vila de Faro, cuja distância se calcula em sete léguas. O ar é puro; o horizonte, relativamente vasto para estas regiões, é claro e sereno; o calor é quase diariamente atenuado por fresca viração que sopra do Rio acima, e a praga dos mosquitos não flagela demais. Os arredores mais próximos são cobertos de matas aqui e acolá arejados por derribadas e roças, que passam para arbustos cerrados ou capinzais, onde pasta algum gado. Mais para dentro, dizem que se estendem vastas campinas sobretudo em torno de lagoas piscosas, muito procuradas pela gente do lugar nos meses secos. Perto das goiabeiras, avistamos um grande assacu ([92]), a difamada árvore de veneno, com cujo leite os índios tinguijam ([93]) os peixes.

---

[92] Assacu (Hura crepitans L.): o assacu encontra-se normalmente em terrenos aluviais, onde possa receber bastante luz solar. É uma árvore que apresenta órgãos sexuais dos dois sexos, de grande porte (até 40 m de altura) e com diâmetro de até 2 m. O látex é fluido, extremamente irritante para as mucosas provocando edema em contato com os olhos e, na boca e faringe, ardor pronunciado. Antes de abater a árvore, costuma-se anelar o tronco para sangrar o látex. Os ribeirinhos usam seu tronco como flutuadores para suas casas flutuantes.

[93] Tinguijar: existem, na região amazônica, diversas plantas tóxicas empregadas pelos indígenas para a pesca que recebem o nome geral de Timbó. Existe um grande número de Leguminosas da família das Sapindáceas e subfamília Papilionácea conhecidos também pelos

Resolveu-se fazer com esse suco uma experiência na pescaria, e logo alguns índios cuidaram de obter o látex. Na profunda fenda de uma e meia polegada, feita na parte inferior do tronco, aplicou-se um canudo de taquara, e em três horas escorreu um suco leitoso, quase sem aroma, com que se encheram duas garrafas. Um pouco desse látex, posto na ponta da língua, produziu um sabor acre, pungente e persistente vermelhidão. Era da consistência de leite muito gordo e, depois de ficar uma hora na garrafa, depositou uma substância viscosa, caseosa ([94]).

Fomos ao mato, onde alguns índios nos tinham precedido, a fim de represar uma vala de muito peixe, que ali desemboca num Igarapé maior. Neste último, encontramos a peculiar espécie de gamboa ([95]) feita com estacas dispostas numa fila e no contorno de uma rabeca ([96]), que em toda a parte, no Brasil, os índios dispõem, para prender nos seus meandros os peixes que descem pelo Rio. O menor regato era na sua Embocadura no maior represado por um dique de faxinas e areias, e já víamos, na parte inferior, muito peixe que nadava em torno, agitadamente. [...]

Derramaram então os potes cheios de suco leitoso em diversos lugares, sobre a água. Acelerou-se a mistura com a água revolvendo-a com paus compri-dos. Apenas haviam passado uns dez minutos, os peixes numerosos, numa inquietação geral e cada vez maior, começaram a agitar-se.

---

nomes de cipó cinco folhas, cipó cruapé vermelho (Paulínia pinnata), cipo cumaru ape, cipó timbó, cururu ape, máfome, timbó (Serjania cuspidata), timbó assú, timbó cipo, timbóhi, timbó-titica, tingui (Mahonia glabatra), turari (Serjania erecta) etc.

94 Caseosa: da textura do queijo.

95 Gamboa: cercado para pesca, espécie de curral.

96 Rabeca: violino.

Afluíam constantemente à tona, pondo a cabeça fora d'água, pulavam para cá e para lá e alguns dos maiores e mais fortes pulavam tão alto, que uma parte deles caía na margem, outros se salvaram com êxito, atirando-se por cima da represa, no regato maior. Esses esforços, entretanto, pouco duraram; tudo sossegou: apareceram os menores imóveis, os maiores continuando a agitar-se, porém cada vez menos, à flor da água. Tinham os opérculos ([97]) totalmente abertos e pareciam inconscientes e imóveis, pois deixavam-se pegar pelos índios, que entraram na água, pela mão. Antes de flutuarem, completamente inertes virados de barriga para cima, revolviam-se como tontos, de um lado para outro.

Estranhamos ver em todos os peixes, trazidos à margem, uma extraordinária dilatação das pupilas, circunstância que, junto com a natureza química do látex, faz concluir que o envenenamento, mesmo começando talvez com a perturbação do processo respiratório, termina afetando o sistema nervoso. (SPIX & MARTIUS)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Do Timbó, Timbóasasú, e Timbóhi servem-se para pescar, batendo-os nos Rios e Lagos: eles embriagam o peixe e o fazem andar a flor da água: estes Timbós são mais destruidores de peixe do que a Coca ou o Trovisco da Europa. Também se servem da folha do Conambi contundida e misturada com pirão d'água e inserida no ventre do bicho do Ingá para carear o peixe à tona d'água. (BAENA, 2004)

Vila Nova da Rainha: missão situada sobre a terra mediocremente alta de uma Ilha pertencente ao sistema de ilhotas jacentes ao longo da ribeira Austral do Amazonas, entre o Rio Madeira e o Rio

[97] Opérculos: brânquias, guelras.

Tupinambaranas: cuja Ilha do lado, em que se acha engastada a missão, é lambida pelas correntes do Amazonas, que lhe dão um excelente Porto, e pelos outros lados é lavada por uma porção de águas derivada do Furo ou Canal Urariá e chamada vulgarmente Rio Ramos que, dividindo-se em dois braços, entra no Amazonas por cima e por baixo da mesma Ilha, a qual demora 12 léguas acima do Rio Nhamundá, confim Oriental da Comarca no Amazonas. (BAENA, 2004)

Alfred Russel Wallace (1848)

Os índios que havíamos pedido, enfim chegaram, mas eram só 2 e iriam acompanhar-nos apenas até Vila Nova, a primeira Cidade acima de Óbidos, a cerca de 4 dias de viagem. Com essa tripulação, seguimos viagem. [...] Na praia, fomos cordialmente recebidos pelo Vigário local, o Padre Torquato ([98]), que por assim dizer intimou-nos a ficar em sua casa durante o tempo em que ali tivéssemos de permanecer. Não houve como recusar o hospitaleiro oferecimento. [...]

---

[98] Padre Torquato: recomendaram-nos, sobretudo, ao Vigário de Sousel, Padre Torquato Antônio de Sousa, como o homem que mais que todos nos poderia ser útil nas nossas digressões até aos selvagens provendo-nos igualmente de cartas para ele. [...] A figura esguia e musculosa de chapéu de palha e com o casaco à brasileira, o rosto queimado do Sol do Padre de trinta anos [...] era um homem em quem se pode confiar e que não teme nenhuma fadiga, para quem a vida nos Rios e nas florestas nada tem de novo. Era exatamente de um homem assim que precisávamos; tanto mais que o Padre Torquato nos devia ser muito mais útil ainda e bem-vindo pela sua situação de prestígio entre os índios. Natural de Salina, tinha sido o mais ardente desejo de sua juventude ser soldado; isto, porém, não combinava com as intenções de seu pai: devia ir para o Seminário de Olinda e ser educado para a carreira clerical. Embora preso para toda a vida à sua nova profissão, não tardou a obter um cargo que correspondia a uma de suas inclinações, ao seu espírito empreendedor; foi feito Missionário, a princípio entre os Mundurucus, e mais tarde entre os Jurunas, cargo este que vinha desempenhando havia já dois anos. (ADALBERTO)

> O Padre Torquato era um cavalheiro de fina educação, tendo feito tudo que era possível para instalar-nos confortavelmente em sua casa. Esta se compunha de dois pequenos cômodos, e ele mesmo teve de ficar mal acomodado por nossa causa. O leitor inglês já deve conhecê-lo: foi ele quem acompanhou o Príncipe Adalberto ([99]) da Prússia na sua viagem pelo Xingu acima, sendo de fato merecedor de todos os elogios a ele dispensados pelo Príncipe. O passatempo que mais agradava ao Padre Torquato era o fato de reunir-se com os amigos e decifrar charadas. Sabendo disso, verti para o português algumas de nossas melhores charadas, o que o divertiu bastante. (WALLACE)

O Príncipe prussiano faz diversas referências elogiosas ao Padre Torquato no seu livro, tanto em razão de sua aptidão física como pelo conhecimento das coisas e das gentes da região da Bacia do Xingu:

Richard Spruce (1851)

> No local onde Vila Nova se encontra, existiu outrora a Missão de Tupinambarana, criada por um certo José Pedro Cordovil, em 1803 [...]. O nome dado por ele indicava que esses índios não eram Tupis ou Tupinambaranas legítimos, mas sim espúrios [rana significa "*semelhantes*"]. Apenas em 1818, a povoação foi alçada à condição de Vila. Isso explica por que, em muitos mapas, uma larga faixa de terra ao longo da margem direita do Amazonas é indicada pela denominação de Ilha dos Tupinambaranas ([100]),

---

[99] Príncipe Adalberto: a obra recebeu no Brasil o título de "*Brasil: Amazonas – Xingu*".

[100] Tupinambaranas: A porção de terra compreendida assim entre os quatro Rios – o Madeira ao Oeste, o Amazonas ao Norte, o Ramos e o Maués ao Sul – é indicada nos mapas pelo nome de Tupinambaranas. É uma rede de Rios, Lagos e Ilhas, um desses labirintos aquosos como já vimos muitos, que por si só formaria um vasto sistema fluvial em

como se tivesse originalmente alguma nação ou tribo desse nome, inteiramente desconhecido da população local, servindo apenas para designar um Rio que constitui limite Oriental da dita "*Ilha*", que na realidade é um pequeno arquipélago. (SPRUCE)

Robert Christian B. Avé-Lallemant (1859)

Não tardou avistarmos, a uma distância de seis milhas inglesas, na margem direita do Rio, Vila Bela da Imperatriz, outrora chamada Vila Nova da Rainha. Prosseguimos pela margem esquerda, até defronte da Cidade. Atravessamos então a corrente extraordinariamente impetuosa, e logo ancoramos junto à praia da pequena Cidade, para tomarmos lenha. (AVE-LALLEMANT)

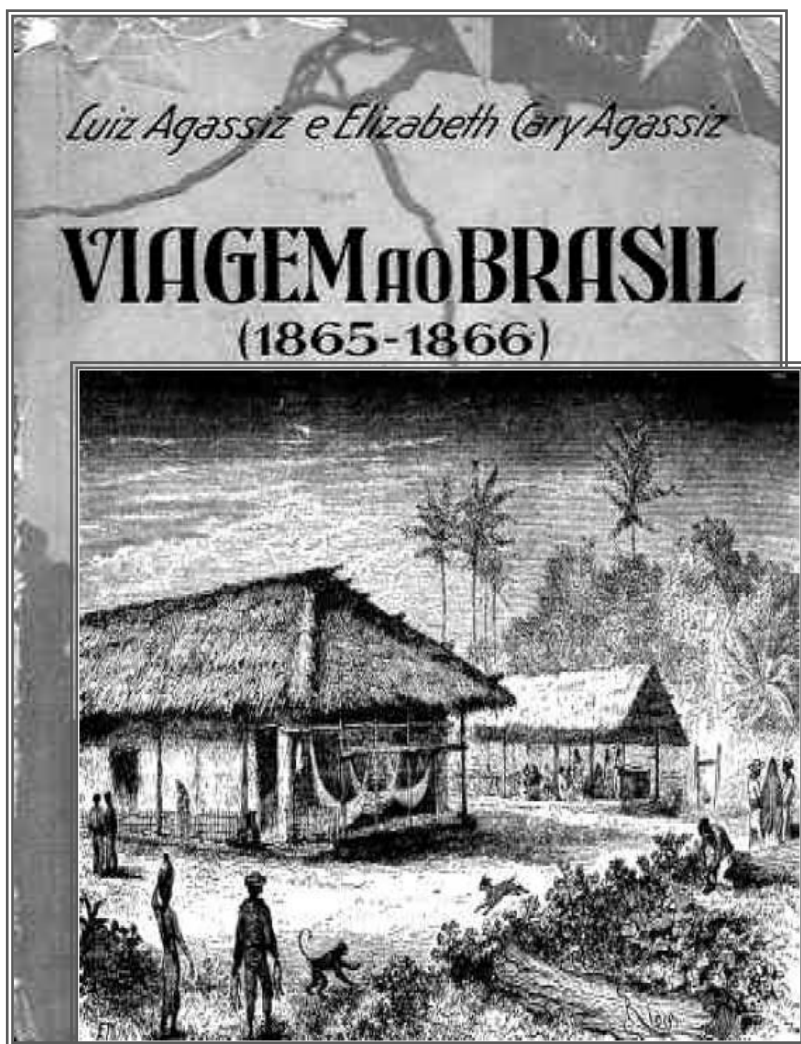
Luiz Agassiz e E. Cary Agassiz (1865-1866)

Vila Bela. 27 de agosto – Parada de algumas horas, ontem à tarde, em Óbidos para receber lenha. Ninguém desce em terra. Embarcada a lenha, dirigimo-nos diretamente a Vila Bela, situada na outra margem do rio, na foz do Tupinambaranas. Somos aí cordialmente recebidos pelo Dr. Marcos, um dos antigos correspondentes de Agassiz, que enviou várias vezes exemplares da fauna amazônica para o Museu de Cambridge. Hoje, à tarde, iremos fazer uma excursão de canoa por alguns dos lagos próximos. [...]

Sucesso dos colecionadores – A vida dos índios. A pesca noturna não fora feliz; porém, esta manhã uns pescadores trouxeram bastantes espécies novas para darem a Agassiz e ao desenhista ocupação para várias horas; resignamo-nos, pois, sem custo a passar ainda uma noite sob esse teto hospitaleiro.

---

outras regiões, mas que se perde inteiramente nesse mundo das águas de que é uma parte mínima. (AGASSIZ)

Devo dizer que os costumes primitivos dos índios da melhor classe, na Amazônia, têm muito mais atrativos que a vida pseudocivilizada das povoações de raça europeia. Dificilmente concebo alguma coisa de mais insípido, de mais triste e desanimador que a vida nas pequenas vilas amazonenses, com todo o formalismo e convenções da civilização, e sem nenhuma de suas vantagens. (AGASSIZ)

Parintins – Bairro Vila Amazônia

A história atual do cultivo da juta no Vale Amazônico começa quando da minha chegada ao Amazonas como chefe da missão japonesa, em agosto de 1930. Essa missão seguira por ordem do Governo Japonês, de acordo com contrato concluído em 11.03.1927, entre o Governo do Amazonas e dois japoneses – Kinroku Awazu e Genzahuro Yamanishi. (Isukasa Uyetsuka)

O Subtenente Klinger, da Polícia Militar, apresentou-me ao ilustre pesquisador Basílio Tenório ([101]), homem inteligente, de fala mansa, memória invejável e uma capacidade incomum de manter a atenção e o interesse de seus ouvintes.

Passamos horas ouvindo, encantados, os relatos do renomado palestrante, viajamos de garupa na história da Cidade dos Parintins descrita com muito bom humor, entremeada de belas e selecionadas toadas dos Bois-Bumbás.

---

[101] Basílio Tenório: nasceu em 29.01.1953, no interior de Urucará. Lá, ainda criança, aprendeu a ler e escrever e sob "*aquele frondoso e inesquecível taperebazeiro, no alto daquela Ilha da minha saudade, lá no meu velho Marajatuba*", declamou a primeira poesia: "*Meus oito anos*", de Casemiro de Abreu. No mesmo local, também cantava canções folclóricas, Hinos da Independência, o Hino à Bandeira e o Hino Nacional. Sua avó [Dona Titóca] lhe ensinava essas coisas. Ela era de descendência negra, culta e admiradora de Pedro I.

Em 1974, enviado pelos empresários Mário Viganó e Glicente Betti, foi para SUDAM, em Santarém, onde aprendeu a profissão que levou-o para longe de Parintins e que garantiu-lhe o sustento. Retornou a Parintins no final de 1988 e em 1996 publicou seu primeiro livro intitulado: "*O Crime do Areal, quem matou Zé Augusto*". Em 1988, a convite do Sr. Antônio Andrade Barbosa, iniciou a pesquisa que lhe possibilitou escrever dois livros sobre a Cultura do Boi-Bumbá de Parintins. Em 04.03.2004, Basílio Tenório e mais 23 [intelectuais] amigos fundaram o Instituto Geográfico e Histórico de Parintins-IGHP.

Dentre os diversos casos e projetos narrados, vou me deter, desta feita, na Vila Amazônia que teve início em um acordo bilateral entre o Governo do Amazonas e o Império do Japão. Basílio Tenório defende o tombamento do cemitério japonês, situado na Vila Amazônia, em reconhecimento ao trabalho nipônico aqui desenvolvido há oito décadas e cujos frutos das alvissareiras sementes, lançadas em solo fértil, a região ainda hoje colhe. Infelizmente, os vestígios do cemitério se perderam, ao longo dos anos, frente ao descaso e ao vandalismo.

Cultura do Boi-Bumbá de Parintins

Reproduziremos um trecho do livro "*Cultura do Boi-Bumbá em Parintins*" da lavra do fantástico intelectual parintinense Basílio Tenório:

> Se o primeiro entre os fundamentos do auto do boi é a exaltação, que faz bem à vaidade, entende-se que o rito do boi serenando no terreiro também contribuiu para o surgimento da figura do padrinho do boi. Vivia-se o apogeu do momento econômico proporcionado pela juta, trazida pela imigração japonesa, dos anos 1930, no Amazonas, uma dádiva do Instituto da Amazônia através de Ryota Oyama, o ilustre colono japonês.
>
> Depois da Segunda Guerra Mundial, a exemplo dos japoneses que ficaram na região do médio e baixo Amazonas e que enriqueceram produzindo a fibra de juta, muita gente fazia o mesmo. Mas poucos o faziam com planejamento adequado. Entretanto, o comércio da juta apresentava os primeiros capitalistas emergentes e, nesse Universo restrito aos vitoriosos, fazia surgir os primeiros novos ricos de Parintins. Foi justamente do meio deles que surgiu a figura do boi.

Os padrinhos do boi, naqueles idos, eram homens de muito prestígio na comunidade. Homens ricos, mas riquezas de origens distintas. Os padrinhos do Caprichoso descendiam dos coronéis, herdeiros dos proprietários das melhores e mais bem localizadas terras, que se estabeleceram no centro da Cidade e se estenderam para o Bairro da Francesa.

Eram os brancos, a chamada elite de Parintins, também herdeira do poder político, dos melhores empregos, dos serviços públicos essenciais e do prestígio na Cidade. Portanto, suas posições sociais, bem como as suas riquezas não vieram da juta.

Já os padrinhos do Garantido, vieram dos emergentes por força da fibra de juta, justamente os novos ricos de Parintins. Espertos como os japoneses, eles sabiam que para agradar àqueles produtores que abarrotavam os seus armazéns com a fibra de juta e porque gostavam mesmo de brincar de boi em São José, e ainda porque tinham dinheiro para gastar, adotaram o Garantido.

No Universo folclórico da cultura do Boi-Bumbá de Parintins, eram os padrinhos do boi que pagavam a conta ofertando dinheiro, em espécie, aos donos dos bois. Quando não, convidando o boi para apresentações completas em seus terreiros, pagando alto pela língua, oportunidades em que convidavam toda a vizinhança e, principalmente, a criançada à participação.

Além disso, também ofertavam os bois para a churrascada, para o povo e brincantes, quando nos festejos de matança do boi. Eles tanto patrocinavam como amavam o boi afilhado, e tudo por conta da exaltação poética no rito do boi serenando no terreiro. Era essa a sublime contrapartida, o algo bom que lhes afagava as vaidades. (TENÓRIO)

Vila Amazônia

Na década de 20 do século XX, uma delegação japonesa visitou a região a convite do Governador do Estado do Amazonas. Com o declínio do comércio da borracha, o Governador Ephigênio Salles, plagiando iniciativa similar do Governador do Estado do Pará, procurava alternativas econômicas para seu Estado e ofereceu aos japoneses 1 milhão de hectares, em troca de mão-de-obra especializada. Os empresários japoneses Kinroku Awazu e Genzahuro Yamanishi, ante a magnitude do empreendimento e a distância de sua terra natal, acabaram desistindo da ideia.

O Deputado Isukasa Uyetsuka, porém, ao tomar conhecimento do projeto, acreditou na sua viabilidade e se propôs a executá-lo. Embora a doação das terras tenha sido rejeitada pelo Senado Federal, Uyetsuka, determinado, comprou uma área de 1,5 mil hectares banhada pelo Rio Amazonas e pelo Paraná do Ramos, a Leste da Cidade de Parintins, aproximadamente 20 minutos de barco. A localização estratégica permitiria escoar a produção tanto para Manaus quanto para Belém. A opção adotada foi o cultivo da juta oriunda da Índia que seria o carro chefe da produção e serviria de base econômica para a colônia. A fibra era fundamental para o comércio internacional onde era usada nos sacos de café e outras mercadorias e poucos países a produziam em larga escala.

No dia 21.10.1930, foi lançada a pedra fundamental na antiga Vila Batista que recebeu o novo nome de Vila Amazônia. Tsukasa Uyetsuka, procurando melhor preparar os imigrantes que iriam encarar os desafios do empreendimento, transformou uma escola de artes marciais, no Japão, na Kokushikan Koutou

Takushoko Gakko ([102]), cuja denominação passou a identificar seus alunos, os koutakuseis, rapazes entre 18 a 20 anos que aprendiam técnicas agrícolas, noções de construção civil e língua portuguesa. No dia 20.06.1931, chegaram a Manaus os primeiros 35 koutakuseis e três formandos da Faculdade de Agronomia de Tóquio, acompanhados do Professor Sakae Oti. Um total de sete turmas de koutakuseis, ou 249 jovens, foram enviadas ao Brasil, em sete anos. O planejamento pretendia que a colônia da Vila Amazônia abrigasse 10 mil imigrantes, ou 10 mil famílias.

Todas as etapas do projeto estavam indo de vento em popa, localização adequada, produto valorizado, trabalhadores qualificados. A juta, porém, não atingia o tamanho ideal para o corte e os colonos, além de ter de realizar o plantio e a colheita em locais alagados, precisavam se dedicar à construção da infraestrutura da Vila. Dois anos se passaram até que Riyota Oyama observou que duas de suas mudas eram maiores e mais saudáveis e decidiu, então, transportá-las para um local mais adequado. Na viagem acabou quebrando uma delas. Oyama colheu as sementes do único espécime que restara e as levou para Uyetsuka.

> Pensei que seria sem dúvida uma graça de Deus, e dei ordem para semear as sementes. (Tsukasa Uyetsuka)

As sementes foram plantadas e transformaram-se em novas matrizes dando origem a novas sementes. Uyetsuka buscou recursos junto a Mitsubishi, Mitsui e Sumitomo e outras empresas japonesas, fundando, em 1935, a Companhia Industrial Amazonense.

---

[102] Kokushikan Koutou Takushoko Gakko: Escola Superior de Imigração.

Em 1937, foi colhida a primeira tonelada de juta da Vila Amazônia. No início a infraestrutura na Vila era precária, sem energia elétrica ou água encanada e a maioria das casas era de palha.

Duas tecelagens foram instaladas em Manaus, a Brasiljuta e a Fitejuta, a renda obtida com a produção da juta trouxe o progresso e, em breve, surgiram melhorias e a Vila ganhou escola, templo, armazéns e hospital, com médicos oriundos do Japão, que prestavam atendimento até para pacientes vindos de Belém. Surgiram culturas paralelas, de hortaliças e frutas. O cultivo da juta prosperou e se esparramou pelas várzeas do Rio Amazonas e de seus tributários de águas brancas, tornando conhecida a Vila Amazônia, valorizando a imigração japonesa pela produção dessa fibra vegetal que deu sustentação econômica à região durante décadas.

II Guerra Mundial

O ataque surpresa da Marinha Imperial Japonesa à base naval norte-americana de Pearl Harbor, às 8 horas da manhã de 07.12.1941, marcou a entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra do Pacífico. No Brasil e em todo o mundo, os imigrantes japoneses passaram a ser vistos como inimigos nacionais, perderam o direito à posse da terra, foram proibidos de fazer reuniões públicas e falar seu idioma. O fluxo imigratório foi interrompido. Na Amazônia, muitos deles foram feitos prisioneiros de guerra e levados para Tomé-Açu, Nordeste paraense, onde já existia uma grande colônia instalada e ainda hoje é uma importante colônia japonesa. Apesar dos contratempos, o cultivo da juta continuou.

Nos idos de 1938 e 1942, foram produzidas mais de 5 mil toneladas da fibra. Em 1941, depois de uma conversa entre Tsukasa Uyetsuka e o Presidente Getúlio Vargas, em Parintins, foi aprovado um Decreto oficializando a cultura. Apesar disso, em 1946, os bens da Vila Amazônia foram a leilão como espólio de guerra e a Companhia Industrial Amazonense foi vendida para a empresa J. G. Araújo. No início da década de 50, Uyetsuka tentou, sem sucesso, dar continuidade à saga dos koutakuseis.

Hoje, na antiga Vila Amazônia, existem poucas lembranças dos valorosos guerreiros da juta, a bela sede da antiga administração está em ruínas e no antigo cemitério japonês as poucas lápides, quebradas por vândalos, materializam o descaso do poder público, mas guardam ainda muito da determinação daqueles heróis orientais que tombaram ante a malária, a febre amarela e outros desafios da selva tropical. Infelizmente, mais uma parte de nossa história se vai, a "*inconstância tumultuária*" do Rio-Mar parece cravar suas garras na consciência de um povo acostumado à dinâmica de um Rio que leva por diante barrancos, Ilhas e a memória ancestral. Os governantes e a população, contaminados pelo Rio menino, são incapazes de tomar atitudes que preservem nosso valoroso patrimônio cultural.

Curupira da Amazônia
(Tadeu Garcia)

A mãe do mato enganou o branco
Que quer nossa terra tirando o descanso
Pensou que era macho só pelo nome
E pouco dinheiro comprava o homem.

Curupira é um ser com traço de índio
E os pés invertidos a mudar direção
Se um caipora vier pra enganar
A sua esperteza perderá a razão.

A mãe do mato guarda os caboclos
As plantas florando os bichos parindo
E até os minerais.

Ninguém compreende o nosso destino
Nem mesmo a ciência
E somente a cultura
Da à Amazônia o valor
Ela é alguém que protege essa flor
Se tirar nunca mais tem amor.

Festival Folclórico de Parintins

A Consagração

(Cezar Moraes – Paulo da Silva)

Êo, êo, êo, êo êo êa
Chegou o boi Garantido
Fazendo o bumbódromo todo vibrar
Canta nação vermelha e branca
Canta com muita emoção
Canta nação vermelha e branca
Canta com muita emoção
Viva o boi Garantido
Meu touro branco querido
Boi que mora no meu coração.

Entrevista com Raimundo Santos de Oliveira

O meu nome é Raimundo Santos de Oliveira, conhecido como "*Rai Santos*", filho de Parintins, nascido em 1964. Passei minha infância e adolescência em Manaus, onde estudei, vim para Parintins na década de 80, quando comecei a conhecer mais diretamente a arte do boi. Conheci a nossa cultura, a cultura de Parintins, porque os meus pais e os meus tios eram pessoas ligadas diretamente ao boi, à brincadeira do boi. Passei a infância ouvindo toada de boi e as histórias contadas pelo meu tio avô, que foi uma das pessoas que começou o boi. Na infância, aprendi muito mais ouvindo do que participando; já na minha adolescência, foi a vez de brincar o boi, brincar de quadrilha e tentar compreender um pouco mais de nossa cultura.

Sou formado pela Universidade Federal do Amazonas [UFAM] em artes visuais, meu conhecimento na área começa com o teatro, cresci nos palcos de teatro. Quando vim para Parintins, trouxe o teatro para cá e comecei a desenvolver, na década de 90, um

trabalho de arte cênica no boi. Trabalhei nos movimentos cênicos dos dois bois, tanto Garantido como Caprichoso. Era uma área nova, uma área onde não havia muita ingerência e as pessoas não tinham noção da importância da arte cênica. Hoje o boi tem um departamento ligado à arte cênica, com pessoas contratadas para isso, naquela época nós éramos todos voluntários, todo mundo trabalhava com boa vontade no boi.

Hiram: como foi tua passagem de um boi para o outro?

A minha família é toda Garantido, vocês poderão ver meus trabalhos no Garantido, mas foi o Caprichoso que me contratou profissionalmente para trabalhar pela primeira vez. Trabalhei alguns anos no Caprichoso e, por questões familiares e amigos que eram do Garantido, acabei voltando para o Garantido como profissional contratado na área de arte cênica. Vários artistas já fizeram isso, alguns artistas que eram do Caprichoso foram para o Garantido e depois retornaram ao Caprichoso. Hoje a luta é mais ferrenha, e assim como a mídia coloca o artista em evidência, coloca também as cores que ele defende. Se o artista troca de boi, a mídia acaba tornando difícil a vida do artista, ele tem que escolher realmente um lugar e lá permanecer.

O boi é cheio de curiosidades! Hoje o boi está dividido em quatro partes, mas eu olho o boi de outra forma, ele não é mais o Boi-Bumbá originário do Maranhão. O boi assume uma nova identidade, talvez nós não tenhamos compreendido a total extensão dessa nova identidade, não que ele tenha perdido as suas origens, mas ele criou uma nova identidade em Parintins.

Quando a gente ouve falar em Boi-Bumbá, se fala de morte e ressurreição. O boi entra, morre, perde a língua, em Parintins isso não ocorre mais, nós temos um evento ritual, o evento lenda, o evento figura típica regional e o evento folclórico. O que era morte e ressurreição do boi passou a ser uma ressurreição ou uma reavaliação da figura amazônica. O ritual, as lendas, o momento folclórico, a figura típica regional, o encontro do povo brasileiro, temos o branco, o negro, o índio e a junção de tudo isso aí. Eu acho isso interessante porque quem chega a Parintins, que conhece o folclore nordestino e que conhece o boi, se espanta com o boi porque imagina uma brincadeira de rua com morte e ressurreição e, aqui, vê um grande espetáculo artístico que é difícil de mensurar.

Ele teve sua origem no Maranhão, mas acabou encontrando seu próprio rumo, criou sua própria identidade, hoje podemos afirmar: o nosso boi tem a identidade da Amazônia. Aqui encontramos a lenda do guaraná, a lenda da Iara que dá origem a muita coisa na Amazônia, a gente vai encontrando um pedacinho de cada coisa da Amazônia no nosso Festival, eu vejo que o Festival aqui deixou de ser o Festival de Parintins para se tornar o Festival da Amazônia.

Não menosprezamos as demais culturas, mas um fato relevante deve chamar a atenção de todos é que somos uma mistura de raças, uma mistura de povos. Temos os Tupinambás oriundos do litoral, temos a influência japonesa, lá do outro lado do mundo, outros povos do Médio Oriente vieram para cá também, temos nativos [Parintintins] que aqui habitavam e dos quais herdamos o nome do nosso Arquipélago Parintins além das técnicas vindas do Japão e amalgamamos isso tudo numa grande festa.

O que poucos sabem, porém, é que quando os brancos aqui chegaram, por volta de 1800, os Parintintins, antes mesmo do Boi-Bumbá, da cultura nordestina já realizavam uma dança chamada "*siricador*". Nessa dança em que eles festejavam a vitória sobre o inimigo, uma pessoa personificava o boi e as moças ao redor faziam as vezes dos índios vitoriosos e com um pedaço de pano atacavam um índio no centro em forma de dominação. O interessante é que nós temos uma origem do Boi-Bumbá nordestino que vem da Europa, mas sabemos, parece coisa de lenda, que os Parintintins já tinham uma dança de boi.

Em Parintins, existe uma linha imaginária que divide a Cidade ao meio, parece coisa planejada, mas aconteceu naturalmente, ela se inicia no Porto, se estende por trás do Mercado, passa pelo lado da Prefeitura e vai até a Catedral de Nossa Senhora do Carmo e dali ao Bumbódromo, criando duas zonas distintas: uma Azul, do Boi Caprichoso e a outra Vermelha do Boi Garantido.

O Festival nasceu dentro do espaço católico, a Igreja deu o grande passo para a criação do Festival, não do boi mas do Festival. Em 1964, ela organizou o primeiro Festival e de 64 para cá os bois começam a abandonar a rua e a brincar num espaço.

Festival Folclórico de Parintins

(O Magnífico Folclore de Parintins – Tonzinho Saunie)

O espetáculo grandioso atrai milhares de turistas do Brasil e do mundo, não só pela riqueza cênica, como pela criatividade dos artistas que, a cada ano, inovam suas criações, levando para a arena do bumbódromo a riqueza do folclore da região. O boi é representado, durante todo o mês de junho, em todos os estados amazônicos [...]

Parintins

Parintins Para o Mundo Ver
(*Jorge Aragão/Ana Paula Perrone*)

Nosso boi nossa dança xipuara
Caiu no mundo está mostrando a nossa cara
Atravessou pro outro lado do oceano
Ficou famoso meu valente boi de pano.

Em Parintins, no entanto, a festa ganhou maior projeção, com a realização do Festival Folclórico de Parintins. A beleza exuberante e exótica da região já justifica a visita ao festival folclórico de Parintins.

Primeira etapa da festa

O Tom do Desafio
(*Tadeu Garcia*)

É o coração do Garantido aguerrido
Onde pulsa o nosso amor
E traz consigo a batida da emoção
No humilde torcedor.

Durante os primeiros dez dias de festival, apresentam-se vários grupos folclóricos, com suas representações de lendas ao som de toadas e cantos indígenas, teatralizações de rituais, fantasias, figuras engraçadas e curiosas do imaginário da região. A apoteose acontece no último final de semana do mês de junho, quando se apresentam as grandes atrações da Festa, os Bois Garantido e Caprichoso. Há décadas, eles, e só eles, disputam a condição de melhor Boi de Parintins. E quem escolhe é o público, que se divide entre o Vermelho e o Azul. Ganha quem mais fizer vibrar a plateia, razão pela qual os grupos não poupam esforços nem economizam animação, levando para a arena do bumbódromo luxuosas fantasias, toadas e alegorias repletas de criatividade.

Bumbódromo

O Bumbódromo de Parintins, ou Centro de Convenções Amazonino Mendes, foi inaugurado em 24 de junho e aberto para o 22° Festival Folclórico, em 1988. O Bumbódromo tem 35 mil lugares, entre camarotes, arquibancadas especiais e arquibancadas gratuitas. Essas representam 95% dos lugares e são divididas em duas partes rigorosamente iguais para as torcidas do Caprichoso, representada pela cor Azul, e a do Garantido, cor Vermelha. Cada um dos lados da arquibancada é pintado com a cor de um Boi. Os quatro mil brincantes [foliões] e cada um dos grupos cantam e contam na arena do Bumbódromo a lenda do Boi-Bumbá. [...] Os dois Bois dançam e cantam por um período de três horas, com ordem de entrada na arena alternada em cada dia. O último final de semana de junho é dedicado exclusivamente aos espetáculos dos dois Bumbás rivais, Caprichoso e Garantido, que encenam um verdadeiro ritual amazônico com Pai Francisco, Mãe Catirina, Tuxauas, Cunhã Poranga, Pajé e suas inúmeras tribos, lendas e rituais indígenas. [...] As torcidas jamais se misturam e, durante a apresentação de um grupo, a torcida do outro não pode se manifestar.

Garantido e Caprichoso

Garantido Sou Eu
(Jorge Aragão)

Ilumina esse curral
Essa arena vai ferver
Você não viu nada igual
Nem tão cedo vai ver.

Em Parintins você vai ver
O que é amor, você vai ver
O que é amor, você vai ver
O que é amor.

Caprichoso por Inteiro
(*Cezar Moraes*)

Boi caprichoso meu touro formoso
Eu amo esse boi
Amor crescente que mexe com a gente
Nos faz vencedor.
Sinto prazer e uma grande
Alegria no meu coração
Quando o meu boi caprichoso
Balança pra nossa paixão.

Os Bois-Bumbás de Parintins, Caprichoso e Garantido, existem desde 1913, mas o festival foi oficializado em 1966, transformando-se no maior espetáculo folclórico do Brasil e a 2ª maior festa popular do mundo.

Garantido

Festa da Raça
(*Chico da Silva*)

Vem dançar, vem brincar, no boi mais querido
Vem amar e ficar com o Garantido
Teu calor, teu amor, tem sabor guaraná o cunhã
Tá que tá, meu Bumbá, vamos lá ver o Sol da manhã
[...] Balanceia para o mundo ver.

Surgido a 13.06.1913, o Boi Garantido apareceu nos sonhos do curumim Lindolfo Monteverde, que sempre sentava no colo de sua avó maranhense para ouvir as lendas do boi de pano que dançava nas noites de São João. Inicialmente, o menino de 11 anos, que brincava com a garotada de fé [turma de amigos] em seu quintal, confeccionou seu boi com curuatá, e batizou-o de "*Garantido*". Por mais sete anos, o quintal de Dona Xanda [Alexandrina Monteverde, mãe de Lindolfo], foi o palco para a festa desse Boi.

Após algumas discussões com Dona Xanda, Lindolfo conseguiu convencer a mãe a ajudá-lo a fazer os primeiros chapéus e camisas Vermelhas, para sair às ruas. A resistência de sua mãe não era gratuita, uma vez que naquela época, as batalhas entre contrários eram coisa séria. Tanto que nem as mulheres podiam participar. Mas foi aos 18 anos que a brincadeira de quintal de Lindolfo se tornou motivo de promessa, e transformou Garantido em um "*Boi de promessa*". Durante uma viagem ao Pará, Lindolfo teve sérios problemas de saúde e fez uma promessa a São João Batista: se ele ficasse curado, faria seu Boi brincar durante toda sua vida. Graça alcançada, promessa cumprida. Daí para frente, o Boi foi conquistando ao longo de várias décadas, o coração de milhares de Vermelhos no Brasil e no mundo, mantendo vivas as raízes do amazonense através de sua música e dança.

Caprichoso

Boi de Parintins
(Alquiza Maria, Adriano Aguiar e Geovane Bastos)

[...] Hoje tem festa do caprichoso
E nessa festa meu caboclo
Enfeitado pra brincar
Eu vou levantar minha bandeira
E cair na brincadeira
E ninguém vai me segurar [...]

Vem mãe Catirina pai Francisco,
Da floresta vem minha tribo
E a vaqueirada a galopar,
Fico com a minha tradição
A marujada quando toca faz meu boi balancear
Chega minha sinhazinha,
Esperando o meu Boi-Bumbá
Tira teu verso meu amo
Boi caprichoso acabou de chegar...

Vindos de Crato, Ceará, os irmãos Cid chegaram à região à procura de trabalho, mulher e filhos, e fizeram uma promessa a São João Batista: se alcançassem essas graças, reverenciariam o Santo com um Boi de pano. E assim aconteceu.

Como bons cristãos, juntaram-se ao ilustre filho de Parintins, José Furtado Belém, advogado que fez carreira na política amazonense, e chegou a Vice-Governador do Estado. Certo dia, os três estavam frente à Praça 14 em Manaus, quando viram um Boi pertencente à família Antares, com o nome de Caprichoso ([103]).

Com todos estes atributos, o trio fundou um Boi homônimo em Parintins. Surge então em 20.10.1913 o Boi Caprichoso de Parintins, na Travessa Sá Peixoto. Inicialmente com uma marujada de 20 pessoas, com um instrumental feito de madeira oca com peles de animais, surge o Boi, cujos personagens eram a Estrela Maior, o Amo e a Vaqueirada.

Ano após ano, a paixão pelo "*diamante negro*" cresce e arrebata mais apaixonados pela metade Azul de Parintins, sejam eles parintinenses de nascimento, ou de espírito.

Importante saber

Em Parintins, um torcedor jamais fala o nome do outro Boi, e usa apenas a palavra "*contrário*" quando quer se referir ao opositor. São proibidas vaias, palmas, gritos ou qualquer outra demonstração de expressão quando o "*contrário*" se apresenta. Cada torcida contrária permanece em silêncio, pois qualquer manifestação pode originar na perda de pontos.

---

[103] Caprichoso: (adj) que capricha; feito por capricho, excêntrico; variável; teimoso; obstinado. (Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa)

Música

A música, que acompanha durante todo o tempo é a toada, acompanhada por um grupo de mais de 400 ritmistas. O canto das toadas vem da pequena Ilha de Parintins. Os dois Bois dançam e cantam por um período de três horas, com ordem de entrada na arena alternada em cada dia. As letras das canções resgatam o passado de mitos e lendas da floresta amazônica. Muitas das toadas incluem também sons da floresta e canto de pássaros.

Ritual

O ritual dos Bumbás mostra a lenda de Pai Francisco e Mãe Catirina que conseguem, com a ajuda do Pajé, fazer renascer o Boi do patrão. Conta a lenda que Mãe Catirina, grávida, deseja comer a língua do Boi mais bonito da fazenda. Para satisfazer o desejo da mulher, Pai Francisco manda matar o Boi de estimação do patrão. Pai Francisco é descoberto, tenta fugir, mas é preso.

Para salvar o Boi, um Padre e um médico são chamados [o pajé, na tradição indígena] e o Boi ressuscita. Pai Francisco e Mãe Catirina são perdoados e há uma grande comemoração. O Garantido, considerado o "*boi do povão*", acumula 28 vitórias contra 19 do Caprichoso, "*o boi da elite*".

Transmissão

A primeira edição do Festival Folclórico a ser transmitido ao vivo foi em 1994, pela Rede Amazônica de Televisão, afiliada da Rede Globo. Este contrato vigorou até 1999; no ano seguinte, a transmissão passou à "*TV A Crítica*" que ficou responsável pela mesma até 2007.

Desde a edição de 2008, a Rede Bandeirantes transmite para todo o Brasil os três dias do evento em alta definição. Um fato interessante é que, durante a transmissão, o símbolo da emissora fica com a cor do boi que está se apresentando: azul na hora do Caprichoso e vermelho na hora do Garantido.

Personagens da Festa

Apresentador

A ópera do Boi tem um apresentador oficial que comanda todo o espetáculo. O levantador de toadas faz a trilha sonora e dá um show de interpretação, transmitindo empolgação à sua Galera [torcida].

Batucada do Garantido e Marujada de Guerra do Caprichoso

A bateria com suas batidas precisas e contagiantes, cadencia o ritmo da toada, de letras épicas, poéticas e sedutoras.

Amo do Boi

O Amo do Boi, com seu jeito caboclo, exalta a originalidade e a tradição do folclore, fazendo soar o berrante e tirando o verso em grande estilo. É a chamada do Boi, que vem para bailar.

Sinhazinha da Fazenda

E para saudar o Boi, vem aí a Sinhazinha da Fazenda, que chega toda brejeira, com seu vestido rendado e sua dança faceira. Pai Francisco e Mãe Catirina, juntamente com os bonecos gigantes, trazidos pela Dona Aurora, figura tradicional do Boi de Parintins, também participam.

Figuras Típicas Regionais e Lendas Amazônicas encantadoras fazem aflorar os sentimentos de amor e paixão. Alegorias gigantes se movimentam. Coreografias e fantasias originais, com luz teatral e fogos, dão um brilho especial ao espetáculo.

Porta Estandarte, Rainha do Folclore e Cunhã Poranga

Porta Estandarte e Rainha do Folclore dão um banho de charme, beleza e simpatia. E na sequência, o grande mito feminino do nosso folclore: Cunhã Poranga!

A moça mais bela da tribo dá um show de magia, irradiando toda a sua beleza nativa, de olhar selvagem, com seu lindo corpo emoldurado de penas. Aparece aqui o elemento indígena, incorporado à festa do Boi no folclore amazônico.

Tribos

Dezenas de Tribos Masculinas e Femininas, com suas cores vibrantes, compõem um cenário tribal delirante, de coreografias deslumbrantes. Os Tuxauas Luxo e Originalidade são um primor de beleza.

Ritual

No apogeu da apresentação, acontece o Ritual, uma dramatização teatral comovente, culminando sempre com a mágica e misteriosa intervenção do Pajé, o poderoso curandeiro e temido feiticeiro, que faz a dança da pajelança. É a grande apoteose da noite.

Galera

A Galera [torcida] dá um show à parte. Enquanto um Boi se apresenta, sua Galera participa com todo

entusiasmo. Seu desempenho também é julgado. Do outro lado, a Galera do contrário não se manifesta, ficando no mais absoluto silêncio, num exemplo de cordialidade, respeito e civilidade.

Jurados

Três jurados são selecionados todos os anos para coroar o Boi-Bumbá. O processo seletivo dessas pessoas é envolto no mais absoluto sigilo. E o único que tem acesso prévio a estes nomes é o Presidente da Comissão Julgadora, eleita por ambos Bois. A função do Presidente é de sortear três estados brasileiros, e informar a seus respectivos Secretários de Cultura sobre as regras do jogo. Cabe então a cada estado selecionado indicar um jurado. Dentre os 22 quesitos que elegem o Boi campeão, os principais são:

- Levantador de toada;
- Participação da galera e silêncio na apresentação do contrário;
- Fantasia de cunhã-poranga – mulher mais bonita;
- Apresentador – é o narrador das entradas e apresentações de cada boi.

Para evitar confusões, todos os anos o resultado é divulgado através da rádio. Finalmente o festival termina com o desfile dos vencedores, e a passeata dos perdedores. Em Parintins até protesto é sinônimo de festa.

Vencedor

Depois da apuração, o Boi com maior pontuação nas 3 noites é proclamado campeão. E faz uma grande festa. Ao perdedor, resta o bem humorado protesto. E aturar as gozações do vencedor. (SAUNIER)

É Campeão
(Cesar Moraes)

O som, a raça
E a garra que impera
Vem da massa azulada
Que emana do amor.

Um amor perfeito que liberta
O coração apaixonado
Que explode no calor.

Segura o tom minha galera azulada
Que o rojão vai subir
Explode arquibancada
De felicidade e alegria.

Me faz sentir o amor
E a nobreza da paixão
Eu sou feliz e canto é campeão
Eu sou é campeão.

É campeão! minha galera
É campeão! canta meu povo
É campeão! que a vida é bela
É campeão! canta de novo
É campeão! minha galera
É campeão! canta meu povo
É campeão! que a vida é bela.

E a galera azul e branca inflamada
Sai do chão.

Imagem 43 – Chegada em Parintins, AM

Imagem 44 – QG do Caprichoso – Parintins, AM

Imagem 45 – Praça Tsukasa Uyetsuka – Parintins, AM

Imagem 46 – Foz do Rio do Balaio – Juruti, AM

Imagem 47 – Rio do Balaio – Juruti, AM

Imagem 48 – Lago Grande de Juruti Velho – Juruti, AM

Imagem 49 – Lago Jará – Juruti, AM

Imagem 50 – Tribódromo – Juruti, AM

Partida para Juriti

Juruti*: missão que extrai este nome de Lago em que foi estabelecida no ano de 1818, cujo Lago jaz na margem Austral do Amazonas pouco arredado dela para dentro, e da montanha dos Parintins, que lhe demora à esquerda. Ali habitam 385 indianos, Mundurucus e Maués de ambos os sexos, debaixo da direção de um Missionário congruado ([104]) como o de Curi. A Igreja é consagrada a Nossa Sr.ª da Saúde, e filial de Matriz da Vila de Faro. Na circunvizinhança deste Lago são as florestas abundosas de salsa e cravo. No mesmo Lago, também residem alguns brancos, que fabricam guaraná, farinhas de mandioca, agricultam algodão, e sacam da espessura salsa e cravo. (BAENA, 2004)*

Partida para o Rio do Balaio (11.01.2011)

Por estes amazônicos acasos, encontrei Ângelo Corso em Parintins, ele está subindo o Amazonas a partir de Santarém e pretende subir o Rio Negro, alcançar o Orenoco pelo Canal Cassiquiare, e chegar ao Caribe venezuelano. Eu havia tomado conhecimento de sua proposta por e-mail onde ele comentara que talvez pudéssemos nos encontrar pelo caminho. Depois de passar pouco mais de um mês em Santarém, iniciou sua lenta jornada até Parintins onde permaneceu igual período e onde nos encontramos. O Ângelo deixou seu caiaque, na véspera da partida, no Piquiatuba e partimos por volta das 05h30, ele subindo e eu descendo o Rio Amazonas. Os banzeiros me acompanharam todo o trajeto dificultando e atrasando bastante a progressão, mesmo assim, consegui imprimir um ritmo forte por volta de 3 horas, fazendo minha primeira parada num pequeno braço do Lago interno da Ilha de Parintins, depois de remar mais de 30 quilômetros.

---

[104] Recebe a côngrua. Contribuição realizada pelos habitantes de uma freguesia ao pároco para sua sustentação.

Descansei um pouco e continuei minhas remadas até encontrar a equipe de apoio, logo abaixo, na Foz do Paraná de Parintins tirando fotos de uma pequena preguiça capturada por um ribeirinho. Troquei meu cantil vazio por outro cheio e parti, enfrentando os fortes banzeiros que assolavam a costa da Serra de Parintins ([105]), já navegando em águas paraenses.

O local de parada programado não possuía um bom abrigo para o Piquiatuba e estendi minha jornada por mais de 13 km até a Foz do Rio do Balaio. O Rio permite que se acesse a sede da Vila de Juriti Velho, situada no aprazível Lago Grande do Juruti Velho.

Partida para o L. Grande de J. Velho (12.01.2011)

O Sargento Aroldo Sérgio Barroso, prático do Piquiatuba, chegou de madrugada e, finalmente, passou a integrar a tripulação. Depois de confirmar com o Barroso se ele conhecia suficientemente a região do Lago, decidi alterar a programação já que estávamos a apenas 24 km de Juruti, nosso próximo objetivo. Partimos, no Piquiatuba, às 05h00, admirando as belas paisagens do Lago, da Serra do Xituba e do Rio Balaio até chegarmos à Vila de Muirapinima (Juruti Velho) no Lago Grande.

No trajeto, observamos bandos de belas garças, patos selvagens, biguás e marrecas de várias espécies. Dois animais, em especial, chamaram minha atenção: uma pequena garça-negra ([106]) voando com suas irmãs

---

[105] Serra de Parintins: elevação de altitude máxima de 152 m na divisa do Estado do Amazonas com o Estado do Pará. Conhecida também como Serra Valéria em homenagem à uma antiga moradora do local.

[106] Garça negra (Egretta gularis): semelhante à garça-branca-pequena. Distingue-se pela plumagem escura, quase negra, queixo branco e bico ligeiramente mais longo.

imaculadamente brancas e um pequeno baiacu ([107]) de Rio que até então me era totalmente desconhecido.

Partida para Juruti

Retornamos à Foz do Rio do Balaio, e parti, de caiaque, por volta das 10h00 com destino a Juruti, ainda enfrentando fortes banzeiros. O Piquiatuba ancorou junto ao porto, colocamos o Cabo Horn no convés inferior e de repente o barco foi invadido por populares que procuravam entrar no barco de passageiros que estacionara ao lado do nosso. Passado o "*paraense tumulto*", o Sargento Barroso foi manobrar para colocar a embarcação em um lugar mais calmo quando a corrente do leme arrebentou e enroscou na hélice partindo-a. A tripulação levou quase 24 horas para realizar a devida substituição.

Lago Jará

Fiz contato com a Polícia Militar do Pará, pela primeira vez, através do "*190*" e o Tenente Helder da Silva Brandão Esquerdo imediata e gentilmente nos atendeu assumindo o compromisso de contatar elementos da Prefeitura e da Omnia – Grupo Alcoa. Graças ao irmão (maçom) Edilson Pereira, amigo do Coronel Teixeira, conhecemos as belas instalações da Loja Maçônica General Adalberto Coelho da Silva acompanha-

---

[107] Baiacu-amazônico (Colomesus asellus): normalmente encontrado em águas doces embora tolere águas levemente salobras. Relativamente pequeno, atinge no máximo 15 cm. As faixas negras no dorso são grossas e possui também uma faixa negra ao redor da nadadeira caudal. Esta espécie não possui os característicos espinhos grandes, grossos e triangulares dos baiacus de espinho. Os baiacus marinhos tem o fígado impregnado por um poderoso veneno (tetrodoxina) apenas porque consomem alimentos tóxicos como estrelas do mar e moluscos. Criados em cativeiro e com nutrientes adequados, os animais não apresentam qualquer nível de toxidez.

dos do Venerável Albany e do 2° Vigilante Charles. A cerimônia de Sagração da Loja, realizada em agosto de 2010, contou com a presença do Grão Mestre do Grande Oriente do Estado do Pará, Waldemar Chaves Coelho, do Grão Mestre Adjunto Raimundo Farias, além de vários Maçons de Belém, Santarém e Oriximiná. Conhecemos, também, na mesma oportunidade, o Lago Jará.

O Lago é uma Área de Proteção Permanente (APP), localizado na sede do Município de Juruti é utilizado para a pesca, lazer e navegação. Infelizmente, a remoção sistemática da mata ciliar, a ocupação desordenada, colocação de lixo no Lago ou nas suas proximidades e outros usos inadequados vêm causando uma progressiva e alarmante degradação do manancial.

Prefeito Municipal

No dia seguinte, o Ten PM Helder tinha agendado uma entrevista nossa com o Prefeito e seus secretários. O Prefeito de Juruti, Manoel Henrique Gomes Costa (PT), costuma reunir semanalmente seus assessores em um balneário às margens do Lago Jará.

Degustamos um café regional enquanto aguardávamos a presença do Prefeito aproveitando para conhecer os membros de sua equipe.

Logo que o Prefeito chegou, fiz uma apresentação genérica, sobre o projeto, para o seu "*staff*" e concluí solicitando-lhe um possível contato com o seu Secretário de Cultura e pesquisadores locais.

O Prefeito aquiesceu mas, infelizmente, em virtude do acirrado patrulhamento ideológico Petralha, não obtive o retorno prometido pelo Prefeito Costa.

Alcoa

O Ten PM Helder providenciou para que, no dia 13 de janeiro, à tarde, fizéssemos contato com a Superintendente da Alcoa – Juana Galvão. Depois de explicar-lhe nossos objetivos ela ficou de remeter informações relativas às ações comunitárias e de meio-ambiente levadas a efeito pela empresa via e-mail.

Festival das Tribos

O evento mais importante da Cidade é o Festival das Tribos que acontece no final do mês de julho com a participação das tribos Mundurucus e Muirapinima. As tribos recebem total apoio da Prefeitura para o evento. A paixão da população pelas duas tribos é similar às torcidas do Caprichoso e Garantido de Parintins. No ano passado (2010) foi realizado, no Tribódromo, o XV Festival das Tribos Indígenas de Juruti sagrando-se vitoriosa a tribo Azul e Vermelha, Muirapinima.

Terras Caídas

Denominação dada na Região Amazônica ao escavamento produzido pelas águas dos Rios, fazendo com que os barrancos sejam solapados intensamente, assumindo por vezes aspecto assustador. Em alguns casos, podem-se ver pedaços grandes de terra sofrerem deslocamentos como se fossem Ilhas flutuantes. (GUERRA)

Nenhum fenômeno das "*terras caídas*" foi tão desastroso como o que ocorreu em Juruti na década de 1980. A Cidade, na sua origem, construída em terra firme teve, ao longo dos tempos, sua frente aumentada por sedimentos carreados pelo Rio Amazonas. Com o passar dos anos, o nível do depósito foi se elevando e os moradores passaram a construir edificações e ruas.

A associação do aumento significativo do peso sobre o instável depósito e as frequentes mudanças na dinâmica do Rio, finalmente, romperam o equilíbrio e tudo desceu levado pelas águas. O Rio, no dia dos pais, em 1984, retomou praticamente 200 metros da Cidade em uma ação que durou das 20h30 até a meia noite.

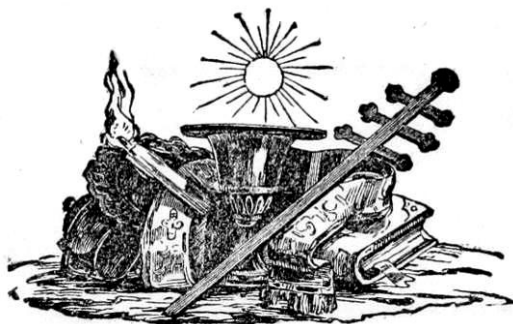
Vem da Amazônia
(Benedicto Monteiro)

Vem da Amazônia este grande poema
Esta grande e imensa poesia
Que inunda minha alma...

Vem da terra verde
Onde as mãos das crianças acenando ao longe
Parecem asas de pássaros
Cansados...

Vem da planície verde este grito estranho
Este grito bárbaro
Que já rompeu todas as florestas
E reboou em todos os igapós. [...]

Traz o baque da árvore caindo em terra
Gritando e rangendo
Na música sublime das melodias vivas.

Traz o poema das terras caídas
Que levam vidas
E desfazem lares. [...]

Juruti

Histórico

Juruti foi uma aldeia de índios Mundurucus, fundada, segundo Ferreira Pena, em 1818 e sujeita à direção de um missionário com poderes paroquiais. Possuiu uma pequena igreja construída pelos índios, em tudo dependente do auxílio da Fazenda Pública do Pará.

Teve a categoria de freguesia sob a invocação de Nossa Senhora da Saúde, dada pelo Governo Provincial do Pará, que, em execução à Lei Geral do Império, de 29.11.1832, que promulgou o Código de Processo Criminal, a considerou como fazendo parte do Termo de Faro, nas sessões do Conselho do Governo da Província do Pará de 10 a 17.05.1833, quando foi feita a divisão da Província em Termos e Comarcas. (IBGE)

Aspectos Físico-Geográficos

O Município de Juruti pertence à mesorregião do Baixo Amazonas e a microrregião de Óbidos e sua sede municipal está localizada nas seguintes coordenadas geográficas: 02°09’09” S / 56°05’42” O. Possui uma área de 8.303,9 km², uma altitude de 36 metros e clima Equatorial quente e úmido. A distância até a capital, via fluvial, é de 848 km. Possui uma população de 35.155 habitantes (IBGE 2008).

Limita-se ao Norte com os Municípios de Oriximiná e Óbidos; a Leste – Municípios de Óbidos e Santarém, ao Sul – Município Aveiro; a Oeste – Estado do Amazonas e Município de Terra Santa. A altitude do Município é moderada, com sua sede cotada em 40 metros.

Turismo e Cultura

A mais importante manifestação religiosa é o Círio de Nossa Senhora da Saúde, Padroeira da Cidade. As comemorações têm início no dia 23 de junho, com o Círio Fluvial, que parte do Lago das Piranhas com destino à sede do Município e encerram-se no dia 02 de julho, com um leilão de gado. O Festival das Tribos (Festribal), o mais famoso evento cultural do Município, é realizado no último final de semana de julho. O Festival tem a duração de três dias, e tem como palco o Centro Cultural conhecido como Tribódromo. O Centro tem o formato de uma grande canoa de três mil metros quadrados, com capacidade para sete mil pessoas. Nele as Tribos Mundurucu (vermelho e amarelo) e Muirapinima (vermelho e azul), retratam a cultura indígena em forma de música, artes cênicas; alegorias e danças disputam o título. O objetivo fundamental da festa é valorizar a cultura indígena da Amazônia. A criação das fantasias e carros alegóricos e os enredos de cada tribo são baseados em estudos realizados junto às aldeias indígenas da região. O primeiro Festival ocorreu em 1986, mas só em 1995, durante o *"X Festival Folclórico"* da região, aconteceu a primeira disputa entre as Tribos Mundurucus e Muirapinimas; antes disso se apresentavam apenas quadrilhas, Bois-Bumbás e grupos folclóricos.

Relato Pretérito – Juruti

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

> Juruti: missão, que extrai este nome de Lago, em que foi estabelecida no ano de 1818: cujo Lago jaz na margem Austral do Amazonas pouco arredado dela para dentro, e da montanha dos Parintins, que lhe demora à esquerda. (BAENA, 2004)

Mina de Bauxita de Juruti

As riquezas naturais, nas mãos de quem não sabe ou não as quer explorar, constituem permanente perigo para quem as possui. (Otto Von Bismarck)

Histórico

O Projeto de mineração e beneficiamento de bauxita da Alcoa teve início no ano de 2000, depois que a Alcoa adquiriu a Reynolds Metals. A Omnia Minérios, subsidiária da Alcoa, iniciou as atividades de prospecção em Juruti, numa área aproximada de 270.000 hectares entre Juruti e Santarém. Os resultados obtidos reduziram a pesquisa a uma área de 50.000 hectares, compreendida entre os platôs Capiranga, Guaraná e Mauari. As obras de construção da Mina de Juruti tiveram início em julho de 2006 e entraram em operação no segundo semestre de 2009.

Mina de Juruti

A exploração racional da reserva de bauxita é realizada aplicando-se o método conhecido como "*lavra em tira*". Nele o minério é removido ao longo de cortes paralelos, de pequena largura e grande extensão.

À medida que a lavra vai avançando, o material que não é aproveitado no beneficiamento (estéril) é removido e depositado na tira anterior já lavrada e, depois, recoberto com o solo original para que seja realizado o replantio de espécies da flora nativa.

As instalações industriais da área de beneficiamento da bauxita, situadas a cerca de 55 km da Cidade de Juruti, são compostas por unidades de britagem, lavagem e pátios de estocagem.

O transporte da área de beneficiamento até o Terminal Portuário de Juruti é realizado através de uma Ferrovia de 55 km de extensão. Alguns trechos desta Ferrovia foram construídos próximos às Rodovias Estaduais PA-257 e PA-260, que foram asfaltadas e, no trecho urbano, construíram-se ciclovias. O Terminal Portuário de Juruti, localizado às margens do Rio Amazonas, pode receber navios de até 55 mil ton.

Meio-ambiente e Agenda Positiva

A Companhia mantém um diálogo extremamente salutar com a sociedade local. O Projeto, além de cumprir todas as exigências ambientais, participa de diversas ações na Comunidade do Município denominadas "*Agenda Positiva*".

A Agenda Positiva, explicitada pela própria administração da Mina, corresponde a um elenco de ações complementares, desenvolvida em conjunto com a Prefeitura de Juruti e a Comunidade, com a finalidade de promover a melhoria da qualidade de vida da população de Juruti a partir do apoio e incentivo à execução de obras de infraestrutura rural e urbana, e outras ações de fortalecimento da saúde, educação, cultura, meio ambiente, segurança pública e justiça, e assistência social.

Dentre as obras de maior destaque, estão:

- ✧ Construção de um hospital de alta complexidade;
- ✧ Reforma e ampliação do Hospital Municipal "*Francisco Barros*";
- ✧ Construção de unidade mista na Vila Tabatinga [comunidade ribeirinha];

- ✧ Construção de dezesseis salas de aula para escolas municipais;
- ✧ Construção de centro de formação técnica no bairro maracanã;
- ✧ Espaço para o conselho tutelar;
- ✧ Construção do fórum de justiça de juruti;
- ✧ Construção de alojamento da Polícia Militar.

Indenização aos Assentados pelo INCRA

As três áreas de concessão de lavra da Mina de Juruti se inserem em uma grande porção de terra denominada "*Gleba Juruti Velho*", de propriedade da União Federal. A União, por intermédio do INCRA, em novembro de 2005, destinou uma parte da "*Gleba Juruti Velho*" para a reforma agrária, criando o Projeto de Assentamento Agroextrativista Juruti Velho (PAE Juruti Velho).

A Alcoa vem negociando com as comunidades integrantes do PAE critérios de harmonização e pagamento de indenizações por danos e prejuízos decorrentes das pesquisas e da lavra futura.

Proteção do Solo

O Projeto Juruti vem sendo executado com o objetivo de minimizar ao máximo qualquer tipo de impacto ao meio-ambiente. A estabilidade e de suscetibilidade à erosão dos pontos críticos são monitoradas periodicamente, com trabalhos de contenção de taludes, notadamente ao longo da Ferrovia e da Rodovia PA-257. Para a revegetação das áreas mineradas, durante a fase de Operação, o plano de reabilitação inclui o plantio de 80 mil mudas de árvores nativas da região, produzidas em viveiros próprios e comunitários.

Fauna e Flora

O resgate da fauna e da flora inicia com o Inventário Florestal e o levantamento de fauna da região, para apresentação ao órgão ambiental, visando à obtenção das autorizações necessárias para a supressão vegetal. Concedida a autorização ambiental, um procedimento específico de resgate de flora e fauna passa a ser executado.

No resgate de flora, uma equipe especializada coleta todas as sementes e mudas de diversas espécies de plantas nativas que possuem valor ambiental e econômico e esse material é encaminhado a um viveiro para, posteriormente, ser usado no reflorestamento, assim garantindo que a área reflorestada seja o mais semelhante possível à mata original.

Um procedimento similar é adotado para o grupo de animais. Primeiramente, ocorre o afugentamento, uma forma de viabilizar o deslocamento dos animais para uma área adjacente, com o mínimo de interferência antrópica (ação do homem).

Alguns animais com difícil locomoção ou deslocamento lento são resgatados por profissionais devidamente treinados em captura de espécies e, posteriormente, soltos na área mais próxima e similar possível àquela anteriormente habitada. A supressão vegetal e o romaneio (quantificação e registro) das madeiras para doação às Comunidades e à Prefeitura Municipal, vêm em seguida. Durante a fase de implantação da Mina de Juruti, foram resgatados cerca de 11.000 animais, entre mamíferos, répteis, anfíbios, aves e invertebrados.

Recursos Hídricos

As águas de superfície e subterrâneas são monitoradas pela Alcoa para caracterizar a sua qualidade, estabelecendo-se parâmetros para análises e comparações.

O processo de monitoramento é desenvolvido por amostragem, contemplando inúmeros pontos de águas superficiais, procurando abranger preferencialmente os mananciais, situados na região do entorno do Platô Capiranga, englobando os cursos tributários afluentes ao Igarapé Juruti Grande, Capiranga, Guaraná, Itapiranga e Prudente, assim como o Rio Amazonas, no trecho onde está instalado o Porto para embarque do minério.

Conclusão

O que verificamos em Juruti, com muita satisfação, é que um empreendimento responsável pode promover o desenvolvimento respeitando os anseios da população local e protegendo o meio-ambiente.

O Verde Amazonas
(Padre Valério Di Carlo)

Toda criação aplauda a Deus nos altos Céus
E na Terra louvem-no, em coro, os filhos seus!
Todo ser vivente agradeça ao Criador,
As florestas batam palmas ao Senhor!

Rios, Igarapés e Paranás e Igapós,
Lagos, Açudes cantam a Deus em alta voz.
Copas seculares à chegada do arrebol
Tornam-se um tapete ao claror do Sol.

Vida à Amazônia, do Universo o pulmão
E aos amazonenses, zeladores deste chão!
Vida à verde mata, mil riquezas a ocultar,
Semelhante a um vasto e inexplorado Mar!

Sobre a mata virgem, caudalosa e milenar,
De Francisco as mãos se estendem para abençoar.
"Rei da Natureza", com justiça lhe convém;
E nos enriquece com o seu "Paz e Bem"!

Rio Nhamundá

A passagem pela Foz do Nhamundá, também conhecido por Jamundá ou Cumuri, afluente da margem esquerda do Amazonas, me fez recordar os relatos de Frei Gaspar de Carvajal sobre as incríveis Amazonas. O Nhamundá nasce na Serra de Acaraí, descendo primeiro na direção Norte-Sul para depois mudar o rumo de Noroeste para Sudeste. No curso superior, forma várias cachoeiras, para depois entrar num vale longo e plano. Durante o trajeto, passa por inúmeras Ilhas, num trecho que atinge cerca de 200 m de largura.

No curso inferior, suas margens ficam bastante elevadas. Abaixo da confluência com o Rio Paracutu, atinge uma largura considerável, formando um Lago que ultrapassa 40 km de comprimento e 4 km de largura. O Nhamundá tem seu leito arenoso e águas claras. Seu principal afluente da margem esquerda é o Rio Paraná-Pitinga, que possui inúmeras cachoeiras.

Relatos Pretéritos - Rio Nhamundá

Charles Marie de La Condamine (1744)

No dia 28.08.1744, deixamos à mão esquerda o Rio Jamundá, que o Padre d'Acuña chama Cunuris, e pretende que seja aquele em que Orellana foi atacado pelas guerreiras Amazonas. Um pouco abaixo, tomamos terra do mesmo lado, junto ao forte de Pauxis, onde o leito do Rio é estreitado em 905 toesas ([108]) de largura. O fluxo e refluxo do mar chegam até aí, o que se faz notar de doze em doze horas, e atrasa cada dia como na costa. (CONDAMINE)

---

[108] 905 toesas: 1.736,8 m.

José Monteiro de Noronha (1768)

66. Nos Lagos do Rio Nhamundá se acham, e pescam os peixes-boi chamados de azeite, os quais só diferem dos ordinários em terem maior altura, e tanto toucinho e gordura, que quase se lhes não percebe carne alguma. Há peixe-boi destes, que rendem vinte e mais almudes ([109]) de azeite. (NORONHA)

Manoel Ayres de Casal (1817)

O Rio Nhamundá, [...], divide esta vasta Província em Oriental e Ocidental, servindo também de limite entre as jurisdições dos Ouvidores do Pará e do Rio Negro. (CASAL)

Spix e Martius (1819)

Diante da Foz do Nhamundá, as águas revolvem-se fortemente em Caldeirão, tão perigoso, ao que parece, que todas as embarcações o evitam de propósito, fazendo de novo a travessia para a margem Meridional do Amazonas. Portanto, também nós, ao chegarmos à Foz Oriental do Nhamundá, procuramos a margem Sul do grande Rio. Durante quase um quarto de hora, tivemos de cortar a correnteza impetuosa do Furo principal, cujas vagas, tão altas como as da entrada no Porto da Bahia, sacudiam de modo inquietador a nossa canoa. É difícil medir a profundidade desse Canal principal, porque mesmo uma sonda bastante pesada é inutilizada pela violência das vagas; pareceu-nos, contudo, que, pelas diversas tentativas, a profundeza é entre 70 e 80 braças ([110]). (SPIX & MARTIUS)

[109] Almudes: antiga medida, 1 almude = 31,94 litros, 20 almudes = 638,8 litros.

[110] 70 e 80 braças: 154 metros e 176 metros.

As Amazonas

A lenda das Amazonas guerreiras percorreu todas as regiões celestes. Ela pertence àqueles círculos uniformes e estreitos de sonhos e ideias em torno dos quais a imaginação poética e religiosa de todas as raças humanas e todas as épocas gravita quase que instintivamente. (HUMBOLDT)

É do Frei Gaspar de Carvajal o primeiro, e "*único*", relato de um suposto e fortuito contato com as temíveis Amazonas americanas. Carvajal afirma que mesmo cansados, doentes e debilitados em decorrência da carência alimentar e da extenuante jornada pelo Rio-Mar, os espanhóis enfrentaram bravamente as famosas Valquírias Latinas. As valorosas indígenas, hábeis no manejo do arco e da flecha, bem nutridas, formosas e adestradas para guerra, foram derrotadas por um punhado de espanhóis famélicos e combalidos.

O exagero das narrativas corria parelho com a ingenuidade dos ouvintes. [...] A propensão tendia para deformar tudo. O próprio Pero Vaz de Caminha, na carta enviada a D. Manuel, fabulava a respeito das índias, que a seus olhos propiciatórios pareciam quase tão belas como as damas de Lisboa. Era este o espírito da época. (MORAES, 1987)

Os relatos de Carvajal sobre a Expedição de Orellana são fantasiosos, superlativos em relação às riquezas da terra e da população nativa e muitas vezes contraditórios. Seus devaneios atingem o clímax ao fomentar a lenda das Amazonas. O imaginário popular foi alimentado, ao longo dos séculos, por pesquisadores despreparados e sensacionalistas. Folheando as amareladas páginas da história das civilizações verificamos que, em todas as épocas e em todos os continentes, nas mais diversas culturas, a participação das mulheres em expedições militares era usual.

Elas sempre participavam, na retaguarda, da preparação do abrigo e do alimento das tropas e, no combate estimulando-os e provendo-os com as armas necessárias e, após a refrega, cuidando dos feridos ou despojando os mortos. A visão fantasiosa de Carvajal, calcada na memória ancestral, porém, recria o famoso mito na Terra Brasilis transformando anônimas mulheres em protagonistas desses embates.

Amazonas - Origem do Nome

Os helenistas (pessoas que se dedicam ao estudo da língua grega) afirmam que o vocábulo deriva seu nome do prefixo a (não, sem) e de mazós (seios), do grego que significa "*sem seios*". Os linguistas baseiam sua tese em um relato de Diodoro da Sicília sobre as Amazonas asiáticas, que ao atingirem a maioridade, amputavam o seio direito para facilitar o manejo das armas.

Esta teoria não é confirmada pelas imagens das intrépidas guerreiras retratadas na cerâmica e outros objetos de arte da antiguidade.

Muito antes das heroínas da Capadócia, já existiam, na África, mulheres conquistadoras, que combatiam aos pares, unidas por um cinto e por juramento. Neste caso eram chamadas de Amazonas porque estavam "*ama*" do grego "*unidas*" por uma "*zona*", cinto, que representava o seu voto de castidade.

O Padre de Acuña, por sua vez, reconta a fábula engendrada pelo historiador Heródoto – o "*Pai da História*", à sua maneira, reforçando as ilações romanescas do Padre Carvajal. Engarupados na anca da história relembremos Heródoto:

HISTÓRIAS – LIVRO IV (HERÓDOTO)

MELPÔMENE

AS AMAZONAS

CX – Quanto aos Saurómatas, eis o que se diz sobre eles: quando os Gregos combateram contra as Amazonas, que os Citas chamam Aiórpatas, nome que os Gregos traduzem para Andróctones ([111]), pois "*aior*" em Cita significa "*homem*", e "*pata*" quer dizer "*matar*" – quando os Gregos, dizia eu, deram combate às Amazonas, derrotando-as às margens do Termodonte, conta-se que levaram consigo, em três navios, todas as que puderam aprisionar. Ao chegarem em alto mar, as prisioneiras atacaram seus vencedores, reduzindo-os a pedaços.

Como, porém, nada entendiam de navegação e não sabiam fazer uso do leme, das velas e dos remos, abandonaram-se ao sabor das vagas, indo ter, finalmente, a Cremnes, no Palos-Meótis. Cremnes faz parte do território dos Citas livres. As Amazonas desembarcaram ali e avançaram pelo meio das terras habitadas. Apoderando-se do primeiro haras que encontraram no caminho, montaram nos cavalos e puseram-se a saquear as terras dos Citas.

CXI – Os Citas mostraram-se admirados ante aqueles inimigos, cujas vestes lhes eram desconhecidas, bem como a língua que falavam. Ignoravam também a que nação pertenciam, e na sua surpresa não podiam imaginar de onde teriam vindo. Enganados pela uniformidade da estatura e porte dos invasores, supuseram, a princípio, tratar-se de homens, e nessa convicção lhes deram combate; mas descobrindo, pelos mortos que ficaram em seu poder depois da luta, tratar-se de mulheres,

[111] Andróctones: que matam homens.

resolveram, em conselho reunido especialmente para esse fim, não matar mais nenhuma e, em lugar disso, enviar os mais jovens dentre eles, em número correspondente ao das estranhas guerreiras, com ordens para estabelecer acampamento perto delas e imitá-las em todas as suas ações, fugindo, em vez de aceitar o combate, quando elas os atacassem, e retornando prontamente ao acampamento quando cessassem de persegui-los.

Essa resolução dos Citas foi ditada pelo desejo de possuírem filhos de tão belicosas mulheres.

CXII – Os jovens Citas seguiram à risca as instruções recebidas; e as Amazonas, reconhecendo que eles não tinham vindo com a intenção de hostilizá-las, deixaram-nos tranquilos. Entretanto, os dois acampamentos se iam aproximando cada vez mais, dia a dia. Os jovens Citas não tinham, como as Amazonas, senão suas armas e seus cavalos, e viviam, como elas, da caça e da pilhagem.

CXIII – Percebendo que, perto do meio-dia, as Amazonas se afastavam do acampamento, sozinhas ou de duas em duas, para satisfazerem suas necessidades naturais, os Citas puseram-se a imitá-las. Um deles teve oportunidade de aproximar-se de uma delas, isolada das companheiras, e a jovem, longe de repeli-lo, concedeu-lhe seus favores.

Como não podia falar-lhe, pois que não se entendiam nos respectivos idiomas, a jovem disse-lhe por sinais para retornar no dia seguinte ao mesmo lugar, com um de seus companheiros, que ela traria, também, uma companheira. Regressando ao acampamento, o jovem Cita relatou sua aventura; e no dia seguinte voltou com um companheiro ao local, onde encontrou a amazona a esperá-lo com uma de suas companheiras.

CXIV – Informados do que se passava, os outros jovens procuraram aproximar-se das outras Amazonas, e, feita a fusão dos dois acampamentos, cada um tomou por esposa aquela de quem havia recebido favores. Os Citas encontraram maior dificuldade em aprender a língua de suas companheiras, do que estas a deles; mas quando, finalmente, começaram a entender-se verbalmente, os jovens assim lhes falaram:

– Temos pais, possuímos bens, levamos outra vida; reunamo-nos ao resto dos Citas e vivamos com eles. Prometemos jamais tomar outra por esposa.

Ao que responderam as Amazonas:

– Não poderíamos viver em boa harmonia com as mulheres do vosso país. Seus costumes são diferentes dos nossos: atiramos com o arco, lançamos o dardo, montamos a cavalo e não aprendemos os misteres próprios do nosso sexo. Vossas mulheres nada disso fazem e não se ocupam senão de trabalhos femininos. Não abandonam suas carretas, não vão à caça e nem se afastam do lar. Por conseguinte, nossa maneira de viver jamais se coadunaria. Se quiserdes que continuemos como vossas esposas; se quiserdes agir com justiça, ide procurar vossos pais, pedi a parte dos bens que vos pertence e voltai para o nosso lado, para vivermos a nossa vida.

CXV – Aceitando as razões que lhes expunham suas jovens esposas, os Citas fizeram o que elas lhes aconselhavam, e, recolhendo a parte do patrimônio que lhes cabia, vieram a elas juntar-se novamente. Disseram-lhes então as Amazonas:

– Julgamos não ser conveniente permanecermos aqui por mais tempo, depois de havermos privado de vosso país e saqueado vossas terras. Já que escolhestes manter-vos em nossa companhia, nada nos impede de deixar estes lugares para irmos estabelecer-nos para além do Tánais.

CXVI – Tendo concordado com a sugestão de suas esposas, os Citas atravessaram o Tánais, e depois de haverem jornadeado três dias para Leste e outros tantos para o Norte a partir do Palos-Meótis, chegaram ao país que ainda hoje habitam e onde fixaram residência. Daí o fato de as mulheres dos Saurómatas terem conservado seus antigos costumes: montam a cavalo, vão à caça, ora sozinhas, ora com os maridos. Acompanham-nos também na guerra, trajando as mesmas vestes que eles.

CXVII – Os Saurómatas adotam a língua Cita, mas nunca a falaram com pureza, porque as Amazonas não a conheciam senão imperfeitamente. Com relação ao casamento, estabeleceram uma lei segundo a qual uma mulher não poderia contrair matrimônio enquanto não matasse um inimigo. Por isso, muitas delas, não conseguindo cumprir as disposições da lei, morrem de velhice, ainda solteiras. (HERÓDOTO)

O Padre Pedro Cristóbal de Acuña difundiu a lenda recriada por Carvajal, quase cem anos antes, contaminando o imaginário de crédulos de todo o mundo durante séculos ao mencioná-la no seu "*Novo Descobrimento*".

Carvajal tinha visto, na verdade, as índias que normalmente acompanhavam os maridos à guerra, com a finalidade de incitá-los ao combate, encarregarem-se do apoio logístico e excepcionalmente substituindo o companheiro morto na refrega.

Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no seu "*Diário da viagem que em visita, e correição das povoações da Capitania de S. José do Rio Negro fez o Ouvidor, e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775*", menciona que os Tuturicus levavam suas mulheres à guerra, para

estas lhes fornecerem flechas durante o combate. As mulheres dos Otomacas apanhavam as flechas inimigas, envenenavam-nas e as entregavam aos maridos para serem usadas contra o inimigo. (SAMPAIO)

Jurupari

O Jurupari, considerado pelos índios como a personificação do diabo, foi, nos tempos pré-históricos, um guerreiro estrangeiro, que veio das Antilhas para o Amazonas e combateu as mulheres guerreiras desde a Embocadura do grande Rio. Segundo os nativos, as inscrições que podem ser avistadas nas pedras e rochedos, na época da vazante, em toda a Bacia Amazônica, são testemunhas das vitórias do Jurupari sobre as Amazonas. O vitorioso Jurupari chegou ao Alto Rio Negro depois ter destruído completamente as Amazonas. Os descendentes destas adotaram, como símbolo de sua terrível derrota, a couraça do vencedor que, por uma lenta mudança, transformou-se na máscara sagrada, que nenhuma mulher Índia pode ver, sob pena de morte. É por isso que, ainda hoje, elas se afastam e se refugiam nas profundezas das florestas quando se exibe o antigo instrumento de sua derrota.

Relatos Pretéritos – Amazonas

Gaspar de Carvajal (1542)

Hão de saber que eles são súditos e tributários das Amazonas, e conhecida a nossa vinda, foram pedir-lhes socorro e vieram dez ou doze. A estas nós as vimos, que andavam combatendo diante de todos os índios como Capitãs, e lutavam tão corajosamente que os índios não ousavam mostrar as espáduas, e ao que fugia diante de nós, o matavam a pauladas. Eis a razão por que os índios tanto se defendiam.

Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pelo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios. E em verdade houve uma destas mulheres que meteu um palmo de flecha por um dos bergantins, e as outras um pouco menos, de modo que os nossos bergantins pareciam porco espinho. Voltando ao nosso propósito e combate, foi Nosso Senhor servido dar força e coragem aos nossos companheiros, que mataram sete ou oito destas Amazonas, razão pela qual os índios afrouxaram e foram vencidos e desbaratados com farto dano de suas pessoas. [...] Perguntou o Capitão como se chamava o senhor dessa terra, e o índio respondeu que se chamava Couynco, e que era grande senhor, estendendo-se o seu senhorio até onde estávamos. Perguntou-lhe o Capitão que mulheres eram aquelas que tinham vindo ajudá-los e fazer-nos guerra. Disse o índio que eram umas mulheres que residiam no interior, a umas sete jornadas da costa, e por ser este senhor Couynco seu súdito, tinham vindo guardar a costa. [...] Disse o índio que as aldeias eram de pedra e com portas, e que de uma Aldeia a outra iam caminhos cercados de um e outro lado e de distância em distância com guardas, para que não possa entrar ninguém sem pagar tributo. [...] Ele disse que estas índias coabitam com índios de tempos em tempos, e quando lhes vem aquele desejo, juntam grande porção de gente de guerra e vão fazer guerra a um grande senhor que reside e tem a sua terra junto à destas mulheres, e à força os trazem às suas terras e os têm consigo o tempo que lhes agrada, e depois que se acham prenhas os tornam a mandar para a sua terra sem lhes fazer outro mal; e depois quando vem o tempo de parir, se têm filho o matam ou o mandam ao pai; se é filha, a criam com grande solenidade e a educam nas coisas

de guerra. Disse mais que entre todas estas mulheres há uma Senhora que domina e tem todas as demais debaixo da sua mão e jurisdição, a qual senhora se chama Conhorí. Disse que há lá imensa riqueza de ouro e prata, e todas as Senhoras Principais e de maneira possuem um serviço todo de ouro ou prata, e que as mulheres plebeias se servem em vasilhas de pau, exceto as que vão ao fogo, que são de barro. Disse que na capital e principal Cidade onde reside a senhora, há cinco casas muito grandes, que são oratórios e casas dedicadas ao Sol, as quais são por elas chamadas Caranaí, e que estas casas são assoalhadas no solo e até meia altura e que os tetos são forrados de pinturas de diversas cores, que nestas casas têm elas ídolos de ouro e prata em figura de mulheres, e muitos objetos de ouro e prata para o serviço do Sol. Andam vestidas de finíssima roupa de lã, porque há nessa terra muitas ovelhas das do Peru. Seu trajar é formado por umas mantas apertadas dos peitos para baixo, o busto descoberto, e um como manto, atado adiante por uns cordões. Trazem os cabelos soltos até ao chão e postas na cabeça coroas de ouro, da largura de dois dedos. (CARVAJAL)

Cristóbal de Acuña (1639)

LXXI – Dão Notícias das Amazonas

Com o que também disseram esses Tupinambás, confirmamos as longas notícias que por todo o Rio trazíamos das afamadas Amazonas das quais o Rio tomou o nome desde seus primórdios, não o conhecendo por nenhum outro, senão por este, os cosmógrafos que dele trataram até hoje. [...] Uma das principais coisas que asseguraram era estar o Rio Povoado por uma tribo de mulheres guerreiras que, sustentando-se sozinhas, sem varões, com os quais apenas durante certo tempo mantinham

coabitação, viviam em suas aldeias, cultivando suas terras e conseguindo com o trabalho de suas mãos todo o necessário para seu sustento. Tão pouco faço menção às investigações que pelo Novo Reino de Granada, na Cidade de Pasto, foram feitas com alguns índios, e em particular com uma índia que disse ela mesma já ter estado nas terras onde estas mulheres vivem, acordando em tudo o que já se sabia pelos primeiros dados. [...]

LXXII – O Rio das Amazonas

[...] Têm estas mulheres varonis seu assentamento entre grandes montes e eminentes cerros, dentre os quais o que mais se destaca e que, como mais soberbo, é açoitado pelos ventos com mais vigor e por isso sempre se eleva descalvado ([112]), chama-se Yacamiaba. São as Amazonas mulheres de grande valor, que sempre se têm conservado sem contato comum com varões e mesmo quando estes, por um acordo que com elas mantêm, vêm a cada ano a suas terras, elas recebem-nos de armas na mão, que são arcos e flechas. Depois de alguns exercícios, seguras de que os conhecidos vêm em paz, deixando as armas, acodem todas às canoas ou embarcações dos hóspedes e, tomando cada uma a rede que estiver a mão, redes estas que são as camas em que eles dormem, levam-na para sua casa e, dependurando-a onde o dono possa reconhecê-la, recebem-nos por hóspedes naqueles poucos dias, após os quais eles regressam a suas terras, repetindo todos os anos esta viagem na mesma época. As filhas fêmeas que desta união nascem elas conservam e criam entre si, que são as que levarão adiante os valores e costumes de sua nação, mas os filhos varões não há muita certeza do que com eles fazem.

---

[112] Descalvado; limpo de vegetação.

Um índio, que quando era pequeno havia ido com seu pai a essa visita, afirmou que os filhos varões elas os entregavam a seus pais, quando, no ano seguinte, regressavam as suas terras. Mas outros, e isso é o que parece mais certo por ser o relato mais comum, dizem que tão logo distinguem seu sexo elas os matam. Só o tempo mostrará a verdade. E se estas são as Amazonas afamadas dos historiadores, em sua Comarca estão encerrados tesouros suficientes para enriquecer todo o mundo. A Boca do Rio em que vivem as Amazonas está a 02°30’ de altura. (ACUÑA)

Charles-Marie de La Condamine (1743)

IX – As Amazonas Americanas

[...] Ele nos afirmou que o seu avô vira com efeito discorrer tais mulheres pela entrada do Rio Cuchivara, provindo do Rio Caiame, que desemboca no Amazonas pelo lado Sul, entre Tefé e o Coari; que ele chegou a falar com quatro dentre elas; e que uma trazia uma criança ao peito. Ele nos disse o nome de cada uma, e ajuntou que, partindo do Cuchivara, elas atravessaram o grande Rio, e tomaram o rumo do Rio Negro. [...] Referiram-se a certas pedras verdes, conhecidas como “*das Amazonas*”, que dizem haver herdado de seus pais, e estes as tiveram das “*cunhantainsecuima*”, ou seja, em sua língua, “*mulheres sem marido*”, entre as quais, ajuntam eles, existem em grande quantidade. [...] Um velho soldado da guarnição de Caiena, habitando agora próximo dos saltos do Rio Oiapoque, assegurou-me que, num destacamento em que ele estava, destacamento enviado pelas terras para reconhecer o país, em 1726, havia penetrado até os Amicouanes, nação de largas orelhas que vive acima das nascentes do Oiapoque, e perto das de outro Rio afluente do Amazonas; e que aí ele vira nos pescoços

das mulheres dessas mesmas pedras verdes de que acabo de falar; e que tendo perguntado a esses índios donde as tiravam, obteve como resposta que provinham das mulheres *"que não tinham marido"*, cujas terras demoravam a sete ou oito dias de jornada para o lado do Ocidente. [...]

Assim, quando hoje não se achassem mais vestígios dessa República de Mulheres, não se pode dizer que ela não haja alguma vez existido. Aliás, basta para a verdade do fato que tenha havido na América um povo de mulheres, que não consentiam os homens em sua sociedade. Seus demais costumes, e particularmente o de se cortarem uma das tetas, como o Padre de Acuña nos relata à fé dos índios, são circunstâncias acessórias e independentes, e foram provavelmente alteradas, e talvez acrescentadas pelos europeus preocupados pelos usos que se têm atribuído às Amazonas da Ásia; o amor do maravilhoso lhes terá feito adotar pelos índios nos seus relatos.

Não se disse com efeito que o Cacique que advertiu Orellana de fugir às Amazonas [que ele chamava em sua língua comapuyaras] haja aludido à mama decepada, e o nosso índio de Coari, na história do avô que viu quatro Amazonas, uma das quais a aleitar um filho, não se refere absolutamente a essa particularidade tão propositada a se fazer notar. [...] Contento-me de assinalar que se alguma vez pôde haver Amazonas no mundo, isso foi na América, onde a vida errante das esposas que acompanham os maridos à guerra, e que não são mais felizes no lar, lhes deve ter feito nascer a ideia e ocasião frequente de se furtarem ao jugo dos tiranos, buscando fazer para si um estabelecimento onde pudessem viver na independência, e pelo menos não serem reduzidas à condição de escravas e bestas de carga. (CONDAMINE)

Mathias Aires Ramos da Silva de Eça (1752)

A mesma diversidade de opiniões se encontra a respeito das Sabinas, de Licurgo, e das Amazonas. Destas fala Heródoto, Diodoro, Trogo-Pompeu, Justino, Pausânias, Plutarco, Quinto Curcio, e outros. Strabão nega que as Amazonas fosse uma nação, que existisse nunca. Palefato é do mesmo parecer. Arriano tem por muito duvidoso tudo quanto se escreveu das Amazonas. Outros tomam por Amazonas uns exércitos de homens comandados por mulheres; e disto há muitos exemplos na história antiga. Os Medas, e os Sabianos, obedeciam a Rainhas. Semiramis dominava os Assírios, Tomiris aos Citas, Cleópatra aos Egípcios, Baudicea aos Ingleses, Zenobia aos Palmirenios. Apião crê que as Amazonas não era uma nação particular mas que assim se chamavam todas as mulheres de qualquer nação que fosse, e tivessem por costume o ir à guerra. [...] Diodoro de Sicília diz que Hércules, filho de Alcmene, a quem Euristeu pedira lhe trouxesse o talim de Hipólita, Rainha das Amazonas, ele com efeito as combatera junto às margens do Termodon, e destruíra aquela nação guerreira; porém os sucessos mais famosos da história das Amazonas são menos antigos que o Hércules Grego, filho de Alcmene. Tudo isto relata o tratado singular sobre a opinião e juízo humano. (EÇA)

José Monteiro de Noronha (1768)

63. Na Boca deste Rio se diz que fora Francisco de Orellana acometido por aquelas mulheres, a que chamam Amazonas, e deram o nome ao Rio, das quais se conserva uma constante tradição entre os índios; posto que confusa em algumas circunstâncias. Os mais deles afirmam que depois de algumas transmigrações, se internaram as Amazonas no Rio das Trombetas declarado no parágrafo 61.

64. Vicente Maria Coroneli, no seu "*Atlante Veneto*" dá por fabulosa a semelhança das Amazonas Americanas com as Asiáticas na circunstância de não admitirem varões na sua República, e buscarem fora dela os estranhos em determinado tempo do ano, para se fecundarem. E só tem por certo, que, em um desembarque que fez Orellana nas ribeiras do Rio Amazonas, o acometeram os índios do país, vindo entre eles juntamente as mulheres armadas em guerra.

A favor delas está a opinião comum que teve origem, e subsiste desde que Orellana navegou por este grande Rio, como se pôde ver largamente na demonstração "*Crítico Apologética*" do teatro crítico universal do doutíssimo Feijó, – escrita pelo Mestre Frei Martinho Sarmento, e na "*Ilustração Apologética*" do mesmo Feijó ao 1° e 2° tomo do seu "*Teatro Crítico*", discurso 16.

65. Não abono de infalível a verdade da história e tradição dele. Persuado-me contudo que se não pode negar sem temeridade um fato histórico, atestado por Francisco Orellana, e por todos os soldados da sua comitiva, e armada, justificado solenemente na Audiência Real de Quito, e na Cidade de Pasto; conservado na memória dos índios por participação dos seus maiores nos domínios de Portugal, Espanha e França; sendo bem inverossímil que, não tendo eles notícia das Amazonas Asiáticas, conspirassem casualmente para uma fábula revestida das mesmas circunstâncias; [...] (NORONHA)

Spix e Martius (1819)

Espera, portanto, o leitor, com razão que, por minha vez, eu me manifeste a respeito das Amazonas; para não interromper muito o curso da narração, basta declarar que não acredito na existência delas, quer no passado, quer no presente. [...]

Na verdade, os índios falavam a esse respeito de tal modo que, com alguma imaginação ativa, sem dificuldade poderia deduzir-se tudo que é necessário para apoiar a lenda. À pergunta: – Existem Amazonas? A resposta deles, por via de regra, é: – Ipu [parece que sim]. É, porém, a própria pergunta que já contém todas as qualidades atribuídas às Amazonas, pois não há na língua geral termo próprio para designar "*amazona*", de sorte que o índio só precisa responder na afirmativa ao seu modo, e já está pronta a lenda. [...] Os Apotos que falam a língua geral habitam as margens do Rio Nhamundá, onde também existiam os Taguaris e Guacaris, dos quais últimos se dizia serem os que visitavam anualmente as Amazonas. [...]

Uma das questões que por longo tempo agitou os Escritores da América meridional, e a cujo respeito cada um disse o que lhe pareceu, foi a ginecocracia ([113]) das Amazonas, suscitada por Francisco Orellana, dizendo ter sido atacado por uma multidão de mulheres guerreiras que, armadas de arcos e flechas, lhe disputaram a saída pelo Rio Amazonas em 1541, junto à Foz do Rio Cunuriz, hoje Nhamundá que conflui na altura de 2° do Sul. Alguns índios costumam levar suas mulheres aos combates. Orellana, vendo estas entre aqueles disputar-lhe a passagem, tirou disto a fábula que encareceu, e criou tanto maior vigor quanto naquele tempo a descoberta da América era exaltada com narrações tendentes ao maravilhoso a que se dava suma importância; este rumor propagou-se, e os que sucederam a Orellana, vítimas da mesma credulidade, não duvidaram admitir semelhante fábula como uma verdade de intuição, ouvindo aos índios, os quais, especialmente os Tupinambás, animaram a confirmação dessa existência das Amazonas. [...]

[113] A ginecocracia: Governo das mulheres.

Todavia a reflexão da crítica, o clima e as investigações frequentes, que depois disso até o presente se tem feito, convencem que essa República de mulheres não passa de uma ficção, mediante a qual Orellana, desertor (**?**) da Expedição de Pizarro, quis subtrair-se ao castigo que o aguardava, fazendo-o esquecer com narrações prodigiosas, pelos quais fosse reputado como um homem extraordinário: os índios comumente respondem ou pela afirmativa ou pela negativa, segundo a ordem das questões que se lhes faz, e pode bem ser que confirmassem àquele Orellana, e aos que se lhe seguiram a existência das Amazonas, por serem naturalmente habituados a mentir, fugindo sempre às elucidações, pois que em uma zona tórrida, onde o ânimo sumamente propende à união dos dois sexos, era necessária uma reunião de causas morais assaz eficazes, que fizessem submeter essa força quase irresistível do clima, concorrendo à formação de tal ginecocracia. (SPIX)

José Joaquim Machado de Oliveira (1842)

Sobre bases frágeis tem-se elevado o propugnáculo ([114]) por meio do qual se procura combater a existência das Amazonas nas margens do Grande Rio, segundo asseverou Orellana, o primeiro que o navegou, e confirmado pelo Padre Acuña. [...] Orellana foi obstado em seu curso no Amazonas por inúmeras tribos selvagens, desde que se distanciou dos invasores do Peru e sua viagem foi uma luta continua, travada entre o seu séquito e as tribos que habitavam o Grande Rio. Acostumado pois a ver quase diariamente seus contendores, que todos andavam nus, segundo refere a história muitas vezes, não podia enganar-se sobre o sexo dessa tribo, que lhe recordou as guerreiras da Scythia, e por isso lhe impôs o nome de Amazonas.

[114] Propugnáculo: Baluarte.

A valiosa aquiescência do Padre Cunha a este respeito na sua "*Relação do Rio das Amazonas*", o primeiro que seguiu-se a explorá-lo depois de Orellana; o testemunho público prestado nas cidades de Quito e Pasto; as indagações a que se deu Condamine na sua viagem científica, ouvindo os descendentes dos que foram contemporâneos daquela tribo; as tradições populares referidas por quantos têm escrito com imparcialidade a história daquele país; e que jamais variam no essencial; e enfim a menção que faz desse fato o judicioso e mui exato historiador Southey, que só bastaria para remover as dúvidas, que se hão suscitado gratuitamente sobre este objeto; todos estes monumentos evidenciam exuberantemente a existência das Amazonas. (OLIVEIRA)

Paul Marcoy (1847)

No lugar de poucas mulheres lutando entre os índios na Embocadura de um afluente insignificante do grande Rio, esse último tornou-se inteiramente povoado de mulheres guerreiras cuja audácia era comparável à das Amazonas asiáticas. Em 1744, quando desceu o Amazonas, La Condamine deteve-se na Missão de São Tomé que então florescia à entrada do Canal de Cuchiguara, supostamente uma das Bocas do Purus.

Aqui o nosso viajante teve a sorte de encontrar um Sargento-Mor da artilharia chamado José da Costa Pacorilha, cujo avô, dissera o homem, havia realmente visto uma dessas mulheres guerreiras do Nhamundá para as quais, por dois séculos, haviam-se dirigido os telescópios da ciência e os binóculos dos sábios. Ela tinha vindo, conforme as assertivas daquele homem, do Rio Caiamé ([115]).

[115] Caiamé: Igarapé de águas pretas localizado entre Tefé e Jutica.

Respondendo a certas questões delicadas que La Condamine ousou colocar em relação aos costumes daquelas senhoras, o Sargento-Mor, sempre falando por seu avô, disse que as opiniões a respeito estavam divididas. Conforme alguns, as Amazonas eram tão radicalmente modestas que repeliam à ponta de lança aqueles que vinham pedir seus favores; conforme outros, elas cediam uma vez por ano aos Guacaris – leia-se Huacaris – uma tribo de índios estabelecida na encosta da Serra de Icamiaba, entre a Guiana portuguesa e o Rio Amazonas.

La Condamine, ao voltar para a França, pondo fé na narrativa do seu informante, publicou uma elaborada dissertação sobre as Amazonas americanas, oferecendo como prova da sua existência o relato original de Orellana – um pouco modificado, é verdade – e a declaração de uma índia da "*Sierra*" equatorial que dizia ter visitado as Amazonas em seu país, mas esquecera o caminho que levava até lá e não sabia dar qualquer informação sobre a sua localização geográfica.

As absurdas declarações dessa mulher, feitas e publicadas na Cidade de Pasto e por ela repetida diante da Real Audiência de Quito, haviam sido transcritas por um escrivão oficial, assinadas por um juiz e diversas testemunhas e depositadas como documento oficial no arquivo da Cidade.

Desses relatos colhidos por La Condamine e por ele apresentados como provas não era fácil chegar a uma conclusão racional. Mas os sábios não estavam dispostos a entregar os pontos e tiveram muito trabalho para chegar ao conhecimento dos fatos e elucidar a questão. A circunstância de as Amazonas do Nhamundá terem-se dado por satisfeitas em cruzar lanças com Orellana e nunca mais terem aparecido era um grande inconveniente. [...]

Muitas mulheres acompanham na guerra seus maridos e irmãos, seja contendo o seu ímpeto, seja estimulando-os quando necessário com seus gritos e invectivas ([116]). Elas recolhem as lanças que foram arremessadas, provêm os guerreiros de flechas e, quando a luta termina, cuidam dos feridos e despojam os mortos. Essa é a parte que as mulheres tomam na guerra entre os Murucuris no Leste, os Mayorunas no Oeste, os Otomacs no Norte e os Huatchipayris no Sul. [...] As mulheres dos soldados chilenos seguem-nos na guerra com devoção canina, embora voltem a abandoná-los quando a paz é concluída. Elas preparam a comida e os abrigos campais, participam das expedições de saque para acrescentar algum luxo ao seu pobre cardápio e ajudam a devastar as terras conquistadas.

Também as rabonas ([117]) do Peru, ao mesmo tempo huarmipamparunacunas e vivandeiras ([118]), formam batalhões às vezes mais numerosos que os esquadrões de guerreiros e os precedem como batedoras ou os seguem como retaguarda. Elas recolhem tributos nos povoados que atravessam e, quando há oportunidade, saqueiam, pilham e queimam sem o menor escrúpulo. Elas são, sem dúvida, verdadeiras Amazonas de caráter forte e selvagem.

---

[116] Caiamé: Igarapé de águas pretas localizado entre Tefé e Jutica.

[117] Rabona: é como são chamadas no Peru e Bolívia as mulheres que acompanhavam os soldados de infantaria nas marchas e campanhas militares no século XIX. Seu apelido é em função de geralmente marchavam na retaguarda das colunas de marcha (na cola, na rabeira).

Rabonas: No había allí más orden que en el sector de la infantería. Todo era de dar pena. En el extremo del campamento, detrás de las tiendas de los soldados, estaban las rabonas con todos sus trastos de cocina y sus hijos. Se veía la ropa puesta a secar y a las mujeres ocupadas en lavar y coser. Todas haciendo una terrible barahúnda con sus gritos, cantos y charlas. (TRISTÁN)

[118] Vivandeiras: mulheres que se encarregam dos mantimentos das tropas em marcha.

No tempo em que Francisco de Orellana e seus companheiros desceram o Rio, esses fatos eram porém ignorados pelos europeus; e a visão de mulheres lutando entre os índios, ou incitando-os à luta foi para os aventureiros tão nova quanto surpreendente. Quando eles voltaram para a Espanha, o que contaram a seus compatriotas foi, como já observei, logo modificado e desfigurado pelo exagero e pelo gosto do maravilhoso que lhes é natural e que parecem ter herdado dos Mouros, seus antepassados.

É a esse costume de ampliar, enobrecer e idealizar fatos ordinários – um hábito que se tornou uma segunda natureza para os espanhóis – que as índias do Rio Nhamundá devem a honra de serem comparadas às célebres mulheres guerreiras da Trácia. Estando agora cabalmente demonstrado que as viragos de Orellana e suas descendentes viveram e vivem em todas as partes da América do Sul, elas jamais existiram em qualquer parte do continente como um corpo governante; as obras dos sábios que tratam esse conto romântico como uma história verdadeira não têm mais valor que o papel velho em que estão escritas, e que seria mais útil para fazer embrulhos num armazém. (MARCOY)

Domingos Soares Ferreira Penna (1869)

O conto das Amazonas americanas, inventado por Orellana, conta feliz resultado para os fins que tinha em vista, tornou célebre o Rio Nhamundá, em cuja Foz, dizem, encontrara o audaz aventureiro com quem se batera aquelas famosas guerreiras. (PENNA)

Partida para Oriximiná

O Rio Trombetas, que Acuña denomina Cunuris, e na língua geral é Oriximiná, não foi ainda navegado até as suas cabeceiras, porque numerosas e altas cataratas se contrapõem aos viajantes, que lhes vão procurar nos arredores a salsaparrilha e o cravo-do-maranhão. Acima das cachoeiras, dizem que o Rio corre através de campos.
(SPIX & MARTIUS)

Partida para Oriximiná (14.01.2011)

Fui dormir cedo na véspera da partida, pois havia marcado minha partida para as 04h30 (horário do Pará). O enorme Estado do Pará possui apenas um fuso horário e, como o Município de Juruti se encontra no extremo Oeste dele, isto significava que eu pretendia navegar, aproximadamente durante duas horas, à noite em uma área totalmente desconhecida. Instalei minha lanterna de cabeça e parti na hora estabelecida. O porto de Juruti é muito concorrido, isso exigia medidas adicionais de segurança. Segui a corrente pelo Furo de Juruti, procurando ficar próximo da Ilha de mesmo nome, a fim de evitar a rota tradicional das demais embarcações. Como sempre, os banzeiros estavam presentes, sem dar trégua. Depois de contornar a Ilha, eu tinha de seguir rumo Norte atravessando o Canal onde trafegam os grandes navios. Chamei pelo rádio o Sgt Barroso e pedi que ele me ultrapassasse, para que eu seguisse na sua esteira. Pretendia aproveitar a luz do holofote de popa para avistar as marolas marotas que surgiam de todos os lados. O Piquiatuba parou de repente para aguardar um grande navio que passava rumo a Manaus. Passados alguns minutos, continuamos nossa jornada e pedi que avisassem ao piloto que mantivesse a velocidade de quatro nós (7,2 km/h).

Só mais tarde soube que não dispunham de nenhum medidor de velocidade a bordo e, apesar de a Rosângela informar, insistentemente, ao piloto de que eles estavam se distanciando demais de mim, nada foi feito até a primeira parada. Embora tenha mantido um ritmo bastante forte, de 5 a 6 nós, eu não estava conseguindo seguir na esteira da embarcação de apoio e, em consequência, não podia aproveitar as luzes do holofote traseiro. O banzeiro diminuiu e, finalmente, consegui manter a estabilidade do caiaque e me comunicar com o piloto, determinando que ele parasse para me abastecer de água e tratar da forte dor muscular no trapézio. Estava começando a clarear no horizonte e determinei que, a partir daquele ponto, o Piquiatuba é que deveria me seguir. Agora já se podia avistar, com alguma dificuldade, a silhueta da Ilha de Santa Rita, que eu contornaria antes de penetrar no Paraná de Cachoeiri, ao Norte dela. Entrei no Cachoeiri, às 07h30, e verifiquei que o Paraná possuía uma correnteza forte, graças à sua grande profundidade, em torno dos 40 metros. Às 10h45 avistei o Rio Trombetas, rumei para a margem esquerda do Paraná para facilitar sua abordagem. Colado à margem, diminuí o ritmo das remadas, economizando energia para atravessar o belo afluente do Amazonas. Felizmente o Rio Trombetas ainda estava muito baixo e não tive qualquer dificuldade em abordar a margem esquerda. Chegamos ao Porto de destino, às 11h15 e, depois de um banho, ligamos para o irmão (maçom) Capitão Marcelo, Comandante da Polícia Militar em Orixminá. Mais uma vez os camaradas da PM demonstraram sua disposição em nos ajudar, e conseguimos, graças aos seus contatos, ficar hospedados gratuitamente no excelente Oriximiná Hotel, administrado pela encantadora senhora Kátia Maria Feijão Ribeiro.

Oriximiná

> Datam de 1877 as primeiras notícias do desbravamento feito pelo padre José Nicolino de Souza, natural de Faro, neste Estado, a esta parte de terras firmes, situadas à margem esquerda do Rio Trombetas, onde fundou uma povoação, designando-a Uruã-Tapera ou Mura-Tapera, a qual, em 1886, foi elevada à categoria de Freguesia de Santo Antônio do Uruã-Tapera, pelo Dr. Joaquim da Costa Barradas, Presidente da Província do Pará e Desembargador do Maranhão. São imprecisos os dados quanto à vida da freguesia do período de sua criação até 09.06.1894, quando o então Governador do Estado, Dr. Lauro Sodré, elevou-a à categoria de Vila, já com a denominação de Oriximiná, criando o Município cuja instalação deu-se a 05.12.1894. (IBGE)

Visita ao Lago Iripixi (15.01.2011)

Às 09h00, abastecemos a voadeira e seguimos rumo ao Lago Iripixi. As areias brancas e as águas limpas do Lago são convidativas. Conversamos com populares, visitamos o belo Parque de Exposições José Diniz Filho e tomamos um revigorante banho no Lago.

Tour em Oriximiná

À tarde, o Mário conseguiu um veículo com um amigo, o que nos permitiu conhecer a bela Cidade. O ponto mais marcante foi, sem dúvida, a Praça do Centenário, idealizada pelo ex-Prefeito de Oriximiná – Raimundo José Figueiredo de Oliveira (1975/1985). Criada com o objetivo de comemorar os 100 anos de Oriximiná, a Praça foi totalmente remodelada pelo Prefeito Luiz Gonzaga Viana Filho e inaugurada em dezembro de 2003.

Um projeto arquitetônico inovador e harmonioso que incluiu espelhos d'água em diversos níveis onde repousam enormes tambaquis.

Tudo Justo e Perfeito

Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos
vivam em união. É como o óleo precioso sobre a
cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão,
e que desce à orla das suas vestes.
(Salmo 133 – Bíblia Sagrada)

Os caros irmãos da Loja Maçônica Vitória Régia convidaram a mim e ao Teixeira para um fraternal bate-papo. O convívio fraternal foi acompanhado de muitas histórias, de lendas e boa música, que reproduziremos mais adiante.

Santo Antônio do Cachoeiri

É na tradição, nas antigas narrativas, nesses arquivos universais chamados erroneamente de lendas, é nos velhos contos que o homem poderá encontrar a sua verdadeira identidade mágica. (Mario Mercier)

O Irmão maçom conhecido em Oriximiná, Pará, como "*Diquito da Adelaide*", além de cantor e compositor é um excelente contador de histórias e, a nosso pedido, fez um belo relato do que ele mesmo denominou de "*Auto do Santo Antônio do Cachoeiri*".

> Conta a lenda que um determinado cidadão que trabalhava como coveiro, em Óbidos, ao preparar uma cova encontrou uma imagem entalhada em madeira com características barrocas. Uma coisa totalmente inusitada porque nós não temos artesãos especializados em esculturas sacras de madeira neste estilo. Durante a escavação, o coveiro quebrou um dos dedos do pé da imagem, não sei se do pé esquerdo ou direito, que era negra e que mais tarde se atribuiu a Santo Antônio. Essa imagem foi trazida para cá e começou a ser cultuada, o grande lance mítico da história é que a imagem falava com o dono do Santo e relatava seus interesses. O dono do Santo em sonhos ou visões tratava diretamente com o Santo e traduzia para a Comunidade o que era do interesse do Santo.
>
> E essa coisa foi ficando tão forte que os navegantes, ao cruzarem o Paraná do Cachoeiri, que liga o Trombetas ao Amazonas, iam até lá para fazer promessas, pagar suas indulgências e cultuar o Santo Antônio. Com o aumento da popularidade do Santo e a morte de seu dono, o dom de falar com o Santo passou para a mulher do falecido. A Igreja católica não aceitava o culto do Santo e as atividades

religiosas que ali promoviam eram totalmente desvinculadas do Santo milagreiro, considerada pelos religiosos como uma atividade espúria, pois o Bispo, reticente, preferia não incluí-la no calendário religioso. Certa feita ocorreram diversos fatos que têm registro factual, por exemplo:

1. O Santo solicitou à mulher do falecido que desejava que sua imagem fosse recuperada e pintada, e a sua nova dona, atendendo ao pedido do Santo, resolveu entregá-la a um Padre que encaminhou à Prelazia, em Óbidos, onde existia um especialista que se encantou com a imagem e mandou fazer uma réplica da imagem em gesso, e enviou a cópia de volta para a dona da imagem. Certo dia, ela recebe o queixume do Santo, em sonho, que pedia que ela fosse buscar a sua imagem já que aquela que ali estava não era a do Santo verdadeiro. Ela, imediatamente procurou o Padre que desconversou dizendo que aquela era a imagem verdadeira. Não se dando por satisfeita, ela resolveu ir até Óbidos onde procurou o Bispo. O Bispo ratificou a afirmação do Padre e afirmou que já tinham feito a restauração da imagem sem cobrar nada e que ela se conformasse com isso. Ela, sem saber o que fazer e sendo pressionada, durante o sonho pelos queixumes do Santo, que afirmava que ela tinha a missão de recuperar a imagem roubada, acabou procurando o Ministério Público do Município e apresentou a queixa. O Ministério Público encaminhou uma Carta Precatória ao Bispo convocando-o para uma audiência. Na audiência, lá chegando foram tratadas das características da imagem e a dona do Santo relatou que a sua imagem era de madeira, etc... Aí o Bispo perguntou-lhe porque ela achava que aquela não era a sua imagem ao que ela respondeu que, além do dedinho do pé quebrado, de ser de madeira, a sua imagem estava em um determinado local e numa determinada gaveta. O Bispo impressionado com a fidelidade do relato resolveu restituir a imagem à sua verdadeira dona.

2. Outro episódio absolutamente inusitado que teria ocorrido foi o fato de que, depois disso, resolveu-se organizar um evento religioso, uma quermesse, que ano a ano foi crescendo, juntamente com a Comunidade, acarretando lucro considerável para os organizadores da festa. O Paraná do Cachoeiri sofre com os fenômenos das terras caídas e o Santo Antônio veio, em sonho, para sua dona e disse queria que construíssem uma Capela para ele porque, afinal de contas, os festejos haviam gerado lucros significativos e não era justo que o Santo permanecesse morando numa choupana. Os organizadores não deram importância a essa história, embora a dona do Santo continuasse insistindo, e protelavam a construção da Capela de alvenaria dizendo que os recursos não eram suficientes e prometiam sua execução sempre para o ano seguinte. Um dia, desmoronou o barranco e o casebre que abrigava o Santo foi engolido pelas águas permanecendo no local apenas o altar do Santo, fato documentado pela Dona Rosa, uma das devotas. Os fiéis do Santo Antônio do Cachoeiri se preocuparam em fotografar o local depois do ocorrido.

3. A dona do Santo faleceu passando o dom para a filha, cujo irmão, em uma das quermesses, resolveu vender cachorro-quente durante o evento. O irmão foi impedido tendo em vista não ter pago o Alvará na Prefeitura, nem as taxas devidas aos organizadores da festa que resolveu, então, levar o Santo Antônio que pertencia à sua família. O impasse estava formado. Como fazer a festa em homenagem ao Santo sem a sua imagem? O fato dividiu a Cidade num momento em que não havia nem Promotor de justiça, nem Juiz, nem Prefeito na Cidade e se encontrava apenas um defensor de justiça que é nosso irmão na maçonaria. E naquela história toda, claro que a pressão era da população que reivindicava afirmando que o Santo não era de propriedade de ninguém e, como se tratava de um Santo milagreiro, era de propriedade coletiva.

Como é que o cara pega e leva o Santo, alguns afirmavam, é mas quem trouxe o Santo foi a família do cara e ele não tem o direito de vender cachorro-quente, diziam outros. O Defensor Público mandou que as forças policiais organizassem uma verdadeira cruzada na busca desse Santo. O homem foi preso e o Santo recuperado e embrulhado em um saco plástico preto e colocado em cima de um armário e lá permaneceu esquecido como prova cabal do roubo. Até que a questão fosse decidida, o Santo permanecia retido, e se iniciou uma outra campanha – a de libertação do Santo que estava preso. Neste mesmo dia, a mulher que falava com o Santo, irmã do ladrão do Santo, procurou o Defensor Público e disse que tinha falado com o Santo. O Defensor Público retrucou dizendo que ela não falava com o Santo coisa nenhuma e ela afirmou que o Santo havia pedido que o soltassem e que se isso não fosse feito o Defensor iria sofrer uma grande desgraça na sua vida. O Defensor não se impressionou com a ameaça e dispensou a mulher. No dia seguinte, ele tinha de realizar o transporte de parte do seu gado da várzea para a terra firme através de balsas. Aqui na região os Rios são calmos, as balsas dificilmente viram, naquele dia o Defensor levou sua única filha, o Prefeito e seus dois filhos e outras crianças na mesma embarcação. Inopinadamente surgiu um vendaval virando a embarcação no qual veio a falecer somente a filha do Defensor. Hoje ele tem muita dificuldade para tratar do assunto por conta da experiência absolutamente negativa que teve. De alguma forma, a crença e a lenda se fortalecem. O fato é que o Santo Antônio do Cachoeiri é tido como um Santo de muita força e hoje se encontra na sua Capela tão reclamada às margens do Cachoeiri.

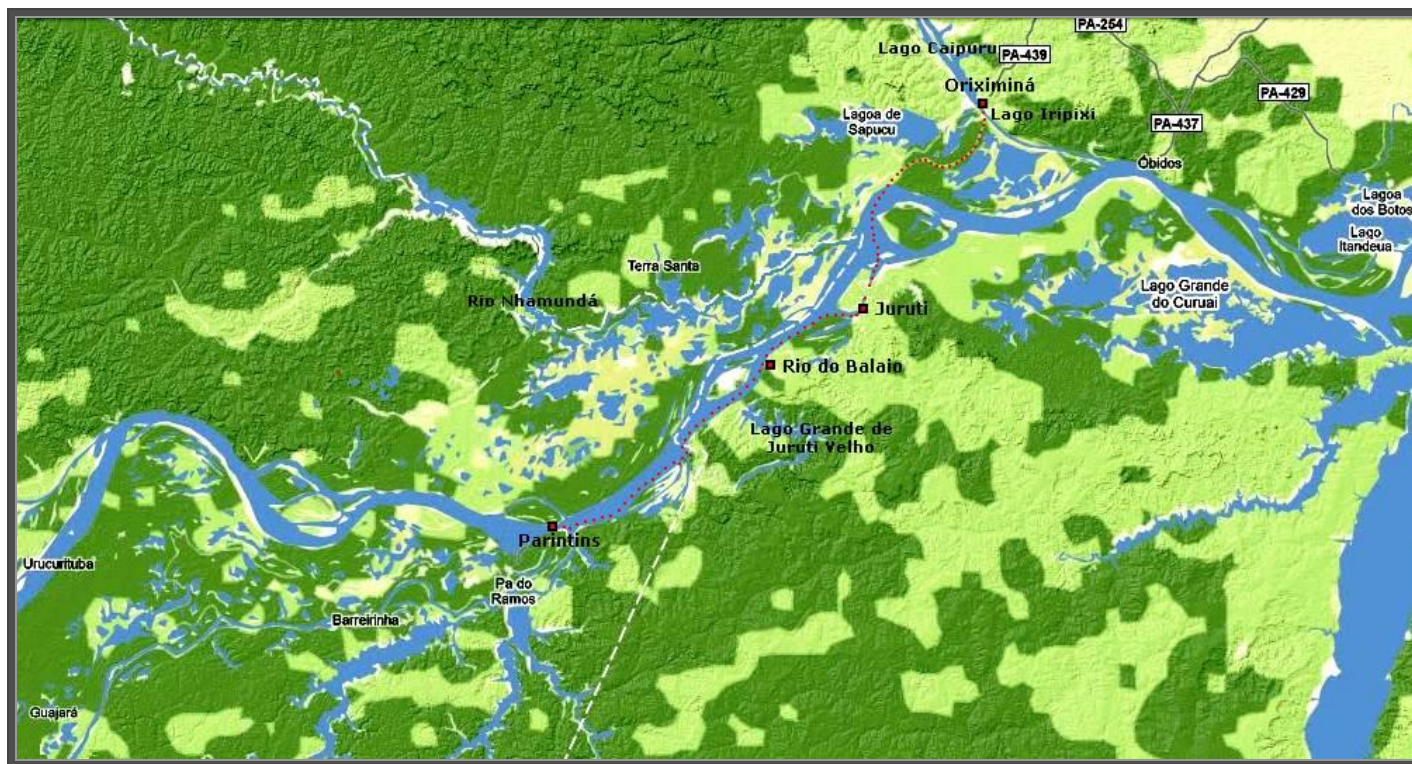
Imagem 51 – Paraná do Cachoeiri, PA

Imagem 52 – Oriximiná, PA

Imagem 53 – Lago Iripixi – Oriximiná, PA

Imagem 54 – Praça Centenário – Oriximiná, PA

Imagem 55 – Rio Trombetas (Oriximiná ao fundo), PA

Imagem 56 – Foz do Rio Cuminá, PA

Mapa 3: Parintins/Rio do Balaio/Juruti/Oriximiná

Rio Trombetas

O Rio Trombetas, afluente da margem esquerda (Setentrional) do Amazonas, banha o Estado do Pará e tem como formadores os Rios Poana e Anamu, este, por sua vez, sendo formado pelos Rios Curiau e Maná. O Rio Poana tem como seu mais importante afluente, o Cafuini. O Trombetas percorre todo o Município de Oriximiná de Norte para o Sul e inflete-se para o Sudeste. Após passar pela sede do Município de Oriximiná, deságua no Rio Amazonas, próximo a cidade de Óbidos já nas terras desse Município.

O Trombetas tem seu nome intimamente ligado, no passado, à lendária figura do Marechal da Paz. O General Rondon foi nomeado, pelo Ministro da Guerra, Chefe da "*Comissão de Fronteiras*" recebendo a incumbência de proceder a inspeção das fronteiras do país e estudar as possibilidades de seu povoamento e segurança. Rondon montou a nova Comissão com homens de sua inteira confiança, os veteranos parceiros da "*Comissão Telegráfica*".

O velho General decidiu, pessoalmente, acompanhado do escritor Gastão Cruls, subir o Rio Cuminá, afluente da margem esquerda, do Trombetas, passar pelos Campos Gerais até alcançar a Cordilheira Tumucumaque para reconhecer e determinar a divisa com a Guiana Holandesa.

No presente, o Rio Trombetas está associado ao maior Projeto de mineração de Bauxita do país e terceiro do mundo. O minério, matéria-prima do alumínio, é explorado pela Mineração Rio do Norte – MRN.

Mineração Rio do Norte – MRN

(MRN)

Histórico

As primeiras ocorrências de bauxita na Amazônia, localizadas no extremo Oeste do Estado do Pará, foram descobertas pela Alcan na década de 60. A partir daí, foi constituída, pelo Grupo Alcan do Brasil, a Mineração Rio do Norte S.A. [MRN]. No final de 1971, a Alcan deu início à implantação do Projeto Trombetas, mas logo depois as obras foram suspensas, em função da depressão no mercado mundial do alumínio. Em outubro de 1972, a Companhia Vale do Rio Doce [CVRD] e a Alcan iniciaram entendimentos para constituir uma "*joint-venture*", visando à retomada da implantação do projeto. [...]

A construção do projeto foi retomada no primeiro trimestre de 1976, e as atividades de lavra foram iniciadas em abril de 1979. Neste mesmo ano, em 13 de agosto, foi realizado o primeiro embarque de minério, em um navio para o Canadá. A capacidade inicial de produção foi de 3,35 milhões toneladas anuais. Ao longo dos primeiros anos de operação, a capacidade expandiu-se gradativamente em função do aumento da demanda de mercado e da grande aceitação da bauxita produzida pela MRN nas refinarias de todo o mundo.

Entre 2001 e 2003, a MRN investiu em um novo projeto de expansão. Com ele, a empresa passou de uma capacidade instalada de produção de 11 milhões para 16,3 milhões de toneladas de minério. O recorde de produção foi quebrado com 18,1 milhões de toneladas de bauxita produzidas no fechamento do ano de 2007.

Porto Trombetas

Porto Trombetas nasceu com a missão de acomodar os empregados da MRN e seus familiares. Visando o bem-estar de seus aproximadamente 6 mil habitantes, a Mineração Rio do Norte implantou neste núcleo urbano uma completa infraestrutura de saneamento básico e social. O Complexo Trombetas, situado no Município de Oriximiná, conta com usina de geração de energia e com sistemas de suprimento de água potável e de tratamento de esgoto. A Vila residencial é constituída por aproximadamente mil casas e dormitórios para mais de 1,5 mil funcionários solteiros. A infraestrutura também é composta por escola até o ensino médio, com capacidade para mais de mil alunos; hospital com 32 leitos e serviços laboratoriais; clubes de lazer; Cineteatro; Casa da Memória; Centro Comercial; aeroporto e sistema de comunicação nacional e internacional. Além disso, um programa permanente de medicina preventiva e assistencial assegura a boa qualidade de vida à população de Porto Trombetas.

Operação

A Mineração Rio do Norte está operando nas minas Saracá, Almeidas e Aviso. Nelas, o minério encontra-se a uma profundidade média de oito metros, coberto por uma vegetação densa e uma camada estéril composta de solo orgânico, argila, bauxita nodular e laterita ferruginosa. Para ser lavrada, a bauxita tem que ser decapeada. Esta operação se faz de forma sequencial, em faixas regulares, onde o estéril de cobertura escavado é depositado na faixa adjacente, na qual o minério fora anteriormente lavrado. Da lavra, o minério escavado é transportado em caminhões fora-de-estrada até as instalações de britagem, onde é reduzido a uma granulometria de até três polegadas.

De lá, ele segue através de correias transportadoras para as instalações de lavagem, ciclonagem e filtragem. Do processo de beneficiamento, resulta aproximadamente 27% de massa sólida como rejeito de bauxita, que é depositada nos reservatórios construídos em áreas já mineradas, no platô Saracá. Depois de beneficiado, o minério é transportado da área da Mina até o Porto, ao longo de uma ferrovia de 28 km. Nesta operação, são utilizados trens, cada um deles com 46 vagões. Como a bauxita pode ser comercializada tanto úmida quanto seca, na área do Porto, o minério pode ter dois destinos, antes de embarcar em navios: ou alimenta os três fornos secadores ou segue úmido para o pátio de estocagem. O porto tem calado para receber navios com capacidade aproximada de 60 mil toneladas.

Reflorestamento

O reflorestamento das áreas lavradas é feito totalmente com espécies nativas. A preparação do terreno é feita no período seco, que vai de julho a dezembro, e o plantio das mudas no período chuvoso, nos outros seis meses do ano. Cerca de 700 mil mudas são produzidas por ano no viveiro da MRN. As sementes utilizadas para produção de mudas são adquiridas nas comunidades ribeirinhas. Por hectare, são plantadas aproximadamente 1.700 mudas, com uma média de 80 espécies plantadas por ano. No viveiro, as sementes passam por quebra de dormência e germinação. Isto é feito em sementeira de vermiculita. As mudas crescem em sacos plásticos, protegidas por tela, em períodos que variam de dois a 24 meses antes do plantio nas áreas em reabilitação. Antes do reflorestamento, as pilhas de estéril removidas para a lavra da bauxita são espalhadas por tratores. Em seguida, o solo orgânico estocado é usado para cobertura da nova superfície.

O terreno é, então, escarificado por tratores e as mudas são plantadas manualmente. Já nas áreas de encostas e taludes é feita hidrossemeadura com gramíneas. Os indicadores de crescimento de mudas, de fertilidade e estruturação do novo solo, de retorno da fauna e da evolução do processo de sucessão natural da vegetação são monitorados por cientistas da Universidade Federal da Paraíba [UFPB], da Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG], do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia [INPA] e do Museu Paraense Emílio Goeldi [MPEG]. Os resultados mostram que o modelo de reflorestamento estabelecido está em franca evolução.

Lago Batata

Por volta de 1979, início das operações da MRN, o método de contenção de rejeitos com barragens não se mostrou adequado à região de Porto Trombetas, devido à topografia do terreno ser muito plana. Não havendo outra tecnologia disponível, optou-se por lançar os rejeitos da lavagem do minério no Lago Batata. O impacto ambiental foi inevitável. Por isso, desde 1981, a MRN iniciou a busca por alternativas de disposição do rejeito. Em 1987, através de parcerias e convênios firmados com cientistas e pesquisadores universitários, a empresa começou a tratar o impacto ocorrido no Lago, conseguindo em 1989, desenvolver, com investimentos na ordem de mais de U$ 89 milhões um método pioneiro de tratamento, totalmente limpo e não agressivo ao meio ambiente, onde todo o material não aproveitado, resultante da lavagem de bauxita, é mantido confinado em tanques especiais na própria área de lavra, que posteriormente são revegetados. Atualmente, o Lago Batata mostra claros sinais de recuperação, reunindo mais de 46 espécies de peixes [que em 1991 não chegavam a seis], além contar com mais de 65 hectares de área revegetada.

Lago do Batata, o Passivo Ambiental da MRN

(Celivaldo Carneiro, Porto Trombetas, 28.03.2002)

Apesar das ações postas em prática para reduzir o impacto ambiental da extração de bauxita a céu aberto, a MRN ainda busca minimizar os danos causados pela deposição dos rejeitos da lavagem da bauxita no Lago Batata. "*Na época foi a melhor solução encontrada para o depósito do rejeito. E se houve a agressão ambiental, não podemos deixar de ressaltar que hoje temos um sistema que é modelo de preservação*", justifica José Carlos Soares, Presidente da MRN.

Até 1989 o rejeito da lavagem do minério, misturado com água, foi depositado naquele manancial de água, com mais de dois mil hectares de área, das quais 630 hectares sofreram prejuízos ecológicos. Houve o perecimento de parte da vegetação de Igapó na região afetada pelos dejetos, a alteração da estrutura de várias comunidades aquáticas e na dinâmica de nutrientes. Nos experimentos de recomposição do Lago foram feitos ensaios para a criação de um substrato orgânico, que tornasse possível a colonização, especialmente da fauna. Outra etapa importante foi a recuperação da vegetação destruída, com ensaios testando a recolonização com espécies nativas de Igapó. Os resultados mostram elevadas taxas de sobrevivência das espécies transplantadas, indicando a eficácia do procedimento.

"*Nosso objetivo é tentar restabelecer o ecossistema que lá existia*", explica o engenheiro químico João Carlos Henriques, gerente de meio ambiente. Mais recentemente vem sendo utilizada uma técnica de utilização do processo natural de cheias e vazantes, típica dos Rios amazônicos. As observações mostraram que o pulso de inundação é o fator mais

importante na determinação de fatores ecológicos, como a entrada periódica, no Lago, de sementes vindas das florestas de terra firme e Igapó. São erguidas barreiras com árvores mortas, para impedir a saída deste material na vazante, permitindo assim o afundamento da semente e posterior germinação, no período da vazante. Este simples procedimento tem se mostrado eficaz, pelo grande número de espécies que germinaram nas áreas submetidas ao procedimento. Dos 630 hectares impactados, 120 hectares são áreas em condições de atuar com este tipo de reflorestamento. Até o final do ano passado, 55 hectares destas áreas impactadas haviam sido revegetadas, a um ritmo de 10 hectares por ano. "*Nosso objetivo é tentar devolver o ecossistema existente no Lago*", diz Henriques.

No programa de reflorestamento, mais precisamente na coleta de sementes na mata, foram envolvidas dez comunidades ribeirinhas. "*Temos fartura de sementes e diversidade de espécies aproveitando a experiência extrativista destas comunidades*", garante, ressaltando que famílias envolvidas neste trabalho têm ganho de mais de mil reais por mês com a coleta. São preparadas anualmente 700 mil mudas de 300 espécies nativas. No viveiro construído para a produção de mudas, estão preparadas 400 mil que serão usadas no processo de revegetação, além de paisagismo das áreas industriais e vilas residenciais. Um estoque de 1.800 kg de sementes garante a execução dos programas ambientais, com uma taxa de revegetação de 93% nos viveiros e de 90% na mata, depois da quebra de dormência. Desde a implantação do projeto, já foram desmatados mais de três mil hectares e reflorestados mais de 1.500 hectares. Os estragos provocados ao meio ambiente junto ao Lago Batata foram considerados pela MRN como um passivo ambiental, fazendo ela investir em pesquisas sobre a recuperação ambiental.

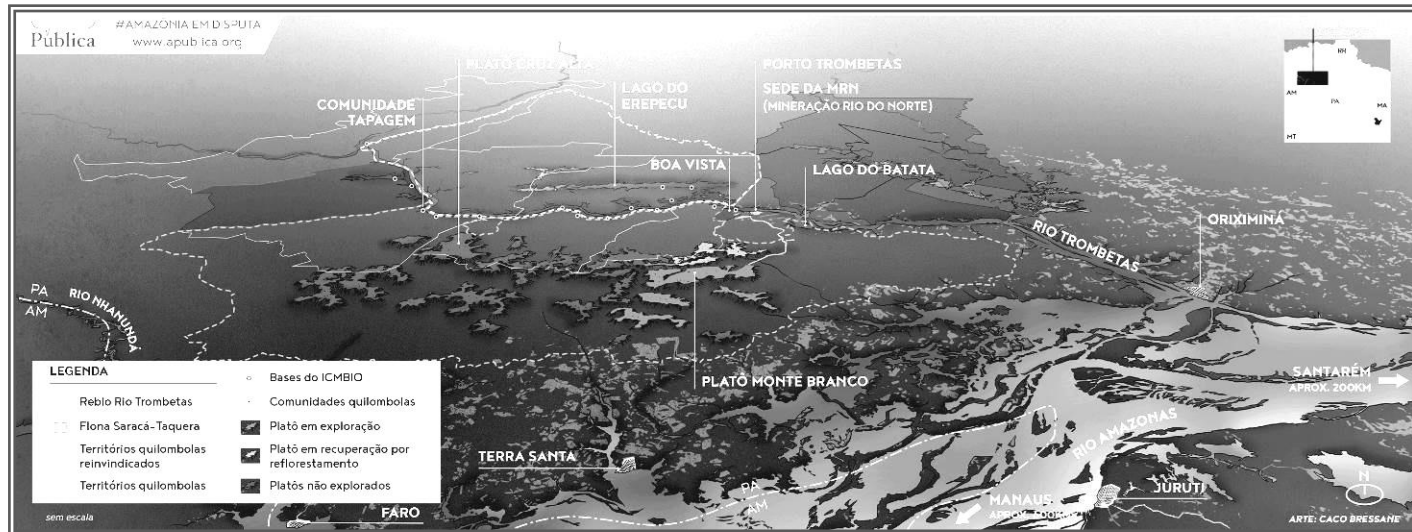



Imagem 57 – Lago do Batata (Caco Bressane)

Mas no ano passado estes investimentos representaram valores menores do que 1% do faturamento líquido da empresa. Um convênio firmado com as Universidades Federal do Rio de Janeiro e de Juiz de Fora vem desenvolvendo experiências e pesquisas, com monitoramento da recuperação do Lago. Em 1991, no trabalho de monitoramento, foram encontradas apenas quatro espécies de peixes. No ano passado, já haviam sido detectadas 18 espécies diferentes.

Outra fonte de preocupação permanente da MRN em suas operações na Amazônia tem sido a preservação ambiental. Desde o início de suas atividades, a empresa vem desenvolvendo programas de preservação, tanto nas áreas de suas atividades operacionais quanto na circunvizinhança, através de intervenção direta ou de apoio aos órgãos legalmente constituídos para este fim, como o IBAMA e a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente [Sectam]. Anualmente, são desmatados cerca de 300 hectares de floresta para extração da bauxita. O processo de reflorestamento procura acompanhar este avanço na floresta. O rejeito proveniente da lavagem do minério retorna à própria área minerada.

Em seguida, essa área é preparada e revegetada também com espécies nativas, Este projeto, completamente limpo, é pioneiro em todo o mundo, e foram investidos cerca de US$ 85 milhões. A revegetação das áreas de lavra é diferente da dos tanques de rejeitos. Nos tanques, o processo é mais complexo, pois precisa ser retirado o excesso de água antes de começar o reflorestamento convencional. A MRN tem ainda um amplo sistema de monitoramento ambiental, com estações de tratamento de água e ar espalhados em vários pontos do projeto.

O monitoramento avalia o impacto ambiental do projeto em meio à floresta. A empresa mantém convênio com o IBAMA visando à conservação da reserva biológica do Rio Trombetas e a conservação e manejo dos recursos naturais da Floresta Nacional Saracá-Taquera, que ocupa uma extensão de 430 mil hectares, onde está inserido o projeto. (MRN)

Relatos Pretéritos – Trombetas

Cristóbal de Acuña (1639)

LXXIII – A Largura de Todo o Rio

Depois da Boca deste Rio das Amazonas [Nhamundá], 24 léguas abaixo pelo principal, deságua pela mesma margem Norte outro, mediano, que se chama Oriximiná ([119]). Deságua tal Rio no lugar onde, como já disse acima, este Grande Rio estreita-se num Canal de pouco mais de quarto de légua. [...] Desde esta paragem, que se localiza, como acima disse, a mais de trezentas léguas do mar, já se começa a sentir as marés, observando-se todos os dias subidas e descidas, mesmo que não tão claras como as que se notam algumas léguas mais abaixo. (ACUÑA)

João Daniel (1757)

Abaixo o Rio Trombetas, o mais avultado que os três supra, e terá dez até 12 ou 15 dias de navegação. Entre estes três, ou quatro Rios, dizem alguns, estava o célebre "*Lago Dorado*" e a rica Cidade "*Manoa*"; e também as famosas Amazonas, que deram nome ao Rio, e que, subindo e fugindo por um deles acima, se foram esconder nas suas cabeceiras, ou centro dos matos. (DANIEL)

---

[119] Oriximiná: Rio Trombetas.

José Monteiro de Noronha (1768)

61. Na continuação da derrota de Pauxis ([120]) para cima, se pode atravessar logo em demanda da margem Austral, ou costear a Setentrional até o Rio das Trombetas, que tendo o seu nascimento na Cordilheira de Guiana, corre do Norte para o Sul, e deságua no Amazonas superior a Pauxis pouco menos de duas léguas. [...] Há, porém, antiga tradição de que se comunica com os domínios de Holanda em Suriname, ou por meio do Rio Urubu, ou por se unir mediata, ou imediatamente a algum Rio, que corre da Cordilheira, para o Mar do Norte. (NORONHA)

Spix e Martius (1819)

O Rio Trombetas, que Acuña denomina Cunuris, e na língua geral é Oriximiná, não foi ainda navegado até as suas cabeceiras, porque numerosas e altas cataratas se contrapõem aos viajantes, que lhes vão procurar nos arredores a salsaparrilha e o cravo-do-maranhão. Acima das cachoeiras, dizem que o Rio corre através de campos. A sua Bacia inferior é tão plana, como a dos demais afluentes do Amazonas, e comunica-se a ele por um Furo Ocidental com o seu vizinho Rio Nhamundá. (SPIX & MARTIUS)

Antônio Ladislau Monteiro Baena (1839)

Trombetas: Ele tem a entrada ao Nordeste: é cataratoso ([121]) e Povoado de silvícolas: as suas matas são abundantes de paus preciosos e com especialidade de Murapinima. A posição geográfica da sua Foz e o Paralelo Austral 01°39’ cruzado pelo Meridiano 322°07’30”. (BAENA, 2004)

---

[120] Pauxis: Óbidos.
[121] Cataratoso: com muitas cataratas.

Richard Spruce (1851)

Saímos no dia 17 de dezembro, por volta das 10 horas. Embora a distância de Óbidos até a Barra do Rio Trombetas fosse de apenas 6 milhas ([122]), eram 16h30 quando a alcançamos. O Trombetas apresenta ali uma milha ([123]) de largura, incluindo nessa distância uma ilhota existente no meio do seu leito. Às 08h30 alcançamos a Foz do Igarapé de Quiriquiri, sangradouro de uma Lagoa de mesmo nome. Junto àquela Barra ficava um sítio pertencente ao irmão de nosso piloto. [...]

Durante a estação seca, a água do Lago tinha baixado muito, de maneira a deixar visível uma larga praia, separada da floresta por uma faixa de arbustos. Na praia cresciam diversas gramíneas anuais, uma sensitiva que não tínhamos encontrado até então [Mimosa orthocarpa] e uma bela leguminosa arbustiva, a "*Tephrosia nitida*", dotada de uma cobertura sedosa na parte inferior, como na "*Alquemila alpina*", e tendo numerosas flores de cor púrpura parecidas com as da ervilhaca ([124]). Seu nome é ajari, e as folhas são usadas para atordoar peixes, do mesmo modo que as da Tephrosia toxicaria Pers., espécie bem menos vistosa, que mais tarde vi cultivada com essa finalidade em Santarém e no Peru. (SPRUCE)

[122] 6 milhas: 9,6 km.

[123] Milha: 1,6 km.

[124] Ervilhaca (Vicia sativa L.): planta herbácea anual, trepadora ou ascendente, de comprimento até 80 cm, com ou sem pelos. As inflorescências são solitárias ou geminadas, axilares, subsésseis, de flores violáceas ou purpúreas, raras vezes brancas, com as asas geralmente mais escuras. Os frutos são vagens sésseis, 6 a 8 vezes mais compridas que largas, linear-oblongas, comprimidas, sem pelos e com 4 a 9 sementes. (Biorede)

Círio Fluvial de Santo Antônio

A maior e mais bela manifestação cultural de Oriximiná é, sem dúvida, o Círio Fluvial de Santo Antônio – o Círio de Oriximiná, que acontece, todo ano, durante 15 dias, iniciando sempre no primeiro domingo de agosto. Uma tradição de mais de sessenta anos que homenageia o Santo padroeiro da Cidade. Embarcações, as mais diversas, acompanham o cortejo e se transformam em instrumentos de manifestação da religiosidade e do prestígio social.

O proprietário de cada embarcação participa do Círio com o intuito de agradecer alguma graça recebida, de solicitar a proteção do Santo para suas futuras viagens, de afirmação de sua hierarquia social (conforme o lugar que ocupa no cortejo), de prestígio político (materializado pelo número de convidados importantes a bordo), ou ainda do poder econômico (de acordo com o porte e a decoração do barco).

A partir de 1946, o Círio deixou de ser terrestre e passou a ser fluvial. A mudança resultou de um acordo entre a Diretoria da Festa e a Cúria Prelatícia de Santarém que também alterou a data da festividade.

Às 19h00 do dia 03.08.1946, foi realizada a 1ª trasladação da imagem de Santo Antônio que partiu da Igreja Matriz para a casa da Senhora Raimunda Barros (Mundica Barros), no Lago do Iripixi, onde funcionava uma escola. A romaria foi acompanhada por muitos devotos, munidos de tochas, que dali seguiram em canoas até o local determinado.

No dia 04.08.1946, aconteceu o primeiro Círio Fluvial Noturno em homenagem ao padroeiro. A ima-

gem do Santo foi conduzida na canoa do Senhor José Vicente Calderaro (Carapina), e guiada por oito remadores. A procissão foi acompanhada pelo barco a motor Urucari, algumas lanchas a vapor e canoas de diversos tamanhos, enfeitadas com bandeirinhas e tochas para iluminar o percurso. Nos primeiros Círios, as canoas eram enfeitadas com fitas e bandeirinhas de papel de seda coloridos.

Depois de chegar ao porto da Cidade, o Círio seguia até a Igreja Matriz onde era realizada a parte religiosa com a benção do Santíssimo Sacramento e do novo Estandarte de Santo Antônio. Os patrocinadores eram membros da Irmandade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Atualmente, a romaria é acompanhada por barcos cujas luzes cintilantes contrastam com as águas escuras do Trombetas. Um dos pontos altos do evento são as barquinhas coloridas e iluminadas cujas luzes, refletidas nas águas, brilham como as estrelas na abóbada celeste.

No início, estas barquinhas eram feitas de cuias com velas que, além de demarcar o caminho, levavam ao Santo os pedidos escritos pelos fiéis. A tradição popular apregoa que o uso das barquinhas teve sua origem na queda acidental de um balão nas águas do Trombetas. O balão, durante algum tempo, permaneceu flutuando e iluminando as águas.

Nos anos que se seguiram, foram confeccionadas 500 barquinhas, cada uma delas levando uma vela acesa dentro de um balão de papel de seda colorido.

Contam-nos as Srª Etelvina Queiroz e Maria Salete Soares:

O cortejo do Círio de Santo Antônio é orientado por uma balsa que conduz a berlinda com a imagem de Santo Antônio, especialmente ornamentada para a ocasião. A balsa é acompanhada por outras embarcações decoradas com bandeirolas coloridas e muitos efeitos luminosos.

Com a chegada dos barcos ao cais, o Santo é saudado com as buzinas dos barcos que não acompanharam a procissão, um espetacular show pirotécnico e uma multidão de fiéis que esperam a imagem do Padroeiro com muitos aplausos, cantos religiosos e bandeirolas.

Nesse momento, a emoção toma conta dos fiéis que agradecem as graças recebidas e encomendam novas promessas. A partir desse momento, inicia-se a procissão terrestre que vai até a Igreja Matriz, onde é celebrada a Santa Missa pelo Bispo ou pelo Sacerdote da Prelazia. (Etelvina Queiroz e Maria Salete Soares)

Serpente de Rio
(Rui Machado/Sidney Rezende)

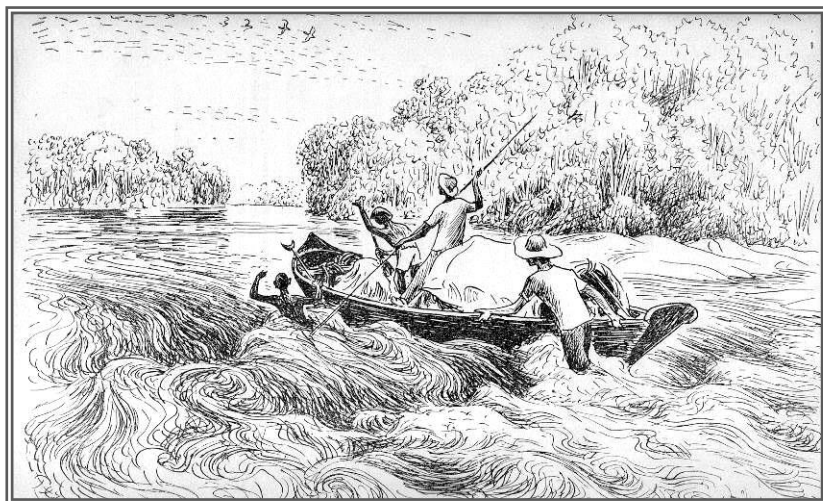



Imagem 58 – Canoeiros (Percy Lau)

Nos Andes o começo
Sagrado, embrião.

No verde da floresta
Sinuosa sagração.

A história dos povos
É traçada nas águas
De Tupã criador.

Nas margens do tempo,
Um grito primal.

A mata se abre
Pro seu ritual,
Nas danças e lendas,
No dorso do Rio,
Como um canto de paz.

Casa, taba, terra firme,
Serpente de Rio, Serpente de Rio.

Beira, margem, selva, chão,
Serpente de Rio, Serpente de Rio.

Imagem 59 – Círio de S. Antônio (Amazoon Notícia)

Ano XV Nº 148
AGOSTO 2007
R$ 2,00

URUÁ-TAPERA 15 anos

www.uruatapera.com

GAZETA DO OESTE

61 anos do círio fluvial noturno em Oriximiná

Cortejo do Círio de Santo Antônio: a balsa com a berlinda, especialmente ornamentada, é acompanhada por barcos enfeitados com bandeirolas coloridas e efeitos luminosos. Na chegada ao cais, buzinas, show pirotécnico, aplausos, cantos e bandeirolas.

VARIEDADES | Pág 8.

Chegada da balsa com a imagem de Santo Antonio, recebida com fogos de artifício, aplausos, cantos e lágrimas: espetáculo de luz e cor e muita emoção dos fiéis que renovam promessas

Imagem 60 – Uruá-Tapera, n° 148, agosto de 2007

61 anos do círio fluvial noturno de Santo Antonio

Oriximiná comemorou neste mês de agosto, 61 anos de sua festa maior, o Círio Fluvial Noturno de Santo Antônio, cuja primeira celebração foi no dia 04 de agosto de 1946. Naquela data histórica, a imagem do Santo foi conduzida em uma canoa de 30 palmos que pertencia ao Sr. José Vicente Calderaro (Carapina), guiada por oito bons remadores. A procissão foi acompanhada pelo barco a motor Urucari - na época, o único barco desse tipo que existia na cidade pertencia ao antigo SESP, hoje Secretaria de Saúde Pública -, algumas lanchas a vapor e canoas de vários tamanhos, todos enfeitados com bandeirinhas e tochas para iluminar o percurso. Nos primeiros Círios era comum a presença de canoas enfeitadas com fitas e bandeirinhas de papel de seda coloridos.

A animação na praça era de responsabilidade do Sr. Pedro Martins, que apresentava Jazz no Coreto da Praça, além de variado repertório de músicas populares que animavam o ambiente, lembram as professoras Etelvina Queiroz e Maria Salete Soares, que resgataram a história do Círio, em extenso trabalho de pesquisa.

Hoje, a romaria é acompanhada por barcos iluminados que oferecem um espetáculo de luz, cor e magia sobre as águas escuras do caudaloso Trombetas. As barquinhas coloridas e iluminadas, fabricadas em Aninga e papel de seda multicor, confeccionadas pela comunidade escolar e pelos romeiros, iluminam a extensão do rio durante o cortejo. São milhares de pontos de luz que espelham as águas, como as estrelas reluzem nos céus.

Antigamente, as barquinhas eram cuias com velas que marcavam o caminho e levavam os pedidos de bênçãos, escritos pelos fiéis, em pequenos papéis. Contam os historiadores que a idéia surgiu após a queda acidental de um balão nas águas do Trombetas que, por possuir o fundo de papelão grosso, ficou a flutuar iluminando o rio. Nos anos posteriores, com o restante de madeira que sobrava do forro do Salão Paroquial, foram confeccionadas 500 barquinhas. Cada barquinha levava uma vela acesa dentro de um balão de papel de seda colorido, e eram espalhadas no início da procissão fluvial. O efeito visual é de uma cidade flutuante se aproximando da orla de Oriximiná.

O cortejo do Círio de Santo Antônio é orientado por uma balsa que conduz a berlinda com a imagem de Santo Antônio, especialmente ornamentada para a ocasião, acompanhada por outras embarcações decoradas com bandeirolas coloridas e efeitos luminosos. Com a chegada dos barcos ao cais, o santo é saudado com as buzinas dos barcos, show pirotécnico e uma multidão que espera a imagem do padroeiro com aplausos, cantos religiosos e bandeirolas. A emoção toma conta dos fiéis, que agradecem graças recebidas e encomendam novas promessas. Começa a procissão terrestre que vai até a Igreja Matriz, onde é celebrada a Missa.

O Círio de Santo Antônio é uma das maiores manifestações de fé do Oeste do Pará. E Oriximiná já se destaca pela singularidade da expressão cultural de sua população.

A devoção pelo padroeiro começou a ser celebrada com pequenas procissões terrestres que aconteciam do dia 1º até o dia 15 de agosto, anualmente. Nesse período, diariamente, a imagem do Santo saía da casa de uma família da comunidade até a Igreja Matriz, onde se realizava trezenas e ladainhas em louvor ao santo. Somente a partir de 1946, o Círio deixou de ser terrestre e passou a ser fluvial.

Como todos os anos, a prefeitura de Oriximiná participa de forma ativa na programação do Círio do padroeiro do município, assim como na ornamentação da cidade e no patrocínio dos fogos, um dos momentos mais esperados do evento.

Este ano a Prefeitura investiu mais de R$ 100 mil, através de um convênio firmado com a igreja católica para atender as necessidades do evento. "O Círio de Santo Antonio, além de ser uma tradição de Oriximiná, tem uma particularidade que o torna único, sendo fluvial e noturno", disse Argemiro Diniz, prefeito de Oriximiná, satisfeito em colaborar com as festividades do padroeiro, todos os anos, durante 15 dias, iniciando no primeiro domingo de agosto e encerrando do terceiro domingo.

Fogos de artifício, um show à parte na chegada da romaria

A balsa conduzindo a imagem de Santo Antônio, com alegoria reproduzindo a igreja Matriz

Fervor da multidão acompanhando a procissão do padroeiro

Em frente à igreja especialmente decorada e iluminada, a missa em louvor ao santo padroeiro

Preparação para a chegada da berlinda e missa campal

Detalhe da decoração da berlinda, com flores regionais

A multidão se aglomerou para assistir às apresentações culturais na praça de Santo Antonio

Milhares de pessoas acompanharam o círio de Santo Antonio e participaram dos eventos festivos

Imagem 61 – Uruá-Tapera, n° 148, agosto de 2007

Visita ao Legendário Cuminá

Os Argonautas
(Apolônio de Rodes)

Mas quando Jasão, o Esonida, navegava em busca do velocino de ouro, e os melhores o seguiam, escolhidos de todas as cidades, chegou também à rica Iolcos o homem infatigável, filho da heroína Alcmena de Midéia, e, com ele, Hilas descia até Argo, provida de belos bancos, a nau que não tocou as Cianéias, que se chocam, mas atravessou como uma águia o grande golfo, [por causa disso, os recifes se fixaram], e lançou-se no profundo Phasis. (RODES)

Oriximiná – Rio Cuminá (16.01.2011)

Às 10h00, partimos de voadeira rumo ao Lago Caipuru. As raízes retorcidas da vegetação de várzea fizeram-me lembrar da RDS Mamirauá. Descemos nas belas praias e registramos algumas imagens para a posteridade. Partimos, depois, para o Cuminá, onde a lembrança das Três Viagens do Padre Nicolino, as Expedições de Gonçalves Tocantins, Valente do Couto, Madame Coudreau e a Incursão de Rondon e Cruls, retumbavam na minha alma de desbravador.

Vamos reportar nos Tomos I e II cada uma destas memoráveis Campanhas. A decisão de Cruls de abandonar os livros de lado e se embrenhar definitivamente na Hileia para vivenciá-la tinha muito a ver com minha determinação de levar adiante o "*Projeto Aventura – Desafiando o Rio-Mar*".

Convidamos, mais uma vez, o leitor a continuar seguindo-nos nesta magnífica jornada pelas águas do Rio Amazonas, de Oriximiná a Santarém, acompanhando remada a remada, nossa sina pelas águas do Rio Máximo.

Ode Marítima
(Fernando Pessoa – “Álvaro de Campos”)

[...] Ó fugas contínuas, idas, ebriedade do Diverso!
Alma eterna dos navegadores e das navegações!
Cascos refletidos devagar nas águas,
Quando o navio larga do porto!
Flutuar como alma da vida, partir como voz,
Viver o momento tremulamente sobre águas eternas.
Acordar para dias mais diretos que os dias da Europa.
Ver portos misteriosos sobre a solidão do mar,
Virar Cabos longínquos para súbitas vastas paisagens
Por inumeráveis encostas atônitas... [...]
Chamam por mim as águas,
Chamam por mim os mares.
Chamam por mim, levantando uma voz corpórea, os longes,
As épocas marítimas todas sentidas no passado, a chamar.
[...] Ah seja como for, seja por onde for, partir!
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar.
Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata,
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
Levado, como a poeira, pelos ventos, pelos vendavais!
Ir, ir, ir, ir de vez!
Todo o meu sangue raiva ([125]) por asas!
Todo o meu corpo atira-se prá frente!
Galgo pela minha imaginação fora em torrentes!
Atropelo-me, rujo, precipito-me!...
Estouram em espuma as minhas ânsias
E a minha carne é uma onda dando de encontro a rochedos!
[...] Quero ir convosco, quero ir convosco,
Ao mesmo tempo com vós todos
Pra toda a parte pra onde fostes!
Quero encontrar vossos perigos frente a frente,
Sentir na minha cara os ventos que engelharam as vossas.
Cuspir dos lábios o sal dos mares que beijaram os vossos,
Ter braços na vossa faina, partilhar das vossas tormentas,
Chegar como vós, enfim, a extraordinários portos!
Fugir convosco à civilização! [...]

---

[125] Raiva: anseia.

Diário das Três Viagens

Não estou preocupado apenas com o passado. Estou preocupado com a forma como o passado é trazido para o presente para disciplinar e normalizar. (Thomas Popkewitz)

Há algum tempo, eu vinha tentando localizar uma cópia do manuscrito do Padre Nicolino José Rodrigues de Sousa intitulado "*Diário das Três Viagens (1877-1878-1882) ao Rio Cuminá*". Fiz um apelo aos amigos internautas que gentilmente me auxiliaram nas buscas repassando meu pedido através de seus contatos ou até mesmo de Blogs. Uma amiga de longa data, Tânia Teixeira (Taninha), que tive a honra e o privilégio de conhecer quando trabalhei na Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos do Estado do Rio Grande do Sul (FDRH), me informou que existiam três exemplares na biblioteca da UFRGS. Infelizmente, naquela ocasião, a greve dos servidores inviabilizou meu acesso ao documento.

Finalmente o Professor Luis Henrique Rodrigues, do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas e coordenador do Grupo de Pesquisa Modelagem para Aprendizagem (GMAP) da Unisinos, ex-aluno do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR/PA), onde fui instrutor, me enviou, gentilmente, uma cópia digitalizada do livro. A cópia do manuscrito, elaborada pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios (C.N.P.I.), pertencia à biblioteca particular do General Cândido Mariano da Silva Rondon e foi editado em 1946, pela Imprensa Nacional.

Havia um conflito entre os dias da semana e os dias do mês relatados pelo Padre Nicolino. Eu havia encontrado estas discordâncias acessando apenas par-

tes do documento e, para descobrir a origem dos erros, eu precisava lançar mão do Diário completo. Padre Nicolino deveria ter estabelecido um padrão no lançamento das datas no diário de sua primeira viagem o que, sem dúvida, evitaria os erros que ocorreram. Na segunda viagem, ele buscou essa uniformização e nenhum erro na cronologia aconteceu. Na terceira viagem, o erro surgiu somente dez dias antes do falecimento do reverendo Padre, quando ele trocou o sábado de 27.10.1882 por uma 6ª feira. Ressalto, porém, que estes pequenos equívocos em nada desmerecem o valor histórico de sua formidável empreitada e o trabalho titânico desenvolvido pelo Padre Nicolino.

Rondon, quando dirigia os trabalhos da Inspeção de Fronteiras, confessa: "*serviram-me de guia os Diários de Viagens, manuscritos, do Reverendo Padre Nicolino José Rodrigues de Sousa, judiciosamente organizados, sob escrupulosa exatidão*". Rondon comandou pessoalmente a exploração e o levantamento do Rio Cuminá (1928/29), desde sua Foz no Trombetas até suas mais altas cabeceiras.

Título

Diário das Três Viagens [1877-1878-1882] do Revm° Padre Nicolino José Rodrigues de Sousa ao Rio Cuminá [afluente da margem esquerda do Trombetas, afluente do Rio Amazonas]

O próprio título já merece uma consideração especial. A 1ª Viagem iniciou em 25.11.1876 e as anotações se estenderam até o dia 23.02.1877; portanto o primeiro número referente às datas das viagens deveria ser o de 1876 e não 1877. O mesmo acontece com a data da segunda viagem que teve início em 11.10.1877 e não 1878. O correto, portanto, seria "*Diário das Três Viagens (1876-1877-1882)...*"

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

PUBLICAÇÃO N.º 91

Diário das Três Viagens

(1877 - 1878 - 1882)

DO

Revmo. Padre Nicolino José Rodrigues de Sousa

AO

RIO CUMINÁ

afl. margem esq. Trombetas do rio Amazonas.

(Cópia — executada pelo C. N. P. I. em 1943 — do manuscrito único redigido pelo referido sacerdote e pertencente à biblioteca particular do Sr. General Candido M. S. Rondon)

★

1946
IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Apresentação

A resolução tomada por esta presidência quanto à impressão do presente trabalho é a resultante de duas forças concorrentes: uma, relativa ao assunto em si, por se tratar de três interessantes viagens pelo interior do Brasil, subindo e descendo os Rios Trombetas e Cuminá – este, a que o autor chamou de "*Cuminá-Grande*" – outra, concernente à circunstância de que os feitos que descreve e sua execução, terem sido inspirados e dirigidos por um sacerdote, que nasceu Índio e se educou no meio civilizado, onde, por sua clara inteligência e por seu poder de adaptação, alcançou a posição de eclesiástico e conquistou outra de maior destaque na religião e na sociedade, como Vigário das paróquias de Óbidos e de Monte Alegre, no Estado do Pará, em cuja atividade permaneceu vários anos.

Quando me encontrava em serviço ativo do Exército e dirigia os trabalhos da Inspeção de Fronteiras, executei pessoalmente a exploração e o levantamento do Rio Cuminá [1928/29], [...].

Nestes trabalhos, serviram-me de guia os "*Diários de Viagens*", manuscritos, do Reverendo Padre Nicolino José Rodrigues de Sousa, judiciosamente organizados, sob escrupulosa exatidão, e onde se encontram, como o leitor verá, considerações de ordem filosófica e interessantes pensamentos, que definem a arraigada fé católica do autor e denunciam os seus sentimentos elevados e filantrópicos.

O fato de ter o Padre Nicolino se entusiasmado com a leitura de um roteiro que descobriu em Roma e que lhe inspirou a ideia de atirar-se ao Sertão, denota bem a influência ancestral do sangue indígena que lhe corria nas veias.

Possuindo em minha modesta biblioteca particular o exemplar único desse manuscrito precioso do Padre Nicolino, mandei-o copiar, no Conselho Nacional de Proteção aos Índios, a fim de atender à solicitação do Prefeito de Óbidos, constante da carta que vamos transcrever e que me dirigira o distinto patrício Dr. Paulo Inglez de Souza, em 23.07.1942, como documentação histórica e comprovação da origem indígena do Padre Nicolino, faltando ali dizer qual a tribo a que pertenciam os seus maiores e que, segundo é fácil deduzir, deve ser ou Macuxi ou Uapixana, que são as duas que habitam a zona da fronteira do Brasil com a Guiana Inglesa. [...]

Por ocasião da minha viagem ao Cuminá, visitei o túmulo em que descansam os restos mortais do piedoso clérigo, religiosamente guardados na modesta Igreja por ele erigida à margem do Rio Trombetas, próximo à Foz, no lugar em que existe a Vila Oriximiná, nome indígena, aliás, do Rio o que os portugueses denominaram: das Trombetas.

Finalmente, como esclarecimento necessário, devo ainda informar que, julgando de interesse histórico e geográfico o teor do "*Diário de Viagens*" do Padre Nicolino, autorizei ao Secretário deste Conselho a remeter uma das cópias datilografadas ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o que ocorreu mediante o Ofício n° 80, de 03.02.1943, oferta que foi acusada e deu lugar aos agradecimentos que nos dirigiu o distinto e operoso secretário daquele Instituto, Dr. Cristóvão Leite de Castro [Of. n° 3–1.167 de 05.03.1943].

Conselho Nacional de Proteção aos Índios.

Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 1944.

Cândido Mariano da Silva Rondon

Rio de Janeiro, 23.07.1942.

Exm° Sr. General Cândido Rondon.

Respeitosas saudações.

O meu ilustrado amigo Sr. Euclides Dias, Prefeito de Óbidos, Terra Natal do meu finado pai o Dr. Herculano Marcos Inglez de Souza, que V. Ex.ª, certamente conheceu, pede-nos, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, mandar entregar a V. Ex.ª a inclusa carta, cuja resposta, rogo a V. Ex.ª, se sirva enviar ao seu grande admirador que esta subscreve.

Aproveito o ensejo para explicar a V. Ex.ª o interesse que me prende à história do Padre Nicolino José Rodrigues de Sousa.

Meu avô paterno, o desembargador da Relação de São Paulo, Marcos Antônio Rodrigues de Souza, era natural de Faro, de antiga e conceituada família paraense. Juiz de Direito dessa Cidade, de Parintins e de Óbidos, foi, como chefe de Polícia da Província do Amazonas, ao Alto Rio Branco a apaziguar uma revolta de índios da fronteira que os ingleses da Guiana animavam e excitavam para turbar o "*uti possidetis*" brasileiro.

Logrou pleno êxito essa Expedição, pelo que foi ele condecorado com a comenda de Cristo pelo Governo Imperial.

Trouxe, entre os prisioneiros, os dois cabecilhas, que se intitulavam São Pedro e São Paulo, uma índia loira e de olhos azuis, que tomou o nome de Genoveva e se casou mais tarde com um Cabo do destacamento policial de Manaus, e um indiozinho, de poucos anos de idade, que se batizou com os nomes de Nicolino

José ou José Nicolino e adotou os apelidos da nossa família – Rodrigues de Souza.

Muito vivo e inteligente, mandou-o meu avô para o Seminário do Pará, onde ele se ordenou, sempre com distinta aprovação dos seus Mestres.

D. Antônio Macedo Costa entusiasmou-se pelo rapaz, sobretudo por ser índio e o enviou a estudar ao Colégio dos Jesuítas de Roma, onde ele se doutorou e em cuja biblioteca achou o roteiro que o animou, de volta à Amazônia, às expedições do Trombetas. Dessas sabíamos nós que havia feito duas, e da segunda, – dizia meu pai – que essa história me referiu reiteradas vezes, não voltara ninguém, nem Padre Nicolino nem nenhum dos seus companheiros, não se sabendo se haviam todos morrido de febres, mordidos de cobra ou comidos de jacarés.

Vejo agora, pelo que li em Gastão Cruls, que o Padre Nicolino fez Terceira Expedição, na qual faleceu e se acha enterrado numa Aldeia de Trombetas. Com a transferência do meu avô da Comarca de Óbidos para a de Santos, e a sua final nomeação para a Relação de São Paulo, onde faleceu, trasladara-se a família toda para o Sul, sem que jamais nenhum dos seus membros tornasse à Amazônia. Pelo que ignorávamos o fim do Padre Nicolino. Releve-me Ex.ª a liberdade que tomei de lhe escrever, sem ter a honra de o conhecer pessoalmente e me permita me subscreva:

De V. Ex.ª, patrício, criado e grande admirador Paulo Inglez de Souza.

Av. Copacabana n° 324.
Confere com o original.
Rosa Ring, escrituraria XVI do CNN.
Visto – Amílcar A. B. Magalhães,
Coronel Secretário do C.N.P.I.

DIÁRIO DE VIAGEM DO PADRE NICOLINO JOSÉ RODRIGUES DE SOUSA ÍNDIO DA FRONTEIRA DO BRASIL COM A GUIANA INGLESA PRIMEIRA VIAGEM AO CUMINÁ GRANDE

Deus, em sua infinita sabedoria, poder e bondade tudo arranja e dispõe sempre em favor dos homens, porém muitos deles, por irreflexão, desconhecendo esta verdade, arguem os atos de sua divina Providência e qualificam de imprudência, temeridade e loucura as ações daqueles que tem Ele escolhido para, como instrumento, realizar a sua benéfica disposição. É incontestável que todo o dever do homem resume-se no amor de Deus e do próximo. Ama e faz o que quiseres diz Santo Agostinho.

Assim convencidos, resolvemos tentar o descimento dos índios do Trombeta o Tenente Leonel e eu, porque nada há de mais agradável a Deus do que a exaltação de sua glória, que na terra ocupa o primeiro lugar a salvação das suas criaturas prediletas.

Novembro de 1876

Dia 25.11.1876, sábado, pelas 10h00, partimos do Agerena, propriedade do Sr. Tenente Leonel da Silva Fernandes comigo Padre Vigário em duas canoas. Na mais possante, vieram o Tenente Leonel o Padre José Nicolino de Souza, o Filho do Tenente Manoel Marinho Fernandes, o gentio Pedro, o rapaz Vicente.

No Uruá-Tapera, embarcaram-se José Agostinho Leandro digo Agostinho Moisinho e João Garcia de Sena. Em outra canoa, vieram a gentia Anna Maria de Oliveira, o filhinho Manoel e o filho do Tenente de nome Francisco Marinho Fernandes que, tendo ido adiante foi por nós alcançado abaixo do lugar dito Curralinho.

Já com deliciosa sensação contemplava as aprazíveis margens do maravilhoso Trombeta, suas águas cortadas por vigorosos remos mostravam, em seus alvíssimos borbulhões, a realidade de sua pureza. Chegamos ao Achipicá ao entrar da noite e pernoitamos em casa do ancião Pita.

No dia seguinte 26, domingo, pelas 07h00, continuamos a nossa viagem, tendo embarcado José Agostinho Leandro e Anselmo Francisco dos Santos, aquele no Achipicá e este no Lago Grande. Pelas 15h30, chegamos ao repartimento: à direita segue o Cuminá e à esquerda o Rio Grande; seguimos pelo Cuminá e às 17h00 entramos pela Boca do Salgado, em cuja margem tem o Tenente Leonel uma casa aonde chegamos às 18h30 e pernoitamos.

Segunda-feira, 27, ouviu-se o Santo Sacrifício da Missa; partiu-se às 13h00, tendo embarcado mais Joaquim Telles de Figueiredo, Joaquim Porfírio dos Santos, Antônio Carmo, José Calixto Pires e Antônio Lázaro da Silva, buscou-se o Rio Cuminá e seguiu-se. Às 19h00, chegou-se no Jaruacá, em casa do velho Agostinho, em cujo porto pernoitou-se.

No dia seguinte, 28, embarcando mais Maria de Jesus, filha do Preto Toró com uma gentia e o gentio ainda menor de nome João Pedro, saímos; eram 15h30 e pernoitou-se na praia do repartimento, acima da Boca do Cabaço. Era Domingo, digo terça-feira.

Dia 29, quarta-feira, pelas 07h00 fomos ao Cabaço, donde conosco veio mais o gentio Porfírio d'Assunção. Ao voltar, reunidos ao resto dos nossos companheiros, pelas 14h00, já na Praia do Ianári, seguimos o nosso destino pelas 15h00 e fomos pernoitar sobre a praia denominada do Extremo no Estirão Grande.

Dia 30, quinta-feira, às 09h00, chegamos à primeira correnteza do Tronco, isto é, ao princípio das cachoeiras. Um dos panoramas notáveis da Onipotência divina é sem dúvida a Cachoeira! Ao ver o Tronco das cachoeiras, a inteligência contempla e se eleva espontaneamente ao Criador, a imaginação se exalta e um desejo de curiosidade apodera-se da vontade e o homem não se farta, não se cansa de examinar os diversos aspectos que se apresentam ao seu olhar ambicioso. As águas que naturalmente rolam sobre seus leitos sob a sua áurea cor, nas pancadas tornam à brancura da neve e, rolando-se furibundas, precipitam-se cheias de escumas por entre inabaláveis rochedos. Das 09h00 até as 15h00, tínhamos passado 4 grandes pancadas ([126]) e pernoitamos junto da **5°** [pancada] em uma Ilha dita das Lages.

Dezembro de 1876

No seguinte dia, sexta-feira, **1°** de dezembro, passou-se a **5ª** [pancada] e, até as 14h30, passaram-se mais 4 mais ou menos violentas, e pernoitou-se na Ilha do meio, defronte da Serra do mesmo nome.

No dia sábado, **2** do mês, pelas 10h00, continuamos a nossa viagem e, desde defronte da Serra do Pandiá, uma Serra de figura cônica, começamos a passar fortes cachoeiras, seguimos depois por terra, levaram as gentes nossas canoas, já no número de três, embarcaram-nos no porto da roça que se nos disse ser de Manoel Antônio, por antonomásia ([127]) Ovelha, tendo passado 4 grandes bancos. Eram 14h00. Daí em diante, passou-se mais 3 bancos e, às 16h30, avistamos ao longe uma grande vala, que

---

[126] Pancadas: corredeiras, quedas.

[127] Antonomásia: substituição de um nome por outro que facilmente o identifique.

da superfície das águas do Igarapé elevara-se à altura de 30 a 40 m mais ou menos; uma massa da brancura da neve exalando de si fumaça, impedia que se lhe pudesse ver o abismo; suas bordas de alcantilados e medonhos rochedos faziam-nos experimentar um não sei que de prazer e de terror! O que é aquilo, bradam todos! Mas o que é?! Aquilo que vedes, responde o Piloto, é a Cachoeira que se chama Inferno, por ali não se pode passar por causa da violenta força das águas e de insondáveis abismos, que aí se acham. Foi quase junto deste sublime medonho que abordamos às 18h00 e ali pernoitamos.

No dia **3**, domingo, pelas 07h00, fomos visitados pelo súdito francês Monsieur Jule Caillat que, acompanhado somente de uma só pessoa, o brasileiro João Felippe, já tinha varado a sua não pequena canoa. Foi no abarracamento dele que celebrou-se o Santo Sacrifício da Missa. Oh! que doce consolação! Observou-se toda a extensão da Cachoeira que se compõe de 3 bancos horríveis! O abarracamento do Mr. Jule achava-se também já além dos bancos, tendo um delicioso porto, onde tomamos aprazível banho.

Segunda-feira, dia **4** do mês, continuamos a nossa derrota pelas 11h00, tendo pela manhã varado nossas canoas e pernoitamos em uma Ilhinha à direita e abaixo da Cachoeira do Cajual. Neste dia passamos 3 bancos de Cachoeira.

No dia **5**, terça-feira, passando algumas correntes pouco importantes, viemos pernoitar em uma Ilhinha de areia defronte da Serra do Macaco.

No dia **6**, quarta-feira, pelas 06h30, partimos e, às 10h00, chegamos em casa do crioulo Lautério, donde saímos à 13h00, entramos pelo Penicura Igarapé que se acha logo acima desta situação e fomos pernoitar no porto da tapera de Joaquim Sant’Ana.

Quinta-feira, dia **7**, às 07h00, continuamos a nossa tarefa, não podendo chegar à tapera denominada Santo Antônio, ficamos em lugar acima duma tapera pertencente ao mesmo Lautério, que serviu-nos de piloto e havíamos deixado na casa do mesmo para fazermos farinha, visto termos necessidade e ter ele roça. Ficando na barraca o meu companheiro Agostinho, comecei as minhas pesquisas de malocas. Assim pois, neste mesmo dia, pelas 14h00, acompanhado da gentia Anna da Maria de Jesus, do filho de meu companheiro Francisco, de João Garcia de Sena, de Agostinho Mosinho, de Joaquim Teles, José de Paulo, do Índio ou gentio Pedro, José Garcia de Souza e José da Mota, pernoitamos sobre um rochedo no meio do Igarapé, ainda distante da tapera S. Antônio.

No dia **8**, sexta-feira, viajou-se e chegou-se pelas 10h00 em S. Antônio onde, por falta de mantimentos, parou-se.

No dia **9**, sábado, viajou-se das 07h00 às 18h00 e pernoitou-se sobre a margem do pequeno Igarapé chamado pelo gentio Ariminaiacaru [Igarapé de Barro].

Dia **10**, domingo, saiu-se às 09h00, às 15h00 encontrou-se com uma choupana dos índios e abarracou-se à margem do braço direito do Igarapé, acima dito, às 18h00.

Dia **11**, segunda-feira, pomo-nos em caminho às 06h00 da manhã em busca duma Serra, vista às 15h00 do dia precedente, que indicava estar roçada. Ah! Que lisonjeira esperança raiou em nossos corações, já nos pareciam coroadas as nossas penas, os nossos esforços e sacrifícios, pois já se nos tinha acabado a farinha! Quanto, pois, não nos alegrou aquela Serra, que ilusoriamente nos mostrava estar

ali o objeto de nossas fadigas? Chegamos à Serra às 11h00 e achamos montões de medonhos rochedos que quase não permitiam vegetação alguma, por isso de longe mostrava a aparência de roçados. Que decepção! Que tristeza! Sem farinha por espaço de dias?! Voltamos com os corações serrados, os nossos guias gemiam apenas entre dentes. Ao chegar na choupana encontrada, seguimos subindo o Rio, encontramos cinco velhas choupanas que indicavam se terem os índios retirado para mais longe, subindo ao Cuminá. À falta de farinha, muitos dos companheiros adoentados decidiram-nos a voltar e viemos pernoitar na margem do Igarapé Ariminaiacuru. Eram 13h00 quando abarracamos.

Dia **12**, 3ª feira, saímos às 06h00 e chegamos na tapera Santo Antônio às 15h00. Extenuados como estávamos pela fome, paramos e buscamos nas capoeiras bananas e canas, que encontramos em quantidade. Ah! Minha cara pátria, és um paraíso e por isso desgraçadamente vegetam os teus filhos e não vivem!

No seguinte, dia 4ª feira, e **13** do mês, partimos às 07h00 e às 14h00 abraçávamos alegres os nossos companheiros, que à exceção de um que já deixamos doente, todos gozavam saúde, especialmente o Tenente Leonel. O único pesar que nos acompanhava era de não termos encontrado os índios, objeto, certo, do nosso amor.

No dia **14**, 5ª feira, às 09h00, saímos do Penecuro em duas canoas cheguei com os meus companheiros em casa do crioulo Lautério às 13h00 e do Tenente Leonel às 15h00 e aí fixamos a nossa residência, encontrando de novo o Mr. Jules, que nos mostrou tudo sob a hediondez de seus egoísmo.

Dia **15**, 6ª feira, ali passou-se por ser chuvoso.

Dia **16**, sábado, ficando na barraca o Tenente Leonel, e outros ocupados em fazer farinha, parti para o mato em busca de uma Serra, junto da qual se nos disse achar-se uma maloca. Os companheiros foram Francisco, filho do Tenente, a gentia Ana, o gentio menor João Pedro, Agostinho Moisinho, José Agostinho Leandro, Joaquim Teles, José Garcia de Souza, Joaquim Porfírio dos Santos e o crioulo Lautério. Tendo saído da barraca às 07h00, fomos pernoitar em uma baixada, bem distante da Serra.

Domingo, dia **17**, ali passei, indo somente 4 pessoas por passeio explorar os lugares vizinhos.

Dia **18**, segunda-feira, pelas 08h00, saímos em direção quase ao Sul, vimos algumas "*cahá pépéna*" não antigas, indícios que por ali andavam gentios, o que muito nos animava e pernoitamos sobre a margem de um Igarapé com pouca água, por ser ainda verão, e a que chamamos Igarapé dos corvos pela imensidade de urubutingas, que ali vimos e não ter ainda denominação alguma.

No dia seguinte, 3ª feira, **19** do mês, seguimos pelo Igarapé e chegamos à grande Serra às 10h00. Tem ela pouca altitude, chamam-na os índios Carauiriaí. Que magnífico horizonte estendeu-se aos nossos olhos! Que belo panorama contemplamos do cimo da Serra! Todavia, nada vimos do que buscávamos, descemos e costeamos a Serra e fomos pernoitar mortos de sede e sem água em um capinzal já algum tanto desviado da Serra.

No dia **20**, 4ª feira, desejando continuar a exploração até ao meio-dia, já por falta de farinha, já porque nem todos os companheiros são tais, desistimos da nossa intenção e, às 17h00, abraçava no Uurucuri, em nossa barraca, ao Tenente Leonel,

sempre jovial e cheio de coragem e de esperança no bom êxito da empresa.

O dia seguinte, **21**, 5ª feira, passamos ali juntos.

No dia **22**, 6ª feira, partimos para continuarmos a nossa exploração por canoa; comigo foram o filho do Tenente de nome Francisco, Antônio Lázaro, Lautério, José Pires, Anselmo e a gentia, indo por terra mais três: José de Souza, José Leandro e Agostinho Moisinho. Tendo desembarcado na terra preta – tapera do preto Toró – pernoitamos à margem d'um Igarapé, que nos disse a gentia chamar-se Auremere-repê [Igarapé, onde lavou-se um cachorrinho].

No dia seguinte, **23**, sábado, às 06h00, prosseguimos o nosso caminho, às 10h00 reunimo-nos com os nossos 3 companheiros e chegamos à ponta da mesma Serra acima dita. Exploramos essa ponta, que se acha a Oeste e de nós ainda então desconhecida. Subimos de novo e fomos abarracar-nos juntos mas do outro lado da Serra.

No dia **24**, domingo, ali se passou.

No seguinte dia, **25**, 2ª feira, não se tendo encontrado nem ao menos capoeira, voltamos e viemos pernoitar junto de um Igarapé dito do Bacabal.

Dia **26**, 3ª feira, ali passamos, percorrendo os companheiros os lugares vizinhos, das 11h00 em diante, quando passaram as chuvas.

Dia **27**, 4ª feira, continuamos o nosso regresso e pernoitamos à margem do Igarapé dito da Cachoeirinha.

Dia **28**, 5ª feira, percorremos diversos lugares sem encontrar cousa alguma.

No dia seguinte, **29**, 6ª feira, vieram por canoa os meus companheiros com a exceção de José P., Antônio e José L., que comigo vieram por terra, ainda investigamos os lugares ainda por nós não vistos e, às 16h30 aportamos no Uurucuri, sem acharmos molecas ou ao menos a capoeira, que todos nos afirmavam existir por qualquer parte desses lugares. Achei com saúde a todos os companheiros, especialmente o Tenente e com isto consolei-me.

Dia **30**, sábado – **31**, domingo, chegou Mr. Jules, que abarracou-se acima de nós pouco abaixo do Igarapé denominado Rio-Frio ou Água-Fria.

Janeiro de 1877

Dia **1°** de janeiro de 1877, 2ª feira, ainda passamos na nossa barraca ocupados em nos preparar a prosseguir a nossa empresa.

Dia **2**, 3ª feira, pelas 08h30, partimos em duas canoas, indo na em que eu ia o Tenente Leonel, enquanto que, com os meus companheiros de viagem, foram o filho do Tenente Francisco, José Pires, José Agostinho Leandro, Agostinho Moisinho, Anselmo Francisco dos Santos, o crioulo Lautério Sant'Ana, os gentios Ana e Porfírio. Fomos pernoitar em uma Ilha chamada pelos mocambeiros ([128]) Ilha Grande junto da Cachoeira do Mel, tendo já passado no dia antecedente uma bem forte corrente.

Dia **3**, 4ª feira, passamos a Cachoeira do Mel que se compõe de dois terríveis bancos e de correntes violentas, que nos obrigam a varar a canoa, chegamos ao varador às 14h00 mais ou menos, tendo varado a nossa canoa, pernoitamos pouco além do mesmo varador.

---

[128] Mocambeiros: escravos negros fugidos.

Dia **4**, 5ª feira, pelas 10h00, apartamo-nos do Tenente que voltou e seguimos o nosso destino por um paranamirim, passamos 3 violentas cachoeiras e chegamos à grande Cachoeira do Retiro, de parte duma tapera do mesmo nome e ali pernoitamos sobre uma Ponta de fina e alvíssima areia. Nesta Cachoeira, chegamos às 15h30. Ao ver essa imensa extensão de maciças pedras e de elevada altura e apenas quase pelo meio as águas precipitando-se em violentos pifões por onde se passa, perguntei aos guias. Por aí mesmo, por entre esses golfões, responderam-me eles. Calei-me, considerando que era preciso vencer o medonho aspecto dos rochedos, as rígidas forças das águas que abrindo-se passagens por entre essas rochas imóveis lançavam-se em borbulhões nesses insondáveis porões cheios de escumas ([129]). Havia mais dois ou três caminhos ainda mais terríveis.

Dia **5**, 6ª feira ([130]), tendo passado a nossa canoa no dia precedente, continuamos a nossa aporfiada ([131]) disputa com as águas e pedras, apenas pudemos passar até as 17h00 3 altos bancos da extensíssima Cachoeira do Pirarara, pernoitamos em uma Ilhinha que ficou sendo chamada Ilha do Lautério, que querendo matar um enxame de cabas com a camisa, deram-lhe as cabas tantas ferroadas, que o obrigaram a cair na água. Esta Ilhinha é a 3ª junto ao Canal por onde passamos.

---

[129] Escumas: espumas.
[130] Aqui o autor se perde nas suas anotações e inadvertidamente suprime o dia **6**, talvez por confundir o número **6** da sexta-feira, do parágrafo anterior, com o dia do mês. Nicolino demonstra, nitidamente, uma despreocupação no trato das datas do mês e uma detida atenção aos dias da semana. O autor estava, certamente, mais preocupado com a fiel observância dos dias da semana do que com os dias do mês. Era mais importante, para ele, oficiar a Santa Missa nos dias sagrados.
[131] Aporfiada: insistente.

Dia **7** (seis), **sábado**, pelas 07h00, começamos o nosso trabalho até as 10h00 e chegávamos à Ilha da Galinha, tendo passado 2 grandes Bancos de Cachoeira. Dali seguimos, passamos as Cachoeiras da Torre e da Casinha das pedras, a violenta correnteza do Bate Canela, donde já se avista a grande Ilha do Tracua, do princípio dela 2 estirões acha-se a Cachoeira do mesmo nome, que não obstante ser alta não é tão difícil de passá-la, e pernoitamos em uma Ilha pouco distante da Cachoeira. Eram 17h30, quando ali chegamos.

No dia seguinte, 1° domingo, e **8** (sete) do mês, ali passamos, tendo ouvido o S. Sacrifício da Missa às 09h00.

Dia **9** (oito), 2ª feira, pelas 08h00, partimos, o Rio estende-se por entre Serras cobertas de castanhais e outras árvores, umas cobertas de espessas folhagens, outras de flores aromáticas, vistosas e variadas, conforme a natureza das causas que as produzem. As águas cristalinas representam em seu seio tudo o que borda as margens de seu leito. O viajante não tem um momento de tédio, as maravilhas variadas, que contempla o entretêm e o anima a levar ao fim a sua viagem, esquecendo-se das penas e perigos que arrosta. Assim pois, por entre estas magníficas paisagens, prosseguindo a nossa jornada, ao meio-dia tocamos a Cachoeira dita do Severino [esta denominação de que ali se quis situar um preto, deste nome], no fim do estirão à direita acha-se um Igarapé; pouco acima, um outro cuja Embocadura é uma grande Enseada. Atravessamos várias correntes, às 15h30 abordamos a Cachoeira das Pedras Brancas: é assim chamada por causa da cor d'uma grande laje à margem, que se eleva a altura de 20 metros mais ou menos, mas em declívio suave e pouco sensível. Na parte mais elevada da laje entre lindos pequenos arvoredos

veem-se jaramacuru e diversas parasitas cujas flores representam formas as mais delicadas e embalsamam o ar de delicioso perfume. Oh! minha idolatrada Pátria, como és rica e bela e eu não te vejo nem te amo!? Deste lugar, dois estirões depois chegamos à Cachoeira do Taurino [é assim chamada por ter ali adoecido um homem deste nome, o qual, no delírio com que o pôs a febre, dizia que uma formosa moça o chamava que a acompanhasse]. Pernoitamos em uma pitoresca Ilhinha junto da Cachoeira, aonde chegamos às 17h30.

Dia **10** (<u>nove</u>), 3ª feira, às 07h00, partimos, passamos a Cachoeira que, conquanto não se esteja obrigado a varar canoa, é uma das mais violentas: as águas repelidas pelas pedras dos lados vão encontrar-se no meio onde levantam-se prodigiosamente como medindo suas forças à porfia: ela compõe-se de dois bancos. No fim do terceiro estirão depois da Cachoeira, encontra-se a Ilha do Breu aonde chegamos às 14h00. Dali a pouca distância, tudo muda alarga-se o Rio, veem-se pelas margens mangabeiras, tarumaneiros, taxizeiros e outras árvores das margens do soberbo Amazonas. Que delícia quanto ao aspecto! Cinco Serras mostram-se ao longe e soberbas mostram as verdes cores das tufadas ramagens das seculares árvores que as ornam. É pouco distante dos pés delas que passa o Rio, cujas águas mais transparentes que o mais puro vidro representam fielmente, em seu seio, todas as belezas de suas margens. De Igarapés, os mais importantes são à direita o da Terra Preta, que passa por trás da Ponta, onde tiveram os pretos casa e chamaram ao lugar – Livramento –, e outro pouco acima, que vai junto duma Serra, o chamam Igarapé do Remédio. Chegamos no Livramento às 16h00 e, às 17h30 em uma bela Ilhinha de praia, onde dormimos, pouco acima do Igarapé do Remédio.

Dia **11** (dez), 4ª feira, pelas 09h00, continuamos a nossa porfiada luta contra as violentas correntes das áureas águas do ameno Cuminá. No fim do primeiro estirão, existe uma capoeira dos Mocambeiros, denominada Sant'Anna: ao meio do terceiro [estirão], vê-se a elegante Ilha das Saúbas; adiante a Ilha do Canal: encontram-se mais duas, uma à direita da dita Ilha do Inajá, outra à esquerda denominada Sucuriju, cada qual a mais risonha pela situação, pela robustez de suas árvores e áurea cor de suas praias. Às 15h30, chegamos à Cachoeira das Lages, que passamos sem muita dificuldade e, às 17h30, chegamos à Ilha das Barreiras e pernoitamos na extensa Praia dos Tracajás, situada ao lado digo na Ponta de cima da Ilha. Cousa notável, ainda tiraram-se ovos de tracajás frescos, nesta praia.

Dia **12** (onze), 5ª feira, pelas 07h00, começamos a nossa viagem, o estirão que logo percorremos chama-se Grande por sua longa extensão, de fato depois de 3 horas duma viagem regular é que chegamos no fim, onde se acha a Cachoeira do Tapió, com uma Ilha do mesmo nome, é assim chamado por terem ali os mocambeiros encontrado casas destas cabas. Ao meio-dia, passamos a Cachoeira da Sereia: é assim chamada, por ter ali ficado uma canita ([132]) deste nome. Vê-se também ali um grupo de pequenas lindas Ilhas, entre as quais se veem cascatas. Às 14h00 passou-se a violenta correnteza da ponta do Tocamá onde achou-se uma pedra escoltada ([133]) figuras grotescas representando quase figuras humanas. Pelo que parece não é obra do homem. Disse-me o piloto que os gentios julgam santas essas figuras e lhes rendem cultos. Neste lugar, vimos jacás velhos, que tinham deixado os gentios. Às 16h00, passamos a correnteza das

[132] Canita: flauta.
[133] Escoltada: gravada com.

piranhas, assim chamaram-na porque ali abundam tais peixes. Neste lugar, inúmeras Ilhas formam também um arquipélago chamado do nome da corrente ([134]). Pelas 17h00, chegamos à Cachoeira do Cajuaçu, do nome duma grande árvore desta fruta que ali existe. A noite que ali passamos não nos foi das mais belas já pelas chuvas, já por uma indigestão que teve o gentio, tendo nós poucos recursos e remédios.

Sexta-feira, dia **13** (doze) do mês, pelas 07h00, as cristalinas e áureas águas, já conhecendo o peso dos vigorosos braços dos tripulantes, debalde encrespavam-se impetuosas contra a delgada proa do nosso "*Desengano das águas dos Cuminás*", que faceiro transportava a Jesus e Sua Santíssima Mãe, cujas bênçãos superabundavam sobre nós. Às 09h00, passamos a violenta correnteza da Pedra Branca; assim chama-se do nome duma Ilha formada de pedras de cor branca e ao meio-dia chegamos à Ilha do Moquém, a 13h30 à Ilha do Sumauma, às 14h00 à dos Bentevís, as 15h00 à Ilha Comprida, junto à Ponta desta acha-se a Ilha do Táxi, que é começo do arquipélago do Tarumã. Às 17h00, abordamos na pequena Ilha da Linha, tendo passado antes uma corrente denominada Coatá. É esta corrente assim chamada bem como a Ilhinha junta, porque ali acharam um macaco. A Ilha da Linha tem esse nome por ter uma piranha aí cortado com os dentes a linha d'um pescador. Esta Ilha acha-se pouco abaixo da Boca do Igarapé dito Aimaraiucúru ou Pauana.

Sábado, **14** (treze), às seis da manhã, embarcamos, às 06h30 passamos a Boca do Pauana, que fica à direita do Rio, às 07h00 atravessamos o arquipélago da Cuia, assim chamada porque entre essas Ilhas, a corrente arrebatou uma cuia ao que tirava "*orgira*".

[134] Corrente: piranhas.

Às 11h00, chegamos à ponta da Súcuba, do nome duma árvore deste nome que ali existe; às 14h00, passamos a Correnteza das Andorinhas: deste lugar se avista ao longe azuladas Serras e as correntes anunciam que se aproxima a grande Cachoeira da Paciência; às 15h00, chegamos à Boca do Igarapé do Castanhal, do nome da Serra que lhe deu nascença; às 16h00, passamos a Ilha das Cobras: deram-lhe este nome porque dizem os gentios que em um poço junto dela se acha uma serpente; às 17h30 portamos na extrema e aprazível praia da Ilha do Fernandes: é uma pitoresca Ilha de terra firme, que se acha no meio do Rio, dela se avistam já perto três Serras que ocasionam a Cachoeira da Paciência, seu nome vem de que ali espontaneamente quis ficar um velho de nome Cláudio, como que em degredo.

Domingo, **15** (catorze), aí passamos o dia gozando da salutar frescura duma suave brisa do Norte; d'amena situação da encantadora Ilha com sua deliciosa praia; da variada perspectiva do indescritível quadro que nos ofereciam os diversos e belos lugares que nos cercavam. Nas margens do Cuminá Grande, não se experimentam as sensações de tristeza, que de ordinário causam as brenhas sobretudo à tarde a ouvir o cantar das aves, pelo contrário esses gorjeios e trinados juntos, que fazem ouvir os outros animais recreiam, deleitam e cativam; de sorte que tudo inspira uma satisfação inexplicável.

Dia **16** (quinze), segunda-feira, pelas 06h30, deixamos a formosa Ilha, que nos tinha abrigado e novas impetuosas correntes acostumadas a soçobrar os esquifes dos mocambeiros e gentios em vão batiam espumosas e retorcidas contra a proa do "*Desengano do Cuminá*", que faceiro cortava-os e saltava os cabeços dos rochedos zombando assim do impotente furor do seu terrível competidor, qual o peixe do oceano que, na mais tremenda tempestade,

recreia-se a despeito do brutal furor das encapeladas ondas. Às 08h00, passamos a Ilha do Aluani e, 15 minutos depois, vimos os vapores das águas que se elevavam ao ar. Encostamos, saíram os pilotos a examinar o caminho; saí igualmente na mesma direção que eles, vi que estavam perto de 3 horríveis bancos da Cachoeira Azuada, neste lugar pouco difere da que ouvíamos na Ilha de Fernandes. O estirão que precede a Cachoeira vai ao nascente, é o único que tem esta direção, porque a direção de todos que temos percorrido é ao Nordeste e Norte – a direção do estirão em que se acha a Cachoeira é quase ao nascente. Da hora em que abordamos até as 16h00, passamos 2 bancos, abarracamos em ponta de pedras e areia, e ficou o lugar sendo chamado – Ponta da Alegria e fica pouco distante do 1° banco.

Dia **17** (dezesseis), 3ª feira, pelas seis e meia da manhã, achamo-nos logo a braços com uma violenta pancada de chuva e às 09h00 chegamos à Cachoeira do Jacaré; assim chamada por se ter aí morto um jacaré. Terrível força d'água que, para passá-la, é preciso varar canoa por sobre pedras na altura de 15 a 20 metros mais ou menos; às 13h00, tínhamos com efeito, passado a formidável fortaleza. Dali em diante calando muitas violentas correntezas, merece especial menção o banco da Escada já pouco abaixo da imensa e formidável Cachoeira do Resplendor. Às 15h30, chegamos às Ilhas do Resplendor, ouvíamos zoada por toda a parte, abordamos na Ilha do meio, passamos as nossas bagagens; porém já não tivemos tempo de passar a canoa, e pernoitamos em uma formosa ponta de belíssima praia que se acha já além das cachoeiras.

Quarta-feira, **18** (dezessete), pelas 07h00, fomos passar a nossa canoa e vimos a dificuldade que convinha vencer, as formidáveis forças com que

tínhamos de nos medir. A Cachoeira compõe-se de três bancos, entre o segundo e o terceiro subindo veem-se, em uma imensa parede de pedra, três figuras representando todas resplendor com raios bem visíveis, parece não ser obra do homem e sim da natureza, por isso que não se vê golpe algum, os traços que formam as figuras são bem lisos como que formados com a mesma pedra. O terceiro banco da Cachoeira tem 20 a 25 metros de altura mais ou menos, é quase escarpado, por isso tem uma força prodigiosa e o que a torna ainda mais formidável é que as pedras são maciças e lisas, que não se pode puxar a talha nem quase com as mãos; mas o homem é sempre homem, na esfera do seu domínio tudo faz querendo: assim, pois, às 14h00, galgamos a iminência, seguimos e chegamos às 17h00 na Cachoeira Grande: é assim chamado o maior banco de que se compõe a Cachoeira da Paciência.

Dia **19** (dezoito), quinta-feira, às 06h30, começamos o nosso trabalho. A violência das águas da cascata, conquanto seja uma das mais medonhas, pois que vem duma altura de 30 a 40 metros mais ou menos, todavia não tão difícil passá-la, pode puxar-se a canoa tanto a mãos como especialmente a talha; por isso, ao meio-dia, nos achávamos já livres do perigo além desse monstro inanimado. Às 14h00, passamos uma outra Cachoeira, às 15h00 outra; todas nada são em comparação da primeira, conquanto sejam bem violentas; às 16h00 chegamos à Boca do Urucuaiana, cuja largura e corrente indicam não ser o Igarapé de curta extensão. Na Boca do Urucuaiana, ao lado direito, acha-se a Ilha das Lontras; assim chamada porque não há ali um só lugar que não seja morada desses animais; da outra banda no Rio, ao lado direito, vê-se igualmente uma Ilhita de areia e pedras denominada Ilha do Saquinho, porque aí perdeu-se somente durante a noite um saquinho

d'isqueiro: foi nesta última que pernoitamos e pescamos muitos peixes.

Dia **20** (dezenove), 6ª feira, pelas 08h00, embarcamo-nos. A não ser a beleza das margens e as vistas pitorescas das Serras, nada vimos que mais nos impressionasse. Pouco abaixo da ponta de Bacabal, onde pernoitamos, notei que já as árvores não são tão altas, mas esta diferença é pouco sensível.

Dia **21** (vinte), sábado, viajamos logo às 06h00. A diferença da vegetação cada vez mais se tornava notável, ao meio-dia chegamos à Boca d'um Igarapé grande, denominado Murapi ou Murapiche, tendo antes passado às 07h00 uma outra Boca desconhecida dos pilotos, a que chamamos Igarapé do Zarandubal; este como o Murapiche ficam à direita. As correntes das águas são mais brandas de ordinário sobre leitos mais iguais de finas e áureas areias. Mais junto das margens, veem-se quase sempre palmeirais, que se estendem ao comprimento do Rio. Veem-se também aqui, acolá pelo Rio, grandes rochedos, que não somente recreiam pelas formas diversas que apresentam, como sobretudo por serem repousos dos tracajás que, as mais das vezes, do meio-dia às 15h00, cobrem essas pedras expondo-se ao Sol. Às 14h00, encontramos uma anta com água até as costas que, deixando-nos quase tocar nela, foi vítima de sua temeridade, porque obrigou-nos a dar-lhe um tiro e perdeu a vida. Pouco adiante deste lugar, achamos uma jabota atravessando o Rio e nela, ao vê-la, recordei-me desta verdade: "*Devagar se vai ao longe*". Às 16h00 passamos a Cachoeirinha e, às 18h00, chegamos a uma Ilhinha de praia e pedra onde abarracamos e encontramos não muito velhas barracas dos gentios. Esta Ilhinha ficou sendo chamada Ilha da Boa Esperança.

Dia **22** (vinte e um), Domingo, aí ouvimos Missa e passamos o dia.

Dia **23** (vinte e dois), 2ª feira, saímos às 05h00, pelas 06h00 passamos a Boca do Igarapé Grande; às 11h00 a do Omarara; às 12h00, chegamos à praia da Linha [assim dita porque aí esqueceu-se d'uma]; pouco adiante, acha-se a correnteza do De Paus Secos; às 16h00, chegou-se à 1ª casa dos índios e à tapera do defunto Jerônimo e pernoitamos em uma Ilhinha abaixo, algum instante da velha maloca dos índios sobre o Rio.

Dia **24** (vinte e três), 3ª feira, sendo chuvoso, somente pude sair às 09h00, às 09h30 cheguei à capoeira, que era outrora a velha maloca. Mandei observar, porque muito se demorassem os observadores, saí eu mesmo, soube que tinham encontrado um caminho, que o tinham seguido, mas que tinham voltado duma certa distância. Acompanhado dos mesmos, pus-me na estrada e, às 14h00, estava na maloca mas, infelizmente, não estavam aí seus donos, voltei e às 17h00 abarracamos em uma ponta da praia, tendo antes passado a cachoeirinha das Onças. O Rio cada vez mais se vai estreitando.

Dia **25** (vinte e quatro) de janeiro de 1877, 4ª feira, às 07h00, vimos o 1° lavrado dos campos. Ao olhar um pouco de longe, não se divisa senão o verde das relvas que, estendendo-se em altura uniforme por sobre planos, colinas e outeiros, convidam ao viajante a prestar atenção e a contemplar de perto o que em confusão vê de longe. Não podendo resistir a esta tão maviosa voz, desembarquei, mas sendo já 17h00, foi-me preciso de novo embarcar para cuidar da viagem e fomos abarracar sobre o Rio ao pé duma colina completamente campo e lavrado pois, a exceção do cajuí, não se vê aí uma outra vegetação.

Dia **26** (vinte e cinco), 5ª feira, pelas 07h00, o nosso faceiro "*Desengano*" sulcava rápido as cristalinas águas do rico e pitoresco Cuminá. Já se não veem altas paredes represando as águas, para as depois deixar cair em golfões cheios de borbulhões e escuma, mas correntes, posto que rápidas, brandas e iguais. Das 08h00 em diante, tocamos uma grande Ilha à esquerda, que faz com que o Rio siga como antes entre matos. Até aqui, os campos que dão sobre o Rio são somente da parte esquerda, isto é, ao nascente. Assim somente às 15h30 é que percorremos a extensão da Ilha, que ficou de nós chamada Ilha Grande do Aborrecimento e chegamos nos campos de ambos os lados do Rio. Às 16h00, fronteamos um formoso outeiro, não longe do qual passa um Igarapé com Cachoeira, o qual chamamos Igarapé das Borboletas. E que belas e em que quantidade vimos na Boca deste Igarapé, onde pernoitamos, tendo ali abarracado às 17h00! Nesta mesma hora, com 3 companheiros, fui passear: subi 2 outeiros, todos campos, tendo antes atravessado lindas baixadas, algumas com miritizais, mas todas cobertas de viçosas e verdejantes relvas próprias para pastagem de gado vacum e cavalar. Os capins, mesmo os de sobre as colinas e Serras, são verdes e viçosos. O vento, que de ordinário reina nestas alturas, é Norte, tempera de tal maneira o ar, que oferece um clima semelhante ao do meio-dia da França à estação da primavera.

Dia **27** (vinte e seis), 6ª feira, pelas 07h00, continuamos a nossa derrota; os campos, que de ordinário descem à margem do Rio, são os da margem esquerda. Passamos uma cachoeirinha e pernoitamos sobre uma bela ponta de Praia, abarracamo-nos aí às 16h00 por ser dia chuvoso.

Dia **28** (vinte e sete), sábado, saímos logo às 06h30, fizemos uma longa jornada. Os campos que descem

à margem do Rio são sempre os da parte esquerda; passamos mais uma pequena Cachoeira, abarracamo-nos às 17h00 à margem esquerda do Rio, defronte de três outeiros que ficam do mesmo lado, onde deixamos inscrição.

Dia **29** (vinte e oito), domingo, depois do Santo Sacrifício da Missa, descemos um pouco do lugar do abarracamento, portamos e fui aos três outeiros, donde vi a direção do Rio sempre ao Norte e cadeias de Serras o que me persuadiu ([135]) pertencerem às cordilheiras. Não encontrando indícios de gente e faltando-me farinha, resolvi voltar e gravei em uma grande pedra à margem uma inscrição indicando quem éramos, a data e época. Este é pois o dia primeiro da nossa descida. Viemos pernoitar na Ilha do Japiim, defronte de duas verdejantes Serras.

Dia **30** (vinte e nove), 2ª feira, continuamos a nossa viagem logo às 06h00, viemos pernoitar na Ilha Grande do Aborrecimento, abarracando-nos ali às 17h00 por causa de o dia ser chuvoso. Esta Ilha tem mais ou menos duas léguas de extensão: é coberta d'uma vegetação gigantesca.

Dia **31** (trinta), 3ª feira, pelas 07h00, continuamos a apreciar o imenso horizonte, as Colinas e Serras e outeiros, os extensos prados, todos matizados de mimosas flores e viemos pernoitar no mesmo lugar entre as duas capoeiras das antigas malocas, onde tínhamos abarracado quando subíamos.

Fevereiro de 1877

Dia **1°** de fevereiro (31 de janeiro), 4ª feira, e, logo às 06h00, partimos e, às 10h00, chegamos ao porto da velha maloca de baixo, sendo o dia muito chuvoso

[135] Persuadiu: convenceu.

e, faltando-nos mantimentos, fomos abarracar um pouco abaixo onde apenas tivemos tempo de procurarmos alimento caçando e pescando.

Dia **2** (1° de fevereiro), quinta-feira, por causa de muita chuva somente às 09h00 é que pude sair com 7 pessoas para a Maloca, que se acha desviada da margem 3 horas mais ou menos de viagem, e onde os gentios têm suas plantações, por isso que habitam tanto a margem como no centro e tendo-se eles retirado para os campos, como de costume fazem anualmente, colheram as plantações das margens, deixando algum pouco no centro; todavia achamos no centro bananas já em quantidade e trouxemos para reunir a nossa necessidade, 3 quartas ([136]) mais ou menos de farinha, folhas de tabaco, um pouco de algodão, 2 panacus ([137]) com mandioca, deixando nos lugares dos objetos mercadorias equivalentes ao que trazíamos. Afirmaram-nos os pilotos que ficariam muito satisfeitos, penalizados somente por nos não terem falado. Às 17h30, chegamos de volta em nosso abarracamento.

No dia seguinte (**3**), sexta-feira (2 de fevereiro), pelas 07h00, continuamos o nosso regresso, já tendo passado a Espera da Garrafa, abaixo da Boca do Igarapé Grande, não contávamos encontrar abrigo senão junto à Pequena Cachoeira, mas temendo a escuridão da noite e, sobretudo aguçadas cabeças dos rochedos pelo Rio, encontramos em uma pequena laje, que é porto duma magnífica pousada, por isso chamamos a esta ponta – Espera não Esperada. Era 6ª feira, dia **3** (2 de fevereiro) do mês.

---

[136] 3 quartas: 37,5 a 41,4 litros.
[137] Panacus: grandes cestos de vime com duas alças.

Sábado, dia **4** (3 de fevereiro). Deixamos o pitoresco lugar do nosso abrigo e, às 06h30, às 08h00, passamos a Boca d'um grande afluente denominado Murapi, que despeja uma água negra, não obstante o seu leito ser pedra e areia; às 11h00, passamos a espera do Bacabal onde pernoitamos, quando subimos; às 14h00, um rijo vento Norte inchava as velas do nosso "*Desengano das águas do Cuminá*" que rápido percorria a imensa extensão do estirão do Bom Bocado. Acha-se este estirão pouco acima da Boca da Estrada, que fizeram os gentios, para evitarem as Cachoeiras da Paciência.

Às 16h00, abordamos na Ilhinha do Saquinho defronte da Boca do Urucuiana, onde subindo tínhamos pernoitado.

Domingo **5** (4 de fevereiro) aí passamos.

Dia 2ª feira (5 de fevereiro) aí igualmente passamos preparando a nossa canoa. Era **5** ([138]) do mês.

Dia **6**, 3ª feira, às 06h30, partimos. Se na época em que subimos, estando seco o Rio, as cachoeiras eram espantosas, como não é hoje que está o Rio bem crescido? Por onde era terra, precipitam-se as águas com medonho ruído. Todavia era preciso viajar e, quando foi às 17h30, estávamos abarracados no meio da Cachoeira que fica ao lado esquerdo da Ilha do Resplendor.

No dia seguinte, 4ª feira, e **7** do mês, às 09h00, começamos o nosso trabalho, passamos a nossa canoa às 11h00 e prosseguimos a nossa jornada, às 14h00 tínhamos passado a Cachoeira do Jacaré e

[138] Aqui o autor conta duas vezes o dia 5 para o domingo e para a segunda-feira corrigindo, não sei se de propósito ou inadvertidamente, o erro anterior (05.02.1877).

viemos ficar junto do grande banco, em que começa a Cachoeira da Paciência e ao qual denominamos Banco da Bala; porque aí achei e tirei uma pedra, bala completamente quanto a forma. O lugar da nossa pousada cujo solo é areia, fica encoberto por algumas seringueiras, acha-se na Enseada à esquerda do Rio.

Dia **8** do corrente, 5ª feira, pelas 07h00, saímos e logo medindo com o formidável Banco da Bala, conduzia-se a nossa bagagem quando por um desses atos de Deus, sempre Pai Carinhoso encontramos os que nos levavam socorro graças aos cuidados do Tenente Leonel. Ah! que alegria! Pois já não tinha farinha senão para esse dia. Às 11h00, já livres do estorvo, olhávamos contentes as belas margens que, já pelo vigor dos remos, já pela força da corrente, pareciam correr para trás a ocultarem-se das nossas vistas. Ao ver de novo essas aprazíveis margens, tão belas posto que incultas, a certeza de que as ia deixar, esta ideia exprimia em meu pobre coração a negra tinta da saudade e mesmo da tristeza; mas enfim a esperança, esta amiga consoladora dos mortais, veio igualmente mitigar a minha pena, persuadindo-me de que já não está muito longe o tempo em que meus concidadãos virão fruir destes incomparáveis presentes, que lhes preparou e lhes oferece a natureza. Às 17h30, abordamos na Ilha da Cutia, acima da Boca do Pauana, para quem desce é a primeira que forma a Península da Cuia e aí pernoitamos. (SOUSA)

Dia **8** [139] (nove), 6ª feira. Pelas 08h00, continuamos a nossa viagem, depois de nos ter encomendado a SS. Virgem ([140]). Às mesmas horas do dia

[139] Novamente o autor repete o dia do mês, continuando, entretanto, a contar corretamente o dia da semana.
[140] SS. Virgem: Santíssima Virgem.

antecedente, digo às 09h00, passamos a Boca do Pauaná, os gentios que ali habitam são os da tribo da gentia Ana mas, tendo certeza que muitos deles foram vistos no Rio Grande, não quis entrar no Pauaná, pode ser estejam para o Rio Grande, visto o curto espaço de tempo em que foram encontrados no Rio Grande. Passamos pela Cachoeira do Caju-açu às 16h00 e viemos pernoitar em uma Ilha mística, a Ilhinha da Barraca, pouco acima da Cachoeira da Sereia. Nesse lugar, abordamos às 17h30.

Dia **9** (dez), sábado, às 07h00, embarcamos. Às 11h00 passamos pela Ilha da Barreira, onde subindo tínhamos abarracado; às 16h00, passamos pela Ilha do Tocumá, também lugar do nosso abarracamento quando subíamos; às 18h00, chegamos à Ilhinha da Panela sem fundo, que dista dois grandes estirões da bela Ilha do Tocumá.

Dia **10** (onze), domingo, passamos o dia na dita Ilhinha.

Dia **11** (doze), segunda-feira, pelas 08h00, começamos o nosso trabalho diurno, ora arrastando as canoas por sobre pedras, fugindo assim à violência das águas, ora entregando-as à impetuosidade de suas correntes ora sustentando-as para não serem arrojadas contra aguçados e medonhos cabeços dos rochedos. Assim, senão com a mesma dificuldade mas com mais perigo do que quando subimos, vim este dia abarracar na Ilha, pouco acima da Cachoeira do Tracuá às 17h30.

Dia **12** (treze), terça-feira, partimos às 07h00 e logo barrou-nos a passagem o Tracuá, mas o nosso "*Desengano*" mostrou-lhe incontinente que tão hábil era em atacar como em defender-se não somente pela frente como pela retaguarda. Assim, pois, sempre vitorioso, aportou triunfante o "*Desengano*"

na Ilha do Ralo, a qual se acha no meio das terríveis cachoeiras do Pirarara, pelas 16h00.

Dia **13** (catorze), 4ª feira, às 07h00 continuamos a nossa porfiada lida e às 14h00 saltamos cheios de alegria na ponta do Varador, onde pernoitamos.

Dia **14** (quinze), 5ª feira, ficando para vir na canoa maior outros, parti na menor com 3 pessoas adiante para ver uma Serra mais alta, que se acha por trás da capoeira dita. Pernoitei junto da dita Serra.

Dia **15** (dezesseis), 6ª feira, logo às 06h00, pus-me a caminho regressando e, às 13h00, cheguei ao Urucuri, chegando pouco depois outros companheiros.

Dia **16** (dezessete), sábado, aí passou-se descansando e preparando a igarité.

Dia **17** (dezoito), domingo, faltando-nos mantimento, descemos, diligenciando-o e pernoitamos em uma Ilha defronte do Igarapé Grande e da Boca do Pindobal.

Dia **18** (dezenove), 2ª feira, continuamos a nossa viagem e chegamos à Cachoeira do Inferno; às 11h00, passaram-se as canoas e bagagens e aí pernoitamos.

Dia **19** (vinte), 3ª feira, não obstante as dificuldades, viemos prosperamente pernoitar na velha barraca de Mr. Caillat.

Dia **20** (vinte e um), 4ª feira, Partimos às 07h00 e alcançamos às 20h00 a casa do Velho Cláudio, onde ficamos.

Dia **21** (vinte e dois), 5ª feira. Ali fiquei para tomar um vomitório com um outro dos meus companheiros.

Dia **22** (vinte e três) 6ª feira, continuei a minha estada. (SOUSA)

O Liberal do Pará, n° 20
Belém do Pará, PA – Sexta-feira, 26.01.1877

Fatos Diversos

Óbidos – O mesmo nosso amigo que deu a notícia, que há dias publicamos, da excursão do Vigário o Padre Nicolino e de um cidadão residente em Óbidos ao Rio Trombetas, nos escreve agora o seguinte com data de 21 do corrente:

> [...] O que passamos a referir, ouvimos do Sr. Leonel da Silva Fernandes, um dos dois ousados viajantes, e que está entre nós. Diz que depois de uma longa e laboriosa viagem por, água e a pé e sempre assoberbados pela solidão, nada acharam de notável, além do encontro com um membro da Comissão Francesa Mineralógica, que por ali anda em trabalhos. Que sendo o fim dos itinerantes encontrarem-se com ao índios Pianacotós que habitam nas Campinas que se julga, confinarem com o Rio Branco da Província do Amazonas, e sendo ainda, segundo a opinião do guia, precisos quinze dias para chegarem à primeira maloca, Leonel desanimara, e retirou-se no dia 3 do corrente, deixando ali o seu companheiro o Padre Nicolino que declarou não retroceder sem encontrar os selvagens que buscava, e que estava decidido a seguir a pé até as cordilheiras que dividem as Guianas. Com o Vigário seguiam dez índios, civilizados e um preto. E o que em resumo referiu o Sr. Leonel, o que em parte nos satisfez, porque com seu aparecimento e declaração destruíram-se as tristes notícias que corriam. [...] (OLP, N° 20)

SEGUNDA VIAGEM AO CUMINÁ GRANDE EM 1877

O amor é certo; essa força misteriosa que, excitando no homem o desejo da posse de um objeto, o impele, o conduz com os olhos fitos no desejado, de tal sorte que nem tempo, distância, indicia de outros, necessidade, perigos mesmo, numa palavra, nem toda a dificuldade é capaz de distraí-lo um momento; todo possuído do objeto a que aspira, caminha d'um passo firme e diligente através as sarças e espinhos de toda espécie, por entre os animais ferozes, as serpentes venenosas, rochedos escarpados e pontiagudos que povoam os centros como por sobre finas e brancas areias, varridas estradas verdes e esmaltados prados, que embelezam as margens e encantam os olhos dos espectadores.

É que o amor, cuja voz melodiosa transporta, cujas palavras não somente convencem a razão, como tocam o coração e exaltam a imaginação o tem ferido e levado sobre suas asas aveludadas, não lhe permitindo um só repouso, senão na posse do objeto amado.

Não é pois de admirar que tendo eu tentado uma viagem a este grande Rio em 25.11.1876, tivesse de fazer uma segunda em 11.10.1877, dia em que saí de Óbidos, sede de minha cara e idolatrada Paróquia, em uma galeota, propriedade do Sr. Tenente Leonel da Silva Fernandes. Meus companheiros foram o Dr. João A. Luiz Coelho, Joaquim d'Azevedo Bontis, Antônio Leonardo da Cruz, Joaquim Cosme, Francisco Marinho Fernandes e o Índio João Gomes

de Souza. Chegamos ao Uruá-Tapera ([141]) pelas 16h00 e ficamos, tendo de mandar avisar um companheiro o Sr. José Joaquim Figueiredo, que ainda existia ([142]) em sua casa.

Outubro de 1877

Dia **12**, 6ª feira. Tendo chegado o Sr. Figueiredo com duas canoas, trouxe em sua companhia Francisco José de Figueiredo, filho do mesmo e Antônio Pedro Baptista. Pelas 16h00, deixamos Uruá-tapera.

Ao partir, meu pobre coração não pôde deixar de encher-se da negra saudade, pois entre os filhos que deixava, via também minha velha mãe; mas era imperioso ceder à força do dever. Com o riso nos lábios, contente contemplava de novo a sedutora perspectiva das margens do incomparável Trombeta, cujas águas já vencidas pela primeira vez pareciam pretender vitória nesta segunda viagem. As duas canoas do Sr. Figueiredo partiram antes de nós, bem assim ([143]) o mulato Sant'Ana que também levou alguma carga nossa, tendo embarcado no Lago Sumaúma a Anselmo Francisco dos Santos, chegamos em casa do Sr. Tenente Leonel na Boca do Salgado às 09h00 pouco mais ou menos: o Sr. Figueiredo, o Sr. Dr. e eu que juntos viemos em a ([144]) galeota. Assim terminado aí o dia **13**, sábado, no dia **14**, domingo, ouvimos o Santo Sacrifício da Missa e, às 13h00 partimos em 4 canoas: na galeota comigo ia o Sr. Dr. Joaquim d'Azevedo Bentis, Antônio Leonardo Cruz, Joaquim Conne, Anselmo Francisco dos Santos, Maximiano Arara; em outra do Sr. Leonel e com o mesmo iam o Sr. Figueiredo, Marcos Careca, Joaquim do Timbó e Gabriel

[141] Uruá-Tapera: Oriximiná.
[142] Existia: permanecia.
[143] Assim: como.
[144] Em a: na.

Moisinho; numa o Sr. Figueiredo Antônio Pedro Baptista e o Índio João Pereira de Souza; noutra o filho do mesmo e Ignácio de Macedo e Castro; as quais seguindo o Canal do Jacuman e nós o do Jaruacá, pernoitamos a bordo encostados a uma praia à margem do Igarapé.

Dia **15**, 2ª feira, às 07h30, fronteávamos a Boca do Jaruacá, aonde entraram o Tenente com o Sr. Figueiredo, seguindo eu com o Sr. Dr. chegamos às 11h00 em casa d'um velho de nome Cláudio e mais tarde os Srs. Tenente e Figueiredo, trazendo o português Joaquim Alves e a índia Anna Maria com o filho menor de nome Manoel.

No dia **17**, 4ª feira, partimos assim distribuídos: na galeota pela manhã seguiram o Tenente, Dr. Joaquim Cosme, Luiz, Antônio Cruz, Joaquim Bentes, Gabriel Moisinho e Anselmo dos Santos; numa montaria do Sr. Tenente, foram o Marcos Careca, Joaquim Alves, Antônio do Timbó e Maria com o filho; numa do Sr. Figueiredo, Antônio Baptista, Ignácio Castro, Joaquim Bentes Sant'Ana; em outra fui eu, o Sr. Figueiredo, o filho do mesmo, os pretos Antônio Salgado e Benedito Antônio de Souza que, com o Sant'Ana, embarcaram-se na casa de Cláudio, donde partimos já às 14h00; todavia juntos pernoitamos na Puraquequara, onde já achamos os índios Próprio e João, que acompanharam ao mulato Vicente a quem tínhamos pedido, por falta de cômodo, que levasse uma parte da nossa farinha. Neste lugar embarcou mais o preto Lautério.

Dia **18**, 5ª feira. Pelas 07h00, seguimos e chegamos ao tronco das cachoeiras pelas 11h00 do dia e já aí achamos Felipe e Antônio d'Oliveira e Manoel Vicente, também nossos companheiros; porém haviam vindo pelo Cuminá Mirim. Reunidos na abandonada choupana do francês Mr. Caillat, passamos o

resto do dia e o seguinte **19** (6ª feira). O Sr. Figueiredo, porém, neste dia expediu uma sua montaria para passar além das Cachoeiras, serviço que foi incumbido ao Sant'Anna, Antônio Baptista, Benedito de Souza e Manoel Vicente.

Dia **20**, sábado. Começou-se a viagem de terra assim distribuídos: acompanharam a condução das bagagens o Tenente Leonel e o Dr., ficando a confecção da picada a meu cargo e do Sr. Figueiredo. Levávamos conosco o preto Antônio Salgado, Joaquim Cosme e Anselmo dos Santos. Fomos nós, os da picada, noitar ([145]) atrás da Cachoeira do Inferno em uma baixada denominada do Coatá.

Dia **21**, domingo. Chegamos à Cachoeira pelas 08h00 e aí passamos o dia **22**, 2ª feira. Tendo ajudado aos nossos companheiros a passar a canoa voltamos a continuar a ([146]) nossa picada, duas horas distante da Cachoeira e fomos pernoitar juntos e ao Sul da alta Serra do Sarnaú.

Dia **23**, 3ª feira. Continuando, passamos com a picada pela frente da Serra, buscamos o Rio, aonde chegamos às cinco da tarde e pernoitamos na Ilha do Surubim, acima da Cachoeira do mesmo Inferno.

Dia **24**, 4ª feira. Margeamos o Rio e pernoitamos sobre a Cachoeira do Cajual.

Dia **25**, 5ª feira. Prosseguindo, encontramos pelas 10h00 com os da canoa que, tendo chegado no Igarapé Grande, de lá traziam uma picada a nos encontrar como se havia convencionado, e juntos com estes chegamos às 11h00, ao Igarapé Grande, onde ficou e pernoitou o Sr. Figueiredo com os da

[145] Noitar: pernoitar.
[146] Voltamos a continuar a: retornamos à.

picada, voltando eu com os da canoa e vim pernoitar na Ilhinha do Cacau fronteira à Ilha do Surubim.

Dia **26**, 6ª feira. O Sr. Figueiredo continuando a picada foi abarracar-se em um lugar dito Fortaleza, e eu vindo à barraca onde se achava o Tenente e o Dr. fui com este ver a Serra do Sarnau e viemos pernoitar na Ilha do Surubim, enquanto que o Sr. Tenente, que veio por outra picada, não alcançando o Rio, dormiu na baixada do Coatá.

Dia **27**, sábado. Tendo chegado o Sr. Tenente, fomos pernoitar à margem direita do Rio em uma Enseada entre a Ilha do Surubim e a Cachoeira do Cajual, e o Sr. Figueiredo chegou ao Macaco, sítio de Taurino, pouco acima do Igarapé dito Sucumaúna, donde não se retirou, senão para seguir aos centros.

Dia **28**, domingo. O Tenente, o Dr. comigo prosseguindo, fomos dormir sobre a Cachoeira do Cajual, onde chegamos às 15h00 e a canoa, que conduzia as bagagens ao Macaco e devia para ali levar o Tenente, chegou já às 18h00.

Dia **29**, 2ª feira. Não tendo embarcado o Sr. Tenente, embarquei-me, e cheguei ao Macaco, ficando ele e o Sr. Dr. que foram dormir na Boca do Igarapé Grande. Não me retirei mais deste lugar, senão para os centros.

Novembro de 1877

Dia **30**, 3ª feira. Passaram o Sr. Tenente e Dr. na Boca do Igarapé Grande, donde saiu o Sr. Dr. a **2** de novembro e chegou no Macaco, e o Sr. Tenente saiu a **3**, sábado, e também chegou ao Macaco, onde já estava reunida toda a bagagem, porém alguns companheiros só chegaram no dia seguinte pela manhã.

Dia **4**, domingo. Estando reunidos, ouvimos o S. Sacrifício da Missa.

Dia **5**, 2ª feira. Ficando no Macaco o Tenente, Dr. e Marcos Careca, Joaquim Alves, Luiz, Manoel Vicente, Maximiano e Lautério, que de lá voltou para casa, partimos para os campos o Sr. Figueiredo, eu, Francisco de Figueiredo, Joaquim Bentes, Antônio Baptista, Antônio da Cruz, Felipe d'Oliveira, Ignácio Castro, Joaquim Cosme, os índios João Porfírio, Anna com o filho, Joaquim Sant'Ana e os pretos Antônio Salgado e Benedito. Tendo retirado do Macaco toda a nossa bagagem para a margem do Igarapé Sumaúma cuja direção é NE e E que, já por algum tempo margeamos, pernoitamos em um lugar pouco distante da nossa bagagem o qual ficou chamado Iacami, nome dado pelos primeiros que passaram.

Dia **6**, 3ª feira. Saímos passando uma Serra e fomos pernoitar à margem do terreno que aí é admiravelmente plano, por isso chamamos o lugar do repouso Dormitório da planície – a nossa bagagem, porém, ficou pouco atrás, o que motivou que aí ainda passássemos a noite seguinte do dia **7**, 4ª feira. O curso deste Igarapé não tem nem pode ter toda a beleza do Grande Cuminá, toda a bonança e prazer, mas como o Cuminá é ele extenso, tem cachoeiras, a vegetação que cobre suas margens é a mesma, a mesma fertilidade de seu solo, a abundância de aves e de outras caças. Quanto aprazível é ver-se em tempo de verão os peixes pelos poços, especialmente as traíras estendidas sobre areias no fundo de uma água cristalina! Apenas mal sentem um movimento n'água que se lançam esfaimados para essa parte, procurando devorar essa causa sem temor algum.

Dia **8**, 5ª feira. Pernoitamos em um lugar, que denominamos dormitório do Jenipapo, por aí se achar uma árvore deste nome; e porque embaraçou-nos o mau tempo, não se pôde transportar toda a

bagagem e tivemos de aí pernoitar a noite seguinte de **9**, 6ª feira.

Dia **10**, sábado. Prosseguindo, passamos pela ponta de 2 Serras sobre o Igarapé e dormimos na terceira, coberta de castanheiras e precedidas d'um Córrego, por isso chamamos dormitório da Ponta da Serra.

Dia **11**, domingo – **12**, 2ª feira. Saímos já tarde, todavia a picada passou cinco Serras e, conduzindo-se a bagagem uma boa extensão pelo Igarapé mesmo, fomos pousar no meio do Igarapé sobre o quarto banco da Cachoeira, onde reunimos toda a nossa bagagem.

Dia **13**, 3ª feira. Pusemo-nos em marcha às seis e meia da manhã. Passamos uma Cachoeira muito maior que as precedentes, pois teria mais ou menos 15 m de altura, a qual denominamos do Socó por se ter aí morto uma ave deste nome. Fomos nos abarracar à margem do Rio, pouco antes da ponta duma Serra, e ficou chamado o lugar da pousada – Dormitório da Salsa – por aí se achar um pé deste vegetal.

Dia **14**, 4ª feira. Dali margeamos um pouco, passando pela ponta duma alta Serra, a mesma acima dita, até frontear a um banco de Cachoeira. De lá, porque o Igarapé seguisse a Este, desviamo-nos dele ao centro, tendo passado 3 altas Serras, pernoitamos no centro em uma baixada e chamamos o lugar do repouso – Dormitório do Socorro, por nós ser necessário ajudar os condutores das bagagens.

Dia **15**, 5ª feira. Continuando a nossa tarefa, transpomos uma alta Serra, passando pela ponta duma outra, chegamos ao Igarapé que margeamos um pouco e pernoitamos na margem direita sob uma

árvore de cajuaçu, por isso chamamos o lugar – Dormitório do Cajuaçu.

Dia **16**, 6ª feira. Pelas 07h00, pusemo-nos em marcha até a um banco da Cachoeira, onde o Igarapé, tomando outra vez a direção E, e o nosso rumo sendo 20° ao N. Desviamo-nos dele nesta direção; todavia pernoitamos em sua margem aonde chegamos já às 16h00; este lugar ficou chamado – Dormitório do Jacu. Matou-se com efeito aí duas destas aves.

Dia **17**, sábado. Neste dia, passamos 6 Serras margeando o Igarapé as duas últimas mais altas e pernoitamos à margem direita, onde ouvimos Missa e passamos o dia **18**, domingo. Este lugar ficou chamado Dormitório do Anzol Recobrado porque, pescando-se, uma traíra cortou com os dentes a linha, levou o anzol, porém, lançando-se n'água um outro, foi a mesma puxada e achou-se no ventre o anzol perdido.

Dia **19**, 2ª feira. Deste lugar, o Igarapé toma a mesma direção acima dita de Este, e, seguindo o nosso rumo desviamo-nos dele ao centro, passamos 4 Serras as duas últimas mais altas, descemos em um Igarapé que, por ser um pouco estreito, nos fez suspeitar que não era o Sumaúma; como já era tarde, dormimos à margem direita sob uma grande sumaumeira e chamamos o lugar – Dormitório do Macaco Espantado.

Dia **20**, 3ª feira. Muito cedo, examinando-se o Igarapé, verificou-se que não era o Sumaúma, mas um braço dele com direção ao NO, enquanto que o Sumaúma que não dista ([147]) deste lugar, segue sempre a Este, prosseguindo nesse rumo, nunca

---

[147] Dista: fica longe.

mais o vimos e, depois de passar 5 Serras duma altura média, descemos a um vasto plano, cortado por um Regato quase totalmente seco, em cuja margem abarracamos, e ficou chamado o lugar do abarracamento – Dormitório da Baixada Grande.

Dia **21**, 4ª feira. À hora do costume, pusemo-nos em marcha, atravessamos o vasto e pitoresco plano, depois subimos duas Serras d'altura média, descemos a um Córrego com poços com água, e aí pernoitamos e chamamos este lugar – Dormitório do Porco, por se ter aí morto dois destes animais.

Dia **22**, 5ª feira. Neste dia, passamos somente duas Serras: a última é sobretudo enfadonha, pela altura, comprimento, pelos frequentes regatos sem água, muitos dos quais cheios de rochas e cipoais, o que torna a marcha dificílima. Pernoitamos a Oeste dela em açaizal, onde encontramos água, cavando.

Dia **23**, 6ª feira. Não obstante a sede, pois a água achada era péssima, tínhamos força para transpor Serras ainda as mais altas, as quais passamos neste dia em número de seis. A 3ª serra, sobretudo, era composta de rochedos imensos e escarpados; ali pareceu-me ver um desânimo nos picadores, não sei se era natural ou fingido. Tomando a dianteira, subiu-se a Serra, fiz dobrar a picada, que tomou então a direção Norte. Pernoitamos em uma baixada de tabocal, onde também houvemos ([148]) água cavando, porém melhor que a precedente. Ficou este dormitório chamado do Tabocal.

Dia **24**, sábado. Quanto mais escabroso se mostrava o terreno, tanto mais firmes e intrépidos caminhávamos, que me parecia uma porfiada luta com o elemento, pois até às cinco da tarde tínhamos passa-

---

[148] Houvemos: encontramos.

do seis Serras, a 1ª e a antepenúltima bem altas. Descemos enfim em uma baixada, onde encontramos, sob altos e formidáveis rochedos, uma fonte d'água tão pura e cristalina quanto frígida e saborosa. Aí abarracamos e passamos o dia seguinte ([149]) chamamos este lugar – Dormitório das Pedras.

Dia **26**, 2ª feira. Apenas raiou o Sol que começamos a nossa tarefa. Três somente foram as Serras que neste dia percorremos, mas as que tínhamos já passado, junto destas pareceram apenas colinas. Fomos à margem direita de um regato belíssimo já pela frescura e cristalinidade de suas águas, já pela áurea areia de seu leito, já por uma notável laje que, descobrindo uma boa extensão, representava um pequeno campo; por isso chamamos este lugar – Dormitório do Campinho de Pedras.

Dia **27**, 3ª feira. O indício de campos que nos deu a laje, deu-nos também esperança, e com ela novas forças. Passamos neste dia seis Serras, entre a 2ª e a 3ª um cristalino ribeiro. Ao aproximar-nos da baixada da última Serra, rapidamente passamos da maior satisfação e alegria à mais profunda tristeza e confusão. Eis o motivo: achando-nos no cume da última Serra e o Sol já a pôr-se enviava seus raios por entre os arvoredos e se iam refletir sobre as árvores duma outra Serra pouco distante, de tal maneira que a representava como coberta de campos com carnaubeiras. Aí está o objeto de nossas fadigas, exclamamos! Chegamos enfim ao termo dos nossos desejos! Oh! Corramos, vamos já estender as vistas sobre esses belos quadros, gozar dessas mágicas perspectivas! Cada um apressado escorregava pelo declívio da Serra, buscando ser o primeiro a pisar sobre as mimosas relvas, que de longe divisava. Apenas chegados na baixada que se dissipa

[149] Dia seguinte: domingo **25**.

a ilusão, qual o sereno matutino ao sopro do vento, e mostra-se a realidade! Que decepção! Risos foram o bálsamo de que se lançou mão para mitigar a dor da chaga, que na nossa alma angustiada e confundida abriu o ilusório e maligno fantasma; pois a Serra era igual à primeira, coberta de robusta e verdejante floresta; e porque já fosse tarde, abarracamo-nos à margem direita do ribeiro sobre uma ribanceira, eis porque chamamos o lugar – Dormitório da Ribanceira.

Dia **28**, 4ª feira. Não foi inferior o trabalho deste dia ao dos precedentes, pois passamos 5 Serras, assim como um regato notável pela abundância de peixes, que nele vimos. Subimos ainda a sexta, a que denominamos – Cansa Canelas, formidável, certo, não só pela sua extensão como também pela sua imensa altura. Pernoitamos no meio dela em lugar sem fonte d’água, por isso denominamos o lugar – Dormitório da Sede.

Dia **29**, 5ª feira. Neste dia, terminamos a imensa Serra, passamos uma outra mais baixa, e descemos em uma baixada, onde encontramos cacaueiros e ficamos, e é o Dormitório do Coatá, porque esta caça nos serviu aí de alimento.

Dia **30**, 6ª feira. Deste lugar, costeamos a mesma última Serra, descemos e atravessamos um terreno plano de castanhal, cortado por três córregos, e subimos a Serra do galo, igual senão superior à do Cansa Canelas, tanto em altura como em extensão, sobretudo pelo íngreme e escabroso de sua elevação. Do cimo e do meio desta famosa Serra, dobramos o rumo, que segue para NO buscando o Rio Cuminá. Ao descer no rumo indicado, achamos igualmente cacaueiros em um Córrego quase coberto de medonhos rochedos em cuja margem direita abarracamos e é o nosso Dormitório denominado do Galo da Serra, nome a que deu lugar uma destas

aves, que se aí viu. Pouco adiante deste lugar, deixamos uma parte da nossa bagagem, para maior facilidade de nossa marcha.

Dezembro de 1877

Dia **1°** de dezembro de 1877, sábado. Saindo um pouco tarde, passamos ainda 2 altas Serras e descemos um Córrego onde achamos água sob umas pedras assim arranjadas, que representavam um caixão, o que fez chamar este lugar – Dormitório do Caixão de Pedras.

Dia **2**, domingo. Ao sair, logo subimos duas Serras, depois mais 4, das quais uma somente alta, a do Veado, e pernoitamos à margem esquerda d'um Ribeiro, e porque por duas vezes neste lugar alimentamo-nos da carne de veado, ficou sendo o lugar – Dormitório do Veado.

Dia **3**, 2ª feira. Neste dia, escalamos 9 Serras, somente mais baixas as 3 primeiras. Dormiu-se sobre a margem d'um Córrego sem água. Neste lugar, ou por engano ou propósito, houve uma viravolta ([150]), o que ocasionou chamar este lugar – Dormitório do Viravolta.

Dia **4**, 3ª feira. Às 07h00, pusemo-nos em marcha, passamos a 1ª Serra, uma 2ª quase pelo cume, descemos em uma baixada, onde correm 2 córregos: o último coberto de ubinzal. Subimos uma 3ª Serra, donde descendo seguimos por um terreno plano e de castanhal até a margem do horrível e ditoso Cuminá. É inexplicável a satisfação e prazer que experimentamos ao estender a vista sobre grandes praias e extensos estirões d'um grande Rio. Sem dúvida, que aí também se veem medonhos rochedos; mas o horizonte é mais largo, o ar que se respira é mais puro e suave. Assim a saída da nossa picada acha-se no 2°

[150] Viravolta: reviravolta.

estirão acima do antigo mocambo dito Sant'Ana; a Ilha do Sarapé fica-lhe um pouco abaixo e acima no fim do estirão a Boca do Igarapé Grande, onde acha-se uma maloca, segundo provas que se aí viu.

> NOTA – Neste dia depois da 5ª Serra encontramos 3 vastos descampados, ocasionados por 3 lajes de pedra granítica. É notável não só pelo horizonte que dela se descobre como, também, pela extensão e igualdade da laje.

Dia **5**, 4ª feira. O estirão onde saímos segue a NE. Pelas 11h00 do dia, apartei-me do Sr. Figueiredo, que ficara para seguir em ubá ([151]). Meus companheiros foram: Antônio Baptista, Francisco de Figueiredo, Felipe de Oliveira, Joaquim Bentes, Ignácio Castro, o Índio João e o preto Salgado. A direção então de nossa picada era 20° ao Norte e porque o Rio segue esta mesma direção até o estirão denominado Grande, margeamos até lá. Neste dia, pernoitamos quase no fim do estirão que precede o estirão Grande.

Dia **6**, 5ª feira. Porque o estirão no começo não se desviara tanto do nosso rumo, ainda nos foi possível vir pernoitar à margem e no meio dele. Entre o dia precedente e este passamos o número de 11 Serras.

Dia **7**, 6ª feira. Neste dia, depois de passar duas altas Serras, descemos em uma baixada onde demos com caminhos de gentios; mas pouca atenção se lhes prestou. Buscamos a margem para o mesmo fim do dia precedente; reconhecemos que já estávamos muito desviados do Rio; encontramos barracas de gentios à margem d'um pequeno Igarapé que, por algum tempo, seguimos, buscando o Rio; e porque já era muito tarde, pernoitamos na 2ª barraca.

---

[151] Ubá: canoa usada pelos índios, fabricada de um só tronco ou casca de árvore, e sem quilha.

Dia **8**, sábado. Pela manhã, observando, vimos pelos indícios que periodicamente vinham pescar neste Igarapé, cuja Boca via-se no Rio pouco acima do estirão Grande e chamamos – o Igarapé da Maloca. Continuando a nossa picada, atravessamos a estrada dos mesmos índios, saindo outra vez nela mais adiante a seguimos, não obstante vermos que seguia ao Nordeste, mas queríamos levar a fim. Com efeito, depois de 03h00, saímos na primeira maloca, que evitamos para não surpreendendo-os, espantá-los. Mas apenas passamos a maloca que encontramos a continuação da mesma estrada, pois ela seguia a mesma direção, seguimos por ela, passamos 4 Serras, e pernoitamos junto da estrada à esquerda de quem a segue em uma gruta, onde se conserva uma fonte d'água deliciosa.

Dia **9**, domingo. Ao amanhecer, seguimos a mesma estrada que fazia bem compreender quão hábeis são os gentios em percorrer os matos, pois a estrada evitava as maiores elevações, as escabrosidades, as voltas inúteis, o que demonstrava que, antes dela traçada, o terreno tinha sido bem estudado. Chegando a outra maloca, vi que já estava muito fora do nosso rumo; pensando que a minha demora causaria cuidado ([152]) ao Sr. Figueiredo, que supunha já ou quase no Urucuiana, onde lhe tinha fixado que devíamos nos encontrar, fez-me dobrar a picada já com direção ao Norte e não procurar os gentios, a quem somente se deixaram objetos, demonstrando que lhes queríamos falar. Depois de passar sobretudo três grandes e altas Serras descemos em um plano, onde vimos cacaueiros, velhas choupanas e outros arranjos de gentios, atravessado o plano pernoitamos à direita da nossa picada em uma gruta ao subir duma Serra, donde corre uma abundante fonte de pura água.

[152] Cuidado: preocupação.

Dia **10**, 2ª feira. Seguindo sempre ao Norte, passamos entre outras 3 Serras mais notáveis, fomos nos abarracar em um açaizal, onde houvemos ([153]) água cavando.

Dia **11**, 3ª feira. Neste dia não fomos mais felizes quanto à água, procurando-a sempre não a encontramos no lugar da pousada e abarracamo-nos sem ela; porém à luz da goma da maçarandubeira ([154]) foram Francisco de Figueiredo e Felipe tirá-la de cipó. Deus também quer os homens, que em seu proveito e utilidade criou as cousas ainda as mais insignificantes! Quem olhando para um cipó ([155]) poderá imaginar que é ele uma fonte de saborosa água? Entretanto, entre outras vós nos destes vida esta noite. Quão terno Pai, por toda a parte vós vos mostrais, meu terno Criador!

Dia **12**, 4ª feira. Entre o dia precedente e este, calando ([156]) umas pequenas, merecem menção somente sete Serras mais notáveis por nós percorridas; e foi este o último, em que ainda jantamos com farinha, o que muito entristeceu aos companheiros, que até então desconheciam uma tal necessidade; mas era forçoso viajar, como foi pernoitar esta noite em um lugar sem fonte, valendo-nos o salutar e providencial cipó.

Dia **13**, 5ª feira. Lutando com altas Serras que até a tarde foram em número de 4, pela primeira vez almoçamos sem farinha a carne assada d'um quati e do mesmo modo ceamos à noite a carne d'um veado.

---

[153] Houvemos: encontramos.
[154] Goma da maçarandubeira: Manilkara huberi: o látex é comestível, substituindo o leite de vaca, além de ser usado para modelagem, para calafetar canoas e fabricação da goma do chiclete.
[155] Cipó: cipó-d'água – Doliocarpus rolandri Gmelin.
[156] Calando: omitindo.

Dia **14**, 6ª feira. Continuando a nossa pesada, mas gloriosa e bendita tarefa através de três escabrosas Serras, pernoitamos ainda sem fonte d'água numa baixada de açaizal, valendo-nos sempre do incomparável cipó. Deste lugar, ouvimos distintamente o rouco sussurro das cachoeiras da Paciência, o que alentou a nossa murcha esperança e despertou energia naqueles a quem ouvi dizer que as moscas nos haviam de cobrir, como cobriam os restos do veado...

Dia **15**, sábado. Tendo passado uma Serra e suas diversas pontas, descemos a uma baixada, onde achamos castanhas, o que muito nos alentou; seguindo através da baixada, descemos em um Córrego que seguimos e, às 13h00, saímos à margem do Rio, pouco acima da formidável pancada do Resplendor, e fomos pernoitar em uma Ilha junto à do Inajá pouco abaixo do último banco das cachoeiras.

Dia **16**, domingo. Pelas 08h00, chegamos à Boca do Rio Urucuiana com os corações cerrados de tristeza, por não encontrarmos aí o Sr. Figueiredo, como esperávamos e pela incerteza de que teria ele vindo em ubá e encontrado grande tropeço? Ou teria resolvido a seguir-nos por terra como tinha dito? Nesta incerteza, confiamos tudo à misericórdia Divina, a cujo serviço estávamos consagrados.

Dia **17**, 2ª feira. Pelas 10h00, ouviu-se um tiro e logo à tristeza sucede uma doce alegria em nossa alma bem amargurada; ao ouvir um segundo: são os nossos companheiros, clamam todos. É o Sr. Figueiredo que chega. Responde-se logo com outro tiro; apressados, corremos a abraçá-lo e vermos outros companheiros de seu séquito, tendo rápido atravessado o nó do Urucuiana, que tinha pouca água, atenta à grande seca d'então.

Dia **18**, 3ª feira. Passamos no mesmo lugar, procurando cascas de jutaizeiros ([157]) para ubás.

Dia **19**, 4ª feira. Não obstante não nos ter sido possível aprontar as ubás que se preparavam na Boca d'um pequeno Igarapé mais acima, saímos margeando o Rio pelo lado esquerdo. No começo do terceiro estirão, encontramos poço, que ficou por nós chamado dos Patos, pelo número destas aves, que aí vimos; e fomos pernoitar em uma Ilhinha d'areia e pedras no meio do Rio, quase na volta do mesmo estirão, onde chegaram alguns dos nossos companheiros à noitinha e outros de manhã em ubás.

Dia **20**, 5ª feira. Segui por terra com alguns companheiros, com outros o Sr. Figueiredo em ubás, dormimos em uma vasta e linda praia, junto a uma Enseada ao lado esquerdo, sob uma barreira.

Dia **21**, 6ª feira. Segui com o Sr. Figueiredo em ubá, indo alguns companheiros sempre por terra, fomos pernoitar acima da Boca do grande afluente Murapi, sobre uma praia à margem direita do Rio Paru, que é o mesmo Cuminá que, depois da Boca do Murapí, toma esta dominação.

Dia **22**, sábado. Continuando a nossa viagem mais lenta que a do ano passado, não chegamos a nossa pousada d'então quanto mais à Boca do Igarapé-açu. Dormimos em uma praia ao lado esquerdo onde, temendo a fome, tivemos fartura.

Dia **23**, domingo. Neste dia, encontramos duas antas no Rio, atacamo-las e as matamos; pagaram-nos assim as provocações d'outras nos dias precedentes, em que encontramos muitas do mesmo modo. Disseram-nos que neste tempo é costume elas abun-

---

[157] Jutaizeiros: jatobás – Hymenaea courbaril L.

darem pelos Rios. Este fato impediu-nos de chegar neste dia a Maloca; e pernoitamos na vasta e deleitosa Praia da Linha.

Dia **24**, 2ª feira. Deste lugar, o Sr. Figueiredo, eu e alguns companheiros seguimos por terra, ao meio-dia chegamos à primeira casa, cuja vista em lugar de alegria e prazer não nos fez experimentar senão tristeza pelo silêncio e solidão que aí reinavam e sobretudo pela devastação e aridez, que aí se via. Fomos nos abarracar defronte sobre uma praia, onde levantamos um Altar e ouvimos a Missa do Natalício do Senhor.

Dia **25**, 3ª feira. Com o Sr. Figueiredo foram: Sant'Ana, João Bentes, Francisco de Figueiredo, Porfírio e o preto Salgado; fomos à velha maloca, onde nova decepção foi o fruto do nosso trabalho, pois não achamos ninguém, nem mesmo os socorros do ano passado. Bananeiras caídas, canas mirradas, manivas secas, desfolhadas pimenteiras, Igarapé ou poços sem água, tudo nos demonstrava o flagelo, que sobre esta população pesara e que nos precipitava em grandíssima necessidade. À vista deste quadro de horror ocasionado por um verão abrasador, nada mais nos restava senão a resignação aos desígnios da Providência, como sempre praticamos, e resolvemos nosso regresso, tanto para o abarracamento como para fora, deixando temporariamente esses belos e aprazíveis lugares.

Dia **26**, 4ª feira. Neste dia, dispostas as cousas, partimos distribuídos do mesmo modo que quando subimos; porém todos sofrendo gravemente do ventre e estômago, ocasionado pela grande quantidade de timbós lançados n'água pelos gentios conforme vimos; fomos pernoitar na Boca do Igarapé dito Aimarara, em cuja margem no centro é situada a velha maloca.

Dia **27**, 5ª feira. Ao amanhecer, cuidou-se logo em preparar duas ubás, visto como, segundo o nosso estado de saúde, não podíamos fazer por terra a viagem. Terminadas as ubás às 15h00, partimos e fomos nos abarracar distante dali 4 estirões sobre a margem ao lado direito.

Dia **28**, 6ª feira. Neste dia, a nossa marcha por toque lento pode-se alcançar a espera do – Bacabal – onde pernoitamos.

Dia **29**, sábado. Tendo preparado de calafeto uma das nossas ubás, somente partimos ao meio-dia e pernoitamos defronte do Lago dos Patos, dois estirões acima da Boca do Urucuiana.

Dia **30**, domingo. Às 08h00, achávamo-nos almoçando, abaixo do Urucuiana, sobre os rochedos que formam os diversos bancos de que consta a Cachoeira da Paciência. Não obstante todo o cuidado, perdemos duas ubás, ficando-nos apenas uma e, às 17h00, chegamos defronte da Cachoeira do Resplendor, onde dormimos.

Dia **31**, 2ª feira. Se com todas as ubás lutávamos com grandíssima dificuldade, ela cresceu ainda depois de perdidas duas. Tínhamos um dos nossos companheiros gravemente enfermo d'um tumor que lhe apareceu na curva da perna, que o privava de andar. Resolvemos então que, indo por terra, iriam somente em ubá Felipe, o doente; Ignácio, sobrinho do mesmo; o Índio Porfírio e o preto Benedito. Assim dispostos, pusemo-nos em marcha, e fomos pernoitar além de todos os bancos das cachoeiras da Paciência ao lado direito do Rio, defronte da Ilha do Alumáni, onde dormiram os da ubá. Vendo o estado lastimoso em que nos achávamos, resolvi-me a pedir ao Sr. Figueiredo que fosse adiante na ubá a fim de nos buscar a farinha que tínhamos deixado no cen-

tro, e mandei chamar o preto Benedito, por quem mandei comunicar ao Felipe que era o Sr. Figueiredo que partiria na ubá no dia seguinte, e que ele desceria depois junto comigo.

Janeiro de 1878

Dia **1°**, 3ª feira. Qual não foi a nossa surpresa quando, pelas 07h00, procurando-os na Ilha, já se tinham furtivamente retirado! Reconheci então que Felipe é um mau homem, indigno de estima: seduzir o preto e o Índio, a este ato infame, junte-se outro – o negar ele anzol para pescar-se para ele mesmo comer. Passamos este dia ocupados em preparar ubás.

Dia **2**, 4ª feira. Terminadas as ubás, partimos à uma da tarde, chegamos às 19h00 na Boca do Igarapé das Traíras e ficamos.

Dia **3**, 5ª feira. À vista da falta d'água no Rio que punha em descoberto tanto as praias como as pedras, bem compreendemos que seria lenta a nossa viagem, a qual todavia era urgente apressar, atenta a nossa grande necessidade. (SOUSA)

TERCEIRA VIAGEM AO CUMINÁ GRANDE EM 1882

Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, aos **20**.09.1882, parti para os centros do Rio Trombetas, a seguir o Rio Cuminá, seu afluente. A viagem se fez do Uruá-Tapera em duas canoas: na igarité ([158]) segui eu, tendo por companheiros o meu mano Benedito Fragata, meu sobrinho Francisco de Figueiredo e Raymundo Escovar de Souza Brandão,

[158] Igarité: canoa de um mastro.

Posidônio Guimarães de Sousa, Casimiro Antônio da Silva, Benedito Cardoso da Silva, Pedro da Rocha Serrão e Manoel Trindade de Souza seguindo na montaria: Francisco Floriano dos Santos, Raymundo José dos Santos, Joaquim Sant'Ana e o filho Antônio. No mesmo dia, à tarde chegamos ao Lago Iamacá e pernoitamos na barraca do Sr. Joaquim de Figueiredo.

Setembro de 1882

Dia **21**, 5ª feira. Partindo depois do meio-dia pernoitamos em casa de Joaquim Sant'Ana, donde, depois de nos ter medicado, fomos pernoitar na casinha de pedras: 3 pequenos estirões da 1ª Cachoeira. Era dia **25** (2ª feira).

Dia **26**, 3ª feira. Pernoitamos entre cachoeiras em uma Ilhinha, fronteira a uma ponta denominada – do Soumbal.

Dia **27**, 4ª feira. Não obstante esforços, pode-se apenas alcançar a Ilha Fronteira ao primeiro varador dos antigos quilombeiros, o qual se achava abaixo da Boca do Igarapé – Pindobal, donde vê-se bem a medonha, mas admirável Cachoeira dita do Inferno.

Dia **28**, 5ª feira. Tendo passado a nossa canoa, pernoitamos na Ilhinha do Tento, pouco distante da Cachoeira do Inferno.

Dia **29**, 6ª feira. Pernoitamos na Ilha fronteira ao Igarapé Grande.

Outubro de 1882

Dia **30**, sábado. Pernoitamos no Porto da Capoeira do Taurino, acima do Igarapé do Sumaúma, onde passamos o Domingo – dia **1°** de outubro.

Dia **2**, 2ª feira. Partindo do dito Porto pelas 08h00, fomos pernoitar dentro do Igarapé do Sumaúma à margem direita.

Dia **3**, 3ª feira. Neste lugar, apartaram-se de nós voltando para fora, Joaquim Silvino e o filho Antônio, Isidoro, Pedro e Sebastião, que somente vieram para voltarem na montaria, ficando Manoel Auzier, para seguir conosco, o qual embarcamos no Poraquê. Sendo o lugar conveniente, levantou-se uma barraca para o depósito da bagagem, que devia ficar.

Dia **4**, 4ª feira. Já ao meio-dia saímos, seguindo a antiga picada até depois da baixada, desviamo-nos dela e pernoitamos à margem direita do Igarapé a Sudeste d'um açaizal, atravessado pela picada que vem muito por cima da outra velha.

Dia **5**, 5ª feira. Tendo subido das 08h00 em diante, pernoitamos pouco abaixo da ponta das Pedras, defronte do açaizal, onde chegamos às 16h00.

Dia **6**, 6ª feira. Saímos já ao meio-dia pela dificuldade que se encontrou em grandes cerrados, pernoitamos na ponta pouco acima do Dormitório da Ponta da Serra.

Dia **7**, sábado. Pusemo-nos a caminho pelas 08h00 levando um rumo Norte, o que nos fez entrar muito ao centro, e costear dois outeiros, subir uma Serra e costear uma outra coberta de iuauassu [palmeira] já com o rumo a Este, viemos pernoitar na baixada e ponta de outra colina na mesma direção Este, onde chegamos já às 17h30.

Dia **8**, domingo. Passamos no mesmo lugar acima, que chamamos Dormitório da Entre Serra, fica a Este e pouco distante do Igarapé.

Dia **9**, 2ª feira. Pusemo-nos em marcha pelas 09h30 do dia margeando o Igarapé; encontramos um pé de salsa e pernoitamos à margem onde o Igarapé dá uma volta a Sudeste.

Dia **10**, 3ª feira. Neste dia, tendo passado umas cachoeiras sob uma Serra, pernoitamos junto à Boca de um pequeno Igarapé da parte de cima, onde vê-se a Sudeste uma bacabeira e entre o Dormitório antigo do Jacu e o Sumaúma.

Dia **11**, 4ª feira. Tendo subido às 07h00, pelas 10h00 caíram doentes dois companheiros: um com dor no estômago e outro com sezão ([159]), pelo que tivemos de estacionar sobre uma cachoeira grande, que a denominamos das Sezões e fica quase uma hora distante da estação do Macaco Espantado.

Dia **12**, 5ª feira. Pernoitamos na Estação do Macaco Espantado, tendo chegado ainda cedo.

Dia **13**, 6ª feira. Às 08h00, partiram 3 dos nossos companheiros a buscar, na 1ª barraca, algum material necessário ficando já doente o Casimiro.

Dia **14**, sábado. Na mesma estação, aonde ficamos à espera dos nossos companheiros, que chegaram no dia **18** às 15h00.

Dia **19**, 5ª feira – **20**, 6ª feira. Partimos do abarracamento Macaco Espantado e pernoitamos em uma baixada de açaizal no começo de um grande maçarandubal, onde ficaram os nossos doentes.

Dia **21**, sábado. Pernoitamos essa noite, e passamos o dia **22**, domingo. Até aqui o rumo é Nordeste.

---

[159] Sezão: febre.

Dia **23**, 2ª feira. Fomos pernoitar à margem esquerda de um Igarapé, junto a um banco de pedras. Já o nosso rumo foi 20° ao Norte.

Dia **24**, 3ª feira. Pernoitamos à margem de um Córrego junto à grande Serra, que divide as águas do Sumaúma das do Cuminá Grande. A direção do Córrego, que corre junto à grande Serra e que por ele seguimos, é 40° ao Noroeste.

Dia **25**, 4ª feira. Tendo sido enganado por uma baixada correndo já para o Cuminá Grande, fomos pernoitar na estação das Duas Sumaumeiras, da minha primeira picada, donde ouve-se o ruído da Cachoeira da Paciência.

Dia **26**, 5ª feira. Buscando a altura do nosso rumo, subimos duas altas e extensas Serras, pernoitamos em uma baixada com corrente ao nascente. Desta estação que denominamos do Loureiro Batata, por causa duma árvore deste nome, que aí se acha, voltaram cinco dos nossos companheiros em busca de provisões onde já tinham ido buscar a 1ª vez e nós seguimos a baixada que se alarga em Igarapé e pernoitamos à margem direita junto ao 2° banco da Cachoeira.

Dia **27**, sábado[160] (6ª feira). Pouco andou-se por causa da moléstia, pernoitamos na margem além de um afluente do Igarapé, onde passamos o dia **28**, domingo (sábado).

Dia **29**, 2ª feira (domingo). Prosseguimos o rumo do Igarapé e pernoitamos à margem em um lugar que denominamos do Pataué ([161]), por termos aí bebido o vinho desta fruta.

---

[160] O autor, desta feita, se confunde com o dia da semana ao passo que dá sequência correta ao dia do mês.

[161] Pataué: Oenocarpus bataua.

Dia **30**, 3ª feira (2ª feira). Pernoitamos à margem direita do Igarapé, e chamamos a Estação das Castanhas, que muito abundam aí.

Dia **31**, 4ª feira (3ª feira). Pernoitamos em uma ponta coberta de inauassuzal junto do Rio.

Novembro de 1882

Dia **1°**, 5ª feira (4ª feira). Tendo saído do pequeno e comprido Igarapé que denominamos – Vai e Volta [porque assim nos sucedeu] em outro Igarapé muito maior, cuja primeira direção era Norte, rumo que nos convinha, seguimos e pernoitamos na margem direita junto a umas grandes pedras; e chamamos a estação dos Dois Macacos que aí matamos. O Igarapé ficou sendo chamado Igarapé Panema, porque pouco ou nenhum peixe aí se encontra.

Dia **2**, 6ª feira (5ª feira). Reconhecendo que a direção real do Igarapé era Este e que já estávamos na Bacia do Rio Curué, do qual é ele afluente, voltamos e pernoitamos na nossa estação do Patauá.

Dia **3**, sábado (6ª feira). Alcançamos a nossa estação do 2° banco da Cachoeira, tendo encontrado os nossos companheiros pouco abaixo da nossa estação do dia 27; e aí pernoitamos por ser a altura e direção do nosso rumo. Também aí passamos o dia **4**, domingo (sábado).

Dia **5**, 2ª feira (domingo). Saímos à 13h00, depositamos algumas bagagens nos cedreiros [entre a estação dita acima e a de Loureiro-batata]. Prosseguindo, passamos 3 altas Serras, pernoitamos em uma baixada a 20° ao Norte da passagem dos cedreiros. Neste dia, encontramos a minha 1ª picada, que nos despertou que íamos um pouco desviados. Chamamos o Dormitório das Fontes por ser começo d’um Córrego da baixada.

Dia **6**, 3ª feira (2ª feira). Padre José Nicolino Pereira de Sousa deu conta a Deus no dia **8** de novembro às 19h00, de uma dor que lhe deu no estômago e vômito, começou-lhe a dor às 05h00, e foi sepultado às 10h00 do dia **9**. Foi sepultado pelo seu mano Benedito Fragata, seu sobrinho Francisco José de Figueiredo, Posidônio, quatro discípulos, 1 sobrinho no 2° grau e 3 camaradas. Voltamos dia **11**; pelo que se deu, não concluímos a nossa jornada para o Rio Cuminá, sendo ele rumo ao Norte – 1882. Sinais "*3 Croix*" ([162]) – em árvores na margem de um Riacho, subindo a esquerda.

Dia **13**, 2ª feira ([163]). Chegamos na margem do Igarapé do Sumaúma, continuamos nossa viagem.

Dia **16**, 5ª feira. Chegamos no depósito na margem do mesmo Igarapé.

Dia **19**, domingo. Chegamos na margem do Rio Cuminá, no lugar de Torino, para fazer ubás que nos faltavam para nos transportarmos.

Dia **21**, 3ª feira. Transportamo-nos.

Dia **22**, 4ª feira. Chegamos na Cachoeira denominada Inferno. De lá fizemos picada para o Tronco aonde chegamos no dia **25**: passamos **26** com o mestre Joaquim Sant'Ana.

Dia **27**, 2ª feira. Seguimos para Jarauaca.

Dia **28**, 3ª feira. À noite chegamos no Uruá-Tapera. (SOUSA)

---

[162] 3 Croix: 3 cruzes.

[163] O atento redator substituto percebe o erro do Padre Nicolino e corrige o dia da semana.

Diário de S. Paulo, n° 3.350
São Paulo, SP - Quinta-feira, _15.02.1877_

[...] **Pará** – De Óbidos escreveram o seguinte ao "*Liberal*":

Há 2 para 3 meses, o vigário desta cidade, Padre José Nicolino de Souza, acompanhado de Leonel da Silva Fernandes, empreendeu uma viagem ao Alto Trombetas, além das cachoeiras. Desde então escassearam as notícias acerca da excursão dos dois ousados empreendedores, e só de fins de dezembro do ano passado até hoje correm algumas bem desagradáveis. Diz-se que Leonel, homem de gênio irrascivo, espancara um dos guias, dando em resultado à fuga deste e seu aviso à primeira maloca. Que reunidos os selvagens, habitantes desta, vieram atacar os itinerantes, levando suas cabeças em triunfo. Dizem outros, que caminhando sempre a pé e já muito distantes, foram atacados das febres intermitentes; que na presente estação por ali grassam com intensidade, em cujo estado foram abandonados pelos poucos que os acompanhavam, entre os quais haviam alguns escravos do mocambo, que não puderam mais acertar com o caminho para voltar, e que, por isso, terão a esta hora sido vítimas dos selvagens ou de alguma fera.

Estas notícias aterradoras que estão no domínio do público não dão o menor abalo à polícia da terra, que, no seu sono de indiferença, ouve-as e delas escarnece, sem tomar uma medida em ordem a verificar sua exatidão. À S. Exª o Sr. Presidente da Província pedimos providências. [...] (Diário de S. Paulo, n° 3.350)

Diário de Belém, n° 21
Belém, PA – Sábado – 27.01.1877

Notícias Diversas

Óbidos – Lê-se no "*Liberal*" de ontem:

O mesmo nosso amigo que deu a notícia, que há dias publicamos, da excursão do Vigário o Padre Nicolino e de um cidadão residente em Óbidos ao rio Trombetas, nos escreve agora o seguinte com data de 21 do corrente:

Tivemos noticiais exatas dos dois viajantes do rio Trombetas, que daqui saíram a meses, e visto que transmitimos as primeiras ao público, corre-nos o dever de informá-lo do que há. O que passamos a referir, ouvimos do Sr. Leonel da Silva Fernandes, um dos dois ousados viajantes, e que está entre nós. Diz que depois de uma longa e laboriosa viagem por água e a pé, e sempre assoberbados pela solidão nada acharam de notável, além do encontro com um membro da Comissão Francesa Mineralógica, que por ali anda em trabalhos. Que sendo o fim dos itinerantes encontrarem-se com os índios Pianacotós que habitam nas campinas que se julga confinarem com o Rio Branco da Província do Amazonas, e sendo ainda, segundo a opinião do guia, precisos quinze dias para chegarem à primeira maloca, Leonel desanimara, e retirou-se no dia 3 do corrente, deixando ali o seu companheiro o Padre Nicolino que declarou não retroceder sem encontrar os selvagens que buscava, e que estava decidido a seguir a pé até as cordilheiras que dividem as Guianas. Com o Vigário seguiam dez índios civilizados e um preto.

É o que em resumo referiu o Sr. Leonel o que em parte nos satisfez, porque com seu aparecimento e declaração destruíram-se as tristes notícias que corriam. A deliberação tomada pelo Reverendo Vigário nos parece ter o cunho de demasiada temeridade, e, sem medo de errar, podemos assegurar que esta viagem, nas condições em que é feita não trará vantagem alguma à sociedade, como o futuro se encarregará de provar. (DIÁRIO DE BELÉM, N° 21)

O Liberal n° 47
Belém, PA – Terça-feira, 26.02.1878

Noticiário

No dia 12 do corrente chegou a Óbidos o Padre José Nicolino de Souza, vigário daquela paróquia, da qual estava ausente desde setembro do ano passado. De sua excursão ao rio Trombetas, nada colheu senão a certeza do que será sempre malogrado o seu empenho de catequese pela forma por que a tem querido estabelecer. Consta-nos que o mesmo vigário assegura haver passado setenta e duas serras e que, não encontrando os índios Pianacotós, deixara os brindes que levara, em um campo próximo a uma maloca. Corra isto por conta do reverendo vigário. (O LIBERAL, N° 47)

Diário de Belém, n° 276
Belém do Pará, PA – Sexta-feira, 08.12.1882

Uma Grande Injustiça

O Grão Pará de ontem, noticiando que constava em Óbidos o falecimento do virtuoso sacerdote Padre José Nicolino de Souza, diz que andava ele nas matas do Rio Trombetas *em busca de campos próprios para criação de gado*, e acrescenta:

> Procurava o interesseiro [**!**] sacerdote o El Dorado de sua imaginação; preocupada com a ideia de fazer fortuna, e foi encontrar a morte no meio das selvas, com todos os horrores do isolamento, bem diversa da morte que devia ter um, ministro do altar.

Entendemos que a justiça deve começar para um homem desde que se fecha sobre ele a sepultura. O Padre Nicolino, si é certo que já não pertence a este mundo, não morreu vítima do interesse mesquinho, mas do heroísmo sacerdotal. Há muito que se embrenhara pelas selvas do Trombetas com o ardor de um verdadeiro apóstolo, e se empenhara na grandiosa obra da evangelização dos índios. Foi no meio destes labores que encontrou a morte [a ser verdadeira a notícia], e o seu fim portanto foi glorioso e digno de um Ministro de Cristo. "*Paz à sua alma*", diz o Grão Pará. E nós acrescentamos: Justiça à sua memória! (DDB, N° 276)

A Constituição, n° 274
Belém do Pará, PA – Quinta-feira, 14.12.1882

Óbito Notável

No lugar Mura-Tapera faleceu, no dia 8 do mês próximo passado, o ilustrado Sacerdote José Nicolino de Souza, irmão do nosso dedicado amigo Capitão Luciano Pereira de Souza, vítima de febres de mau caráter.

O distinto Padre Nicolino granjeou sempre inúmeras simpatias devido não só ao seu incontestável zelo pelas cousas da Religião, como lambem às excelentes qualidades que ornavam o seu caráter. Um dos seus maiores serviços prestados ao País foi a catequese dos índios, em diversos lugares, muito embora o seu zelo, por esse serviço lhe tivesse angariado inúmeros sacrifícios e até injúrias às suas cinzas. Adeso às ideias conservadoras era o distinto Padre nosso dedicado amigo e por isso não podemos deixar de prantear sua perda, enviando à sua Exmª família as nossas sinceras condolências. (AC, N° 274)

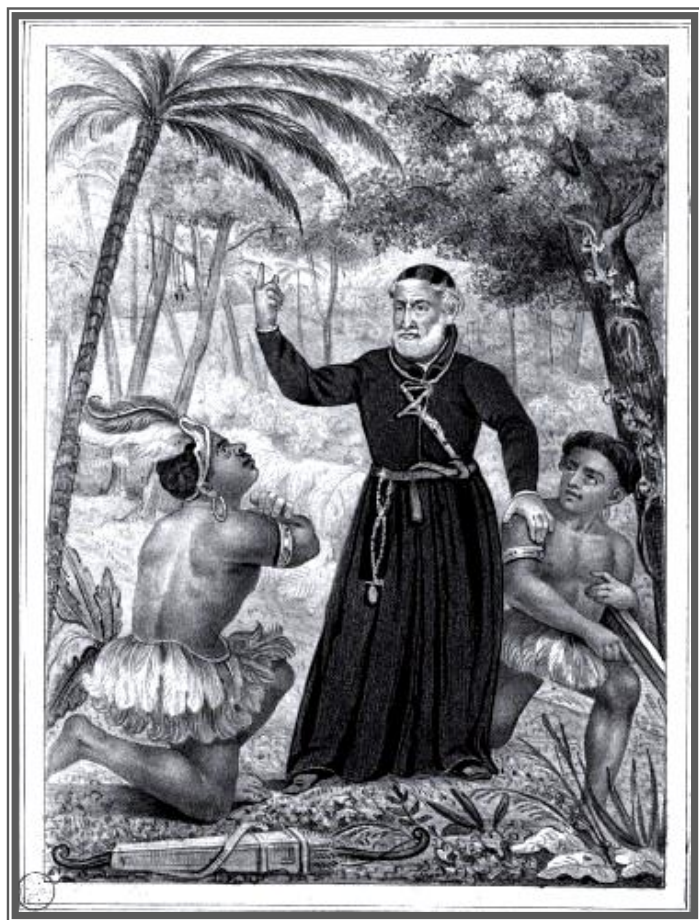



Imagem 62 – Padre José Nicolino de Souza

Bibliografia

AB, 06.06.2008. ***O "Bom" Sueco – IBAMA multa madeireira de sueco dono de terras na Amazônia em R$ 381 Milhões*** *– Brasil – Brasília, DF – Agência Brasil, 06.06.2008.*

A CONSTITUIÇÃO, N° 274. ***Óbito Notável*** *– Brasil – Belém, PA –A Constituição, n° 274, 14.12.1882*

ACUÑA, Christóbal de. ***Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas*** *– Espanha – Madrid – Ed. García, 1891.*

ADALBERTO, Príncipe Adalberto da Prússia. ***Brasil: Amazonas - Xingu*** *– Brasil – Brasília, DF – Senado Federal, 2002.*

AGASSIZ, Luís e Elizabeth Cary. ***Viagem ao Brasil (1865 – 1866)*** *– Brasil – DF – Editora do Senado Federal, 2000.*

AVE-LALLEMANT, Robert Christian Barthold. ***Viagem Pelo Norte do Brasil no Ano de 1859 –*** *Brasil* ***–*** *Rio de Janeiro, RJ* ***–*** *Instituto Nacional do Livro, 1961.*

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. ***Ensaio Chorographico do Pará (1839)*** *– Brasil – Brasília, DF – Editora do Senado Federal, 2004.*

BATES, Henry Walter. ***Um Naturalista no Rio Amazonas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 1979.*

BERREDO e CASTRO, Bernardo Pereira. ***Annaes Históricos de Berredo*** *– Itália – Florença – Typographia Barbera, 1905.*

CARVAJAL, Gaspar de. ***Relatório do Novo Descobrimento do Famoso Rio Grande Descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana*** *– Espanha – Madri – Consejería de Educación – Embajada de España – Editorial Scritta, 1992.*

CASAL, Manoel Ayres de. ***Corografia Brasílica ou Relação Histórico Geográfica do Reino do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Régia, 1817.*

CDM, N° 11.753. ***O Levante de Óbidos*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio da Manhã, n° 11.573, 31.08.1932.*

CONDAMINE, Charles-Marie de La. ***Viagem na América Meridional Descendo o Rio das Amazonas*** *– Brasil – Brasília, DF – Editora do Senado Federal, 2000.*

CONTREIRAS, Hélio. ***AI-5 – A Opressão no Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Record, 2005.*

CSP, N° 659. ***O Movimento Constitucionalista no Pará*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio de S. Paulo, n° 659, 28.07.1934.*

DANIEL, João. ***Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora da Biblioteca Nacional, 1976.*

DDB, N° 21. ***Notícias Diversas*** *– Brasil – Belém, PA – Diário de Belém, n° 21, 27.01.1877.*

DDB, N° 276. ***Uma Grande Injustiça*** *– Brasil – Belém, PA – Diário de Belém, n° 276, 08.12.1882.*

DDM, N° 3.004. ***A Fracassada Tentativa de Sublevação no Amazonas*** *– Brasil – Vitória, ES – Diário da Manhã, n° 3.004, 02.09.1932.*

DDN, N° 798. ***A Situação*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário da Noite, n° 798, 01.09.1932.*

DIÁRIO DE S. PAULO, n° 3.350. ***Pará*** *– Brasil – São Paulo, SP – Diário de S. Paulo, n° 3.350, 15.12.1877.*

EÇA, Mathias Aires Ramos da Silva de. ***Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens, ou Discursos Moraes Sobre os Efeitos da Vaidade*** *– Brasil – São Paulo, SP – Edipro, 2011.*

ECEME, CP/ECEME/2011. ***General André Beaufre*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – cpeceme.ensino.eb.br, 2011.*

FONTOURA, Alexandre. ***Forças de Elite*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Segurança & Defesa, 05.04.2004.*

Fregapani, Gélio Augusto Barbosa. ***Manual de Operações na Selva*** *– Brasil – Brasília, DF – DEP, 1984.*

GUERRA, Antonio Teixeira. ***Novo dicionário geológico-geomorfológico*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Bertrand Brasil, 2010.*

GUIMARÃES, Ildefonso. ***Os Dias Recurvos: Anatomia de uma Rebelião*** *– Brasil – Belém, PA – Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1984.*

JH, 03.08.2010. ***Bióloga Atacada por Jacaré na Amazônia Luta Pela Preservação da Espécie*** *– Brasil – Manaus, AM – Jornal Hoje, 03.08.2010.*

HERÓDOTO. ***Herodoto de Halicarnaso*** *– Brasil – tradução de Bartolomé Pou, S.J – Versão para eBook – eBooksBrasil, 2006.*

HUMBOLDT, Alexander von. ***Relation Historique du Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent. Fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804 par Al. de Humboldt et A. Bonpland, rédigé par Alexandre de Humboldt*** *– França – Paris – Schoell/Maze/Smith e Gide, 1814–1818.*

IP 72-2. ***O Combate de Resistência*** *– Brasil – Brasília, DF – EME, 2002.*

JB, N° 310. ***Recadastramento – Governo vai Expulsar ONGs Suspeitas do País – Entidade Britânica Aparece Entre as Irregulares*** *– Brasil – Brasília, DF – Jornal do Brasil, n° 310, 13.02.2009.*

LÉRY, Jean de. ***Viagem à Terra do Brasil*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 1980.*

LOUREIRO, Antônio. ***Tempos de Esperança*** *– Brasil – Manaus, AM – Gráfica Fenix, 1995.*

MACEDO, Tibério Kimmel de. ***Eles não viveram em vão – a saga dos pioneiros do Batalhão dos Ermos e dos "Sem Fim", 1965–1971*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora e Livraria Frei Rovílio, Ltdª, 2003.*

MARCOY, Paul. ***Viagem pelo Rio Amazonas*** *– Brasil – Manaus, AM – Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2006.*

MÉDICI, Emílio Garrastazu. ***Ato de Fé na Amazônia*** *– Brasil – Brasília, DF – Biblioteca da Presidência da República, 8 de outubro de 1970.*

MEIRA MATTOS, Carlos de. ***A Amazônia e a Dissuasão Estratégica*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista do Clube Militar, setembro, 1999.*

MELLO, Thiago de. ***Amazonas, Pátria da Água*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Bertrand, 2008.*

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. ***Quando o Amazonas Corria para o Pacífico*** *– Brasil – Petrópolis, RJ – Editora Vozes, 2007.*

NORONHA, José Monteiro de. ***Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as Últimas Colônias do Sertão da Província (1768)*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 2006.*

O LIBERAL N° 47. ***Noticiário*** *– Brasil – Belém, PA – O Liberal n° 47, 26.02.1878.*

OLIVEIRA, José Joaquim Machado de. ***Qual era a Condição Social do Sexo Feminino entre os Indígenas do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimensal de História e Geografia, ou Jornal do Instituto Histórico Geográfico – N° 14, julho de 1842.*

PENNA, Domingos Soares Ferreira. ***A Região Ocidental da Província do Pará – Resenhas Estatísticas das Comarcas de Óbidos e Santarém*** *– Brasil – Belém, PA – Typographia do Diário de Belém, 1869.*

PINHEIRO, Aurélio. ***À Margem do Amazonas*** *– Brasil – São Paul, SP – Editora Companhia Nacional, 1937.*

RANGEL, Alberto do Rego. ***Rumos e Perspectivas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1934.*

REVISTA VEJA N° 264. ***Homenagem no Sul*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista Veja n° 264, 26.09.1973.*

REVISTA VEJA N° 268. ***Rodrigo Octávio no STM*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista Veja n° 268, 24.10.1973.*

REVISTA VEJA N° 484. ***Arbítrio*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista Veja n° 484, 14.12.1977.*

RODES, Apolonio de. ***Las Argonáuticas*** *– Espanha, Madri – Editora Manuel Pérez Lopes, 1991.*

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de. ***Diário da viagem que em visita, e correição das povoações da Capitania de S. José do Rio Negro ... no ano de 1774 e 1775*** *– Portugal – Lisboa – Tipografia da Academia, 1825.*

SÃO PAULO, O Estado de. ***Rodrigo Octávio faz Libelo Contra Tortura*** *– Brasil – São Paulo, SP – O Estado de São Paulo, 21.05.1977.*

SAUNIER, Tonzinho. ***Magnífico Folclore de Parintins*** *– Brasil – Manaus, AM – Imprensa Oficial, 1989.*

SCHILLING, Voltaire. ***As etapas da Dominação*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Mercado Aberto, 1984.*

SOUZA, Bernardino José de. ***Dicionário da Terra e da Gente do Brasil (1939)*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1939.*

SPIX & MARTIUS, Johann Baptist Von Spix e Carl Friedrich Philipp Von Martius. ***Viagem pelo Brasil (1817–1820)*** *– Brasil – São Paulo, SP – Edições Melhoramentos, 1968.*

SPRUCE, Richard. ***Notas de um Botânico na Amazônia*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 2006.*

TENÓRIO, Basílio. ***A Cultura do Boi Bumbá em Parintins*** *– Brasil – Parintins, AM – Editora João XXIII, 2016.*

TRISTÁN, Flora. ***Peregrinaciones de una Paria*** *– Peru – Lima – Editora Cultura Antártica S. A., 1946.*

WALLACE, Alfred Russel. ***Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1939.*

ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. ***Os Jesuítas e o Apostolado Social Durante a Ditadura Militar – A Atuação do CEAS*** *– Brasil – Salvador, BA – Editora da Universidade Federal da Bahia, 2010.*

Devemos possuir uma força armada capaz de oferecer uma ameaça a qualquer aventura militar, capaz de dissuadir, se não pela possibilidade de vitória, pela capacidade de tornar caro, pesado, o ônus da aventura militar.

Como conceituou o General Beaufre, nos anos 60, capaz de convencer aqueles que nos ameacem, que pagarão caro, em vidas humanas e em recursos logísticos, à decisão de intervir.

Assim estaremos, pela dissuasão estratégica, garantindo a nossa soberania, e evitando [é bem possível] o confronto armado.

(Gen-Div Carlos de Meira Mattos)